NA TERRA COMO NO CÉU

Devocionais para vivenciar o ano pelas lentes da nova criação

N.T. WRIGHT




NA TERRA COMO NO CÉU





NA
TERRA
COMO
NO CÉU
Devocionais para
vivenciar o ano pelas
lentes da nova criação
N.T. WRIGHT

Título original: *On earth as in heaven*: *daily wisdom for twenty-first-century Christians*
Copyright ©2022, de Nicholas Thomas Wright
Edição original de HarperOne, uma divisão de HarperCollins Publishers.
Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução ©2023, de Vida Melhor Editora LTDA.

Os excertos extraídos de *After you believe*, *Simply Christian*, *Simply good News*, *Surprised by hope*, *Surprised by Scripture* e *The day the revolution began* foram traduzidos por Breno Nunes de Oliveira Seabra. Os demais excertos foram extraídos de *Indicadores fragmentados* (trad. Paulo Benício, 2020), *Salmos* (trad. Elissamai Bauleo, 2020), *Simplesmente Jesus* (trad. Elissamai Bauleo, 2020), *As Escrituras e a autoridade de Deus* (trad. Maurício Bezerra 2021), *O Novo Testamento e o povo de Deus* (trad. Elissamai Bauleo, 2022), *Paulo, uma biografia* (trad. Elissamai Bauleo, 2022) e *Como Deus se tornou rei* (trad. Elissamai Bauleo, 2022).

Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora LTDA.

As citações bíblicas do Novo Testamento seguem a tradução do The Kingdom New Testament publicada pela Thomas Nelson Brasil na série de comentários *O Novo Testamento Para Todos*. As citações do Antigo Testamento foram traduzidas diretamente do original inglês. Citações com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI).

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher	*Samuel Coto*
Editor	*André Lodos Tangerino*
Produção editorial	*Fabiano Silveira Medeiros*
Preparação	*Gabriel Ortiz*
Revisão	*Lais Chagas* e *Décio Leme*
Diagramação	*Sonia Peticov*
Capa	*Rafael Brum*
Produção de ebook	*S2 Books*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

W934t Wright, N.T. (Nicholas Thomas)
1.ed. Na terra como no céu: devocionais para vivenciar o ano pelas lentes da nova criação / N. T. Wright; tradução Breno Nunes de Oliveira Seabra. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
336 p.; il.; 15,5 x 23 cm.

Título original: On earth as in heaven.

ISBN 978-65-56895-50-5

1. Paraíso – Cristianismo – Meditações. 2. Reino de Deus – Meditações. 3. Vida cristã – Meditações. I. Seabra, Breno. II. Título.

12-2022/38 CDD:231.72

Índice para catálogo sistemático

1. Vida cristã: Meditações: Cristianismo 231.72

Bibliotecária responsável: Aline Graziele Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.thomasnelson.com.br

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Páscoa

Beleza

Ascensão

Poder

Pentecoste

Espiritualidade

Advento

Justiça

Natal

Verdade

Quaresma

Liberdade

Tempo da paixão

Amor

Páscoa, o ano-novo
Bibliografia

PREFÁCIO

Como o próprio tempo, certas ideias adentram sutilmente nossa mente e, antes que percebamos, mudam completamente a maneira de pensarmos sobre toda a realidade.

Foi assim para mim com a ressurreição de Jesus. Educado desde a infância para ir à igreja, cantar os hinos e fazer as orações, eu conhecia a história. "No terceiro dia ele ressuscitou" e tudo mais. Mas os sermões que eu ouvia e a maioria dos hinos que cantávamos na época da Páscoa não eram sobre a ressurreição em si. Eram sobre "ir para o céu". Presumíamos que falar sobre a ressurreição de Jesus era simplesmente uma linguagem pictórica vívida para dizer que agora ele estava "vivo" e que isso significava que nós, seus seguidores, "iríamos para o céu", para estar com ele eternamente.

Um dos hinos que cantávamos frequentemente no período da Páscoa dizia o seguinte:

> Que possamos ir para onde ele foi,
> descansar e reinar com ele no céu.

Adicionar um "Aleluia" a isso (como fazíamos) simplesmente reforçava a mensagem: "ressurreição" — "vida após a morte" — "ir para o céu". Fim da história.

Mas esse não é de fato o fim da história. A última cena da Bíblia não é sobre "almas salvas" subindo para o céu. Trata-se da Nova Jerusalém

descendo do céu para a terra como a peça central do "novo céu e da nova terra" prometidos pelos profetas e reafirmados pelo próprio Jesus e seus primeiros seguidores. Isso não se encaixava no enredo que nos haviam ensinado, então a maioria de nós olhava para essa parte final da Bíblia simplesmente como um floreio poético decorativo.

Entretanto, quanto mais eu tentava pregar e ensinar a mensagem do Novo Testamento em várias igrejas e universidades nos primeiros vinte anos do meu ministério público (fui ordenado em 1975), mais eu percebia que o antigo enredo que eu havia aprendido não era suficiente. Em particular, me peguei refletindo sobre o que a mensagem original do evangelho significava, primeiro no âmbito pessoal e pastoral e depois em relação à cultura e à política. Com o passar do tempo, percebi que estava vislumbrando de uma maneira totalmente nova o que Jesus queria dizer quando nos ensinou a orar para que o reino de Deus viesse *tanto na terra como no céu*.

Até aquele momento, eu pensava nessa frase como uma espécie de solução temporária. Até irmos para o céu, seria bom se a "terra" (pelo menos, o pequeno espaço dela que habitamos) pudesse ser um pouco mais... bem, mais celestial. No entanto, isso torna não apenas a oração do Pai-Nosso sem sentido, mas também todo o anúncio de Jesus sobre o reino de Deus, e, em última análise, de sua própria morte, por meio da qual — de acordo com seus próprios ensinamentos e os ensinamentos ousados e entusiasmados de seus primeiros seguidores — esse reino foi estabelecido, embora de uma forma totalmente inimaginável.

Essa nova forma de reino inaugurou um novo sentido do próprio tempo. O povo judeu, ao contrário da maioria das outras culturas antigas, pensava no tempo de forma linear, com um começo (Criação), um fim (quando Deus colocaria o mundo inteiro em ordem) e um meio

(o período confuso e perigoso em que eles próprios viviam). Mas agora, principalmente por causa da ressurreição de Jesus, seus seguidores passaram a crer que o "fim" já havia chegado, embora o "meio" ainda estivesse em andamento. O próprio tempo se tornou confuso — ou, como eles passaram a enxergar, o próprio tempo foi redimido, devolvido a nós em um novo modo. A oração havia sido respondida, mesmo antes da consumação e restauração final de todas as coisas. O novo mundo de Deus havia de fato começado, "tanto na terra como no céu". A ressurreição corporal de Jesus dentre os mortos abalou de tal forma os padrões normais deste mundo que inaugurou nada menos que uma nova criação.

A primeira Páscoa, portanto, foi, por excelência, o evento da vinda do reino de Deus "na terra como no céu". Ao orarmos todos os dias pela vinda do reino de Deus, estamos orando para que sejamos moldados cada vez mais por essa realidade da Páscoa, e não pelas "realidades" predominantes e às vezes persuasivas que o mundo atual tenta nos oferecer.

E como isso funciona?

Ao descer de um avião em um local de fuso horário diferente, você ajusta o relógio para a hora certa de sua nova localização. Uma das coisas mais impressionantes que os primeiros seguidores de Jesus fizeram foi ajustar seus relógios a essa crença de que o futuro final de Deus havia chegado no presente.

Eles não tinham, é claro, "relógios" no sentido literal. Mas mediam o tempo, como ainda fazemos, em semanas de sete dias, e a forma que marcavam essas semanas foi radicalmente alterada. Para o povo judeu, o sábado no final da semana funciona como um indicador do novo mundo a ser inaugurado por Deus no fim da história. Os primeiros cristãos, no

entanto, mudaram isso — e, se você sabe alguma coisa sobre sociedades tradicionais, entenderá o impacto enorme desta mudança. Eles se reuniam para adoração no *primeiro* dia de cada semana. E assim fizeram porque acreditavam que com a ressurreição de Jesus *o novo mundo de Deus já havia começado*. Eles estavam vivendo em um novo fuso horário, com novas possibilidades, desafios, esperanças e obrigações. Eles tiveram de ajustar seu senso de tempo.

Dentro de duas ou três gerações, essa sensação de viver em um novo fuso horário desenvolveu seus novos estilos de celebração anual. Um ciclo anual, focado na morte de Jesus e particularmente em sua ressurreição, tornou-se uma maneira de contar a história tão importante desses eventos, não apenas com palavras, mas por meio de um drama encenado. A questão toda era, e é, que esses eventos não devem ser meramente lembrados, embora, é claro, também o sejam. Eles formam uma história dentro da qual somos chamados a viver, uma peça na qual nos descobrimos já no palco, tentando aprender nossas falas enquanto o drama se desenrola. A restauração de toda a criação já começou. O povo de Jesus, tendo sido restaurado, deve viver como sinal da nova criação final de Deus. Assim, celebrar a Páscoa e destacá-la pela forma que organizamos o ano inteiro, tecendo-a em nossa consciência coletiva, é plantar a verdade do evangelho profundamente em nossas imaginações e pensamentos.

O mundo, é claro, vai gritar que tudo isso é fantasia. Horrores e desastres enchem nossas redes sociais e televisões. Assassinatos, doenças, violência e opressão continuam como antes. Entretanto, os primeiros cristãos nos mostram o caminho. Eles sabiam, melhor do que a maioria de nós, que a idolatria e a injustiça ainda são poderosas. Mas

eles celebraram o novo dia, o novo tempo, a nova realidade pascal — a nova realidade pascal e pentecostal.

E, apesar do coro de ceticismo, o mundo realmente mudou e ainda está mudando. O reino de Deus está vindo na terra como no céu — da maneira que Jesus disse que viria, através dos puros de coração, dos mansos, dos que choram, das pessoas famintas por justiça e assim por diante. Essas mudanças são sinais da transformação última que acontecerá quando Jesus voltar para implementar de forma plena e final a vitória que conquistou na cruz, cujo resultado imediato mais impressionante foi sua própria ressurreição. Enquanto isso, milhões de seguidores de Jesus descobrem, ano após ano e era após era, que contar e *viver* a grande história, como um ciclo anual cujo início e clímax é a própria Páscoa, é uma ótima maneira de se manterem orientados para o tempo de Deus, de manter a mente e o coração no fuso horário certo.

Este livro é, em certo sentido, uma coleção de passagens curtas tiradas de vários de meus livros. Elas foram organizadas de modo que os leitores sejam encorajados a refletir mais profundamente sobre o que a vinda do reino de Deus "tanto na terra como no céu" significa na prática, quando vista pelas lentes da própria Páscoa. A verdade da ressurreição de Jesus é o ponto de partida para cada dia, semana, mês e ano da vida cristã. É na ressurreição que encontramos nossa esperança, nossa missão e nosso amor. É o evento que, acima de tudo, nos convida a adorar ao Deus criador, o doador da vida. Assim, intencionalmente, este livro não vai de 1.º de janeiro a 31 de dezembro. Ele começa com o primeiro dia da nova criação, o dia da Páscoa, e termina com uma segunda Páscoa, fechando o círculo, sempre com o convite pascal para recomeçar.

A vinda do reino "tanto na terra como no céu" convida aqueles de nós que oram essas palavras a uma nova experiência de tempo. Em várias igrejas, incluindo a Igreja Anglicana, que tem sido minha casa durante toda a minha vida, o calendário litúrgico da igreja oferece uma forma rica, sutil e poderosa de nos apropriarmos do evangelho. Este livro segue esse calendário, conduzindo-nos através de sete celebrações no calendário cristão: Páscoa, Ascensão, Pentecostes, Advento, Natal, Quaresma, Tempo da Paixão e, finalmente, de volta à Páscoa. (A Páscoa é, naturalmente, uma "celebração móvel". Independentemente do ano em que você esteja usando este livro, eu o incentivo a fazer os ajustes necessários, esticando ou reduzindo as seleções de modo apropriado.)

Essas celebrações nos apontam para leituras e temas particulares. Intercaladas entre elas estão seções que nos convidam a aprofundar o significado das várias estações. Aqui eu sigo os "indicadores" que descrevi originalmente em meu livro *Simply Christian* [Simplesmente cristão], e depois, mais completamente (com a ajuda do Evangelho de João), em *Indicadores fragmentados*. Os "indicadores" em questão são beleza, poder, espiritualidade, justiça, verdade, liberdade e amor. Muitos cristãos, em minha experiência, dão pouca atenção a esses indicadores. No entanto, quando pensamos neles dentro da estrutura que proponho — a saber, uma experiência do tempo e das estações enraizada na própria Páscoa e sempre retornando a ela — esses indicadores apontam para caminhos novos e mais profundos da realidade do novo mundo de Deus, a realidade pascal e a consequente renovação da vida humana que está ao nosso alcance.

Sou muito grato a meu filho Oliver por dedicar o tempo de seus estudos teológicos para selecionar e organizar essas passagens de meus escritos. Tem sido emocionante para mim perceber, através dos olhos de

outra pessoa, as maneiras pelas quais, ao longo dos anos, meu pensar, falar e escrever enfatizaram cada vez mais o tema crucial do que significa o reino de Deus vir tanto na terra como no céu. Espero e oro que este livro ajude muitas pessoas a se afastar das formas antibíblicas ou sub-bíblicas de pensar sobre a fé cristã e a abraçar mais plenamente a realidade da vitória de Jesus sobre o mal e da inauguração do novo mundo de Deus. Já não era sem tempo.

Tom Wright
Oxford, Festa de São Miguel, 2021

PÁSCOA

No primeiro dia da semana, bem cedo, Maria Madalena foi ao sepulcro quando ainda estava escuro.

Ela viu que a pedra fora removida da entrada do sepulcro. Então, correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, aquele a quem Jesus amava.

"Tiraram o mestre do sepulcro! E não sabemos onde o colocaram", disse ela.

Então Pedro e o outro discípulo se dirigiram para o sepulcro. Os dois correram juntos. O outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Ele se curvou, olhou para dentro e viu as tiras de linho ali, mas não entrou no sepulcro. Em seguida, Simão Pedro, que o seguia, chegou e entrou no sepulcro. Ele viu as tiras de linho lá dispostas, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus estava separado das faixas de linho, mas dobrado.

Então, o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, também entrou. Ele viu e creu. Ora, eles ainda não sabiam que a Bíblia dizia que era necessário que ele ressuscitasse da morte.

Em seguida, os discípulos retornaram para casa.

Mas Maria ficou à entrada do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, ela se curvou para olhar dentro do sepulcro. Ela viu dois anjos, vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

"Mulher, por que está chorando?", perguntaram a ela.

"Levaram embora meu Mestre", disse ela, "e não sei onde o puseram!".

Ao dizer isso, ela se voltou e viu Jesus ali, de pé, mas não o reconheceu.

"Mulher, por que você está chorando? A quem você procura?", perguntou-lhe Jesus.

Ela pensou que fosse o jardineiro e disse:

"Senhor, se o levou a outro lugar, diga-me onde o colocou, e eu o levarei embora".

"Maria!", disse Jesus.

Ela se virou e disse em aramaico:

"Rabôni!" (que quer dizer "Mestre!").

"Não se apegue a mim, pois ainda não voltei para o pai", disse Jesus. "Vá a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu pai e pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês."

Maria Madalena foi e disse aos discípulos: "Eu vi o Mestre!". E contou-lhes o que ele lhe dissera.

Ao cair da tarde daquele primeiro dia da semana, os discípulos estavam a portas trancadas por medo dos habitantes da Judeia. Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse:

"A paz seja com vocês!". ■

— João 20:1-19, *The Kingdom New Testament*, p. 219-20

A esperança presente

Este livro busca ser um reflexo do trecho da oração do Pai-Nosso que diz: "Que teu reino venha a nós, tanto na terra como no céu". Essa continua sendo uma das frases mais poderosas e revolucionárias que podemos orar. A meu ver, essa oração foi poderosamente respondida na primeira Páscoa e será respondida de forma plena quando o céu e a terra se unirem na Nova Jerusalém. A Páscoa foi o evento através do qual o mundo inteiro foi surpreendido pela Esperança em pessoa, que deixou de ser apenas uma projeção futura e se tornou uma poderosa realidade presente. A esperança futura suprema permanece um mistério, em parte porque não sabemos quando chegará e, em parte, porque no momento temos apenas imagens e metáforas para ela. O que sabemos é que essa realidade será muito maior, e mais surpreendente, do que jamais imaginamos. E a esperança intermediária, as coisas que acontecem no tempo presente como implementação da Páscoa e antecipação do dia final, são sempre surpreendentes, porque, entregues a nós mesmos, caímos em uma espécie de pessimismo geral que acredita que, embora as coisas estejam piorando, não há muito que possamos fazer sobre isso. Estamos errados. A tarefa que se apresenta a nós que nos encontramos entre a Páscoa e o dia final — e para qual este livro contribuirá, se Deus quiser — é viver como povo da ressureição através da nossa vida cristã, comunitária e individual, em adoração e em missão. Devemos ser como sinais que apontam para a primeira Páscoa, ao mesmo tempo em que antecipamos, para o presente, a segunda. ■

— *Surprised by hope*, p. 29-30

A Páscoa transforma bom conselho em boa-nova

Sem a Páscoa, isto é, sem Jesus ressuscitando dos mortos para uma nova vida corporal, ninguém jamais imaginaria que o plano salvífico de Deus havia sido cumprido. Nenhum judeu do primeiro século teria dito que a execução vergonhosa de um pretenso líder poderia completar o novo êxodo há muito profetizado, resgatando Israel de seu longo exílio e a raça humana do pecado e da morte. Os judeus daquela época até contavam, de tempos em tempos, histórias sobre sofrimento que descreviam mártires justos cujas tribulações de alguma forma contribuíam para o plano final de Deus. Mas a morte de mais um mero mártir jamais significaria que o reino de Deus *havia* chegado. Significaria exatamente o contrário. Israel e o mundo ainda estariam esperando.

Sem a Páscoa, o movimento que surgiu em torno de Jesus não teria nenhuma boa-nova para anunciar. O máximo que eles poderiam oferecer seria um bom *conselho* (“essa é a forma que Jesus nos ensinou a viver nossas vidas”). Alguns poderiam até questionar se esse era de fato um bom conselho: veja o que aconteceu com o próprio Jesus! Mas mesmo que o conselho fosse considerado bom, seria apenas um conselho; o mundo ainda estaria esperando o grande dia raiar, em vez de estar comemorando sua chegada. ■

— *Simply good news*, p. 46-7

A Páscoa é o centro de tudo

Na cultura popular, o Natal já superou em muito a Páscoa como o verdadeiro centro comemorativo do ano cristão — um movimento que inverte completamente a ênfase do Novo Testamento. Às vezes, tentamos construir toda uma teologia sobre o Natal em nossos hinos, orações e sermões; mas uma teologia do Natal não tem como se sustentar por si só. Guardamos, então, a Quaresma, a Semana Santa e a Sexta-Feira da Paixão com tanto empenho que nos sobra pouca energia para a celebração da Páscoa, exceto para a primeira noite e o primeiro dia. A Páscoa, no entanto, deve ser o centro. Se eliminarmos a Páscoa, não restará, praticamente, nada. ■

— *Surprised by hope*, p. 23

A Páscoa inaugura um novo mundo

O desafio é o desafio da *nova criação*. Dito de forma simples: a ressurreição de Jesus se oferece, tanto para o estudante de história ou ciência quanto para o cristão ou o teólogo, não como um estranho evento dentro do mundo, mas como um evento totalmente característico, prototípico e fundamental do novo mundo que está surgindo. A ressurreição não é um evento absurdo dentre vários outros que ocorrem no mundo, mas o símbolo e ponto de partida do novo mundo. Esta é a incrível e majestosa afirmação do cristianismo: Jesus de Nazaré não é simplesmente uma nova religião, uma nova ética ou um novo caminho de salvação. Trata-se de uma nova criação. ■

— *Surprised by hope*, p. 67

A vida depois da vida após a morte

"Ressurreição" significa exatamente o que a palavra sempre quis dizer, tanto para aqueles que não acreditavam nela (como os antigos povos pagãos) como para aqueles que acreditavam (como muitos judeus antigos). Não era apenas uma maneira de falar sobre a vida após a morte. Era uma maneira de falar sobre uma nova vida corpórea *após* qualquer que seja o estado de existência que se entre imediatamente após a morte. Em outras palavras, ressurreição significava vida *após* a vida após a morte. ■

— *Surprised by hope,* p. 151

Ressurreição significa ressurreição do corpo

Quando os antigos falavam de ressurreição, seja para negá-la (como todos os pagãos faziam) ou para afirmá-la (como alguns judeus faziam), eles estavam se referindo a um acontecimento em duas etapas, com a ressurreição, no sentido da nova vida corpórea, sendo precedida por um período intermediário de morte corporal. Assim, *ressurreição* não era uma maneira dramática ou vívida de falar sobre o estado em que as pessoas entravam imediatamente após a morte; antes, era uma forma de se referir a algo que aconteceria (embora poucos acreditavam que isso de fato acontecesse) algum tempo *depois* disso. Esse significado foi amplamente compartilhado em todo o mundo antigo, até as inovações pós-cristãs criadas pelo gnosticismo do segundo século. A maioria dos povos antigos cria em vida após a morte; alguns deles desenvolveram crenças complexas e fascinantes a este respeito, sobre as quais pouco sabemos; mas fora do judaísmo e do cristianismo (e talvez do

zoroastrismo, embora a datação seja controversa), ninguém mais acreditava na ressurreição.

Em relação ao conteúdo, a *ressurreição* se referia especificamente a algo que acontecia com o corpo; daí os debates posteriores sobre como Deus faria isso — se ele começaria com os ossos que haviam sobrado, criaria outros novos ou faria algo totalmente diferente. Esse tipo de debate só teria sentido se a ressurreição fosse de fato considerada algo tangível e físico. Todos sabiam bem o que eram fantasmas, espíritos, visões, alucinações e assim por diante. A maioria das pessoas no mundo antigo acreditava nessas coisas, e certamente não se referiam a nenhuma delas quando falavam de *ressurreição*. Quando Herodes pensou que Jesus poderia ser João Batista ressuscitado dentre os mortos, não achou que fosse um fantasma. Ressurreição implica a existência de um corpo. Nunca é demais enfatizar isso, até porque boa parte dos textos modernos continuam, de maneira muito enganosa, a usar a palavra *ressurreição* como um sinônimo de *vida após a morte* no sentido popular. ■

— *Surprised by hope*, p. 36

Esperança futura significa missão presente

Uma compreensão adequada da (surpreendente) esperança futura que nos é oferecida em Jesus Cristo nos conduz diretamente, e de forma também surpreendente, a uma visão da esperança *presente*, que é a base de toda missão cristã. Ter esperança de um futuro melhor neste mundo — para os pobres, os doentes, os solitários e deprimidos, os escravos, os refugiados, os famintos e sem-teto, os maltratados, os paranoicos, os

oprimidos e desesperados e, de fato, para todo o amplo, incrível e quebrado mundo — não é um bônus extra, algo acrescentado posteriormente ao evangelho. Trabalhar por essa esperança no mundo presente, a surpreendente esperança que vem do futuro final de Deus para o presente urgente de Deus, não é uma *distração* da tarefa missionária e evangelística da igreja; antes, é uma parte central, essencial, vital e vivificante dessa tarefa. As pessoas davam ouvido ao que Jesus dizia principalmente porque viam o que ele estava *fazendo*. Viram-no salvando as pessoas de doença e de morte, e o ouviram falar sobre salvação, a mensagem pela qual ansiavam, e que se estendia da realidade imediata para o futuro final. Mas as duas coisas não eram desvinculadas. O presente não era uma mera "amostra" do futuro, ou um truque para chamar a atenção das pessoas. O ponto sobre o ministério de Jesus era exatamente que, aquilo que ele estava prometendo a longo prazo, no futuro, ele estava realizando agora, no presente. E o que ele estava prometendo para o futuro e fazendo no presente não era salvar almas sem corpo para uma eternidade desencarnada, mas resgatar pessoas da corrupção e decadência do mundo, para que pudessem desfrutar, já no presente, da renovação da criação que é o propósito supremo de Deus, de modo que elas pudessem se tornar companheiras e parceiras nesse projeto mais abrangente.

Um versículo que sempre me impressionou a esse respeito é 1Coríntios 15:58. Paulo havia acabado de escrever o capítulo mais longo e denso de qualquer uma de suas cartas, discutindo a futura ressurreição do corpo em grandes e complexos detalhes. Como podemos esperar que ele termine tal capítulo? Dizendo: "Portanto, já que você tem uma esperança tão grande, sente-se e relaxe, porque você sabe que Deus tem um grande futuro reservado para você"? Não! Em vez disso,

ele diz: “Então, minha querida família, esteja firmemente alicerçada, não se abale, sempre se dedique à obra do Senhor. No Senhor, como vocês sabem, a obra que vocês estão fazendo não é sem valor.” ■

— *Surprised by hope*, p. 191-2

A perigosa verdade da ressurreição

Permita-me colocar da forma mais clara possível. De acordo com a Bíblia, a história do mundo alcançou seu destino, seu clímax, quando Jesus de Nazaré saiu do túmulo na manhã de Páscoa. De acordo com a filosofia do Iluminismo, no entanto, a história do mundo alcançou seu destino, seu clímax, com a ascensão do modernismo científico e democrático. As duas histórias não podem ser verdadeiras. A história mundial não pode ter dois clímax, dois destinos. Uma dessas histórias deve ser verdadeira, e a outra, falsa. É por isso que, nos últimos duzentos anos, as pessoas têm desprezado tanto a história da ressurreição de Jesus. Uma pessoa morta sendo ressuscitada para um novo tipo de vida corpórea sempre foi considerado algo extraordinário. Entretanto, a razão pela qual os primeiros cristãos acreditavam na ressurreição de Jesus não era porque eles não conheciam as leis da natureza. Eles acreditavam, com base na poderosa evidência de olhos, ouvidos e mãos, bem como corações, que o Deus da criação havia feito algo novo, embora profundamente coerente, *dentro* do mundo natural, lançando seu projeto de renovação do mundo há muito prometido. Não se tratava de uma intervenção arbitrária para resgatar Jesus ou simplesmente para mostrar a sua onipotência; mas, sim, da inauguração de uma *nova criação*.

Entretanto, a partir do século 18, as pessoas passaram a dizer que se você acredita na ciência moderna — o que significa, na verdade, o projeto epicurista de cientificismo que alega evidências empíricas para sua visão filosófica do mundo — então você não pode crer na ressurreição. Porém, não há nada de novo ou moderno sobre esse ceticismo. Lucrécio, o maior epicurista da antiguidade, teria zombado da ideia de ressurreição. Assim como Homero, Ésquilo, Platão ou Plínio. O ponto é *que, se a ressurreição de fato aconteceu, toda visão do Iluminismo de um mundo dividido, bem como seu sonho arrogante de que o clímax da história mundial havia sido alcançado em nossos dias e através de nossos sistemas, cai por terra completamente*. É por isso que os estudos acadêmicos modernos não veem a ressurreição como a inauguração de uma nova criação, mas simplesmente como o mais bizarro dos milagres, depois como um milagre impossível, e depois como uma perigosa afirmação ideológica. Pode apostar que é perigosa. Se for verdadeira, outras ideologias são colocadas em cheque ■

— *Surprised by Scripture*, p. 137-8

Jesus ressuscitou... então mãos à obra!

Uma característica estranha dos relatos da ressurreição nos Evangelhos é o fato de que eles nunca mencionam a esperança cristã futura. Em quase todos os outros lugares do Novo Testamento, a ressurreição de Jesus é mencionada em conexão com a esperança final de que aqueles que pertencem a Jesus serão um dia ressuscitados como ele, com o acréscimo de que essa esperança futura deve ser antecipada no presente através do batismo e de nossas atitudes. A despeito de

milhares de hinos e sermões de Páscoa, as narrativas da ressurreição nos Evangelhos nunca dizem algo como "Jesus ressuscitou, portanto há vida após a morte", muito menos "Jesus ressuscitou, portanto iremos para o céu quando morrermos". Também não dizem, de um jeito característico do cristianismo do primeiro século, "Jesus ressuscitou, portanto, ressuscitaremos dos mortos após o sono da morte".

Não. É comum interpretar que o evento da Páscoa tem um significado para este mundo, com um impacto para esta era presente: Jesus ressuscitou, então ele é o Messias e, portanto, é o verdadeiro Senhor do mundo; Jesus ressuscitou, então a nova criação de Deus começou — e nós, seus seguidores, temos uma obra a realizar! Jesus ressuscitou, por isso devemos agir como seus arautos, anunciando seu senhorio ao mundo inteiro e fazendo com que seu reino seja estabelecido tanto na terra como no céu! Quando chegamos na época de Paulo, a ressurreição de Jesus já está firmemente conectada à ressurreição final de todo o povo de Deus. Se essas histórias da ressurreição tivessem sido inventadas no final do primeiro século, certamente teriam incluído uma menção à ressurreição final de todo o povo de Deus. A razão de isso não acontecer é simplesmente porque elas não foram escritas nesse período ■

— *Surprised by hope*, p. 56-7

Novos corpos físicos e novos padrões de pensamento

Em 2Coríntios 5, Paulo fala da nova tenda ou tabernáculo que nos aguarda. Há uma nova casa, uma nova morada, um novo corpo, esperando por nós na esfera de Deus (o "céu"). Essa nova habitação está

pronta e devemos trabalhar para que ela seja sobreposta à realidade presente, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida. Como sempre, aqui Paulo insiste que Deus realizará isso pelo Espírito.

Nesse ponto, nós, ocidentais modernos, somos desafiados a realizar um grande esforço imaginativo. Nossa mentalidade foi tão profundamente, e por tanto tempo, influenciada por Platão que pressupomos automaticamente a existência de um contraste ontológico básico entre "espírito", no sentido de algo imaterial, e "matéria", no sentido de algo material, sólido, físico. Acreditamos que objetos sólidos são uma coisa, e ideias, valores, espíritos ou fantasmas são outra bem diferente (muitas vezes sem perceber que todos são, em si mesmos, coisas bastante diferentes). Sabemos que os corpos se decompõem e morrem; que casas, templos, cidades e civilizações viram poeira; e assim assumimos que ser corpóreo, ser físico, é ser impermanente, mutável, transitório, e que a única maneira de ser permanente, imutável e imortal é tornar-se não físico.

O ponto de Paulo aqui é exatamente o oposto de tudo isso. Na verdade, mesmo na cosmologia dominante de sua época, que era estoica e não platônica, as pessoas não pensavam dessa forma. Menos ainda na teologia da criação judaica, que fornece a base sobre a qual, por causa da ressurreição do próprio Jesus, Paulo desenvolveu sua teologia da nova criação. A intenção de Paulo é fazer com que seus leitores coríntios — bem como seus leitores atuais — assumam novos padrões de pensamento.

O que Paulo nos pede para imaginar é que haverá um novo modo de fisicalidade, que está para nosso corpo atual assim como nosso corpo atual está para um fantasma. Essa nova forma de fisicalidade será muito mais real, mais sólida, mais *corpórea*, do que nosso corpo atual, assim

como nosso corpo presente é mais substancial, mais palpável, do que um espírito desencarnado ■

— *Surprised by hope*, p. 153-4

Uma igreja moldada pela missão operando com uma missão moldada pela esperança

A promessa da nova criação não se refere simplesmente a uma correção das ideias comuns sobre "vida após a morte", mas à missão da igreja. Muito se tem falado sobre "uma igreja missional", uma abordagem que exorta a igreja de hoje a considerar a missão não como um extra, algo a ser feito se sobrar algum tempo; mas como a dinâmica central e formadora de sua vida. Mas se queremos levar isso a sério, devemos também reformular nossas ideias sobre a própria missão. Não podemos voltar ao velho e ultrapassado dualismo entre, de um lado, o evangelismo simplesmente como um ato de salvar almas para uma eternidade atemporal, e, do outro, a missão apenas como uma luta por justiça, paz e esperança no mundo atual. Essa grande divisão não tem nenhuma relação com Jesus e o Novo Testamento, mas com a submissão inconsciente de muitos cristãos (conservadores e radicais) à ideologia platônica do Iluminismo. Uma vez que tenhamos uma compreensão correta da ressurreição, poderemos e deveremos ter uma compreensão correta acerca da missão. Se queremos uma igreja que vê a missão como parte essencial de sua identidade, precisamos de uma missão que seja profundamente marcada pela esperança. Se isso nos parece surpreendente, é sinal de que precisamos começar a repensar nossos conceitos ■

— *Surprised by hope,* p. 193-4

Santidade no novo mundo criado pela Páscoa

A mensagem da Páscoa é que o novo mundo de Deus, do qual somos convidados a fazer parte, foi revelado em Jesus Cristo. Precisamente por se tratar de uma ressurreição corpórea, embora com um corpo transformado, o poder da Páscoa para transformar e curar o mundo presente deve ser colocado em prática tanto no nível mais amplo, na aplicação do evangelho aos principais problemas do mundo — e se o comunismo soviético e o *apartheid* não se enquadram nessa categoria, não sei mais o que se enquadraria —, quanto nos detalhes íntimos de nossa vida cotidiana. A santidade cristã não consiste em se esforçar ao máximo para ser bom, mas em aprender a viver no novo mundo criado pela Páscoa — o novo mundo em que fomos publicamente inseridos por meio do nosso batismo. Há muitos problemas no mundo sobre os quais não podemos fazer nada, exceto orar. Mas há uma parte do mundo, uma parte da realidade física, sobre a qual podemos fazer algo: a criatura que cada um de nós chama de "eu". A santidade pessoal e a santidade global estão intimamente relacionadas. O chamado para uma vida de santidade pessoal inclui o chamado para viver uma vida santa em nível global.

— *Surprised by hope*, p. 252-3

Construindo no presente em favor do futuro de Deus

O ponto da ressurreição é que *a vida corpórea atual não é sem valor só porque morreremos*. Deus nos ressuscitará para uma nova vida. O que

você faz com seu corpo no presente importa, porque Deus tem um grande futuro reservado para ele. Se isso se aplica à ética, certamente também se aplica às várias vocações para as quais o povo de Deus é chamado. O que você faz no presente — pintando, pregando, cantando, costurando, orando, ensinando, construindo hospitais, cavando poços, fazendo campanhas por justiça, escrevendo poemas, cuidando dos necessitados, amando o próximo como a si mesmo — *permanecerá no futuro de Deus*. Essas atividades não são simplesmente maneiras de tornar a vida presente um pouco menos cruel, um pouco mais suportável, até o dia em que a deixaremos para trás (como o hino coloca de forma tão equivocada: "Até aquele dia em que todos os benditos serão chamados para o descanso eterno"). Todas elas são formas do que podemos chamar de *construção do reino de Deus* ■

— *Surprised by hope*, p. 193

Dúvidas e novo entendimento

A história de Tomé em João 20 serve como uma boa ilustração. Tomé, como um bom historiador, quer ver e tocar. Entretanto, quando Jesus se apresenta diante dele e o convida a tocá-lo, Tomé se recusa. Ao fazer isso, ele estava transcendendo o tipo anterior de conhecimento que pretendia usar, adquirindo uma nova compreensão muito mais rica e elevada. Na imagem de Israel diante do mar Vermelho, mencionada anteriormente, isso transparece nas palavras do *Oratório de Páscoa*. Tomé começa duvidando:

O mar é muito profundo.
O céu é muito alto.
Não consigo nadar.
Não consigo voar.
Devo permanecer aqui.

Devo permanecer aqui.
Aqui onde sei
como posso saber.
Aqui, onde sei
o que posso saber.

Jesus então reaparece e convida Tomé para ver e tocar. De repente, uma nova possibilidade surge diante dele:

O mar se abriu. As hostes de faraó —
desespero, dúvida, medo e orgulho —
não mais nos assustam.
Devemos atravessar para o outro lado.
O céu se curva em reverência. Com as mãos feridas,
nosso Deus exilado, nosso Senhor humilhado,
diante de nós, está vivo, respirando;
a Palavra está perto de nós, e chama nosso nome.
Novo conhecimento para a mente duvidosa.
Nova visão surge da cegueira.
Nova confiança pode o cético encontrar.
Nova esperança por meio daquilo que a fé agora conhece.

E com isso, Tomé respira fundo e une a história e a fé rapidamente: "Meu Senhor e meu Deus", ele declara.

Isso não é uma afirmação anti-histórica. O "Senhor" em questão é precisamente aquele que é o clímax da história de Israel e o começo de uma nova história.

Tampouco é uma declaração anticientífica. O mundo da nova criação é precisamente o mundo da nova *criação*; como tal, está aberto e, de fato, aguarda ansiosamente pelo trabalho dos seres humanos — não em manipulá-lo com truques de mágica, nem em serem subservientes a ele

como se o mundo da criação fosse divino; mas para serem seus mordomos ■

— *Surprised by hope*, p. 70-1

A singularidade do corpo ressurreto de Jesus

Dentre todas as possíveis explicações para a ascensão do cristianismo, a melhor é que Jesus realmente reapareceu, não como um sobrevivente ferido e ensanguentado, não como um fantasma (as histórias são muito claras em relação a isso), mas como um ser humano vivo e corpóreo.

Mas seu corpo era diferente. Nesse aspecto, as histórias dos Evangelhos são totalmente diferentes de tudo o que veio antes ou depois. Como disse um destacado estudioso, parece que seus escritores estavam tentando explicar algo para o qual não tinham um vocabulário preciso. O corpo ressuscitado de Jesus tinha muitas das mesmas propriedades de um corpo comum (ele podia falar, comer e beber, ser tocado e assim por diante); mas não era só isso. Ele também podia aparecer e desaparecer, e até atravessar paredes. Nada na literatura ou imaginação judaica havia preparado as pessoas para algo dessa natureza. Se os escritores dos Evangelhos quisessem inventar algo para se adequar a uma noção preconcebida, eles certamente teriam descrito o Jesus ressuscitado brilhando como uma estrela. De acordo com Daniel 12:3 (uma passagem muito influente no pensamento judaico da época), era assim que os justos apareceriam na ressurreição. Mas Jesus não. Seu corpo parece ter sido transformado de uma maneira para a qual não

havia precedente nem profecia, e da qual não há uma segunda ocorrência.

Esse tipo de afirmação sempre é frustrante do ponto de vista científico. A ciência, afinal, estuda fenômenos reproduzíveis em laboratório. Mas a história não funciona assim. Os historiadores estudam coisas que aconteceram uma única vez; mesmo que haja paralelos parciais, cada evento histórico é único. E o argumento histórico é bastante claro. Repetindo: de longe, a melhor explicação para o início do cristianismo após a morte violenta de Jesus é que ele realmente reapareceu três dias depois, em um corpo transformado. ■

— *Simply Christian*, p. 113

Sem ressurreição não há Novo Testamento

No Judaísmo do Segundo Templo, a ressurreição é importante, mas não muito. Muitos de seus longos escritos nem sequer tocam no assunto. Ainda não se sabe exatamente o que os autores dos Manuscritos do Mar Morto pensavam sobre esse tema. Com exceção de algumas menções ocasionais, como 2Macabeus 7, a ressurreição é um tópico periférico. Em contraste, no cristianismo primitivo, a ressurreição passou a ter importância central. É impossível conceber o pensamento de Paulo e João (embora alguns tenham tentado) sem a ressurreição. Ela é extremamente importante nos escritos de Clemente e Inácio, além de Justino e Irineu. A crença na ressurreição foi um dos principais motivos que levaram os pagãos da cidade de Lyon, na França, em 177 d.C., a se enfurecerem e matarem muitos cristãos, até o bispo que antecedeu ao grande Irineu. O médico pagão Galeno destacou que

a crença na ressurreição era uma das duas principais características dos cristãos (sendo a segunda sua notável restrição sexual). Se retirarmos as histórias do nascimento de Jesus dos Evangelhos, perdemos apenas dois capítulos de Mateus e dois de Lucas. Porém, se eliminarmos a ressurreição, perdemos todo o Novo Testamento, bem como a maioria dos pais da igreja do segundo século. ■

— *Surprised by hope*, p. 42-3

O reinado de Deus na terra como no céu

Em suma, a ressurreição é apresentada pelos Evangelistas não como um "final feliz" após um conto triste e sombrio, mas como o acontecimento que demonstrou que a execução de Jesus dera o golpe final nas forças das trevas, opostas ao novo mundo de Deus — o "reino" de Deus, baseado em seu amor poderoso, criativo e restaurador, "na terra como no céu".

Se tudo o que nos resta é um reino "não deste mundo", qual a relevância da ressurreição física? Mesmo entre cristãos devotos que insistem crer na ressurreição, sua importância é diminuída se a única coisa pela qual se interessam é um reino "de outro mundo". Mas a ressurreição física é fundamental. Para Marcos, ela representa o momento em que o reino de Deus "vem com poder"; para João, ela inaugura a nova criação, o novo Gênesis. Para Mateus, a ressurreição eleva Jesus à posição a que fora destinado, isto é, à posição de Senhor legítimo do mundo, que envia seguidores (como um novo imperador romano enviaria emissários, mas com métodos correspondentes à sua mensagem) a chamar o mundo para segui-lo, apresentando às nações

uma nova forma de ser humanidade. Para Lucas, ela é o momento em que o Messias de Israel "entra na sua glória", de modo que "arrependimento e remissão de pecados" podem ser anunciados a todo o mundo como o caminho da vida — ou, como os discípulos dizem em Atos, como "O Caminho".

Uma vez que unificamos reino e cruz, não é difícil ver como a ressurreição se encaixa nessa grande realidade combinada. É a ressurreição que declara a cruz como vitória, não como derrota. Portanto, ela anuncia que Deus realmente se tornou rei tanto na terra como no céu. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 258

A ressurreição anula o poder da morte

Por causa da crença cristã primitiva em Jesus como Messias, a igreja cristã desenvolveu, logo em seus primeiros dias, a crença de que Jesus é o Senhor e que, portanto, César não é. Já em Paulo, a ressurreição, tanto de Jesus quanto de seu povo no futuro, é o fundamento da fidelidade cristã a um rei diferente, a um Senhor diferente. A morte é a última arma do tirano; e o anúncio da ressurreição, embora às vezes mal compreendido, é que a morte foi derrotada. A ressurreição não é a redefinição da morte, mas sua derrota e, consequentemente, a derrota daqueles que dependem de seu poder. Apesar das zombarias e insultos de alguns estudiosos contemporâneos, foram aqueles que acreditavam na ressurreição do corpo que foram queimados na fogueira e lançados aos leões. A ressurreição nunca foi uma maneira de se impor e se tornar respeitável; os fariseus poderiam ter ajudado com isso. Foram os

gnósticos que traduziram a linguagem da ressurreição em uma espiritualidade privada e uma cosmologia dualista, pervertendo totalmente seu significado, que escaparam da perseguição. Qual imperador passaria noites sem dormir preocupado com que seus súditos estivessem lendo o *Evangelho de Tomé*? A ressurreição sempre te colocaria em situações complicadas, e isso acontecia regularmente. ■

— *Surprised by hope*, p. 50

A vitória decisiva já foi conquistada

Com a ressurreição, descobrimos a raiz de toda a carreira pública de Paulo. O texto de 1Coríntios 15 não é simplesmente o raciocínio subjacente de toda a carta: é fundamental para tudo em que Paulo acreditava, a razão pela qual ele se tornou um apóstolo em primeiro lugar. A ressurreição do Messias o estabeleceu como verdadeiro Senhor do mundo, isto é, como o governante legítimo do mundo, e "ele tem de continuar reinando até'colocar todos os seus inimigos debaixo dos seus pés.'" A vitória *já* foi ganha sobre o poder tenebroso do pecado e da morte, os quais aleijaram o mundo e, com ele, o ser humano, cujo dever é ser portador da imagem de Deus no mundo, e essa vitória será *finalmente* completada quando a própria morte for destruída. Para Paulo, aprender a ser alguém do Messias — aprender a viver a grande história bíblica que agora culminava em Jesus e no espírito — dizia respeito a ter transformados a mente e o coração, a imaginação e o entendimento, para fazer sentido viver neste mundo de "vem a hora" e "já chegou".

Viver nessa posição não é nada fácil, mas certamente uma atividade das mais empolgantes. O Messias já ressuscitou; todo o povo do Messias ressuscitará em sua "chegada real". O viver, amar, orar, celebrar e sofrer cristãos, bem como o ministério apostólico, cuja função não tem nenhuma relação com prestígio social ou retórica inteligente — tudo isso faz sentido dentro do contexto escatológico, e essa é a principal notícia que Paulo deseja dar aos coríntios. Assentado em Éfeso, observando enquanto o evangelho trabalha em lares e comércios, confrontando poderes deste mundo e vendo praticantes de ocultismo queimarem livros, Paulo se encheu de confiança. Esse é o futuro, e ele funciona. O que os coríntios fazem no presente, no novo mundo de Deus, não é vão. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 288-9

Tempo de despertamento, renovação e florescimento

Se a Quaresma é o tempo em que devemos deixar de fazer algumas coisas, a Páscoa deve ser um tempo para retomá-las. Champagne para o café da manhã novamente! A santidade cristã não deve ser vista meramente como algo negativo. É claro que de tempos em tempos é necessário capinar o jardim. Às vezes, é necessário arar a terra para que a semente possa ser plantada e florescer. Esse é o papel da Quaresma em nós. Mas você não quer transformar o jardim em um montão de terra totalmente infértil. A Páscoa é a hora de semear novas sementes e plantar algumas mudas. Se o Calvário significa mortificar as coisas em nossas vidas que nos impedem de florescer como cristãos e como verdadeiros seres humanos, então a Páscoa significa plantar, regar e

cuidar de certas coisas em nossa vida (individual e comunitária) para que floresçam, encham o jardim de cores e aromas e deem fruto no tempo devido.

Os quarenta dias da temporada de Páscoa até a ascensão devem contrabalancear a Quaresma, permitindo o envolvimento com alguma nova tarefa ou empreendimento, algo saudável, frutífero, sociável e altruísta. Pode ser que você consiga se engajar em algo assim apenas durante seis semanas, assim como alguns só conseguem ficar sem cerveja ou tabaco nas seis semanas da Quaresma. No entanto, se você realmente começar, isso poderá inspirá-lo com novas possibilidades, novas esperanças e novos empreendimentos que você nunca havia sonhado. Pouco a pouco, você verá a Páscoa se tornando parte de sua própria vida interior. Você levantará da cama de manhã de uma forma totalmente nova. É disso que se trata a Páscoa. ■

— *Surprised by hope*, p. 257

Cantando o reino de Deus na terra renovada

Muitos hinos pascais assumem que o objetivo da Páscoa é provar a existência de vida após a morte e nos encorajar a esperar por ela. Ironicamente, isso é combinado com uma visão da vida após a morte na qual o elemento específico da ressurreição é silenciosamente removido. "Iremos para onde ele foi", cantamos no final de um hino bem conhecido, "descansar e reinar com ele no céu!" No entanto, essa *não* é a conclusão que o Novo Testamento extrai da ressurreição de Jesus. Sim, há um descanso prometido após os trabalhos desta vida, e a palavra "céu" pode ser uma maneira apropriada, embora vaga, de se referir ao

lugar onde esse descanso ocorre. Mas esse tempo de descanso é o prelúdio de algo muito maior, algo que envolve também a terra. A terra renovada é onde o reino será estabelecido, e é por isso que o Novo Testamento fala regularmente não de nossa ida para onde Jesus está, mas de sua vinda para onde estamos. ■

— *Surprised by hope*, p. 190

Cantando as notas certas na Páscoa

Há uma confusão multifacetada nos hinos que cantamos, na forma que celebramos o ano cristão e no tipo de funerais ou cremações que fazemos. Oferecerei algumas palavras sobre cada um deles a fim de esclarecer o que quero dizer.

Primeiro, os hinos. Um olhar através do hinário comum que utilizamos revela que muitas referências à vida futura além da morte estão mais próximas de Tennyson, ou mesmo de Shelley, do que do cristianismo ortodoxo:

> Até que no oceano do teu amor
> nos percamos no céu acima.

As palavras são as do devoto John Keble, mas, em vez de se perder "no oceano do teu amor", ele acabou se perdendo em uma escatologia budista como uma gota no oceano.

E o que dizer de seu amigo, John Henry Newman, integrante do movimento de Oxford, com sua linha quase gnóstica?

> Tão profundamente teu poder me abençoou, que por certo

ainda me conduzirá pelos desertos e pântanos,
penhascos e torrentes,
até que a noite se vá.
E com a manhã sorrirão
aqueles rostos angelicais,
que amei há muito tempo, mas agora os perdi por um tempo.

Será que Newman *realmente* acreditava que teve uma vida anterior com os anjos, seja antes de sua concepção ou na primeira infância, e que voltaria para lá no tempo devido? E, embora a ideia do peregrino solitário seguindo a "luz gentil" através dos pântanos e abismos seja uma ideia poderosa e romântica, será que ele *realmente* achava que o mundo e a vida presentes poderiam ser descritos simplesmente como "noite"?

Ou, o que dizer do platonismo flagrante do hino *Abide with me* [Comigo habita], ainda tão querido em alguns círculos?

A manhã do céu raiou,
e as sombras vãs da terra se foram.

Existem hinos inteiros que incorporam essa forma de pensamento. Ao folhear rapidamente o hinário, notei dezenas de outros exemplos, e nem todos podem ser justificados pelo processo de seleção da época, quando a teologia predominante defendia tais ideias.

Alguns dos hinos nas tradições avivalistas e carismáticas caem no mesmo erro ao afirmar visões enganosas da "segunda vinda", sugerindo que Jesus retornará para levar seu povo para sua "casa" no céu. Assim, a última estrofe do magnífico hino *How great thou art* [Quão grande és], declara:

Quando Cristo vier
com brados de aclamação
e para casa me levar,
que alegria encherá meu coração!

Os dois últimos versos (para antecipar nosso argumento posterior) seriam melhor expressos se dissessem: "Para curar este mundo, que alegria encherá meu coração". Na verdade, a versão original sueca do hino não fala sobre a vinda de Cristo para me levar para casa; essa foi a adaptação do tradutor. Em vez disso, fala dos véus do tempo caindo, a fé sendo transformada em visão clara e os sinos da eternidade nos chamando para nosso descanso sabático, o que é bem melhor. ■

— *Surprised by hope*, p. 20-2

Adorando com esperança cristã

Certamente, alguns hinos se destacam por exibirem letras que vão contra essa tendência. *Jerusalem the golden* [Jerusalém de ouro] chama a atenção para os decisivos capítulos finais de Apocalipse. Alguns hinos falam de ser "Acordado pelo som da última trombeta" ou de um "ressuscitar glorioso no último dia." Um grande hino fala de Deus realizando seu propósito de que "a terra se encha da glória de Deus como as águas cobrem o mar". Mas, acima de todos esses, está o grande hino do Dia de Todos os Santos, *For all the saints* [Para todos os santos], cuja sequência de pensamento capta a ênfase do Novo Testamento de forma exata. Depois de celebrar a vida dos santos nos versículos iniciais, nossa comunhão com eles no quarto verso e seu encorajamento para nós no quinto, o sexto verso fala de nos juntarmos a eles em sua morada atual, que *não* é o lugar de descanso final, mas, sim, o lugar

intermediário de descanso, alegria e refrigério, para o qual se dá o nome de paraíso:

> A noite dourada ilumina o Oeste.
> Breve, breve chegará o descanso
> para os servos fiéis.
> Doce é a calma do Paraíso abençoado.
> Aleluia! Aleluia!

Só *depois* disso é que a ressurreição ocorre:

> Vede! Eis que se aproxima um dia ainda mais glorioso.
> Os santos triunfantes se levantam em exultante cortejo.
> O Rei da glória os guiará em seu caminho.
> Aleluia! Aleluia!

O que leva ao triunfante verso final, quando chegamos à Nova Jerusalém. ■

— *Surprised by hope*, p. 22-3

Beleza

E onde vocês entram nisso? Bem, vocês estavam mortos por causa de suas transgressões e pecados! Vocês costumavam caminhar por essa estrada no ritmo da "presente era" deste mundo. Andavam também no ritmo do governador do poder do ar, o espírito que, ainda agora, está operando entre as pessoas cuja vida consiste em desobedecer a Deus. Em verdade, era assim que nos comportávamos, condicionados pelos desejos físicos. Tínhamos o hábito de fazer aquilo que nossa carne e nossa mente insistiam para que fizéssemos. E qual foi o resultado disso? Também estávamos sujeitos à ira nesse estado natural, assim como o restante das pessoas.

Mas, quando o assunto é misericórdia, Deus é rico! Ele teve um amor tão grande por nós que chegou a ponto de ir até nós, mesmo quando estávamos mortos por causa das transgressões, e nos dar vida junto com o rei (sim, vocês foram salvos unicamente pela graça!). Ele nos ressuscitou consigo, e nos fez assentar com ele — nos lugares celestiais, no rei Jesus! Foi assim para que, nas eras vindouras, ele pudesse mostrar exatamente quão inacreditavelmente rica é sua graça, a bondade que ele nos mostrou no rei Jesus.

Como isso aconteceu? Vocês foram salvos pela graça, por meio da fé! Isso não acontece por iniciativa própria; é uma dádiva divina. Não é com base nas obras, de modo que ninguém tem condições de ficar se gabando. É assim que se explica: Deus fez de nós o que somos. Deus nos criou no rei Jesus para as boas obras que ele, de antemão, preparou; o mesmo vale para a estrada que devemos percorrer. ■

— Efésios 2:1-10, *The Kingdom New Testament*, p. 392-3

A presença do Deus vivo em nosso meio

Todos nós somos ligados à beleza, buscando um significado mais profundo e rico em um mundo que às vezes parece transbordar de prazer, apesar de, em outros momentos, ser terrível e frio. A beleza — a

sensação assombrosa do encanto, as pontadas transitórias, porém muito poderosas de algo como o amor, mas algo que vai além, algo diferente — também não é, no final das contas, uma mera reviravolta evolutiva, um reflexo de um desejo hereditário de caçar presas, encontrar um companheiro ou fugir do perigo. É um indicador da presença estranha e gentilmente exigente do Deus vivo no meio de seu mundo. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 100

Encontrando beleza nas Escrituras

Se a beleza da criação aponta constantemente para a "glória de Deus" e se a história de Jesus é a história da revelação dessa "glória", deveríamos estar lendo essa narrativa com os olhos e ouvidos abertos para esse tipo de significado. E no Evangelho de João, com certeza, esse é o caso. As experiências vívidas e espantosas de Jesus com seus amigos, sua mãe e até com estranhos, suas ações inesperadas e suas explicações: tudo isso preenche seu relato realista de beleza, da mesma forma que o crepúsculo reveste objetos e cenas comuns com um significado repentino e estranho. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 103-4

O Deus que resgata e completa sua criação

Segundo a tradição cristã (e seus muitos hinos e escritos), a glória pertence a Deus, o criador. É a sua voz que ouvimos ecoando nos penhascos, murmurando ao pôr do sol. É o seu poder que sentimos no bater das ondas e no rugido do leão. É a sua beleza que vemos refletida

em mil faces e formas. E quando o cínico nos lembra que as pessoas caem de penhascos, se perdem após o pôr do sol, são afogadas pelas ondas e comidas pelos leões; quando os cínicos advertem que os rostos envelhecem e enrugam e suas formas ficam rechonchudas e doentes — nossa resposta, como cristãos, não é declarar que toda a criação foi, na verdade, um grande erro. Não recorremos à desculpa de Platão, dizendo que nossa realidade de espaço, tempo e matéria não é o mundo *real*, mas apenas uma sombra de outro mundo para o qual podemos escapar. Dizemos que o mundo atual é o real e que, embora esteja em mau estado, será consertado. Em outras palavras, contamos a história de um Criador bom que deseja colocar o mundo de volta na boa ordem para a qual foi projetado. Contamos a história de um Deus que faz as duas coisas que, pelo menos algumas vezes, sabemos que todos queremos e precisamos: um Deus que completa o que começou, um Deus que vem em socorro daqueles que parecem perdidos e escravizados no mundo atual.

A ideia de Deus vindo em socorro, por um lado, e de Deus completando a criação e consertando-a, por outro, é destacada no livro de Isaías. Em Isaías 11, o profeta pinta um quadro de um mundo restaurado, do lobo deitado com o cordeiro e da terra sendo preenchida com a glória de Deus como as águas cobrem o mar. Essa imagem assombrosa é ainda mais estranha porque, cinco capítulos antes, o profeta havia contado ter visto anjos cantando que toda a terra estava cheia da glória de Deus. Do ponto de vista lógico, somos tentados a pressionar o escritor com a pergunta: a terra *já* está cheia dessa glória, ou isso é algo que só acontecerá no futuro? No que se refere a entender a beleza, queremos perguntar: a beleza que vemos no momento está completa ou incompleta, apontando algo no futuro? E como uma

questão de investigação muito mais urgente, queremos perguntar ao escritor, talvez sacudindo-o pelo pescoço: se a terra está cheia da glória de Deus, por que também está tão cheia de dor, angústia, clamor e desespero?

Isaías tem respostas para todas essas perguntas, mas não o tipo de respostas que você pode escrever no verso de um cartão-postal. O sofrimento atual do mundo — que os escritores bíblicos conheciam tanto quanto nós — nunca os faz vacilar em sua afirmação de que o mundo criado é realmente a boa criação de um Deus bom. Eles vivem com a tensão. E não o fazem imaginando que a atual ordem criada é um tipo de coisa pobre e de segunda classe, talvez (como em alguns tipos de platonismo) feita por um tipo de deus pobre e de segunda classe. Fazem isso contando a história de como o único Deus criador tem trabalhado para resgatar seu belo mundo e colocá-lo em ordem. E a história que eles contam mostra que o mundo atual é realmente um indicador de uma beleza maior, uma verdade mais profunda. ■

— *Simply Christian,* p. 45-7

O Deus que se deleita na beleza

Se lermos a segunda metade de Êxodo, pensando nos escravos que deixaram a terra das pirâmides e estão agora na selvagem e desolada península do Sinai, prestes a criar algo de uma beleza extraordinária e essencial, somos levados a ver isso como uma conquista incrível que deve ser celebrada. O Tabernáculo foi feito para encantar os olhos, o nariz, os ouvidos e, também, a imaginação, e parte do objetivo era ser uma obra de grande arte e habilidade. Os escolhidos para a construção e decoração eram enobrecidos por se envolverem na beleza planejada de

Deus, na moradia pretendida por ele, nesse "pequeno cosmos", esse edifício de céu e terra que foram instruídos a edificar.

E esse é apenas o começo. É toda a preparação, novamente não para um rei morto e sua possível existência pós-morte em algum submundo imaginário, mas para o Deus vivo, o Criador poderoso e glorioso de tudo, que viria e encheria esse Tabernáculo com sua presença. Esse é o Deus que se deleita com a beleza e deseja que suas criaturas humanas portadoras de sua imagem façam cada vez mais coisas belas. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 107-8

A beleza que aponta para o seu criador

Nosso desejo humano pela beleza, por um significado transcendente, acaba sendo mais do que esperávamos. É um indicador dado por Deus, projetado para nos conduzir de volta à sua presença. Ah, suspiramos, mas termina em escuridão e horror, com o pó da morte encobrindo a beleza com camadas grossas e sufocantes de feiura. João diz: sim, mas veja o que o Deus criador agora faz. Ele abre caminho pela morte e sai do outro lado para uma nova criação, nova beleza e nova vida.

Tanto na essência dessa história quanto na forma que é contada, João fala de uma beleza que sempre aponta para o seu criador, mesmo diante do fato de que "o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conhecia" (1:10). Ao conduzir nossa atenção para a narrativa da história de Jesus sobre o Tabernáculo e o Templo, bem como para o mundo da criação, João captou o maior objetivo nisso tudo: apontar para o dia que estava por vir em que a própria beleza, pelo fato de a

Palavra ter se tornado carne, seria encarnada para tornar todas as coisas novas.

Não é possível, portanto, fazer todo o trajeto, apenas por meio da argumentação, da percepção humana e do prazer da beleza até a existência ou o caráter do Criador. Porém, quando, pela beleza literária do Evangelho de João, somos confrontados com a beleza do amor redentor na história de Jesus, percebemos, ao olhar para trás, que os sinais que estávamos recebendo de toda a beleza do mundo estavam dizendo a verdade. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 115-6

Refletindo a imagem de Deus como cocriadores

Acredito que levar a sério a criação e a nova criação é o caminho para entender e revitalizar a consciência estética e talvez até a criatividade cristã no mundo de hoje. A beleza importa, ouso dizer, quase tanto quanto a espiritualidade e a justiça.

O capítulo 8 de Romanos, com sua rica teologia da nova criação, nos oferece uma forma de apreciar a beleza natural. Paulo fala da criação gemendo em trabalho de parto, esperando para dar à luz o novo mundo de Deus. A beleza do mundo presente, como sugeri anteriormente, pode ser comparada com a beleza de um cálice, belo em si mesmo, mas sua beleza é mais assustadoramente contemplada quando sabemos o que deve preenchê-lo; ou com a beleza de um violino, belo em si, mas sobretudo porque conhecemos a música capaz de ecoar de suas cordas. Outro exemplo pode ser o anel de noivado, que se destina, ainda mais que a encantar os olhos, a encantar o coração por causa do que promete.

Parte do significado de ser criado à imagem de Deus é que nós também somos criadores ou, ao menos, cocriadores. A extraordinária capacidade de gerar uma nova vida, supremamente, é claro, por meio da geração de filhos, mas também de milhões de outras maneiras, é central para o mandato que a raça humana recebe em Gênesis 1 e 2. Dar sentido e celebrar um mundo belo através da produção de artefatos que são belos faz parte do chamado para sermos guardiões da criação, assim como Adão deu nome aos animais. A arte genuína é, portanto, ela mesma uma resposta à beleza da criação, que, por sua vez, é um indicador da beleza de Deus. ■

— *Surprised by hope*, p. 222-3

A VOCAÇÃO DO ARTISTA DA ESPERANÇA

As grandes promessas de Isaías sempre voltam ao mesmo tema: YHWH fará algo novo; ele renovará a criação de modo que o deserto florescerá como uma rosa, e então sua glória será revelada e vista por toda a carne (Isaías 35:2; 40:5; 60:1). A partir dessa matriz de pensamento é que surge uma perspectiva apocalíptica, que não é, como muitas vezes se pensa, uma visão de mundo dualista, mas uma forma de ver o mundo capaz de identificar os vislumbres já existentes da realidade da nova criação dentro do velho mundo, de modo que aqueles que vivem dentro do velho vislumbram o novo, convidando-os não ao escapismo, mas à esperança.

Acredito que o objetivo da arte é, em parte, ser capaz de dizer algo assim, de chamar a atenção, não para uma mensagem pietista superficial ou trivial, como se a meta fosse conduzir a mente para longe do mundo

e de seus problemas na direção de uma contemplação aconchegante da presença de Deus, mas, sim, aos aspectos multifacetados e multidimensionais do mundo presente; às dores e ao terror, sim, mas também à tensão criativa entre a presença da glória de YHWH no mundo presente e o futuro prometido, quando sua glória encherá a terra de forma plena, "como as águas cobrem o mar". Quando a arte tenta falar do novo mundo, do mundo final, em termos apenas do mundo presente, ela cai no sentimentalismo; quando fala do mundo atual apenas da perspectiva da vergonha e do horror, desaba no brutalismo. A vocação do artista é falar do presente como algo belo em si mesmo, mas que aponta para o futuro, para assim nos permitir ver tanto a glória que já enche a terra quanto a glória que a inundará de forma plena. Assim, o artista será capaz de falar de sofrimento sem ignorar a promessa e da promessa sem esquecer o sofrimento.

Portanto, o artista deve ser como os espiões israelitas no deserto, trazendo frutos da terra prometida para serem degustados de forma antecipada.

Essa história, de fato, é um dos momentos em que YHWH surpreendentemente promete que não apenas a terra prometida, mas o mundo inteiro será preenchido com sua glória (Números 14:21; cf. 14:10). Assim como nem todos os espiões trouxeram um relato encorajador, muitos artistas recuam diante da visão desafiadora do futuro e preferem entregar a mensagem de desespero aparentemente mais relevante. Aqui está o desafio, creio, para o artista cristão, em qualquer esfera: contar a história da nova criação para que as pessoas possam saboreá-la e desejá-la, mesmo reconhecendo a realidade do deserto em que vivemos atualmente. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 202-3

Participando da missão de Deus

A ressurreição, a recriação de Deus de seu mundo maravilhoso, que começou com a ressurreição de Jesus e continua misteriosamente enquanto o povo de Deus vive no Cristo ressuscitado e no poder de seu Espírito, significa que o que fazemos em Cristo e pelo Espírito no presente não é vão; antes, será aperfeiçoado no novo mundo de Deus e durará para sempre.

Eu não tenho ideia do que isso significa exatamente. Não sei como a pintura que um artista pinta hoje em oração e sabedoria encontrará um lugar no novo mundo de Deus. Não sei com quais instrumentos poderemos tocar Bach, embora tenha certeza de que sua música estará lá. Não sei qual será a relação de uma árvore plantada hoje com as árvores maravilhosas que estarão no mundo recriado por Deus. Não sei como meu trabalho em busca de justiça para os pobres, ou de remissão das dívidas globais, ressurgirá nesse novo mundo. Mas sei que o novo mundo de justiça e alegria de Deus, de esperança para toda a terra, foi inaugurado quando Jesus saiu do sepulcro na manhã de Páscoa; sei que ele chama a mim e a você para vivermos nele e pelo poder de seu espírito, e assim sermos pessoas da nova criação aqui e agora, dando à luz sinais e símbolos do reino na terra como no céu. A ressurreição de Jesus e o dom do Espírito significam que somos chamados a apresentar sinais reais e eficazes da criação renovada de Deus mesmo na era atual. Não fazer isso é, na melhor das hipóteses, nos colocar na posição daqueles judeus do Segundo Templo que acreditavam que tinham que esperar passivamente pela ação de Deus. Mas Deus de fato *já agiu* em Jesus para inaugurar seu reino "tanto na terra como no céu". Na pior das hipóteses, não realizar obras e atitudes que sirvam como sinais da

renovação na criação de Deus é conspirar, como sempre fez o gnosticismo, com as forças do pecado e da morte.

Isso não significa que somos chamados a construir o reino por nossos próprios esforços, ou mesmo com a ajuda do Espírito. Quando o reino final vier sobre a terra, será o dom gratuito de Deus, um ato de pura graça — uma nova criação. Mas somos chamados a construir *para* o reino. Como artesãos trabalhando em uma grande catedral, cada um de nós recebeu instruções sobre a pedra específica que devemos esculpir. E é isso que devemos fazer, mesmo sem sabermos ou sermos capazes de adivinhar qual lugar ocupará no grande projeto. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 105-6

Anseio pela beleza

Uma das tarefas da igreja é despertar nosso anseio pela beleza em todos os níveis. Isso é essencial e urgente. É fundamental para a vida cristã que celebremos a bondade da criação, ponderemos sobre sua atual fragilidade e, na medida do possível, celebremos antecipadamente a cura do mundo, a própria nova criação. Arte, música, literatura, dança, teatro e muitas outras expressões de deleite e sabedoria humana podem ser exploradas de novas maneiras.

A questão é a seguinte: as artes não são apenas partes bonitas, mas irrelevantes, da margem da realidade; são caminhos para o centro de uma realidade que não pode ser vislumbrada, muito menos apreendida, de outra maneira. O mundo atual é bom, ainda que quebrado e incompleto; a arte, em suas várias expressões, nos permite compreender esse paradoxo em suas muitas dimensões. Mas o mundo atual também é projetado para algo que ainda não aconteceu. É como um violino esperando para ser tocado: bonito de olhar, gracioso de segurar — e, no

entanto, se você nunca tivesse ouvido um violonista profissional tocando, não acreditaria nas incríveis novas dimensões de beleza ainda a serem reveladas. Talvez a arte possa operar de forma semelhante, fornecendo vislumbres das possibilidades futuras incipientes no tempo presente. É como um cálice: como já dissemos, bonito de ver, agradável de segurar, mas esperando para ser enchido com o vinho que, ele próprio cheio de possibilidades sacramentais, dá ao cálice seu significado mais pleno. Talvez a arte possa nos ajudar a enxergar além da beleza imediata, com todos os seus quebra-cabeças, e a vislumbrar aquela nova criação que dá sentido não apenas à beleza, mas ao mundo como um todo e a nós mesmos nele. Quem sabe.

O artista pode então unir forças com aqueles que trabalham pela justiça e aqueles que lutam por relacionamentos redentores, e juntos encorajarem e sustentarem aqueles que estão buscando uma espiritualidade genuína e redentora. O que dá sentido a tudo isso é um olhar para o futuro. Olhe para o tempo vindouro em que a terra se encherá do conhecimento e da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar; e viva no presente à luz dessa promessa, com a certeza de que ela se cumprirá plenamente, pois de fato já foi cumprida quando Deus fez por Jesus na Páscoa o que fará por toda a criação. ■

— *Simply Christian*, p. 235-6

Descrevendo o mundo da forma que ele será

Há uma oportunidade maravilhosa para os cristãos com uma visão de mundo integrada e com uma teologia da criação e da nova criação para encontrarem o caminho a seguir, talvez para *liderarem* o caminho a

seguir. Quando lemos Romanos 8, encontramos Paulo afirmando que toda a criação está gemendo em dores de parto enquanto anseia por sua redenção. A criação é boa, mas não é Deus. É bela, mas, no presente, sua beleza é transitória. Está sofrendo, mas tal sofrimento é levado ao próprio coração de Deus e se torna parte da dor do novo nascimento. A beleza da criação, à qual a arte responde e tenta expressar, imitar e destacar, não é simplesmente a beleza que a criação tem em si mesma, mas a beleza que ela tem em vista do que lhe é prometido: lembremos novamente do cálice, do violino e do anel de noivado. Somos chamados a representar e descrever o mundo não apenas como deveria ser, não apenas como é, mas como — somente pela graça de Deus! — um dia será. E nunca devemos esquecer que quando Jesus ressuscitou dos mortos, como paradigma, primeiro exemplo e poder gerador de toda a nova criação, as marcas dos pregos eram não apenas visíveis em suas mãos e pés, como a maneira pela qual ele deveria ser identificado. Quando a arte reconhecer *tanto* as feridas do mundo *quanto* a promessa da ressurreição, e aprender a expressar e responder a ambas ao mesmo tempo, estaremos no caminho certo para desenvolver uma nova visão, uma nova missão. ■

— *Surprised by hope*, p. 224

Usando a ordem e a liberdade artística para anunciar a nova criação

Se o Templo em Jerusalém, lugar onde a própria glória de Deus devia habitar, era visto como o "pequeno mundo", o microcosmo onde a beleza do mundo deveria ser concentrada, então parte da virtude do

sacerdócio real, o novo e vivo templo, deve ser o cultivo e a celebração da beleza em todos os níveis. Isso exige as virtudes "reais" de combinar harmoniosamente ordem e liberdade, especialmente em um contexto onde a arte saltou do mundo superordenado do cubismo para o mundo desordenado e deliberadamente caótico da arte pop atual. Como podemos trabalhar no tempo presente para antecipar o futuro do mundo recriado de Deus, onde os horrores do mundo de hoje serão finalmente superados? Esse é o desafio, à medida que buscamos gerar novas expressões de beleza. O mundo estético de hoje oscila entre o brutalismo, que, começando como um estilo arquitetônico, se espalhou em todas as formas de feiura e mau gosto, e o sentimentalismo que, querendo ainda vislumbrar a beleza da criação, não consegue encontrar uma maneira de expressá-la sem parecer brega. Como sacerdócio real, somos chamados a declarar, tanto na arte como em palavras, a vitória de Jesus duramente conquistada sobre o mal que corrompeu e desfigurou o mundo, e a anunciar a nova criação, inaugurada na ressurreição, de um mundo cheio de liberdade e glória. ■

— *After you believe*, p. 232

A ARTE DA ESPERANÇA SURPREENDENTE

Uma compreensão errônea acerca da arte é a crença apaixonada de muitos artistas e escritores da última geração de que a única arte verdadeira é politicamente engajada. Os marxistas que pensavam assim pelo menos entenderam o ponto de que nem sentimentalismo nem brutalismo servem, mas apenas a escatologia em processo de realização. Se os artistas cristãos forem capazes de vislumbrar a verdade da qual

essa visão marxista é uma mera paródia, eles poderão encontrar um caminho para celebrar a beleza sem cair no panteísmo ou no cinismo. Isso exigirá o cultivo de uma imaginação alimentada pela reflexão e oração ao pé da cruz e diante do túmulo vazio; uma imaginação que discernirá os mistérios do julgamento de Deus sobre o mal, mas também a reafirmação de Deus, por meio da ressurreição, de sua bela criação. A arte, em sua melhor forma, chama a atenção não apenas para como as coisas são, mas também para como as coisas serão, quando a terra estiver cheia do conhecimento de Deus como as águas cobrem o mar. Essa esperança continua a ser surpreendente, e talvez os artistas sejam os mais capacitados a transmitir tanto a esperança quanto a surpresa. ■

— *Surprised by hope*, p. 224-5

A bela lógica da missão de Deus

O que podemos e devemos fazer no presente, uma vez que somos obedientes ao evangelho, estamos seguindo a Jesus e se somos habitados, energizados e dirigidos pelo Espírito, é construir *para* o reino. Isso nos traz de volta a 1Coríntios 15:58: o que você faz no Senhor *não é em vão*. Você não está lubrificando as rodas de uma máquina prestes a cair de um penhasco. Você não está restaurando uma grande pintura que será lançada no fogo em seguida. Você não está plantando rosas em um jardim prestes a ser destruído para se tornar um canteiro de obras. Você está — por mais estranho que possa parecer, quase tão difícil de acreditar quanto a própria ressurreição — realizando algo que, no devido tempo, se tornará parte do novo mundo de Deus.

Cada ato de amor, gratidão e bondade; cada obra de arte ou música inspirada pelo amor de Deus e deleite na beleza de sua criação; cada minuto gasto ensinando uma criança deficiente a ler ou a andar; cada

ato de cuidado e nutrição, de conforto e apoio, para os seres humanos e para as criaturas não humanas; e, é claro, cada oração e ensino guiado pelo Espírito, cada ação que espalha o evangelho, edifica a igreja, abraça e incorpora santidade em lugar da corrupção, e faz o nome de Jesus honrado no mundo — tudo será preservado e encontrará seu lugar, através do poder ressuscitador de Deus, na nova criação que Deus um dia fará.

Essa é a lógica da missão de Deus. A recriação do mundo operada por Deus, que começou com a ressurreição de Jesus e continua misteriosamente enquanto o povo de Deus vive no Cristo ressuscitado e no poder de seu Espírito, significa que o que fazemos em Cristo e pelo Espírito no presente não é vão; antes, será aperfeiçoado e durará todo o caminho até o novo mundo de Deus. ■

— *Surprised by hope*, p. 208-9

A visão panorâmica de Efésios

De onde me assento, posso ver dezenas de fotografias, misturadas entre pilhas de livros e papéis, copos de café e castiçais. Muitas delas são fotos pequenas, particulares: membros da família, recordações de férias, um pônei branco à beira do mar, uma cidade no horizonte. Existe até mesmo uma foto da minha esposa tirando uma foto do papa (nem me fale!).

Na sala ao lado, fora de vista, mas nítida na memória, há uma moldura contendo catorze fotografias, cortadas e juntadas para formarem um panorama completo. As fotos foram tiradas durante uma viagem de férias na Suíça, no cume de uma montanha chamada Schynige Platte, no Oberland Bernês. A câmera completou um círculo completo, de modo que a extremidade esquerda do panorama realmente se une à

extremidade direita. No centro, localizam-se os grandes picos: o Eiger, o Mönch e o glorioso Jungfrau. As fotos também mostram montanhas menores ao redor, mas ainda assim dramáticas, enormes e cobertas de neve, banhadas pela luz do sol de verão.

A imagem panorâmica é completamente diferente quando comparada às fotografias que estão diante de mim, embora inclua elementos familiares de fotos menores: um membro da família, cenas de férias, animais pastando (no caso, vacas) e até mesmo, de longe, uma pequena cidade. Todas estão agora em um único molde; por isso, têm um significado ainda maior, e apenas com um olhar, você consegue captar todo um mundo.

O mesmo se dá com Efésios. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 328

Beleza suprema

A grande visão no final do livro de Apocalipse é uma visão da beleza suprema. A palavra *beleza* não ocorre muito na Bíblia, mas a celebração da criação desde o Gênesis, passando pelos Salmos e Profetas, até os Evangelhos e então aqui no Apocalipse, deve nos alertar para o fato de que, embora o povo judeu antigo não teorizasse sobre a beleza como os gregos faziam (isso é outra história, e, embora seja fascinante, não é para hoje), eles sabiam muito sobre a beleza e derramaram sua rica sensibilidade estética não apenas na poesia, mas também em um edifício em particular: o Templo em Jerusalém, cuja beleza lendária inspirou poetas, músicos e dançarinos. Esse é o Templo onde a glória de YHWH é vislumbrada, não como algo *separado* do mundo, mas como antecipação do que é prometido para o mundo inteiro. Na grande visão de João, o Templo desapareceu porque toda a cidade se tornou um templo; o

objetivo da cidade não é que ela seja um lugar de refúgio de um mundo perverso, mas que sua nova vida seja derramada em todo o mundo, para restaurá-lo e curá-lo.

Infelizmente, os versículos de 15 a 21 de Apocalipse 21 são frequentemente omitidos na leitura pública, presumivelmente porque aqueles que compõem os lecionários supõem que esses versículos sejam chatos e repetitivos. Mas em passagens como essa vemos, com o olhar do visionário apocalíptico, a beleza espantosamente poderosa da nova criação de Deus, beleza esta que deve servir de inspiração para artistas e, através de suas obras, para todos nós à medida que buscamos viver de uma forma que aponte para a nova criação, mesmo enquanto ainda vivemos na velha. João escreve que a cidade dourada – perfeitamente harmoniosa e proporcional, igual em comprimento e largura e até, notavelmente, altura, – tem a glória de Deus e um brilho como uma joia muito rara, como o jaspe, claro como cristal. A muralha é construída de jaspe, enquanto a cidade em si é de ouro puro, clara como vidro. As fundações são adornadas com joias: jaspe, safira, ágata, esmeralda, ônix, cornalina, crisólito, berilo, topázio, crisoprásio, jacinto e ametista. Os doze portões são doze pérolas, enquanto as ruas da cidade são de ouro puro, transparentes como vidro. Confesso que meu conhecimento de joias é tão pobre que não consigo vislumbrar de imediato essas bases brilhantes, mas sei que quem escreveu essa passagem se deleitou com elas e quis que os leitores fizessem o mesmo, saboreando-as uma a uma em seu esplendor combinado. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 203-4

ASCENSÃO

Por tudo isso, e porque ouvi dizer que vocês são leais e fiéis ao mestre Jesus, e que mostram amor a todo o povo santo de Deus, nunca deixei de dar graças por vocês enquanto me lembrava de vocês em minhas orações. Oro para que o Deus do rei Jesus, nosso Senhor, o pai da glória, lhes dê em seu espírito o dom de serem sábios, de verem as coisas que normalmente as pessoas não conseguem ver, porque vocês o estão conhecendo e abrindo os olhos de seu íntimo para a luz de Deus. Então, vocês saberão exatamente qual é a esperança que acompanha o chamado de Deus; conhecerão a riqueza da glória de sua herança em seu povo santo; e saberão a extraordinária grandeza de seu poder para com aqueles que somos leais a ele na fé, de acordo com a operação de sua força e de seu poder.

Foi esse o poder que operou no rei quando Deus o levantou dos mortos e o fez sentar à sua direita nas regiões celestiais, acima de qualquer governo, autoridade, poder e senhorio, e acima de todo nome que seja mencionado, tanto nesta era como na vindoura. Sim, Deus "colocou todas as coisas debaixo de seus pés", e o deu à igreja como cabeça sobre todos. A igreja é seu corpo, a plenitude daquele que supre tudo em todos com abundância. ■

— Efésios 1:15-23, *The Kingdom New Testament*, p. 392

Repensando o significado do céu

Se a Páscoa diz respeito a Jesus como *protótipo* da nova criação, sua ascensão diz respeito à sua *entronização* como aquele que está agora no comando. A Páscoa nos diz que o próprio Jesus é parte da nova criação; sua ascensão nos diz que agora é ele quem a administra.

Mais uma vez, você só pode entender a ascensão se tirar da mente a ideia de "céu" com a qual começou, concebendo, antes, uma imagem mais bíblica. Hoje, para a maior parte das pessoas, "céu" é uma localização totalmente diferente do mundo onde vivemos. É atemporal, não físico, imaterial (pessoas às vezes dizem "espiritual" neste ponto, mas essa é uma descaracterização da forma que os primeiros cristãos pensavam e falavam. Para eles, "espiritual" dizia respeito à obra do Espírito de Deus, cujo trabalho definitivamente acontecia no mundo de espaço, tempo e matéria). Assim, quando Lucas nos conta a história de Jesus subindo ao céu em uma nuvem, quarenta dias após sua ressurreição, e quando Paulo escreve sobre Jesus sendo "exaltado" aos céus (p. ex., Filipenses 2:9-11), precisamente aquilo que *não* devemos pensar é que, depois da morte, Jesus "vai para o céu" no sentido normal que a frase é entendida no contexto moderno. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 242-3

A presença e a soberania universais de Jesus

É verdade que tanto no Credo Niceno, quanto no Credo Apostólico, Jesus é retratado, por meio da sua ascensão, como aquele que "assentou-se à direita do Pai". No pensamento judaico antigo, com ecos de Daniel

7, isso só poderia significar que, daquele momento em diante, Jesus seria o braço direito do Pai, tendo o mundo todo como sua responsabilidade. No entanto, em nossos dias, "ascensão" é só outra forma de dizer que Jesus "foi para o céu depois de morrer". Falar dele "assentando-se à direita do Pai" tornou-se simplesmente uma forma elegante, talvez até mesmo extravagante, de dizer que "ele entrou em uma posição esplêndida e muito gloriosa". Talvez por nosso constrangimento com o sentido literalista de retratar Jesus voando como um astronauta em direção a um "céu" localizado poucos quilômetros acima do nosso universo, fomos seduzidos a ignorar o sentido real de "céu" (não um lugar em nosso universo, mas o lugar de Deus, intersectado com nosso mundo de diversas maneiras) e da própria ascensão, cujo significado diz respeito à soberania de Jesus como agente reconhecido e designado pelo Pai. Por consequência, entendemos a ascensão em termos vagos de glória sobrenatural em vez de entendê-la nos termos precisos (como em Mateus 28:18; Atos 1:6-11) da autoridade de Jesus sobre o mundo. De fato, a ascensão, para muitas pessoas, sugere a ausência de Jesus, não sua presença e soberania universais. E dessa vez não são apenas Mateus, Marcos, Lucas e João que levantam objeções; são também Paulo, Hebreus e Apocalipse. Todos eles pensam que Jesus já está no comando do mundo. (Veja, por exemplo, 1Coríntios 15:20-28; Hebreus 2:5-9; Apocalipse 5:6-14.) Era isso que eles entendiam por "reino de Deus". ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 34

4 COISAS SOBRE A ASCENSÃO

1. O ENCONTRO ENTRE CÉUS E TERRA

Há quatro coisas de que devemos nos lembrar sobre a ascensão. Cada qual contribui para o seu significado no contexto da história que temos contado. A primeira é que, para recapitular, céus e terra não estão muito distantes um do outro. Seu propósito é a intersecção e, por fim, a união de uma esfera com a outra para sempre. A ideia toda por trás da identidade de Jesus era demonstrar que ele era um homem-templo ambulante; Jesus se tornou o lugar onde céus e terra se encontram, onde pessoas na terra passaram a ter contato com a vida e o poder do céu. Assim, para Jesus, "ir para o céu" não é uma questão de desaparecer no horizonte distante. Jesus é como alguém que tem dois lares. Ambas as casas estão uma do lado da outra e contêm uma porta que as conecta. Um dia, o muro de separação será derrubado e haverá uma única mistura gloriosa de céu-e-terra.

O que a ilustração não capta satisfatoriamente é que céus e terra são diferentes *tipos de* espaços. Não são realidades meramente contíguas, como uma casa ao lado da outra. Os céus permeiam a terra. Se Jesus está agora nos "céus", está presente em cada lugar da terra. Caso tivesse permanecido na terra, ele não poderia estar presente em qualquer lugar além daquele em que já estava. A ascensão permite-lhe estar presente em todo lugar. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 243

2. Um novo rei no trono

A segunda, e mais importante para o nosso tema em geral, é que o céu é o lugar a partir do qual a terra é administrada. É o escritório do Diretor Executivo. Você pode observá-lo nas cenas dramáticas do livro de Daniel, onde este ou aquele rei pagão é advertido sobre "o Deus do

céu". Isso não quer dizer: "Ótimo, ele está seguro no céu, a uma longa distância; podemos fazer o que bem entendermos." Significa: "Deus está no lugar onde pode tomar decisões e dar ordens; cuidado, portanto, com a forma que vive!". É assim que, na história de Jesus, a longa narrativa que remonta ao batismo (e, particularmente em Lucas, ao seu nascimento) chega ao ponto culminante. Ele nasceu para ser rei do mundo, o rei que se sobreporia ao próprio César; foi batizado como Messias de Israel, que, em Salmos 2, governaria as nações; e agora está entronizado, estabelecido oficialmente em conformidade com o que já era em teoria. Juntamente com a ressurreição, a ascensão é parte do que Jesus tinha em mente ao falar aos seguidores sobre o "filho do homem vir com seu reino" e sobre como todos o veriam (Mateus 16:28). ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 243-4

3. A GRANDE INVERSÃO

Essa é, de fato, parte da ideia da descrição de Lucas sobre Jesus sendo "elevado", tendo sido encoberto por uma "nuvem" (Atos 1:9), o que nos leva ao terceiro ponto sobre a ascensão. Se, conforme enfatizei, "céus" e "terra" não estão distantes um do outro, mas na verdade se encontram e se fundem em Jesus, por que o movimento vertical? Nesse contexto, devemos permanecer de mente aberta sobre o quanto Lucas pretende que sua descrição seja um relato literal de uma realidade concreta e o quanto pretende, em primeiro lugar, evocar a famosa passagem de Daniel 7:13, na qual "alguém semelhante a um filho de homem" vem sobre as nuvens do céu para ser apresentado perante e entronizado ao lado daquele que é chamado de "Ancião de Dias".

O que quero dizer é o seguinte: Lucas certamente quer que pensemos em Daniel 7, em todo seu significado político. Esse é o momento em que

o representante de Israel é instalado como verdadeiro governante mundial, com todas as nações pagãs beligerantes sujeitas a ele. O quanto Lucas deseja que pensemos sobre um acontecimento físico e literal é difícil dizer. Não há problema algum, até onde vejo, quanto à ascensão ter sido um acontecimento físico; segundo alguns sugeriram, talvez o movimento para cima seja a melhor forma de indicar a partida de uma esfera a fim de alcançar outra. No entanto, nem os antigos judeus nem os primeiros cristãos criam que o "céu" estava localizado em nosso *continuum* atual de espaço e matéria, uma localização situada a certa distância do nosso mundo e capaz de ser alcançada por uma forma primitiva de viagem espacial. Afinal, atingimos, neste ponto, os limites da visão de mundo, da linguagem, de todo pensamento humano. Não devemos esperar ser capazes de colocar uma história como essa em categorias contemporâneas simples. Melhor ficarmos com o terceiro ponto sobre a ascensão, isto é, de que é o cumprimento de Daniel 7. Essa é a grande inversão, o momento quando Deus recebe aquele que sofreu como representante de Israel nas mãos dos monstros e, agora, deve exercer juízo sobre eles. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 244-5

4. Jesus se opõe a César radicalmente

Isso nos leva ao quarto e último ponto sobre a ascensão. Qualquer pessoa que lesse o relato de Lucas no início de Atos e já estivesse familiarizado com o mundo do Império Romano perceberia o que está acontecendo. Após a morte de Júlio César, alguns juraram ter visto sua alma ascender ao céu. Augusto, filho adotivo de César, imediatamente

declarou Júlio como, portanto, um deus; o que significava que ele, Augusto, era agora "filho de deus". Colocando de modo sutil, tratava-se de uma vantagem política considerável. Após a morte de Augusto, o processo se repetiu diversas vezes, embora não entre todos os seus sucessores.

A história de Lucas não é uma cópia exata dessa tradição. Afinal, Lucas, como todos os primeiros cristãos, era monoteísta. Não faz sentido pensar que Lucas desejava adicionar mais um deus à coleção já presente "no céu". E o próprio Jesus é "filho de Deus" em um sentido que levaria diversas gerações de pensadores para explorar plenamente. Todavia, o paralelo é próximo o suficiente para fazer qualquer leitor do mundo romano perceber o que está acontecendo. Jesus está se sobrepondo drasticamente a César. Na verdade, se pensarmos na história como o contexto modelador da abertura de Atos, acabamos por entender o recado, já que, no contexto de fechamento, Paulo está em Roma, debaixo do nariz de César, anunciando Deus como rei e Jesus como Senhor "com toda ousadia, sem que ninguém o impedisse" (cf. Atos 28:31). O livro inteiro é a história de como Jesus, exercendo seu poder como Diretor Executivo de terra e céu, envia seguidores como embaixadores para tornarem seu reino uma realidade, culminando com o estranho paradoxo de Paulo em cadeias anunciando que o mundo romano tinha um novo imperador. De fato, é esse paradoxo que dá o tom para todo o trabalho do reino no tempo presente, conforme veremos mais uma vez. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 245-6

O céu como espaço de Deus, não sua localização

"Deus está no céu", diz um dos escritores bíblicos mais obstinados, "e você está na terra; sejam poucas as suas palavras" (Eclesiastes 5:2). Para aqueles de nós que trabalham escrevendo e falando, isso é uma palavra de cautela, mas também destaca o que a tradição bíblica sempre insistiu: se pensarmos em Deus "vivendo" em qualquer lugar, esse lugar é conhecido como "céu".

Dois mal-entendidos precisam ser esclarecidos imediatamente. Primeiro, ao contrário do que alguns teólogos posteriores parecem ter imaginado, os antigos escritores bíblicos não supunham que, se pudessem viajar no espaço, eventualmente teriam chegado ao lugar onde Deus vivia. É verdade que a palavra "céu" em hebraico e grego pode significar, efetivamente, o céu como espaço físico acima da terra; mas os escritores bíblicos parecem ter muito mais facilidade do que a maioria dos leitores modernos em sustentar tanto esse primeiro significado (um local dentro do mundo do espaço, tempo e matéria) quanto o significado regular da palavra como "morada de Deus" — isto é, um tipo completamente diferente de "local". "Céu", neste último sentido bíblico muito comum, é o espaço de Deus *em oposição* ao nosso espaço, não a localização de Deus *dentro* do nosso universo espaço-tempo. A questão é então se o espaço de Deus e o nosso espaço se cruzam; e, se sim, como, quando e onde.

O segundo mal-entendido ocorre porque a palavra "céu" é usada frequentemente, mas de forma enganosa, para significar "o lugar onde o povo de Deus habitará com ele, em felicidade, depois de morrer". Por isso, o termo passou a ser interpretado como um destino, um lugar de descanso final para as almas dos bem-aventurados; e, como tal, tem sido regularmente emparelhado com seu suposto oposto, o "inferno". Entretanto, "céu" tem esse significado não porque, nas primeiras

tradições cristãs, fosse o destino final dos remidos, mas porque a palavra oferece uma maneira de falar sobre onde Deus sempre está, de modo que a promessa feita de "ir para o céu" quer dizer basicamente "estar com Deus no lugar onde ele sempre esteve". Assim, o "céu" não é apenas uma realidade futura, mas uma realidade presente. E então nos deparamos com a mesma pergunta de antes, a partir de um ângulo diferente: como esse "lugar", esse "local" (eu uso aspas porque não estou me referindo a um lugar ou localização dentro de nosso mundo de espaço, tempo e matéria) interage com o nosso mundo, se é que interage?

Na Bíblia, nosso mundo é chamado "terra". Assim como "céu" pode se referir ao céu como espaço físico acima da terra, mas muito comumente se refere à dimensão da realidade de Deus em oposição à nossa, também a palavra "terra" pode se referir ao solo real sob nossos pés, mas também se refere frequentemente, como na citação de Eclesiastes acima, ao nosso espaço, nossa dimensão da realidade, em oposição à de Deus. "Os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele deu aos homens" (Salmos 115:16). Assim, embora a Bíblia fale de lugares "debaixo da terra", além do próprio céu e da terra, o par normal é aquele que encontramos na primeira linha da Bíblia: "No princípio Deus criou os céus e a terra". ■

— *Simply Christian*, p. 58-60

"Todo poder me foi dado nos céus e na terra"

Podemos resumir tudo da seguinte maneira: vivemos no período do governo soberano de Jesus sobre o mundo — reinado que ainda não foi completado, visto que, como Paulo diz em 1Coríntios 15:20-28, Jesus

deve reinar até "colocar todos os seus inimigos debaixo dos seus pés", incluindo a morte. No entanto, Paulo é claro de que não devemos esperar até a segunda vinda para dizer que Jesus já está reinando. De fato, Paulo diz nessa passagem algo que, de outra maneira, não teríamos descoberto: em sua forma atual, o reinado de Jesus é estritamente temporário. Deus Pai instalou Jesus no poder; mas quando a tarefa do Messias for cumprida, "o próprio filho será colocado [...] debaixo daquele que coloca todas as coisas em ordem debaixo dele", o Deus Pai, "de modo que Deus possa ser tudo em todos". Não penso que Paulo teria tido qualquer problema com a declaração do Credo Niceno de que o reino de Jesus "jamais terá fim". Afinal, é o que o livro de Apocalipse declara, página após página. Todavia, enfatizo esse ponto em 1Coríntios por elucidar que o reinado de Jesus, o Messias, pertence à era presente.

Ao tentar entender o presente reinado de Jesus, porém, vimos duas vertentes aparentemente diferentes. Por um lado, vimos que todos os poderes e autoridades do universo agora estão, em um sentido ou em outro, sujeitos a Jesus. Isso não significa que eles fazem tudo o que Jesus quer o tempo todo, apenas que Jesus intenciona que existam estruturas sociais e políticas de governo. Ele mesmo ressaltou a Pilatos que a autoridade do governador romano sobre ele vinha "do alto" (João 19:11). Uma vez que isso foi dito, não podemos deixar de reconhecer — por mais paradoxal que seja para nós que vemos as coisas em preto e branco! — a dádiva divina de estruturas de autoridade, mesmo quando são tirânicas e violentas. Parte do que dizemos ao afirmar que uma estrutura é dada por Deus é também que Deus lhes exigirá prestação de contas. Treinamo-nos a pensar em legitimidade política apenas da perspectiva do método ou do modo de nomeação (p. ex., se você ganha uma eleição). Antigos judeus e primeiros cristãos estavam mais

interessados em responsabilizar governantes com respeito ao uso que faziam da autoridade que lhes fora dada. Deus quer governantes, porém eles terão de lhe prestar contas. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 285-6

Como a soberania de Jesus é colocada em prática

Hoje, Jesus governa o mundo não apenas por meio de um povo "comportado", mantendo um código de ética e evolvendo-se em certas práticas espirituais, por mais importantes que sejam. As bem-aventuranças representam muito mais do que uma "nova regra de vida", como se pudéssemos praticá-las no particular, distantes do mundo. Jesus governa o mundo por intermédio daqueles que lançam novas iniciativas, que mudam drasticamente a forma padrão de fazer as coisas: projetos de jubileu para redimir dívidas absurdas e impagáveis; fundos de moradia, fornecendo acomodação para famílias de baixa renda ou desabrigadas; projetos agrícolas locais e sustentáveis que cuidam da criação em vez de destruí-la na expectativa de um lucro rápido, e assim por diante. Domesticamos a ideia cristã de "boas obras", de modo que se tornaram apenas "a observância de mandamentos éticos". No Novo Testamento, "boas obras" são o que cristãos deveriam fazer para a comunidade em geral. *É assim que a soberania de Jesus é posta em prática*.

Como as coisas se parecem, então, quando Jesus é entronizado? Assemelham-se com novos projetos que fazem o que a grande canção da mãe de Jesus anunciou: abatem os poderosos de seu trono, exaltam o humilde e o manso, cumprem promessas antigas, mas despedem o rico

de mãos vazias. Por muitos séculos, a igreja progrediu no mundo ao exercer esse tipo de papel. Agora que em muitos países o "Estado" assumiu responsabilidade por muitas delas (é parte do que eu quero dizer ao falar que o Estado, principalmente nas democracias ocidentais, tornou-se "eclesial", um tipo de sombra secular da igreja), a igreja corre o perigo de se esquecer de que essa é sua função principal. Jesus andou por toda parte alimentando o faminto, curando o enfermo, resgatando a ovelha perdida; seu Corpo deve fazer o mesmo. É assim que o seu reino trabalha, como ele trabalha. Atos começa dizendo que no primeiro livro (i.e., o Evangelho de Lucas) o escritor descreve "tudo que Jesus começou a fazer e a ensinar" (Atos 1:1). A insinuação é clara. A história de Atos, mesmo após a ascensão de Jesus, corresponde ao que Jesus continuou a fazer e a ensinar. E a forma que ele agiu e ensinou foi por intermédio de seus seguidores. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 273-4

O CUMPRIMENTO DE UM SONHO

O principal exemplo de um movimento que unia os temas do reino de Deus e do reino messiânico foi, de fato, o do próprio Jesus. Poucos anos após sua morte, os primeiros seguidores de Jesus de Nazaré falavam e escreviam a seu respeito — e de fato o celebravam — não apenas como grande mestre e benfeitor, não apenas como um grande líder espiritual e homem santo, mas como uma estranha combinação: como rei davídico e, *ao mesmo tempo*, como o Deus que havia retornado. Jesus era, segundo os primeiros cristãos, o ungido, aquele que havia sido equipado e capacitado pelo Espírito de Deus para fazer todo o tipo de coisas, aquele que, de alguma forma, era o ungido de Deus, o Messias, o rei que

havia de vir. Jesus era aquele que havia sido exaltado após o seu sofrimento e, agora, ocupava o trono ao lado de Deus.

Entretanto, eles também criam que Jesus havia, desse modo, cumprido os sonhos daqueles cujo anseio era que Deus, e somente Deus, fosse rei. Segundo criam, Jesus viveu e trabalhou no contexto da mesma história de outros supostos reis da época. Contudo, ele transformou a história ao redor de si mesmo. Os primeiros cristãos criam que, em Jesus, o próprio Deus se tornara, de fato, rei. Jesus viera para assumir o controle e, agora, estava no trono do mundo inteiro. O sonho de um rei vindouro — do próprio Deus como rei que havia de vir para governar o mundo em justiça e paz — tornara-se, enfim, realidade. Uma vez que entramos no mundo da época e começamos a entender o que Jesus queria dizer pela palavra "Deus", começamos a entender também a reivindicação deslumbrante de que, agora, ele mesmo estava no comando. Jesus era aquele cujo domínio "é um domínio eterno" (Daniel 7:14), cujo reinado jamais será destruído.

Tal reivindicação jamais pode ser, em termos atuais e antigos, meramente "religiosa". Ela envolve tudo, desde poder e política até cultura e família. Abrange significados "religiosos", incluindo espiritualidade e transformação pessoal, bem como significados filosóficos, incluindo ética e cosmovisão. Todavia, a reivindicação posiciona tudo isso no contexto de uma visão mais ampla, que pode ser declarada de modo um tanto simples: agora, em Jesus e por intermédio dele, Deus está no comando. É essa visão que explica aquilo que Jesus fez e disse e o que lhe resultou por consequência, a mesma visão que, por sua vez, explica as palavras e os feitos dos discípulos e o que lhes sucedeu. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 79-80

Construindo para o reino de Jesus

Jesus, contudo, está trabalhando de todas as maneiras também por intermédio da igreja. Devemos ser, como Paulo diz, "renovados à imagem do criador" (Colossenses 3:10) — isto é, renovados pela adoração de Deus e do Cordeiro, de modo que podemos servir como "reis e sacerdotes", colocando em prática o governo de Jesus no mundo e conclamando o louvor da criação perante ele. É com isso que se assemelha, hoje, o governo de Jesus sobre o mundo; isso é, afinal, o que ele nos ordenou esperar. O pobre de espírito fará o reino dos céus acontecer. O manso herdará a terra, tão gentilmente que o poderoso não perceberá senão quando for tarde demais. O pacificador falirá o negócio do fabricante de armas. Aquele que tem fome e sede da justiça de Deus analisará políticas governamentais e decisões judiciais, falando em prol dos que se encontram no fundo do poço. O misericordioso surpreenderá todo mundo ao mostrar que, em vez de criticar e rebaixar, há uma forma diferente de cultivar relações humanas. "Vocês são a luz do mundo", Jesus disse. "Vocês são o sal da terra". Ele estava anunciando um programa ainda não concluído, convidando ouvintes, em sua época e agora, a se juntarem a ele para fazê-lo acontecer. Colocando-o de forma simples, é com isso que as coisas se assemelham quando Jesus é entronizado. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 288

A fé cristã da perspectiva da ascensão

Se a igreja confunde suas estruturas, sua liderança, sua liturgia, seus edifícios ou qualquer outra coisa com seu Senhor — e é isso que acontece se você ignorar a ascensão ou transformá-la em apenas outra maneira de falar sobre o Espírito — o que você ganha? Por um lado, ganha o que Shakespeare chamou de "insolência do cargo" e, por outro, o desespero do final da meia-idade, à medida que as pessoas percebem que algo está errado (vejo isso com muita frequência entre aqueles que abraçaram fortemente o pacote do racionalismo dos anos 1950 e 1960). Somente quando entendemos de forma clara que a igreja *não* é Jesus e Jesus *não* é a igreja — em outras palavras, quando entendemos a verdade sobre a ascensão, que aquele que está, de fato, presente conosco por meio do Espírito é *também* o Senhor que está estranhamente ausente, estranhamente diferente e muito acima de nós, aquele que diz a Maria Madalena que não se apegasse a ele —, só então somos resgatados tanto do triunfalismo vazio quanto do desespero superficial.

Por outro lado, somente quando entendemos e celebramos o fato de que Jesus foi adiante de nós para o espaço de Deus, o novo mundo de Deus, e já está governando o mundo presente rebelde como seu legítimo Senhor e também intercedendo por nós à direita do Pai — quando compreendemos e celebramos, em outras palavras, o que a ascensão nos diz sobre a contínua obra *humana* de Jesus no presente — é que somos resgatados de uma visão errônea da história mundial e equipados para a tarefa de justiça no presente. Quando entendemos isso, somos também resgatados das tentativas de criar mediadores alternativos, e, em especial, uma alternativa mediadora, em seu lugar. Para que tenhamos uma visão adequada da igreja, dos sacramentos e do papel da mãe de Jesus, precisamos primeiro ter uma visão correta sobre a ascensão. ■

— *Surprised by hope*, p. 113

Desafiando as cosmologias contemporâneas

A ascensão diz respeito ao Jesus que permanece verdadeiramente humano e, portanto, em um sentido importante, ausente de nós, enquanto, em outro sentido igualmente importante, presente em nosso meio de uma nova maneira. Nesse ponto, o Espírito Santo e os sacramentos tornam-se enormemente importantes, pois são precisamente os meios pelos quais Jesus está presente. Muitas vezes, na igreja, temos sido tão entusiasmados em enfatizar a presença de Jesus por esses meios que deixamos de mencionar sua ausência simultânea, deixando as pessoas se perguntando, por assim dizer, "se isso é tudo". A resposta é "não, não é". O senhorio de Jesus, o fato de já haver um ser humano no comando do mundo, sua presente intercessão por nós — tudo isso está além e acima de sua presença conosco. Está até mesmo acima e além de nossa *percepção* dessa presença, que, é claro, vem e vai com nossos próprios humores e circunstâncias.

Agora, uma coisa é dizer tudo isso, mostrar como isso se encaixa e nos liberta de alguns dos absurdos em que, de outra forma, cairíamos; outra bem diferente é ser capaz de vislumbrar ou imaginar tudo isso, saber do que realmente estamos falando quando falamos que Jesus ainda é humano, um ser humano *encarnado* — na verdade, um humano mais *genuinamente encarnado* do que nós —, mas ausente deste mundo presente. O que precisamos é de uma cosmologia nova e melhor, uma nova e melhor maneira de pensar sobre o mundo, diferente da visão que nossa cultura pós-iluminista nos legou. ■

— *Surprised by hope*, p. 114-5

Poder

Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se dele.

"Mestre", disseram, "queremos que nos conceda qualquer coisa que pedirmos".

"O que querem que eu lhes faça?", perguntou-lhes Jesus.

"Conceda-nos", disseram eles, "que, quando o senhor estiver em toda a sua glória, um de nós se assente à sua direita, e o outro à sua esquerda".

"Vocês não sabem o que estão pedindo!", retrucou Jesus. "Podem beber o cálice que beberei? Podem receber o batismo que receberei?"

"Sim", responderam eles, "podemos".

"Bem", disse Jesus, "vocês beberão o cálice que eu bebo; vão receber o batismo que eu recebo. Mas sentarem-se à minha direita e à minha esquerda — isso não é comigo. Já foi determinado".

Quando os outros discípulos ouviram, ficaram indignados com Tiago e João.

Jesus os chamou até ele.

"Vocês sabem como é nas nações pagãs", disse ele. "Pensem em como os chamados soberanos agem. Eles dominam seus súditos. Os superiores e poderosos mandam no restante do mundo. Mas não deve ser assim com vocês. Quem quiser ser grande entre vocês deve tornar-se seu servo. Quem quiser ser o primeiro deve ser escravo de todos. Percebem? O filho do homem não veio para ser servido. Ele veio para ser o servo, para dar sua vida 'em resgate por muitos'." ■

— Marcos 10:35-45, *The Kingdom New Testament*, p. 88-9

O poder do rei crucificado

A diferença entre os reinos do mundo e o reino de Deus está exatamente nisto: o reino de Deus vem através da morte e ressurreição de seu Filho, não através de exibições poderosas de força bruta ou riqueza. ■

— *Surprised by hope*, p. 245

A história do amor de Deus

O reino é radicalmente definido em relação a todo o programa de sofrimento de Jesus, incluindo a sua morte, o que anula qualquer sugestão simplória de triunfalismo. Como no livro de Apocalipse, vitória e soberania pertencem ao Cordeiro que foi morto — porém, essa morte não foi simplesmente um acontecimento único e infeliz, substituído agora pelos seguidores do Cordeiro que, armando-se, desejam trazer seu reino pelos métodos de Herodes ou Pilatos. Aqueles que desejam implementar o reino de Jesus estão tão propensos a se esquecer disso quanto Pedro e os demais, os quais tentaram dissuadi-lo de sua insistência no sofrimento e na morte vocacional, que eram aspectos centrais da forma que ele interpretava sua messianidade, e o empurrando para a visão de um reino muito mais parecido com os reinos deste mundo.

O paradoxo continua, e aqueles que se envolvem mais diretamente com a obra do reino sabem que os poderes das trevas que confrontam são cruéis, maléficos e sujos. Martírio de um tipo ou de outro, sofrimento de um tipo ou de outro, isso deve ser esperado pelos que trazem o reino. Eis, por acaso, a resposta cristã para o desafio pós-

moderno. Nossa "grande história" não é uma história de poder. Nosso propósito não é obter dinheiro, sexo ou poder para nós mesmos, embora essas tentações estejam sempre à espreita. A história cristã é uma história de amor, operando por meio de Jesus e, então, pelo Espírito, por meio dos seguidores de Jesus. Essa é a edificação da igreja contra a qual os poderes do inferno e, a propósito, a desconstrução não podem prevalecer. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 253

O dom do poder para a criação

Os seres humanos recebem poder na primeira página da Bíblia. Em Gênesis 1, diversas características do mundo recém-criado (a vegetação, os pássaros e os animais) recebem instruções para se multiplicar, florescer, continuar sendo eles mesmos e propagar sua própria espécie. No entanto, quando os seres humanos são criados, há uma dimensão extra. Também são recomendados a serem frutíferos e a se multiplicarem (1:28); contudo, recebem uma vocação fascinante e responsável: "domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os rebanhos, e sobre todos os animais selvagens da terra, e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra" (1:26,28). Em outras palavras, o poder vem de Deus e é dado aos seres humanos. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 172

O domínio da humildade e da obediência

No que concerne aos próprios reis, um salmo em específico apresenta uma visão majestosa das maneiras pelas quais o "domínio" deveria ser

exercido:

> Reveste da tua justiça o rei, ó Deus, e o filho do rei, da tua retidão, para que ele julgue com retidão e com justiça os teus que sofrem opressão [...] Governe ele de mar a mar e desde o rio Eufrates até os confins da terra [...] Pois ele liberta os pobres que pedem socorro, os oprimidos que não têm quem os ajude. Ele se compadece dos fracos e dos pobres, e os salva da morte. Ele os resgata da opressão e da violência, pois aos seus olhos a vida deles é preciosa (Salmos 72:1,2,8,12-14, NVI).

É para isso que serve o "domínio" que, como sabemos, pode ser facilmente explorado em proveito próprio. As histórias das monarquias, incluindo as antigas monarquias hebraicas, são cheias de tais abusos, mas há um verdadeiro motivo pelo qual os governantes podem e devem ser lembrados. Deus deseja que seu mundo seja governado sabiamente por seres humanos humildes e obedientes em todas as esferas, por homens que confiarão no julgamento e na sabedoria de Deus e os aplicarão em suas comunidades para trazer cura e esperança aos mais necessitados. O salmo termina com a promessa suprema: sob o governo desse rei, a glória de Deus enche toda a terra (72:19). ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 174

O poder de Jesus não é "deste mundo", mas certamente é para ele

A frase crucial é a seguinte: *meu reino não é do tipo que floresce neste mundo*. Existem dois tipos de reinos, dois tipos de poder. As traduções antigas, como a versão King James, passavam muitas vezes para os leitores a ideia errada ao traduzir a frase como "o meu reino não é deste mundo". Em uma cultura que deseja positivamente que a mensagem de

Jesus não tenha nenhuma relação com "poder", isso soa como se ele estivesse dizendo: "o objetivo do meu reino é ir para o céu". Assim, por gentileza, não se preocupe com nada que seja "mundano".

Todavia, não é isso que a expressão diz no idioma original. O reino de Jesus não é "deste mundo", mas certamente é *para* este mundo. Essa é a aplicação direta da frase na Oração do Senhor, que diz: "que teu reino venha a nós [...] tanto na terra como no céu". O reino vem do céu, mas foi projetado para ter efeito na terra. Ele é realmente planejado para ser o verdadeiro tipo de poder real de que Salmos 72 trata, o qual é verdadeiramente um indicador da realidade de Deus e da verdade sobre o mundo, por mais que esse sinal tenha sido prejudicado ao longo do caminho. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 182-3

O PODER DO AMOR SACRIFICIAL

O poder de Jesus funciona de outra forma, a saber, pelo sofrimento do amor daquele que dá a vida por seus amigos e que é levantado como a serpente no deserto para que todos possam vê-lo, acreditar nele e serem resgatados do domínio do outro poder, o poder das trevas; e o resgate máximo do poder das trevas é a ressurreição.

Quando Lázaro ainda estava incorrupto depois de quatro dias no túmulo e aparentemente esperava a ordem de Jesus para acordá-lo da morte, esse era o sinal de que suas preces anteriores haviam sido respondidas. Quando o próprio Jesus foi ressuscitado dentre os mortos no terceiro dia, esse foi o sinal de que a obra de resgate havia realmente sido "concretizada" e "concluída" ao morrer na cruz (João 19:30). A Páscoa declara, no poder (que faz parte do argumento, como Paulo afirma em Romanos 1:3-4), que "o governante deste mundo" foi mesmo

"expulso" e que agora é a hora de os gregos e de quaisquer pessoas — que desejarem fazê-lo — abandonarem seus ídolos inúteis e adorarem o Deus verdadeiro.

O poder comum e os reinos comuns do mundo têm a morte como arma principal. O reino de Deus e o poder que o acompanha são capazes de vencer a morte. O poder do Criador renova a própria criação. A ressurreição é a resposta máxima às perguntas de Pilatos e, com elas, ao problema do poder em si. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 188

Poder verdadeiro

No cerne do evangelho está uma redefinição de poder. Essa é uma das principais maneiras pelas quais os primeiros cristãos interpretaram a morte de Jesus. A razão pela qual a cruz carregava tal poder transformador, e ainda o carrega, é que ela encarnava, expressava e simbolizava o poder verdadeiro do qual todo poder terreno é uma mera imitação ou uma paródia corrupta. Não é como se o poder da forma que o conhecemos no mundo "real" fosse a "norma" e sua subversão cristã uma espécie de reviravolta bizarra que pode funcionar mesmo que não vejamos como. O evangelho de Jesus nos chama a crer que o poder autodoador do amor revelado na cruz é a coisa real, o poder que fez o mundo em primeiro lugar e agora o está refazendo; e que as outras formas de "poder", as formas corruptas e egoístas pelas quais o mundo é governado com tanta frequência — de impérios globais e empresas multimilionárias até salas de aula, famílias e gangues — são a distorção.

Observe que não estou sugerindo (como alguns fazem) que o poder em si seja algo ruim. Como tenho insistido ao longo deste livro e alhures, o Deus criador quer que seu mundo floresça e seja frutífero sob

a direção humana, e isso se aplica a comunidades e organizações humanas tanto quanto a fazendas, campos e jardins. Na Bíblia, a anarquia é o estado resultante quando a tirania desmorona sob seu próprio peso, deixando um vácuo perigoso para trás. ■

— *The day the revolution began*, p. 398-9

O PODER DA VULNERABILIDADE

Como tem sido fácil para quem vislumbrou a vocação humana usar esse poder dado por Deus no mundo para "brincar de Deus", esquecendo-se de que o Deus que deveriam imitar não é o Deus do poder nu e intimidador, e sim o do amor generoso e sociável, que compartilha o poder, opera por meio de seres humanos vulneráveis, que veio e exerceu seu poder salvador como um ser humano totalmente vulnerável, "homem de tristezas e familiarizado com o sofrimento", como a versão King James traduz Isaías 53:3.

Podem até dizer que o abuso de poder — o qual levou muitos em nossos dias a encará-lo não como um indicador da verdade sobre Deus e o mundo, mas como uma característica desagradável e lamentável de como o mundo realmente é (e talvez até como argumento contra a existência de Deus!) — anda de mãos dadas com um fracasso na igreja e no mundo ocidental no que se refere a entender a doutrina da própria Trindade. É por meio da verdade misteriosa que Deus, o Criador, sempre teve a intenção de entrar em sua criação, e, como ser humano, podemos realmente compreender do que se trata o poder. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 180

A AUTÊNTICA VOZ DA OPOSIÇÃO

O poder, no fim das contas, é com frequência brandido e exercido não por funcionários e políticos eleitos, mas por grupos de lobistas bem posicionados, de um lado, e pela mídia, de outro. Em sua defesa, dirão que seu papel — às vezes justificado teoricamente, mas na maior parte das vezes apenas silenciosamente pressuposto — é responsabilizar os funcionários eleitos (a mídia) e lembrá-los das reais necessidades e interesses de seus eleitores (os lobistas). Há de fato algo de verdadeiro nisso; porém, frequentemente esses papéis ficam quase completamente ofuscados por agendas pessoais não analisadas. Os grupos oficiais de oposição política às vezes fornecem uma crítica genuína, mas muitas vezes não. Os jornalistas às vezes o fazem, mas frequentemente simplesmente refletem suas próprias agendas igualmente distorcidas. Não devemos presumir que nossos sistemas são automaticamente os melhores que poderíamos ter. É aqui que aqueles que creem na vitória da cruz têm algo a dizer — literalmente. Como cristãos, nosso papel na sociedade não é cruzar os braços e não fazer nada diante da corrupção do poder, ou simplesmente escolher um candidato que apoie uma ou outra política supostamente cristã. O papel do cristão, como parte de proclamar o nome de Jesus crucificado e ressuscitado em território atualmente ocupado por ídolos, é *falar a verdade ao poder* e especialmente falar por aqueles que não têm poder algum. ■

— *The day the revolution began*, p. 400

O PODER DO AMOR

Quando Jesus morreu, os "poderes" perderam seu poder. Eles ainda podem se enfurecer e gritar, mas o poder de Jesus é mais forte. Seu poder é o poder — para dizer novamente — do *perdão*. O passado foi

apagado. Um novo mundo começou. Uma *revolução* começou, na qual o próprio poder é redefinido como o poder do amor. Através de suas muitas viagens, em vilas e cidades, em casas particulares e ruas públicas, em ambientes formais e informais, Paulo testemunhou que a mensagem do evangelho de Jesus, crucificado, ressuscitado e reinando, era "o poder de Deus trazendo salvação a todos os que creem" (Romanos 1:16). O reinado de Jesus crucificado só precisava ser anunciado para que se tornasse efetivo. Os poderes que mantinham as pessoas cativas eram impotentes para impedi-las de acreditar, para impedi-las de se tornar parte da nova criação de Deus. O evangelho era, e é, o anúncio poderoso de que o mundo tem um novo senhor e, portanto, agora todos são convocados a render-lhe fidelidade e fé.

A razão por que o evangelho carrega tal poder é que ele é a verdade: na cruz, Jesus realmente derrotou os poderes que mantinham o mundo cativo. Para os primeiros cristãos, a revolução de fato *aconteceu* na primeira Sexta-feira Santa. Os "principados e autoridades" realmente receberam seu golpe mortal. Isso não significa que, por causa disso, "estamos livres para escapar deste mundo e ir para o céu"; antes, que "Jesus agora é o Senhor deste mundo, e devemos viver sob seu senhorio e anunciar o seu reino". A revolução havia começado. E ela tinha que continuar. Os seguidores de Jesus não eram simplesmente seus beneficiários. Eles deveriam ser seus agentes.

O que significaria para a igreja hoje viver segundo a mesma crença? Em primeiro lugar, significaria reconhecer que os "poderes", embora derrotados na cruz, ainda são capazes de escravizar milhões de pessoas. Quando nós, no mundo ocidental, pensamos nessas forças, tendemos a pensar nas ideologias do século 20, principalmente o comunismo, que até 1989 tinha metade do mundo em suas garras e ainda controla

milhões de vidas. Muitos na África do Sul lembram-se, com calafrios, dos terríveis dias do *apartheid* e de como a segregação racial e a negação de liberdades básicas à grande parte da população não branca foram justificadas por argumentos aparentemente cristãos. Reflexões semelhantes continuam sendo apropriadas em partes dos Estados Unidos, onde as vitórias conquistadas pelo movimento dos direitos civis na década de 1960 parecem às vezes mais precárias do que se pensava. ■

— *The day the revolution began*, p. 391-2

Vitória e sofrimento

Através do sofrimento de Jesus, a vitória foi de fato conquistada, a revolução foi de fato inaugurada; agora, por meio do sofrimento de seu povo, será implementada, posta em prática efetivamente. É por isso que Paulo pôde escrever:

> Ao contrário, referimo-nos a nós mesmos como servos de Deus: com muita paciência, sofrimentos, dificuldades, necessidades, espancamentos, prisões, tumultos, trabalho pesado, noites sem dormir, com fome, com pureza, conhecimento, coração puro, bondade, o espírito santo, amor genuíno, falando a verdade pelo poder de Deus, com armas para o trabalho fiel de Deus tanto na mão direita como na esquerda, através da glória e da vergonha, através da calúnia e do reconhecimento; como enganadores, mas verdadeiros; como desconhecidos, porém bem conhecidos; como mortos, mas, vejam, estamos vivos; como castigados, porém não mortos; tristes, mas sempre celebrando; como pobres, mas sempre levando riquezas a muitos; não tendo nada, mas tendo tudo (2Coríntios 6:4-10).

Foi difícil para o público de Paulo entender isso. Eles viviam, como nós, em uma sociedade competitiva, onde todos se preocupavam em ter uma boa aparência, sucesso, impressionar os outros. A aparência surrada e desgrenhada de Paulo dificilmente era a de um líder de quem

se pudesse orgulhar. No entanto, Paulo os lembra de que este é o padrão do Messias, o padrão da cruz. Foi assim que a vitória foi conquistada. O próprio Jesus foi para o lugar de vergonha e humilhação. Foi assim que a revolução começou; é assim que será continuada no mundo. E é por isso que, para cada pessoa hoje que lê Sêneca, Plutarco ou Epiteto (entre os maiores filósofos da época de Paulo), há milhares que leem Paulo e encontram um poder vivificador em sua mensagem. É por isso que também para cada teólogo que se perde em definições abstratas de "expiação", há milhares que dirão, com Paulo: "O filho de Deus me amou e deu a si mesmo por mim" (Gálatas 2:20) — e que darão seguimento à obra de irradiar esse mesmo amor para o mundo.

Suspeito que essa mensagem sobre a necessidade do sofrimento não foi totalmente compreendida na igreja de hoje, especialmente nas confortáveis igrejas ocidentais às quais eu e muitos de meus leitores pertencemos. ■

— *The day the revolution began*, p. 366-7

"Quando eu sou fraco, então eu sou forte"

Um dos temas implícitos na Segunda Carta de Paulo aos Coríntios é o confronto de Paulo com os coríntios que pretendiam, digamos assim, "tornar o apostolado novamente grandioso". Ele discorda deles e os corrige. Embora ser um apóstolo de Jesus, o Messias crucificado, carregue consigo a noção de poder — o que é necessário para que a igreja não volte ao paganismo anárquico —, o poder em questão é mostrado pelo próprio Messias por meio da sua morte e ressurreição.

Ele ainda insiste no seguinte: “quando eu sou fraco, então eu sou forte” (2Coríntios 12:10).

A carta inteira oferece uma meditação longa sobre esse tema, aplicada com grande sutileza e compaixão. Suspeito que muitos em nossas igrejas, incluindo aqueles que se consideram cristãos “paulinos”, não estejam tão familiarizados com 2Coríntios, talvez novamente porque a igreja ocidental não tenta aprender sobre a questão do poder estudando a Bíblia. Porém, é tempo de o fazermos. Assim, a resposta bíblica inicial à pergunta sobre o poder é que ele certamente tem um lugar importante no propósito do Criador para o mundo, mas que (assim como a justiça, a liberdade e todo o resto) pode ser — e muitas vezes é — corrompido de forma que parece eliminar nele qualquer chance de ser um indicador da verdade máxima sobre Deus e o mundo. Contudo, a verdade é que o poder é realmente um indicador desse tipo, já que aponta para o fato de que o Criador pretendia, e ainda pretende, que seu mundo seja ordenado, não caótico; frutífero, e não esbanjador; e que o glorifique e não seja vergonhoso. E o projeto central que o criador Deus colocou em prática para realizar isso foi a delegação de seu poder aos seres humanos criados à sua imagem. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 177-8

A fraqueza de Deus é mais forte que a força humana

Os apóstolos não devem ser pessoas de grande posição na comunidade em geral. Apóstolos são como prisioneiros maltrapilhos no final de uma procissão triunfal, a caminho de uma morte vergonhosa, e isso é parte da questão, mas também a fonte do poder. Toda a seção de

abertura da carta diz respeito a poder, tema que obviamente preocupava Paulo quando pensava sobre a situação em Corinto e lidava com diversos níveis de poder em Éfeso. A tolice do evangelho acerca de um Messias crucificado é o poder de Deus; a fraqueza de Deus é mais forte que a força humana; a fé dos coríntios, conforme evocada pela pregação de Paulo, não se apoiava em sabedoria humana, mas no poder de Deus; e agora, dramaticamente e com certo tom alarmante de ameaça, "o Reino de Deus não é de palavras — é de poder". Paulo terá de usar esse "poder" para confrontar aqueles que, "arrogantes", gabam-se do próprio senso de dignidade e importância. ■

— *Paulo, uma biografia*, p. 281-2

Aprendendo o segredo escondido

Celebrando a vitória do Messias, Paulo chegou a um lugar bem diferente daquele descrito em 2Coríntios 1. Em uma das muitas alusões nesta carta aos grandes filósofos do seu tempo, Paulo declara que ser o homem do Messias produziu-lhe o "contentamento" visado por estoicos e epicureus:

> Não estou falando isso por sentir falta de alguma coisa, pois aprendi a me satisfazer com o que tenho. Sei o que é viver sentindo falta de algo, e também sei o que é viver com fartura. Em toda situação possível, tenho aprendido o segredo oculto de viver com fartura e com fome, de ter muito e passar necessidade, e isto eu sei: tenho força para tudo naquele que me dá o poder (Filipenses 4:11-13).

Ei-lo mais uma vez: *poder*. Mas "a qualidade extraordinária do poder pertence a Deus, não a nós", e Paulo o sabia agora. Sua meditação na vitória de Jesus, que nasceu de muitos anos de oração biblicamente

enraizada, ainda em processo de crescimento na escuridão do sofrimento e do desespero, trouxeram-no a um lugar novo. Todo poder é investido por Deus em Jesus, e qualquer poder que o seguidor de Jesus tem vem somente por meio do trabalho do Messias. ■

— *Paulo, uma biografia*, p. 312-3

Como Deus se torna rei hoje

Algumas coisas (como a crucificação) tinham de ser feitas pelo próprio Jesus, sozinho. Outras (como o ministério itinerante ao redor da Galileia) poderiam e deveriam ser compartilhadas. Deus e Jesus não compartilham sua obra escancarando um escape de toda oposição. Antes, fazem-no trabalhando de acordo com a engrenagem do universo, plantando sementes que crescem secretamente, chamando seres humanos como cocriadores. O reino de Deus vem como um fazendeiro que semeia uma nova safra, ou como o dono de uma vinha que busca por trabalhadores para colher uvas, acrescentando pessoas para o ajudarem. Quando Deus sai para trabalhar — quando Jesus se torna rei — seres humanos não são rebaixados, reduzidos a peões sem importância. No reino de Deus, o ser humano pode finalmente refletir sobre Deus vindo ao mundo, da maneira que deveria; refletir a Deus, por sua vez, faz alguém mais plenamente humano. É assim que Deus se torna rei; é assim que Jesus sai para o trabalho nos dias de hoje. Exatamente como sempre fez.

É por isso que Jesus responde aos discípulos da forma que faz, no início do livro de Atos (onde os deixamos no final do capítulo anterior). Os discípulos perguntam a Jesus se chegou o momento de o reino de Deus ser "restaurado a Israel". Jesus, respondendo de forma oblíqua,

como geralmente faz ao corrigir pressuposições de questionadores, dizlhes que eles devem se tornar suas "testemunhas":

> Então, quando os apóstolos se reuniram, expuseram esta questão a Jesus: "Mestre", disseram, "é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?" "Não é da conta de vocês saber os tempos ou as datas", respondeu ele. "O pai os estabeleceu por sua própria autoridade. Mas o que vai acontecer é que vocês receberão poder quando o espírito santo descer sobre vocês. Então, vocês serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e em Samaria, e até os confins da terra (Atos 1:6-8). ■
>
> — *Simplesmente Jesus*, p. 266-7

O poder de um povo que louva

Nossas tentativas de uma teologia política pendem ora para os equivalentes políticos do panteísmo (partindo do pressuposto de que as coisas devem funcionar de forma autônoma, isto é, pela operação automática de procedimentos adequados), ora para os do dualismo (partindo do pressuposto de que as coisas são tão ruins que a única solução é seu abandono, o recuo para a esfera particular ou uma revolta com vistas à mudança completa do sistema).

O livro de Salmos oferece uma perspectiva diferente: um povo de louvor que, a partir da celebração da bondade de Deus na criação e pela antecipação ávida de seu juízo vindouro e final, falam sua palavra e verdade aos que estão no poder, relembrando-os de que são responsáveis perante o Deus a quem um dia prestarão contas. ■

— *Salmos*, p. 137

Um reinado na terra como no céu

A erudição crítica dos últimos duzentos anos nasceu em um mundo (do Iluminismo europeu) no qual se dava grande importância à separação de religião e política. Depois, foi desenvolvida em um mundo (do luteranismo alemão) em que a teoria dos "dois reinos", que distinguia o reino da religião/fé do reino do Estado, foi praticamente gravada em pedra. Assim, por razões filosóficas, culturais e teológicas, a essência dos Evangelhos — a mensagem de Deus se tornando rei — permaneceu impenetrável. A história que os Evangelhos contam, de um Jesus que encarnou o Deus vivo de Israel e cujas cruz e ressurreição realmente inauguraram o reino desse Deus, continuou não apenas incompreensível, mas também inaudita.

Os autores do Novo Testamento fizeram o possível para que a mensagem fosse ouvida e entendida. Mateus cria que Jesus já o havia conquistado: "Foi-me dada", declara o Jesus de Mateus, "toda autoridade no céu *e na terra*" (28:18). Paulo cria que Jesus já estava reinando; você não consegue entender Romanos ou 1Coríntios ou Filipenses a menos que tenha isso como premissa. Apocalipse celebra a soberania de Jesus da primeira à última página. Naturalmente, porém, nem Mateus, nem Paulo, nem o Apocalipse supunham nem por um minuto que essa utopia chegara, que a visão de Isaías 11 já havia sido implementada por completo. Cristãos estavam sendo perseguidos, deparando-se com oposição violenta, celebrando o senhorio de Jesus em um mundo onde César e seu tipo de poder ainda pareciam sólidos e inabalados. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 177-8

O reino de Deus entrará em conflito com os poderes do

MUNDO

Para Mateus, sempre cônscio da atmosfera judaica circundante, é a família de Herodes que paira obscuramente no horizonte. O equivalente do apóstolo em comparação com Lucas 2 é o início do seu segundo capítulo, no qual Herodes, o Grande, próximo do fim de seu reinado cada vez mais paranoico, recebe uma visita inoportuna de sábios do Oriente cuja reivindicação é que as estrelas anunciam o nascimento do legítimo rei dos judeus. A suspeita instantânea de Herodes e a reação exagerada que se seguiu servem de bons indicadores quanto à forma de o poder pagão sempre reagir ao ser confrontado com notícias a respeito do Deus verdadeiro e do rei verdadeiro. Seu filho, Herodes Antipas, paira por sobre a carreira pública de Jesus, matando seu primo João e fornecendo o contexto ameaçador da própria obra (messiânica) de Jesus (11:1-14; 14:1-12).

A figura de Herodes antecipa o poder maior, o de Roma, que fechará o cerco sobre Jesus no final da narrativa, apenas para ser simbolicamente derrotada, visto que soldados romanos posicionados em frente ao túmulo não conseguem impedir a ressurreição de Jesus. Lucas também relata o paradeiro de Herodes em Jerusalém nesse tempo, aliado pelo menos a Pôncio Pilatos (23:1-12). A percepção é a mesma: os poderes do mundo estão lá, espreitando nas sombras, escondidos na maior parte do tempo, mas prontos para atacar de forma repentina. Se esta é realmente a história do reino de Deus na terra como no céu, cedo ou tarde haverá confrontação. Mais uma vez, ninguém precisa ser Ph.D. em psicologia política para saber o que os poderes do mundo farão àqueles que agem e falam para promover o reino de Deus. Como no caso de todos os demais elementos na história do evangelho, devemos

reconhecer isso pelo que é: uma narrativa da história de Jesus como a colisão entre o reino de Deus e os reinos do mundo. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 152-3

Seguindo o caminho de servo

Os reis da terra exercem poder de determinada maneira, isto é, dominando os seus súditos, mas o seguidor de Jesus fará as coisas de outro jeito: o jeito do servo. Temos até a impressão de que, para Marcos, Jesus andava lendo Isaías 40–55, passagem em que o "servo do Senhor" e sua morte vergonhosa são o meio pelo qual, de alguma maneira, os deuses e governantes da Babilônia são vencidos, Israel é resgatado e o próprio Deus retorna a Sião para renovar não apenas a aliança, mas toda a criação. E Marcos (seguido por Mateus) também destaca as palavras de Jesus sobre como o "filho do homem" é justificado, algo que, por evocar toda a narrativa do livro de Daniel, declara do modo mais poderoso possível a uma audiência embebida pela Escritura que, a despeito do sofrimento e do desapontamento presentes, o Deus de Israel tomará de fato seu lugar e, justificando aquele que representa seu povo sofredor, julgará os monstros, os poderes pagãos, os quais, arrogantemente, encarregaram-se do mundo.

Em outras palavras, existe uma linha clara que se estende desde Gênesis 11, via Isaías 40–55 e Daniel 7, a Marcos 10 e, por sua vez, a Marcos 14–15, quando Jesus se depara com seus captores, seus juízes e sua morte. Jesus não apenas teoriza sobre a diferença entre o poder pagão e o tipo de poder que ele está reivindicando; ele o demonstra na prática. A passagem citada não é uma declaração "política" (a respeito dos diferentes tipos de poder) seguida por uma declaração de "propiciação" (sobre como pecados seriam perdoados), como se uma

coisa fosse totalmente separada da outra. Conforme veremos na próxima parte do livro, em que unimos "reino" e "cruz" de um modo que poucos leitores do Evangelho nem sequer tentaram fazer, Jesus estabelece o novo tipo de poder — o reino de Deus em oposição ao de César, na terra como no céu — precisamente por meio de sua (biblicamente interpretada) morte. E, colocando-o de maneira inversa, Deus resgata seu povo do pecado, por meio da obra do "servo" de Isaías, precisamente a fim de estabelecer seu governo, seu tipo diferente de poder, em todo o mundo. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 154-5

O reino de Deus se baseia no amor

O confronto entre Jesus e os poderes do mundo — entre o reino de Deus e o reino dos humanos — nunca disse respeito a Deus simplesmente ter um pouco mais de poder do que os seres humanos, a fim de vencê-los em seu próprio jogo. Não é que Deus tenha tanques e bombas mais fortes do que todos os outros. Isso é o que as pessoas esperavam nos dias de Jesus (bem, eles não tinham tanques e bombas, mas você entendeu o que quero dizer). É também o que esperam, e muitas vezes querem, hoje ("por que Deus não faz algo para impedir que ditadores perversos matem pessoas?"). É por isso que as boas-novas são muitas vezes mal compreendidas. É por isso que continuam a intrigar e desafiar as pessoas, como sempre fizeram. É também por isso que as pessoas distorcem as grandes afirmações da Bíblia e transformam as boas-novas radicais em algo mais palatável, algo do tipo "eu e meu relacionamento pessoal com Deus" ou algo sobre "como ir para o céu". As boas notícias do evangelho se tornam bons conselhos.

Sejamos claros. O relacionamento que cada um de nós tem com Deus é extremamente importante. Também é vital afirmar que Deus realmente cuidará de seu povo após a morte, até que sua nova criação final seja consumada. Mas esses não são o centro das boas-novas. Se os tratamos como centro, estamos colocando a ênfase no ponto errado, como as pessoas que en*fa*tizam a sí*la*ba errada ao falar. As palavras podem ser verdadeiras, mas a maneira que as dizemos impede que a verdade seja ouvida de forma clara. As boas-novas são sobre o Deus vivo derrotando todos os poderes do mundo para estabelecer seu governo de justiça e paz, *tanto na terra como no céu*. Não apenas no céu, em algum momento futuro. E essa vitória não é conquistada por um poder superior do mesmo tipo, mas por um tipo de poder totalmente diferente.

Sabemos como é o poder do mundo. Quando opera com eficiência, é através do poder da violência, usando a ameaça de dor e morte. É, sim, o poder de tanques e bombas, e também de armas e facas, chicotes e prisões, arame farpado e tratores. Armas para destruir a vida das pessoas; máquinas para destruir suas casas. Crueldade generalizada. Malícia e manipulação onde deveria haver gentileza, bondade e sabedoria. O poder de Jesus é de um tipo totalmente diferente, como ele explicou ao governador romano alguns minutos antes de este enviá-lo para a morte — provando assim seu ponto. Os reinos do mundo são movidos pela violência. O reino de Deus, declarou Jesus, é baseado no amor.

Essas são as boas-novas.

Não eram uma teoria. Eram e são uma verdade geral; mas a única razão para acreditar nisso é que realmente aconteceu. Na história. “O

filho de Deus", escreveu Paulo em uma de suas primeiras cartas, "me amou e deu a si mesmo por mim" (Gálatas 2:20). ■

— *Simply good news*, p. 43-4

O papel dado por Deus aos governantes de hoje

O Novo Testamento reafirma que o lugar ocupado pelos governantes seculares, mesmo governantes profundamente falhos, pecaminosos, egoístas, oportunistas, corruptos e idólatras como Pôncio Pilatos, Félix, Festo e Herodes Agripa, é concedido por Deus. Eles erram e serão julgados, mas Deus os quer nesta posição porque a ordem, mesmo a ordem corrupta, é melhor que o caos. Aqui encontramos – nos Evangelhos, em Atos e especialmente em Paulo – uma tensão que não pode ser resolvida sem grande perigo. Nós, do mundo ocidental contemporâneo, quase perdemos a capacidade, conceitual e prática, de afirmar simultaneamente que os governantes são corruptos e devem ser confrontados e que são dados por Deus e devem ser obedecidos. Para nós, isso soa como se devêssemos afirmar simultaneamente a anarquia e a tirania. Entretanto, essa reação apenas mostra como nossos conceitos nos levaram a ignorar os textos bíblicos onde ambas as afirmações são feitas claramente em conjunto. Mas como?

A resposta vem em passagens como João 19, 1Coríntios 2 e Colossenses 2. Os governantes desta era inevitavelmente distorcem a vocação que lhes foi dada por Deus (de trazer ordem ao mundo), usando seu poder para exercer a possibilidade satânica da tirania. Mas a cruz de Jesus, entronizado como o verdadeiro Filho de Deus como no Salmo 2, constitui a vitória paradoxal pela qual a idolatria e a

corrupção dos governantes são confrontadas e derrubadas. E o resultado, ilustrado em Colossenses 1:18-20, é que os governantes são *reconciliados* — em algum sentido estranho, restabelecidos como os portadores da sábia ordem de Deus para o mundo, quer eles vejam isso ou não. É aqui que Romanos 13 entra, não como a validação de todo programa que todo governante sonha; certamente não como a validação do que governos democraticamente eleitos em um país decidem fazer contra outros países; mas como a proposta estritamente limitada, de forma semelhante ao reconhecimento de Ciro por Isaías, que o Deus criador usa até aqueles governantes que não o conhecem pessoalmente para trazer uma nova ordem e até mesmo resgatar o mundo. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 176-7

Salvação e política

Conforme já vimos, é nesse contexto que descobrimos reino e cruz em justaposição. Jesus contrasta a prática comum de governantes pagãos com a sua própria visão de poder e prestígio: "Quem quiser ser grande entre vocês deve tornar-se seu servo" (Marcos 10:43). Isso está no centro de sua visão do reino. Além do mais, esse pensamento não é apenas ilustrado, mas também materializado, pela própria vocação de Jesus: "O filho do homem não veio para ser servido. Ele veio para ser o servo, para dar sua vida 'em resgate por muitos'" (10:45). A declaração, longe de ser (conforme normalmente sugerido) um pedaço isolado e abstrato de "teologia da expiação" na tradição da igreja primitiva, atrelada por Marcos ou sua fonte a uma história a respeito de outra coisa (a inversão de modalidades normais de poder), consiste, na verdade, no pertinente clímax teológico e *político* de toda a linha de pensamento. O que chamamos de "expiação" e o que chamamos de

"redefinição do reino" parecem pertencer integralmente à mesma coisa. Por fim, conforme veremos com maiores detalhes, a cruz é a redefinição do reino, assim como o reino, em sua forma redefinida, é o significado definitivo da cruz. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 240-1

Quando Deus quer mudar o mundo, ele não envia os tanques

Este é o ponto no qual boa parte do propósito idealizado por Jesus em seu reino adquire caráter prático. Seu grande Sermão do Monte abre com as bem-aventuranças, lidas normalmente como uma forma especial de "ética cristã" ("É assim que você deve se comportar, caso queria ser alguém realmente especial") ou como regras a serem seguidas a fim de "ir para o céu quando morrer". Esse último ponto de vista foi reforçado pela má interpretação padrão da primeira bem-aventurança. O texto de Mateus 5:3, "Boas-novas maravilhosas para os pobres de espírito! O reino dos céus é de vocês", não significa: "Vocês irão para o céu quando morrerem". Significa: *vocês estarão entre aqueles através dos quais o reino de Deus, o governo celestial, começará a aparecer na terra como no céu*. Bem-aventuranças são o conteúdo programático do povo do reino. Não se trata apenas sobre como se comportar, a fim de que Deus faça algo bom para você. Antes, trata-se da forma na qual Jesus deseja governar o mundo. Ele deseja fazê-lo através desse tipo de gente — gente, na verdade, como ele (leia as bem-aventuranças outra vez e veja). O Sermão do Monte é um chamado para que seguidores de Jesus assumam sua vocação como luz do mundo, como sal da terra — em outras palavras, como pessoas através das quais a visão do reino

messiânico se torna realidade. Essa é a maneira de sermos o povo através do qual a vitória de Jesus sobre os poderes do pecado e da morte deve ser implementada no mundo todo.

Na verdade, a obra do reino é bem resumida nas bem-aventuranças. Quando Deus quer mudar o mundo, ele não envia tanques, mas os mansos, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os pacificadores etc. Da mesma forma que o *estilo* inteiro de Deus, sua forma preferida de operar, reflete seu amor generoso, compartilhando seu governo com suas criaturas humanas, assim também a forma que esses seres humanos devem se comportar se quiserem ser agentes do senhorio de Jesus reflete, por sua vez, o mesmo senso de amor vulnerável, gentil e sacrificial, mas poderoso. É por causa disso que o mundo foi mudado por pessoas como William Wilberforce, cuja campanha foi incansável para a abolição da escravatura; por Desmond Tutu, que trabalhou e orou não apenas para promover o fim do *apartheid*, mas para destruí-lo e assim gerar uma África do Sul reconciliada, perdoadora; por Cicely Saunders, que criou uma clínica para pacientes terminais ignorados pela profissão médica, um movimento que espalhou-se, em uma geração, ao redor do globo. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 272-3

Humildade espetacular

Escrevendo para os coríntios em 56 d.C., o apóstolo Paulo parece estar zombando do desejo coríntio por acontecimentos "espirituais" espetaculares. "Tudo bem", diz ele, "se é isso que vocês querem, então lá vai. Conheço alguém no Messias..." Paulo nem mesmo dirá ser esse homem, embora isso fique claro. "Este 'alguém' foi tomado e levado ao terceiro céu". (Visto que os céus eram geralmente divididos em sete, a

própria declaração pode ter soado um tanto decepcionante.) "Não sei" — afirma — "se foi uma experiência corpórea ou uma daquelas coisas extracorpóreas; apenas Deus o sabe. Só sei que esse 'alguém' escutou... apesar de que, na verdade, não me é permitido falar o que foi escutado. Ah, sim, e o mais importante disso tudo é que foi posto um 'espinho em minha carne', um mensageiro satânico, a fim de impedir-me de ficar exaltado demais com essa experiência." O pressuposto na carta está claro: "*Vocês não deveriam fazer este tipo de perguntas, tentando me avaliar em comparação com outras pessoas e suas 'experiências'*. Se me perguntarem, direi apenas que 'sim', que essas coisas aconteceram, mas o ponto principal é que tive de aprender a humildade, entender que 'quando sou fraco, então é que sou forte'" (2Coríntios 12:1-10). ■

— *Paulo, uma biografia*, p. 88-9

A DERROTA DO PODER DAS TREVAS

Por trás de seres humanos, sejam Caifás, Pilatos ou mesmo César, operam poderes espirituais das trevas que eles, implicitamente, invocaram. Conforme defendido por muitos eruditos, essa não deve ser uma questão de "uma coisa ou outra" ("autoridades humanas" *ou* "poderes espirituais"). Sem dúvida, os "poderes" também podem trabalhar de forma independente; mas, como no caso de Roma em relação às províncias periféricas, poderes espirituais do mal parecem optar por fazer seu trabalho obscuro pela ação de colaboradores. De uma forma ou de outra, os quatro Evangelistas ressaltam essa ideia.

O Jesus de Lucas declara ter visto Satanás cair do céu como raio, embora não se referisse ao seu fim; Jesus também diz, em tom de sobriedade e ironia, que o momento de seu aprisionamento é aquele no qual as trevas fazem o seu pior (10:18; 22:53). O Jesus de Marcos

explica que os governantes das nações empregam um tipo comum de poder, mas que ele mesmo, ao contrário, empregará o poder do servo (10:35-45). O Jesus de João explica a Pilatos que o seu reino é de um tipo diferente, que não emprega violência (18:36). O Jesus de Mateus explica que expulsa demônios pelo poder do Espírito de Deus, de modo que o reino de Deus está às portas (12:28); em seguida, adverte que, como um espírito imundo que retorna com sete espíritos piores depois de uma expulsão temporária, Israel como nação ("esta geração perversa") acabará pior do que já estava (12:43-45). Todos os Evangelistas veem Jesus indo para a morte a fim de obter a vitória profundamente paradoxal sobre as forças do mal, as quais, no decorrer da longa história de Israel, uniram-se para fazer o seu pior contra o povo de Deus. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 220

Compartilhando o sofrimento como Jesus

Essa é, então, a dica que nos permite entender a visão global do Novo Testamento sobre a igreja. Ela se desenvolve diretamente a partir da visão em que os santos de Deus "recebem o reino", em Daniel 7, mas somente porque um homem, o próprio Jesus, abre o caminho para os "santos", os seus seguidores. Uma vez que entendemos isso, podemos compreender melhor a combinação de reino-e-cruz em passagens como, por exemplo, a que encontramos em Apocalipse:

> Glória a quem nos amou e nos libertou de nossos pecados por meio de seu sangue, e nos fez um reino, sacerdotes para seu Deus e pai — glória e poder sejam a ele para todo o sempre. Amém (1:5,6).

> Tu és digno de pegar o rolo; tu és digno de abrir seus selos; pois foste morto e com teu próprio sangue compraste um povo para Deus,
> de toda tribo e língua,
> de todo povo e nação
> e fizeste deles um reino e sacerdotes
> para o nosso Deus e eles reinarão na terra (5:9,10).

A visão de uma comunidade resgatada pela cruz e transformada em portadora do reino segue diretamente a história contada pelos quatro Evangelistas. Ela é, mais uma vez, a medida de quão distante a igreja ocidental se afastou desses ancoradouros, a ponto de os cristãos de hoje pensarem em trazer "justiça e paz" ao mundo pelos meios normais e desastrosos de bombas e balas. Mas esse não é o caminho. A eclesiologia implícita de todos os quatro Evangelhos figura uma comunidade compartilhando da própria vocação de Jesus: sim, como portadora do reino, mas primeiro pelo sofrimento de Jesus e depois pelo seu próprio sofrimento. O cordeiro morto e entronizado de Apocalipse 5 não é apenas o pastor do seu povo, mas também seu modelo. Compartilhar do sofrimento do Messias é a forma que os seguidores devem ampliar seu reino no mundo. Ao escrever essas coisas, estou consciente de que a igreja ocidental, e eu mesmo, sofremos, hoje, muito pouco em comparação com cristãos de outras épocas e de outros lugares. Honro aqueles que lideram o caminho como portadores do reino e oro para que sejam encorajados a permanecer constantes em seu testemunho. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 216-7

PENTECOSTE

Deixem-me explicar. Sabemos que toda a criação está gemendo conjuntamente e está passando conjuntamente também por dores de parto até o presente momento. E não é só isso: nós também, os que temos os primeiros frutos da vida do espírito em nosso íntimo, gememos enquanto aguardamos ansiosamente por nossa adoção, a redenção de nosso corpo. Fomos salvos, vejam bem, na esperança. Entretanto, a esperança não é esperança se vocês puderem vê-la. Quem espera pelo que pode ver? Mas, se esperamos pelo que não vemos, esperamos por isso ansiosamente — porém, com paciência.

De igual modo, o espírito coloca-se ao nosso lado e nos ajuda em nossa fraqueza. Não sabemos orar como deveríamos, porém esse mesmo espírito intercede em nosso favor com gemidos inexprimíveis em palavras. E o Perscrutador de Corações sabe o que pensa o espírito, porque o espírito intercede pelo povo de Deus de acordo com a vontade de Deus.

■

— Romanos 8:22-27, *The Kingdom New Testament*, p. 324

Uma explosão de vida nova

Acabei de abrir a janela em uma gloriosa manhã de primavera. Uma brisa fresca está agitando o jardim. Ao longe, ouço o crepitar de uma fogueira enquanto um agricultor se desfaz de lixos do inverno. Perto do caminho para o mar, uma cotovia paira sobre seu ninho. Por toda parte, há uma sensação de criação se desfazendo de suas camadas de inverno e se preparando para uma nova explosão de vida.

Tudo isso são imagens que os primeiros cristãos usavam para descrever algo tão estranho quanto a história de Jesus, mas tão real em suas próprias vidas. Eles falaram de um vento forte que atravessou a casa e os penetrou; de línguas de fogo repousando sobre eles e os transformando. Eles pegaram, da antiga história da criação, a imagem de um pássaro pairando sobre as águas do caos, dando origem a um novo mundo de ordem e vida.

De que outra forma podemos explicar o inexplicável, exceto por meio de imagens do mundo que já conhecemos? ■

— *Simply Christian*, p. 121

Nova energia

Esse senso estranho de um novo tipo de vida, presente não só nos primeiros discípulos, mas também nas primeiras comunidades de Jesus, dependia, em grande medida (conforme teriam afirmado), da presença poderosa e do direcionamento do Espírito Santo. Independentemente da maneira em que desejamos relatar esse fenômeno hoje, não podemos começar a entender Saulo, Barnabé e seus colegas sem reconhecer que, à medida que oravam, cantavam, estudavam a Escritura, organizavam

sua vida comunitária e anunciavam Jesus a judeus e a não judeus, estavam conscientes de um vigor, de um senso de direção, como nunca antes haviam experimentado. Eles não hesitavam em atribuir essa vitalidade e liderança ao espírito divino, o qual havia sido prometido nas Escrituras e, mais uma vez, alguns anos antes, por João Batista, o precursor de Jesus. Esses primeiros seguidores de Jesus não eram "entusiastas" ingênuos. Já dentro das primeiras décadas, tornou-se necessário desafiar algumas reivindicações sobre a obra do espírito e advertir contra a possibilidade de engano, assim como, de fato, de autoengano, mas não podemos entender as coisas que agora aconteceram a menos que aceitemos o fato de que Saulo e os demais realmente criam que estavam sendo guiados e capacitados pela presença pessoal do Único Deus. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 114

No Espírito, a realidade futura chega ao presente

O Espírito foi dado para iniciar a obra de tornar o futuro de Deus real no presente. Esse é o primeiro, e talvez o mais importante, ponto a ser compreendido sobre o trabalho desse estranho poder pessoal, para o qual tantas imagens são usadas. Assim como a ressurreição de Jesus inaugurou o mundo inesperado da nova criação de Deus, o Espírito vem até nós desse novo mundo, o mundo que aguarda sua consumação, o mundo no qual, segundo os antigos profetas, florescerão a paz e a justiça, e o lobo e o cordeiro se deitarão lado a lado. Um elemento central da vida cristã é aprender a viver pela vida, e pelas regras, do mundo futuro de Deus, mesmo enquanto continuamos a viver no

presente (que Paulo chama de "o presente século mau" e Jesus chama de "esta geração corrupta e pecadora").

É por isso que Paulo, um dos primeiros escritores cristãos, fala do Espírito como a *garantia* ou a *antecipação* do que está por vir. A palavra grega que ele usa é *arrabon*, que em grego moderno significa anel de noivado, um sinal no presente do que está por vir no futuro.

Paulo fala do Espírito como a garantia de nossa "herança" (Efésios 1:14). Ele não está falando simplesmente do tipo de transação humana comum pela qual, quando uma pessoa morre, outra herda sua riqueza — uma "herança" da qual talvez se possa receber algo antes do tempo, ou uma primeira parcela antecipada. Tampouco está simplesmente falando, como muitos cristãos supõem, sobre "ir para o céu", como se a bem-aventurança celestial fosse a "herança" completa que Deus tem preparado para nós. Não! Ele está se baseando em um grande tema bíblico — o Êxodo — e levando-o em uma nova direção impressionante. Compreender isso é ver por que o Espírito é dado em primeiro lugar e, de fato, quem o Espírito realmente é.

Mas se essa "herança" não é um céu incorpóreo, também não é simplesmente um pequeno pedaço de terra entre muitos outros. *O mundo inteiro é agora a terra santa de Deus*. No momento, o mundo parece ser um lugar de sofrimento e tristeza, bem como de poder e beleza. Mas Deus o está reivindicando para si. É disso que se trata a morte e a ressurreição de Jesus. E somos chamados a fazer parte desse processo de reivindicação. Um dia, toda a criação será resgatada da escravidão, da corrupção, da decadência e da morte que desfiguram sua beleza, destroem seus relacionamentos, removem dela o sentido da presença de Deus e a tornam um lugar de injustiça, violência e brutalidade. É essa mensagem de resgate, de salvação, que está no cerne

de um dos maiores capítulos que Paulo já escreveu, o oitavo capítulo de sua Carta aos Romanos. ■

— *Simply Christian*, p. 124-6

Teologia do Espírito em cada página

Evidentemente, tudo isso exige uma forte teologia do Espírito Santo como aquele que habita nos seguidores de Jesus e os capacita a trazer o reino. Sem ele, a vocação encorajaria arrogância ou desespero. E essa teologia do Espírito é precisamente suprida pelo Novo Testamento, página após página. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 216

Temos a presença viva de Deus conosco e em nós

Se o Templo foi sempre o sinal e o meio para a verdadeira teocracia, então o templo-em-pessoa, isto é, o próprio Jesus, é agora esse sinal. Aquele que se assenta no céu é o mesmo que governa a terra. Assim, ele envia os seus seguidores, equipados por seu próprio Espírito (se a ascensão localiza uma parte da "terra" no "céu", o Pentecoste envia o sopro do céu para a terra), para celebrar sua soberania sobre o mundo e torná-la uma realidade pela fundação de comunidades resgatadas por seu amor, renovadas pelo seu poder e leais ao seu nome. Os seguidores de Jesus, equipados com o seu Espírito, devem tornar-se, em si mesmos — individual e coletivamente —, pequenos templos ambulantes, resgatados do pecado pela morte de Jesus e com a presença viva de Deus, neles e com eles. ■

Santidade e oração

Trabalhar para que a glória futura possa ser desfrutada antecipadamente no presente não significa dominar a criação, imaginando-nos já seus senhores, capazes de tiranizá-la e dobrá-la à nossa vontade. Significa, antes, se engajar na atividade de oração humilde, guiada pelo Espírito, semelhantemente a Cristo — o tipo de oração na qual o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito (Romanos 5:5) para que a extraordinária e quase inacreditável esperança que nos é apresentada seja, também, firme e segura (5:1-5; 8:28-30). Assim, no cerne do que é indiscutivelmente o maior capítulo de sua maior carta, Paulo estabelece o padrão de *antecipação presente da esperança futura*. É disso que se trata a virtude. A esperança é que todos aqueles que estão "em Cristo" e são habitados pelo Espírito virão a reinar em glória sobre toda a criação, assumindo assim finalmente o papel ordenado aos seres humanos em Gênesis 1 e Salmos 8, compartilhando a herança e a obra de resgate final do próprio Messias, como no salmo 2. E se esse é o *telos*, o objetivo, tal esperança deve ser antecipada no presente por meio dos hábitos de santidade e oração.

Se isso é o que Paulo quer dizer com o "reinado" final e sua estranha antecipação no presente, devemos notar também que, juntamente com essa visão, está sua ênfase igualmente importante de que o Espírito vem "habitar" no coração e na vida dos crentes, inspirando precisamente essa santidade, oração, amor e esperança. Mas o tema da "habitação" do Espírito (veja Romanos 8:5-11; Efésios 3:17) nada mais é do que a visão de Paulo da igreja, o povo de Cristo, como o "novo templo", como em 1Coríntios 3:10-17, 6:19,20 e Efésios 2:11-22. Assim como o Deus de

Israel "habitou" no antigo Templo (e em seu antecessor, o Tabernáculo do deserto), conduzindo o povo para a Terra Prometida, agora o próprio Espírito de Deus habita dentro de seu povo, conduzindo-o da escravidão anterior para a futura liberdade suprema. Assim, o Espírito capacita o povo de Deus a ser uma comunidade de sacerdotes, apresentando a criação em adoração, e governantes, trazendo a ordem sábia e restauradora de Deus ao mundo. ■

— *After you believe*, p. 94-5

A Páscoa convoca, o Pentecoste equipa

A ressurreição tem pouca relação com a demonstração de que "vamos para o céu quando morrermos" e total relação com o novo chamado dos discípulos de ser para o mundo o que Jesus foi para Israel: "Da mesma forma que o pai me enviou", ele diz, "eu os envio" (João 20:21). E, como em Lucas, a comissão é acompanhada do equipamento necessário: para serem agentes de Jesus no mundo, seus seguidores precisam receber seu próprio Espírito. Páscoa e Pentecoste pertencem um ao outro. A Páscoa convoca os seguidores de Jesus para uma tarefa; o Pentecoste lhes dá o equipamento necessário para realizá-la. ■

— *Surprised by hope*, p. 239

Vivendo na intersecção do céu e da terra

A questão não é que a Lei seja um guia moral conveniente, antigo e venerável. É que a Torá, como o Templo, é um dos lugares onde o céu e a terra se encontram, de modo que, como alguns professores judeus

sugeriram, aqueles que estudam e guardam a Torá são como aqueles que adoram no Templo. Os primeiros cristãos encorajavam uns aos outros a viver como pontos de interseção e sobreposição entre o céu e a terra. Mais uma vez, isso soa assustadoramente difícil, para não dizer absolutamente impossível. Mas não há como ignorar a realidade desse chamado. Felizmente, como veremos, parte central de viver o cristianismo diz respeito, na verdade, a descobrir como sustentar e desenvolver esse tipo de vida.

O cumprimento da Torá pelo Espírito é um dos principais temas subjacentes à descrição espetacular, em Atos 2, do próprio dia de Pentecoste. Até hoje, o Pentecoste é observado no judaísmo como a festa da entrega da Lei. Primeiro vem a Páscoa, o dia em que os israelitas deixam para trás a escravidão egípcia para sempre. Eles então atravessam o deserto e, cinquenta dias depois, chegam ao Monte Sinai. Moisés sobe a montanha e desce com a Lei, as tábuas da aliança, o presente de Deus ao seu povo do modo de vida pelo qual eles poderão demonstrar que realmente são seu povo.

Essa é a imagem que devemos ter em mente ao lermos Atos 2. Na Páscoa, Jesus havia morrido e ressuscitado, abrindo o caminho para a libertação da escravidão, o caminho para o perdão e um novo começo para o mundo inteiro — especialmente para todos aqueles que o seguem. Agora, cinquenta dias depois, Jesus foi levado ao "céu", à dimensão da realidade de Deus; como Moisés, ele desce novamente para ratificar a aliança renovada e fornecer o modo de vida, escrito não em pedra, mas em corações humanos, pelo qual os seguidores de Jesus podem demonstrar, com gratidão, que realmente são seu povo. Essa é a teologia subjacente, com a qual o notável fenômeno de Pentecoste relatado por Lucas — o vento, o fogo, as línguas e a repentina e poderosa

proclamação de Jesus às multidões atônitas — ganha significado mais profundo. Aqueles em quem o Espírito vem habitar devem ser pessoas que vivem na intersecção entre o céu e a terra. ■

— *Simply Christian*, p. 132-3

O Espírito e o credo

"Creio no Espírito Santo, na santa igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados..."

Para quem compreendeu a imagem do reino até agora, todos esses elementos têm uma orientação *missionária*. Embora seja parte do propósito, o Espírito Santo não é dado apenas para que o povo remido de Deus seja abençoado com sua presença e amor, mas para testemunhar de Jesus e sua ressurreição; assim, poderemos ser para o mundo o que Jesus foi para Israel (João 20:19-24). O Espírito é aquele que permite à igreja estender o trabalho do reino; e, entre aqueles que são energizados para tal trabalho, a transformação, em termos pessoais e coletivos, é subproduto necessário dessa vocação. Assim, ler o credo do ponto de vista do "reino" é olhar para fora e invocar o Espírito, não para prover "bênçãos" individuais (elas podem ou não vir, mas o objetivo não é esse), mas para glorificar Jesus no mundo.

É por isso também que existe uma "santa igreja católica". Ela não existe apenas porque Deus queria fundar uma instituição na qual pessoas poderiam sentar-se e sentir-se seguras. A igreja é uma comunidade mundial cuja existência está para a missão como o sol para a iluminação. A "comunhão dos santos" é importante; leia o livro de Apocalipse e veja. Aqueles que nos precederam incluem, especialmente, homens e mulheres que viveram, sofreram e morreram para dar testemunho de Jesus como verdadeiro Senhor do mundo em oposição

aos outros "senhores", que tentam reivindicar nossa lealdade. "Comunhão" com os santos é mais do que a expectativa de rever aqueles que se foram ou esperar por algum tipo de contato místico além do túmulo: é compartilhar de solidariedade com todos aqueles que já foram "pessoas do reino" em sua própria época, tendo como modelo sua força e coragem para o nosso próprio testemunho.

Nesse contexto, "remissão de pecados" ganha uma nova dimensão. Naturalmente, inclui o sentido que a maioria de nós reconhece: somos todos devedores no banco moral e precisamos, vez após vez, de que Deus anule a dívida e abasteça a conta com seu tesouro, concedido livremente. Mas quando deixamos um pouco de lado nossa própria ansiedade pessoal e nosso senso de culpa, reconhecemos que o mundo como um todo precisa, anseia e clama por *perdão* — por aquele suspirar coletivo e global de alívio, quando, então, ninguém precisará mais buscar vingança; ninguém nunca mais guardará rancor; milhões de erros com os quais o mundo foi tão horrivelmente descaracterizado serão corrigidos. No novo mundo de Deus, não haverá sombras morais, ressentimentos escondidos, caráter distorcido pelos erros de outros. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 280-1

A igreja incendiada pelo Espírito

O Espírito Santo e a tarefa da igreja. Os dois caminham juntos, de mãos dadas. Não podemos falar sobre eles separadamente. Apesar do que você pode pensar sobre o entusiasmo da geração anterior sobre novas experiências espirituais, Deus não dá às pessoas o Espírito Santo para deixá-las desfrutar o equivalente espiritual de um dia na Disneylândia. Claro, se você está abatido e triste, o vento fresco do Espírito de Deus pode e muitas vezes lhe dá uma nova perspectiva

sobre as coisas e, acima de tudo, concede uma sensação da presença, amor, conforto e até alegria de Deus. Mas o objetivo do Espírito é capacitar aqueles que seguem a Jesus a levar para todo o mundo a notícia de que ele é o Senhor, que a vitória sobre as forças do mal foi conquistada, que um novo mundo se abriu e que nosso chamado é contribuir para que ele possa se tornar uma realidade.

Da mesma forma, a tarefa da igreja não pode ser realizada sem o Espírito. Às vezes, escuto cristãos falarem como se Deus, tendo feito o que fez em Jesus, agora quisesse que façamos nossa parte, realizando as coisas por nossa conta. Mas isso é um equívoco trágico. Isso leva à arrogância, ao esgotamento, ou a ambos. Sem o Espírito de Deus, não há nada que possamos fazer que seja útil para o reino de Deus. Sem o Espírito de Deus, a igreja simplesmente não pode ser a igreja.

Eu uso a palavra "igreja" aqui com o coração um pouco pesado. Sei que, para muitos de meus leitores, essa mesma palavra trará à mente a imagem de prédios grandes e escuros, pronunciamentos religiosos pomposos, falsa solenidade e hipocrisia descarada. Mas não há alternativa fácil. Eu também sinto o peso dessa imagem negativa. Eu luto com isso profissionalmente o tempo todo.

Mas há outro lado, um que mostra todos os sinais do vento e do fogo, do pássaro pairando sobre as águas e trazendo nova vida. Para muitos, "igreja" significa exatamente o oposto dessa imagem negativa. É um lugar de boas-vindas e risos, de cura e esperança, de amigos e familiares, justiça e nova vida. É para onde os sem-teto vão a fim de serem alimentados e os idosos param para bater um papo. É onde um grupo está trabalhando para ajudar dependentes químicos e outro está fazendo campanha por justiça global. É onde você encontrará pessoas aprendendo a orar, depositando fé em Cristo, lutando contra a tentação,

encontrando um novo propósito e entrando em contato com um novo poder para realizar esse propósito. É onde as pessoas trazem sua pequena fé pessoal e descobrem, reunindo-se com outras para adorar o único Deus verdadeiro, que o todo se torna maior do que a soma de suas partes. Nenhuma igreja é assim o tempo todo. Mas um número notável de igrejas é parcialmente assim durante boa parte do tempo. ■

— *Simply Christian*, p. 122-3

O Espírito, a nuvem e o fogo

Então, o que significa dizer que esse futuro começou a chegar no presente? O que Paulo quer dizer é que aqueles que seguem a Jesus, acreditam que ele é o verdadeiro Senhor do mundo e que ressuscitou dos mortos — essas pessoas recebem o Espírito como um antegozo de como o novo mundo será. Se alguém está "no Messias" (uma das formas favoritas de Paulo para descrever aqueles que pertencem a Jesus), o que eles têm e são é... nova criação (2Coríntios 5:17)! Seu próprio eu humano, sua personalidade, seu corpo, estão sendo reivindicados, de modo que em vez de ser simplesmente parte da velha criação — um lugar de tristeza e injustiça e, em última instância, da própria morte — você pode ser tanto parte da nova criação de forma antecipada quanto alguém que trabalha para que ela aconteça aqui e agora.

O que isso diz sobre o Espírito Santo? O Espírito desempenha o mesmo papel em nossa peregrinação da Páscoa à Terra Prometida — em outras palavras, da ressurreição de Jesus até o momento final em que toda a criação será renovada — que foi desempenhado na velha história pela coluna de nuvem e fogo. O Espírito é a presença estranha e pessoal do próprio Deus vivo, guiando, direcionando, advertindo,

repreendendo, lamentando nossas falhas e celebrando nossos pequenos passos em direção à verdadeira herança.

Mas se o Espírito é a presença pessoal do próprio Deus, o que isso diz sobre nós como cristãos? Ouça mais uma vez a resposta de Paulo. Você, ele diz, é o templo do Deus vivo. ■

— *Simply Christian*, p. 126

A voz de uma nova comunidade

Deveria ser óbvio que o Espírito permite aos seguidores de Jesus fazerem e dizerem coisas que as autoridades, judaicas e pagãs, interpretam como perigosas e sem sentido — como fizeram com o próprio Jesus. Hoje, quando muitos pensam no Espírito Santo, imaginam apenas uma experiência espiritual pessoal (talvez incluindo dons "carismáticos", como "falar em línguas") ou dons espirituais eficazes, como cura. Certamente, eles estão presentes em Atos. Contudo, o enredo da história não diz respeito à igreja descobrindo esses dons e simplesmente usufruindo deles por amor de si. Antes, trata-se da igreja vivendo como uma nova comunidade, prestando lealdade a Jesus como Senhor e não a reis e sumo sacerdotes que governam o mundo judaico ou ao imperador e a magistrados, que governam o mundo não judaico. "Devemos obedecer a Deus", declara Pedro, "e não aos homens!" (Atos 5:29). ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 253-4

Refletindo a imagem de Deus no poder do Espírito

Deus constrói o seu próprio reino. No entanto, Deus ordenou seu mundo de tal modo que sua própria obra dentro desse mundo se realiza através de uma das suas criaturas em particular, a saber, os seres humanos que refletem a sua imagem. Isso, acredito, é central para a noção de ser criado à imagem de Deus. Deus pretende que sua presença e poder sábios, criativos e amorosos sejam *refletidos* — espelhados, se preferir — em seu mundo *por meio* de suas criaturas humanas. Ele nos recrutou para agirmos como seus mordomos no projeto da criação; e, após o desastre da rebelião e corrupção, incorporou na mensagem do evangelho o fato de que, por meio da obra de Jesus e do poder do Espírito, ele equipa os humanos para ajudar no trabalho de colocar o projeto de volta nos trilhos. Portanto, a objeção sobre tentarmos construir o reino de Deus por nossos próprios esforços, embora pareça humilde e piedosa, pode ser na verdade uma maneira de nos escondermos da responsabilidade, de manter a cabeça baixa e desviar o olhar quando o chefe está procurando por voluntários. Não que alguém possa continuar evitando o chamado de Deus para sempre... mas, mesmo assim, é o que tentamos. ■

— *Surprised by hope*, p. 207

Como o reino vem

O *método* do reino deve ser condizente com a *mensagem* do reino. O reino virá quando a igreja, energizada pelo Espírito, sair pelo mundo assumindo uma posição vulnerável, sofrendo, louvando, orando, sendo mal compreendida, julgada erroneamente, vindicada, celebrando: como Paulo coloca em uma de suas cartas, levando sempre em seu corpo a morte de Jesus para que a vida de Jesus também possa ser manifesta. ■

— *Surprised by hope*, p. 112

Os Evangelhos como estatuto fundante da comunidade cristã

Os quatro Evangelhos nunca tiveram intenção de ser uma "reminiscência histórica" em si. Só porque (a meu ver) estamos certos em insistir que, ao fundamentar e sustentar a vida da igreja primitiva, os Evangelhos estão contando precisamente a história de Jesus, não devemos, por essa razão, partir para o outro extremo e imaginar que os Evangelistas não estavam cientes de sua tarefa como autores de documentos de fundação para o povo renovado de Deus. Os Evangelhos são, e foram escritos para ser, narrativas revigorantes da história de Jesus, concebidas como estatuto da comunidade dos primeiros seguidores de Jesus e daqueles que, pelo testemunho desses discípulos, viriam a se juntar a eles e aprender a ouvir, ver e conhecer Jesus na palavra e nos sacramentos. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 141

Anunciando um evento que mudará o mundo

Apesar das várias coisas que Paulo fala sobre Deus, ele não estava comunicando às pessoas um novo sistema religioso. Tampouco os estava incitando a adotar um novo tipo de moralidade. Paulo não estava oferecendo uma nova filosofia — uma teoria sobre o mundo, seu funcionamento, como poderíamos entendê-lo ou como deveríamos nos comportar. Outros mestres da época ofereciam coisas assim, mas a abordagem de Paulo era diferente. É verdade que sua mensagem

acabaria tendo um grande impacto nessas áreas também. No entanto, muitas pessoas hoje assumem que o cristianismo é uma ou várias dessas coisas — uma religião, um sistema moral, uma filosofia. Em outras palavras, elas assumem que o cristianismo é sobre bons conselhos.

Mas não foi e não é.

O cristianismo é, simplesmente, *uma boa notícia*. É a notícia de que *algo aconteceu que mudou o mundo inteiro e o transformou em um lugar diferente*. Isso é o que o apóstolo Paulo — Paulo, o comissário real — estava anunciando.

Para muitas pessoas na época, e para muitas hoje, isso era e é algo absurdo e até ofensivo. Podem se debater os méritos de uma religião, sistema moral ou filosofia, mas a notícia sobre um evento é tratada de maneira diferente. Ou o evento aconteceu ou não; se aconteceu, ou significa o que as pessoas dizem que significa ou não. Então começamos a ver a enormidade do desafio de Paulo. Ele está anunciando que um evento que mudou o mundo aconteceu, e está anunciando isso para uma audiência composta de pessoas que assumem que, se um evento como esse tivesse realmente ocorrido, teriam ouvido falar. E eles não tinham. ■

— *Simply good news*, p. 16-7

Deus é Deus. Jesus é o Senhor. O novo mundo de Deus começou

O poder do evangelho não está na oferta de uma nova espiritualidade ou experiência religiosa, nem na ameaça do fogo do inferno (certamente não na ameaça de ser "deixado para trás"), que pode ser removida apenas se o ouvinte cumprir algumas tarefas, dizer determinada oração,

levantar a mão ou qualquer outra coisa; mas, sim, no anúncio poderoso de que Deus é Deus, que Jesus é o Senhor, que os poderes do mal foram derrotados e que o novo mundo de Deus começou. Esse anúncio, declarado como um fato sobre como o mundo é, e não como um apelo sobre como você gostaria que sua vida, suas emoções ou seu saldo bancário fossem, é a base de todo o resto. É claro que, uma vez que o anúncio do evangelho é feito, em qualquer formato, significa instantaneamente que todas as pessoas em todos os lugares são convidadas de bom grado a entrar, participar da festa, descobrir o perdão pelo passado, um destino surpreendente no futuro de Deus e uma vocação no presente. Nesse acolhimento e convite, todas as emoções podem ser, e esperamos que eventualmente sejam, totalmente afetadas.

Mas como a igreja pode anunciar que Deus é Deus, que Jesus é o Senhor, que os poderes do mal, da corrupção e da própria morte foram derrotados e que o novo mundo de Deus começou? Isso não parece algo impossível? Bem, seria se não estivesse de fato acontecendo. Mas se uma igreja está trabalhando nas questões que já examinamos — se está ativamente envolvida na busca de justiça no mundo, tanto global quanto localmente, se está celebrando alegremente a boa criação de Deus e seu resgate da corrupção na arte e na música, e se, além disso, sua própria vida interna dá todos os sinais de que uma nova criação está realmente acontecendo, gerando um novo tipo de comunidade — então, de repente, a mensagem anunciada deixa de ser algo abstrato e se torna algo que faz muito sentido. ■

— *Surprised by hope*, p. 227-8

Seguir Jesus é para a vida, não apenas para o dia da decisão

Tornar-se cristão não significa rejeitar o mundo bom criado por Deus. Ser cristão é, naturalmente, dar as costas a todas as corrupções em que o mundo e cada indivíduo caíram. Às vezes, os convertidos precisarão rejeitar firmemente coisas que não são más em si mesmas (álcool, por exemplo), para estabelecer um espaço claro entre eles e os hábitos e padrões de vida que anteriormente os mantinham sob controle. Entretanto, pensar da perspectiva de uma nova criação evita o problema de supor que se poderia esquecer a terra e concentrar-se no céu.

Em segundo lugar, ver a evangelização da perspectiva do anúncio do reino de Deus, do senhorio de Jesus e da consequente nova criação, evita qualquer sugestão de que a coisa principal ou central que aconteceu é que o novo cristão entrou em um relacionamento privado com Deus ou com Jesus e que esse relacionamento é a principal ou a única coisa que importa. Ver o evangelismo e quaisquer conversões resultantes da perspectiva da nova criação significa que o novo convertido sabe desde o início que faz parte do projeto do reino de Deus, que se estende além de "eu e minha salvação pessoal" para abraçar, ou melhor, ser abraçado pelos propósitos mundiais de Deus. Junto com a conversão virá, pelo menos em princípio, o chamado a descobrir em que ponto do projeto mais amplo se pode dar a própria contribuição.

Terceiro, colocar evangelismo e conversão dentro do contexto da nova criação significa que o convertido, que ouviu a mensagem da perspectiva do senhorio soberano e salvador do próprio Jesus, nunca estará inclinado a pensar que o comportamento cristão — dizer não às coisas que impedem o florescimento humano e a glória de Deus, e dizer

sim às coisas que os aumentam — é um extra opcional ou simplesmente uma questão de entender algumas regras e regulamentos bastante estranhos. Em vez disso, falar do senhorio de Jesus e da nova criação, que resulta da sua vitória no Calvário e na Páscoa, implica que confessá-lo como Senhor e crer que Deus o ressuscitou dos mortos corresponde a permitir que toda a vida seja remodelada por ele, sabendo que, embora isso seja doloroso de tempos em tempos, será o caminho, não para uma existência humana diminuída ou limitada, mas para a vida humana genuína no presente e para a vida humana completa, gloriosa e ressuscitada no futuro. Tal como acontece com todos os outros aspectos da nova criação, haverá surpresas no caminho. Mas a ética cristã só será beneficiada ao ser entendida como uma expressão da esperança cristã. ■

— *Surprised by hope*, p. 228-30

Da adoração à missão

Quando a igreja é vista se movendo diretamente da adoração ao Deus que vemos em Jesus para fazer a diferença e efetuar mudanças muito necessárias no mundo real; quando fica claro que as pessoas que se banqueteiam à mesa de Jesus são as que estão na vanguarda do trabalho para eliminar a fome e a miséria; quando as pessoas percebem que aqueles que oram para que o Espírito trabalhe nelas e através delas são as pessoas que parecem ter recursos extras de amor e paciência para cuidar daqueles cuja vida está danificada, machucada e envergonhada — então não é apenas natural falar do próprio Jesus e encorajar outros a adorá-lo por si mesmos e descobrir o que significa pertencer à sua família, mas também é natural que as pessoas, por mais irreligiosas que se julguem ser, reconheçam que querem fazer parte desse algo que está

acontecendo. Em termos que o autor de Atos poderia ter usado, quando a igreja estiver vivendo o reino de Deus, a palavra de Deus se espalhará poderosamente e fará seu próprio trabalho. ■

— *Surprised by hope*, p. 267

A mensagem política do evangelho

Se alguém saísse por comunidades da Diáspora judaica declarando que Deus enviara, enfim, o Messias de Israel, na época não teria soado como uma mensagem sobre "religião" (o Messias jamais começaria uma nova "religião!"), nem sobre "vida após a morte" (judeus devotos criam há muito que Deus cuidaria deles depois da morte), tampouco envolveria uma nova filosofia. Seria o que chamaríamos de "político", embora, como sempre para os judeus da época, isso também seria profundamente teológico, uma vez que seria percebido como o anúncio de uma nova situação, uma nova comunidade cuja lealdade era a um novo Senhor, o desvendamento, enfim, da aliança fiel do Único Deus. Era exatamente isso que Paulo intencionava.

Se você usar a palavra "político" como referência a uma nova situação em que as pessoas devotam sua lealdade definitiva e completa a alguém que não seja o governante local comum, ou a alguém além de César no trono de Roma — e se você chamar de "político" o estabelecimento de células de pessoas leais a esse novo governante, celebrando seu governo de resgate e vivendo em novos tipos de comunidades por consequência —, então o que Paulo estava fazendo era, sem dúvida, "político". Tratava-se do fundamento de uma nova *polis*, uma nova cidade ou comunidade, bem no coração do sistema existente. As viagens

"missionárias" de Paulo não tinham simplesmente o objetivo de dizer às pessoas a respeito de Jesus para gerar nelas transformação interior pessoal e um novo senso de esperança definitiva, embora ambos fossem vitalmente importantes. Elas tinham o objetivo do estabelecimento de um novo tipo de reino, tanto na terra como no céu, um reino cujo rei é Jesus, o reino — Paulo era extremamente enfático a esse respeito — que o Deus de Israel sempre intencionou estabelecer. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 128-9

Pense escatologicamente: vire os padrões do mundo de cabeça para baixo

Neste ponto e ao longo de 1Coríntios, Paulo ensina os coríntios, como certamente os ensinara pessoalmente, *a pensar de maneira escatológica*, isto é, a imaginar um mundo totalmente diferente do paganismo greco-romano comum — um mundo em que o Deus único era vivo e ativo, um mundo no qual ele havia começado algo completamente novo, que seria consumado no dia vindouro, e esse algo envolvia a criação do novo templo. A igreja, a qual os coríntios estavam dividindo em sua busca pelo mestre ideal, era o novo templo, o lugar onde o Deus vivo viera habitar pelo espírito. Nenhum judeu do primeiro século poderia usar imagens assim como mera "ilustração" de um tipo diferente de verdade. A visão de Paulo sobre a igreja encapsulava a antiga esperança judaica de um Templo supremo e uma nova criação, para a qual o Templo de Jerusalém e o Tabernáculo do deserto apontavam de antemão. A igreja é o cumprimento dessa

esperança, afirma Paulo, e se os coríntios pertencem a ela, se pertencem ao Messias, então devem superar essas disputas mesquinhas:

> Porque tudo pertence a vocês, seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas, seja o mundo, ou a vida ou a morte, seja o presente, seja o futuro — tudo pertence a vocês! E vocês pertencem ao Messias; e o Messias pertence a Deus (1Coríntios 3:21-23).

E se todos eles pertencem ao Messias — o Messias *crucificado*, como Paulo nunca os deixa esquecer — então os coríntios devem esperar que os padrões do mundo estejam de cabeça para baixo. ■

— *Paulo, uma biografia*, p. 280-1

A igreja é um rio. A igreja é uma árvore

O rio e a árvore parecem ser opostos.

O rio começa, literalmente, por todo lado. Uma pequena nascente nas colinas; um lago distante, alimentado por riachos; uma geleira derretendo — tudo isso e mais mil fatores contribuem para o murmúrio e a correnteza da água, o fluxo suave aqui e as corredeiras rodopiantes ali. Aos poucos, outros córregos, outros rios inteiros, vão dando sua contribuição. De muitos surge um. Morei por um tempo às margens do rio Ottawa, no Canadá, logo acima de onde ele se junta ao St. Lawrence. Nesse ponto, ele tem cerca de 1,5 km de largura. Muitos afluentes fizeram dele o que é.

A árvore começa com uma única semente. Uma bolota ou algo que o valha cai na terra: minúscula, vulnerável, sozinha. Ela então germina e lança raízes na terra escura. Simultaneamente, recebe sua dose de luz e ar. As raízes rapidamente se espalham e sondam todo o lugar,

procurando alimento e água. O rebento torna-se um tronco, novamente um único talo ereto, mas também rapidamente resultando em galhos espalhados. Um carvalho ou um cedro se espalhará por toda parte em todas as direções. Mesmo o álamo alto e estreito é muito mais do que apenas um único tronco. O rio flui de muitos para um; a árvore cresce de um para muitos.

Precisamos de ambas as imagens se quisermos entender a igreja. ■

— *Simply Christian*, p. 199

A igreja: de Abraão à toda a criação

A igreja é a família única e multiétnica prometida pelo Deus criador a Abraão. Trazida à existência por meio do Messias de Israel, Jesus; energizada pelo Espírito de Deus; e chamada para levar a notícia transformadora da justiça resgatadora de Deus a toda a criação. Embora essa seja uma definição bem compacta, cada parte dela importa. ■

— *Simply Christian*, p. 200

A igreja é um corpo missional

Muitos hoje acham difícil compreender o sentido coletivo da identidade cristã. Estamos tão imersos no individualismo da cultura ocidental moderna que nos sentimos ameaçados pela ideia de nossa identidade primária ser a da família à qual pertencemos — especialmente quando a família em questão é tão grande, estendendo-se pelo espaço e pelo tempo. A igreja não é simplesmente uma coleção de indivíduos isolados, todos seguindo seus próprios caminhos de

crescimento espiritual sem se preocupar com os outros. Às vezes pode até parecer assim. E é gloriosamente verdade que cada um de nós é chamado a responder ao chamado de Deus em nível pessoal. Você pode se esconder nas sombras nos fundos da igreja por um tempo, mas uma hora você terá que decidir se isso é ou não para você. No entanto, precisamos aprender novamente a lição (para usar a imagem de Paulo do corpo de Cristo) que uma mão não é menos mão por ser parte de um todo maior, um corpo inteiro. O pé não é diminuído em sua liberdade de ser um pé por fazer parte de um corpo que também contém olhos e ouvidos. Na verdade, mãos e pés são mais livres para serem eles mesmos quando se coordenam adequadamente com olhos, ouvidos e tudo mais. Cortá-los em um esforço de torná-los verdadeiramente livres, verdadeiramente eles mesmos, seria verdadeiramente desastroso.

Em particular, negaria o propósito mesmo para o qual a igreja foi chamada à existência. De acordo com os primeiros cristãos, a igreja não existe para fornecer um lugar onde as pessoas possam perseguir suas agendas espirituais particulares e desenvolver seu próprio potencial espiritual. Nem existe para fornecer um refúgio seguro no qual as pessoas possam se esconder do mundo perverso e garantir que elas próprias cheguem com segurança a um destino sobrenatural. O crescimento espiritual privado e a salvação final vêm antes como subprodutos do propósito principal, central e abrangente para o qual Deus nos chamou e está nos chamando. Esse propósito é claramente declarado em vários lugares no Novo Testamento: através da igreja Deus anunciará ao mundo como um todo que ele é de fato seu criador sábio, amoroso e justo; que por meio de Jesus ele derrotou os poderes que o corrompem e escravizam; e que por seu Espírito ele está trabalhando para curá-lo e renová-lo.

A igreja existe, em outras palavras, para o que às vezes chamamos de "missão": anunciar ao mundo que Jesus é seu Senhor. Essa é a "boa notícia" e, quando anunciada, transforma pessoas e sociedades. ■

— *Simply Christian*, p. 203-4

Adoração, trabalho e comunhão do reino

A igreja existe principalmente para dois propósitos intimamente correlacionados: adorar a Deus e trabalhar por seu reino no mundo. Você pode e deve adorar e trabalhar para o reino de Deus individualmente e da sua maneira singular, mas se o reino de Deus deve avançar, em vez de girar e girar em círculos, também devemos trabalhar juntos.

Além disso, a igreja existe para um terceiro propósito, que serve aos outros dois: encorajar uns aos outros, edificar uns aos outros na fé, orar em conjunto e uns pelos outros, aprender uns com os outros, ensinar uns aos outros, e estabelecer exemplos a serem seguidos, desafios a serem assumidos e tarefas urgentes a serem realizadas. Tudo isso faz parte do que é conhecido como *comunhão*. Isso não significa apenas servir um ao outro xícaras de chá e café. Trata-se de viver dentro desse sentido de trabalho conjunto, como uma empreitada familiar, na qual todos têm uma parte e um lugar apropriados.

É nesse contexto que os diferentes "ministérios" dentro da igreja cresceram. Desde as primeiras evidências que temos, nos Atos dos Apóstolos e nas cartas de Paulo, a igreja tem reconhecido diferentes chamados dentro de sua vida comum. Deus deu diferentes dons a

diferentes pessoas para que toda a comunidade possa florescer e levar avante o trabalho que lhe foi confiado.

A adoração, a comunhão e o trabalho de refletir o reino de Deus no mundo fluem para dentro e para fora um do outro. Você não pode refletir a imagem de Deus sem retornar à adoração, que é onde essa tarefa é renovada e aprendida. Da mesma forma, a adoração sustenta e nutre a comunhão; sem ela, a comunhão rapidamente se deteriora em meros grupos de mentalidade semelhante, que por sua vez rapidamente se tornam panelinhas exclusivas — exatamente o oposto do que o povo de Jesus deveria almejar. ■

— *Simply Christian*, p. 211

"E terra e céu serão um"

Há pouco mais de cem anos, um pastor americano no estado de Nova York celebrou em um grande hino tanto a beleza da criação quanto a presença do Deus criador dentro dela. Seu nome era Maltbie Babcock, e seu hino "This is my Father's world" [Este é o mundo de meu Pai] aponta para além da beleza atual da criação, através da bagunça e tragédia com as quais ela foi infectada, para sua restauração final. Existem diferentes versões da estrofe, mas esta é a mais clara:

> Este é o mundo de meu Pai.
> Ah, que eu nunca esqueça
> que, embora o mal pareça tão forte,
> Deus ainda é o governante.
> Este é o mundo de meu Pai.
> A batalha não acabou.
> Jesus, que morreu, ficará satisfeito,
> e terra e céu serão um.

E terra e céu serão um: essa é a nota que deve soar como um sino claro e doce em toda a vida cristã, convocando-nos a viver no presente como pessoas chamadas para esse futuro, pessoas chamadas a viver no presente à luz desse futuro. ■

— *Simply Christian*, p. 217-8

Vivendo no quinto ato da história de Deus

Dentro do esquema de toda a história de Deus como uma peça em cinco atos, estamos vivendo atualmente no quinto ato, na era da igreja. Esse ato começou na Páscoa e no Pentecoste; suas cenas iniciais se deram no próprio período apostólico, sua carta de intenções é o Novo Testamento e seu propósito, a cena que o encerra, é retratada claramente em passagens como Romanos 8, 1Coríntios 15 e Apocalipse 21 e 22. A ideia principal de todo o modelo, que se constitui no âmago da visão multifacetada de como funciona "a autoridade das Escrituras", é a seguinte: aqueles que vivem nesse quinto ato cultivam uma relação ambígua com os quatro atos anteriores, e não porque sejam desleais a eles, mas justamente por serem fiéis a eles como parte da narrativa. Se alguém no quinto ato de *Bem está o que bem acaba* começasse a repetir as falas dos atos anteriores, em vez de encenar o próprio ato em que se encontra, acabaria estragando todo o espetáculo. Temos de agir de forma adequada ao momento presente da narrativa; isso se encaixará diretamente com as partes anteriores (não cabe a nós pular repentinamente para outra narrativa ou para outra peça), sempre lembrando que a continuidade direta com relação aos atos anteriores também supõe alguma descontinuidade, um momento em que se passam

coisas novas, como deve ser. Temos de defender com unhas e dentes o que se passou e estar sempre abertos ao que virá em seguida. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 151

Um anúncio, não um sermão

Algo mais aconteceu ao mesmo tempo: Saulo recebeu o próprio espírito de Jesus. O quarto e último ponto de imenso significado na ida de Ananias à Rua Direita é que a Saulo foi prometido o dom do Espírito, e em sua vida e nos seus escritos posteriores tudo indica que ele via que isso havia acontecido precisamente naquele momento. A história em Atos não diz que Saulo falou em línguas ou profetizou — até mesmo a ideia de que coisas como essas deviam acontecer para que o dom do Espírito fosse genuíno é uma ficção muito posterior. Ao contrário, Atos oferece a declaração impressionante de que não demorou para Saulo ir à sinagoga de Damasco e anunciar que Jesus era o filho de Deus (tema para o qual retornaremos no devido tempo), até porque agora havia um novo poder acoplado a um novo senso de direção.

A proclamação poderosa de Paulo, dirigida pelo espírito, de Jesus como "filho de Deus" dificilmente pode ser chamada de "pregação", se por "pregação" entendemos o tipo de coisa que acontece nas igrejas semana após semana em nosso mundo. Tratava-se de um anúncio público, como um mensageiro medieval ou um arauto, andando pelas ruas com um sino, chamando a atenção das pessoas e declarando que um novo rei havia sido colocado no trono. Este era, de fato, o modo em que a palavra "evangelho" seria percebida ao longo do mundo romano da época: como o anúncio de um novo imperador. Assim, a proclamação de Paulo não era uma nova distorção na obra de ensino regular da

comunidade judaica local, visto que ele não estava oferecendo conselhos sobre como levar uma vida mais santa, assim como não estava dizendo para as pessoas como ir para o céu depois da morte; o que ele estava fazendo era o anúncio mais exclusivo de todos os tempos: a esperança de Israel havia se cumprido! O Rei havia sido entronizado! Ele estava declarando que o Jesus crucificado era o Messias há muito esperado. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 76

Espiritualidade

"Eu sou a vinha verdadeira, e meu pai é o jardineiro", disse Jesus. "Ele corta todo ramo que está em mim e não dá fruto; e poda todo ramo que dá fruto para que possa produzir mais frutos ainda. Vocês já estão limpos. E isso por causa da palavra que lhes tenho falado.

"Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês! O ramo não pode dar fruto por si mesmo, apenas se permanecer na vinha. Da mesma forma, vocês não podem dar frutos a não ser que permaneçam em mim. Eu sou a videira, vocês são os ramos. Aqueles que permanecem em mim, e eu, neles, darão muitos frutos. Sem mim, vejam, vocês não podem fazer coisa alguma.

"Se alguém não permanece em mim, é como o ramo que é jogado fora e seca. Tais ramos são apanhados, lançados ao fogo e queimados. Se vocês permanecerem em mim, e minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido. Meu pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e, assim, serão meus discípulos." ■

— João 15:1-8, *The Kingdom New Testament*, p. 208-9

A dádiva de Deus de uma nova vida

Existem muitas pessoas no mundo atual que *não* se consideram "religiosas" ou mesmo "cristãs", mas, de alguma forma, veem-se como "espirituais". Voltando a Henry Ford, continua-se a pensar em qualquer tipo de espiritualidade, desde que não seja "religiosa", particularmente, *desde que não seja cristã*.

O cristianismo, entretanto, aborda de uma maneira única o indicador fragmentado que é a espiritualidade. Como veremos agora, Deus responde ao nosso desejo de ligação espiritual, interpondo lampejos do céu na terra. Era disso que se tratava o Templo de Jerusalém, e para João era isso que Jesus significava. A nova visão da espiritualidade também não para aqui. Deus nos chama para uma participação ativa, uma nova vida que é tanto um dom dele quanto um poder profundamente humanizador, um novo fôlego dentro de nós. Na visão de João, a busca muitas vezes intrigante pela espiritualidade, a necessidade de conhecer e ser conhecido nos níveis mais profundos, é finalmente concretizada. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 74-5

O desafio da fé e de uma espiritualidade ativa

O *resgate e transformação que Deus efetuou na morte e ressurreição de Jesus deve tornar-se o resgate e transformação de cada pessoa.* Esse é o desafio da fé, porque a mensagem do evangelho, operando

poderosamente por meio do Espírito de Deus no coração e na mente dos seres humanos, produz esta fé: a confissão de que Jesus é o Senhor e a crença sincera de que Deus realmente o ressuscitou dos mortos. Essa fé é o primeiro sinal de uma nova vida, e Paulo declara que, no fim, Deus completará a obra que começou em nós.

Espiritualidade cristã — uma consciência da presença amorosa e orientadora de Deus, tristeza pelo pecado e gratidão pelo perdão, a possibilidade e o desafio da oração, o amor a Deus e ao próximo, o desejo de santidade e o árduo trabalho moral exigido, o surgimento gradual ou repentino de vocações particulares, uma esperança viva para a eventual nova criação de Deus — é gerada pelas boas-novas do que *aconteceu* no passado e do que *acontecerá* no futuro. Isso, e muito, muito mais, é o significado de proclamar as boas-novas no presente. ■

— *Simply good news*, p. 121

Rejeitando o reducionismo platônico

Quão fatalmente simples seria para nós, ocidentais, suspirar com alívio neste ponto. "Ah!", pensamos, "o reino de Deus é simplesmente a soma total das almas que respondem em fé ao amor de Deus. Não se trata de um reino real, envolvendo espaço, tempo e matéria. É uma realidade espiritual, 'não deste mundo'". João, porém, não compactuará com esse tipo de reducionismo platônico. Recordemo-nos de passagens anteriores sobre o governante deste mundo sendo expulso, condenado e derrotado. A referência parece aludir a um ser cuja presença está por trás dos governantes terrenos atuais e que também se encarna neles;

não estamos falando apenas de uma "vitória" espiritual que não afeta o governo humano presente. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 244

As exigências absolutas da adoração

Todo trabalho do reino é enraizado na *adoração*. Ou, colocando-o de modo contrário, adorar o Deus que vemos trabalhar em Jesus é o ato mais politicamente carregado que podemos realizar. A adoração cristã declara que *Jesus* é Senhor e que, por extensão lógica, ninguém mais o é. Ainda mais: a adoração cristã não apenas declara o senhorio de Jesus como algo a ser crido, como o fato de que o sol é quente e o mar é molhado. Ela conclama o adorador à lealdade, a seguir esse Jesus, a ser modelado e direcionado por ele. Adorar o Deus que vemos em Jesus orienta todo nosso ser, nossa imaginação, nossa vontade, nossas esperanças e nossos medos, levando-nos para longe do mundo onde Marte, Mamom e Afrodite (violência, dinheiro e sexo) fazem exigências absolutas e castigam qualquer um que resiste. Orienta-nos, antes, a um mundo onde o amor é mais forte do que a morte, o pobre recebe a promessa do reino e a castidade (no casamento ou na vida de solteiro) reflete a santidade e a fidelidade do próprio Deus. Aclamar Jesus como Senhor é como fincar uma bandeira que suplanta as bandeiras das nações, não importa quão "livres" ou "democráticas" elas sejam. Desafia *tanto* tiranos que se autointitulam divinos *quanto* "democracias seculares", as quais, se não divinas, tornaram-se praticamente eclesiais — isto é, comunidades que tentam fazer e ser o que a igreja deveria fazer e ser, mas sem recorrerem àquele cujo poder sustenta a vida da igreja. A

adoração cria — ou deve criar, se for autêntica — uma comunidade que marcha ao som de um ritmo diferente, mantém-se em sintonia com um Senhor diferente.

Idealmente, então — retornarei a problemas similares em um momento — a igreja, a comunidade que proclama Jesus como Senhor e rei, e à mesa celebra com ele sua morte e ressurreição vitoriosa, é constituída como "corpo do Messias". Essa imagem paulina famosa não representa uma "ilustração" aleatória, mas expressa a convicção *de Paulo de que é desta forma que Jesus agora exerce seu governo no mundo — pela igreja, que é o seu Corpo.* ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 271-2

Amor pensado

Essa é a diferença entre liturgia e adoração espontânea. Não há nada de errado com a adoração espontânea, assim como não há nada de errado com dois amigos se encontrando por acaso, pegando um sanduíche de uma loja e saindo juntos para um piquenique improvisado. Mas se os amigos se conhecerem melhor e decidirem se encontrar com mais regularidade, eles podem decidir que, embora possam repetir o piquenique de vez em quando, um cenário melhor para sua amizade e uma maneira de mostrar essa amizade em ação pode ser pensar sobre as refeições adequadas um para o outro e prepará-las cuidadosamente. Da mesma forma, a boa liturgia cristã é a amizade em ação, o amor pensado, a relação de aliança entre Deus e seu povo não simplesmente descoberta e celebrada como o encontro repentino de amigos, por mais emocionante e valioso que seja, mas pensada e apreciada, planejada e preparada — uma maneira melhor para o relacionamento crescer e, ao

mesmo tempo, uma maneira de demonstrar do que se trata o relacionamento.

Em particular, o culto cristão diz respeito à celebração por parte da igreja dos atos poderosos de Deus, os atos de criação e aliança seguidos pelos atos de nova criação e nova aliança. A igreja precisa constantemente aprender e desenvolver a prática de contar e recontar as grandes histórias do mundo e de Israel, especialmente a criação e o Êxodo, as grandes promessas que surgiram dessas histórias e as maneiras pelas quais essas promessas se concretizaram em Jesus Cristo.

A leitura das Escrituras — o relato escrito dessas histórias — sempre foi central para o culto da igreja. As pessoas não apenas devem ser lembradas do que as histórias dizem. Essas histórias devem ser ensaiadas em atos de celebração e adoração, "cantando a grandeza do Senhor", como Maria quando cantou o Magnificat. A boa liturgia garante, de maneiras testadas e comprovadas, que as Escrituras sejam lidas completa e claramente, e está constantemente procurando maneiras de fazê-lo de forma ainda mais eficaz — assim como a boa liturgia também está ávida para descobrir maneiras cada vez melhores de cantar e orar os Salmos juntos, para que se tornem a "segunda natureza" dentro da memória, imaginação e espiritualidade de todos os fiéis adoradores, não apenas de alguns líderes musicais.

É interessante estudar o relato bíblico do culto na igreja primitiva, conforme é contado em Atos dos Apóstolos, que descreve os primeiros cristãos utilizando os Salmos e outras porções das Escrituras para celebrar o amor e o poder de Deus e ser fortalecidos e sustentados na missão. Uma vez que os primeiros cristãos estavam tentando viver como o verdadeiro templo, cheio do Espírito, não devemos nos surpreender que os principais confrontos nos quais incorreram foram

com os templos existentes e seus guardiões — o Templo judaico em Jerusalém e toda cultura pagã de templos em Atenas e em outros lugares. ■

— *After you believe*, p. 222-3

A dimensão celestial de nossa vida presente

As imagens do céu no livro de Apocalipse têm sido muito mal compreendidas. A maravilhosa descrição em Apocalipse 4 e 5 dos 24 anciãos lançando suas coroas diante do trono de Deus e do cordeiro, ao lado do mar de vidro, não é, apesar do que diz um dos grandes hinos de Charles Wesley, uma imagem do último dia, com todos os redimidos finalmente no céu. Na verdade, é um retrato da realidade *presente*, a dimensão celestial de nossa vida presente. O céu, na Bíblia, não é um destino futuro, mas a outra dimensão oculta de nossa vida comum — a dimensão de Deus, se preferir. Deus fez o céu e a terra; no final ele refará ambos e os unirá para sempre. Quando chegamos ao quadro final em Apocalipse 21 e 22, não encontramos almas resgatadas indo para um céu incorpóreo, mas, sim, a Nova Jerusalém descendo do céu para a terra, unindo os dois em um abraço eterno.

Temo que a maioria dos cristãos de hoje nunca tenha pensado sobre isso. Eles permanecem satisfeitos com aquilo que, na melhor das hipóteses, é uma versão truncada e distorcida da grande esperança bíblica. De fato, a imagem popular é reforçada repetidamente em hinos, orações, monumentos e até mesmo em obras bastante sérias de teologia e história. Supõe-se simplesmente que a palavra céu é o termo apropriado para o destino final, o lar final, e que a linguagem da

ressurreição e da nova terra, bem como dos novos céus, de alguma forma deve ser encaixada nisso. ■

— *Surprised by hope*, p. 18-9

A VOCAÇÃO INTEGRAL DA ADORAÇÃO

Quando os seres humanos adoram a Deus, o criador, articulando seu louvor e adoração por causa de quem ele é e do que ele fez, estão, quer percebam ou não, resumindo os louvores e a adoração de toda criação. Essa é outra razão pela qual a expressão física do culto, na liturgia e especialmente nos sacramentos, permanece importante. Não devemos esperar adorar como almas desencarnadas que residem temporariamente nessas coisas estranhas chamadas corpos físicos, e então poder fazer nosso trabalho como sacerdócio real de Deus, recolhendo os louvores da criação e apresentando-os diante do trono de Deus. Lembre-se: é isso que somos chamados a fazer e a ser. Não se surpreenda se a linguagem corporal dos adoradores expressar algo do que está sendo dito e feito.

Sem dúvida, isso também pode se tornar um hábito vazio, a ser desafiado de tempos em tempos em nome da verdadeira adoração. Mas desaprovar a expressão física da adoração (gestos de mãos e braços, de cabeça e joelho, o que quer que seja) — como se todas essas coisas fossem sinais de hipocrisia ou a tentativa de colocar Deus em dívida conosco — seria tão ridículo quanto supor que tais expressões são tudo o que é necessário, sem a devoção do coração e da mente. Como vimos com frequência neste livro, a igreja é chamada a ser o novo templo, o lugar onde o Deus vivo habita pelo Espírito. Essa é uma vocação integral.

Portanto, a vida de adoração é em si uma forma coletiva de virtude. Ela expressa e, por sua vez, reforça a fé, a esperança e o amor, que são as virtudes cristãs fundamentais. Desta atividade fluem todo tipo de outras coisas da perspectiva da vida e do testemunho cristãos. Mas a adoração é central, básica e, no melhor sentido, formadora de hábitos. Todo cristão sério deve trabalhar para que a adoração se torne uma segunda natureza. ■

— *After you believe*, p. 224-5

A presença íntima de Deus

A espiritualidade cristã combina um senso de admiração e majestade de Deus com um senso de sua presença íntima. Isso é difícil de descrever, mas fácil de experimentar. Assim como Jesus se dirigiu a Deus pela palavra familiar aramaica *Abba*, "Pai", os cristãos são encorajados a fazer o mesmo: conhecer a Deus da maneira que, no melhor tipo de família, um filho conhece o pai. De tempos em tempos, tenho encontrado cristãos que parecem intrigados e dizem que não têm ideia do que se trata tudo isso. Devo dizer que ser cristão sem ter pelo menos algo desse conhecimento íntimo do Deus, que é ao mesmo tempo majestoso, assombroso e santo, soa como uma contradição de termos.

No entanto, acredito que possam existir situações que, por causa de feridas na personalidade, ou algum chamado especial de Deus, ou alguma outra razão, as pessoas podem genuinamente crer no evangelho de Jesus, se esforçar para viver pelo Espírito, e ainda assim não ter qualquer sensação da presença íntima de Deus. Afinal, existe o que chamamos de "noite escura da alma", relatada por alguns que sondaram os mistérios da oração mais do que a maioria de nós. Mas Jesus declara que o Espírito Santo não será negado àqueles que pedirem (Lucas

11:13). Um dos sinais característicos da obra do Espírito é precisamente esse senso da presença íntima de Deus.

Em segundo lugar, a espiritualidade cristã normalmente envolve uma medida de sofrimento. Uma das ocasiões em que Jesus usou a oração *Abba* foi quando, no Getsêmani, ele perguntou a seu Pai se havia outra maneira, se ele realmente tinha que passar pelo horrível destino que estava reservado para ele. A resposta foi sim, e ele seguiu em frente. Se Jesus orou assim, podemos ter certeza de que muitas vezes também teremos que fazê-lo. Tanto Paulo como João dão grande ênfase a isso. Aqueles que seguem Jesus são chamados a viver de acordo com as regras do novo mundo, não do antigo; e o antigo não vai gostar disso. Embora a vida do céu seja projetada para trazer cura à vida da terra, os poderes que atualmente governam esta terra a moldaram para seu próprio benefício e se ressentem de qualquer sugestão de um caminho diferente.

Mas este é o ponto: é precisamente quando estamos sofrendo que podemos esperar com mais confiança que o Espírito esteja conosco. Não buscamos, nem cortejamos, sofrimento ou martírio. Mas se e quando vier, sob qualquer forma, sabemos que, como Paulo diz no final de seu grande capítulo sobre o Espírito, "em todas essas coisas, somos completamente vitoriosos por meio daquele que nos amou" (Romanos 8:37). ■

— *Simply Christian*, p. 137-8

As duas regras de ouro da espiritualidade

Já fui a muitos concertos de música, desde grandes obras sinfônicas até *big bands* de jazz. Ouvi orquestras renomadas sob regentes mundialmente famosos. Estive na plateia de algumas grandes performances que me comoveram, me alimentaram e me satisfizeram ricamente. Mas apenas duas ou três vezes na minha vida estive em uma plateia que, no momento em que a batuta do maestro baixou pela última vez, saltou de empolgação eletrizada, incapaz de conter seu deleite entusiástico e se perguntar o que havia acabado de experimentar (alguns leitores talvez queiram notar que aplausos em pé são raros pelo público inglês).

Esse tipo de reação está bem próximo do que é a adoração genuína. Vemos algo semelhante, mas em maiores proporções, em Apocalipse 4 e 5. Quando vamos adorar ao Deus vivo, é disso que estamos sendo convidados a participar.

O que acontece quando você está em um show como esse é que todos os presentes sentem que cresceram em estatura. Algo lhes aconteceu: a realidade se revela de uma maneira nova; o mundo inteiro parece diferente. É similar ao que sentimos quando nos apaixonamos. Na verdade, *é* se apaixonar. Quando você se apaixona, quando está pronto para se jogar aos pés de sua amada, o que você deseja, acima de tudo, é união.

Isso nos leva à primeira de duas regras de ouro no cerne da espiritualidade. *Você se torna aquilo que adora*. Quando olha com admiração, maravilhamento e deslumbre para algo ou alguém, você começa a assumir algo do caráter do objeto de sua adoração. Aqueles que adoram o dinheiro tornam-se, eventualmente, calculadoras humanas. Aqueles que adoram o sexo ficam obcecados com sua própria

atratividade ou performance. Aqueles que adoram o poder tornam-se cada vez mais implacáveis.

Então, o que acontece quando você adora o Deus criador, cujo plano de resgatar o mundo e colocá-lo em ordem foi realizado pelo Cordeiro que foi morto? A resposta vem na segunda regra de ouro: porque você foi feito à sua imagem, *adorar a Deus o torna mais verdadeiramente humano*. Quando você contempla, com amor e gratidão, o Deus em cuja imagem foi feito, você de fato cresce. Você descobre mais sobre o que significa estar plenamente vivo. ■

— *Simply Christian*, p. 147-8

A VERDADE SOBRE AQUELE A QUEM ADORAMOS

Quando você presta adoração total a qualquer coisa ou qualquer outra pessoa que não seja Deus, diminui como ser humano. É claro que essa não é a sensação no momento do ato. Quando você adora parte da criação como se fosse o próprio Criador — em outras palavras, quando você adora um ídolo — você pode sentir uma breve "onda". Mas, como uma droga alucinógena, essa adoração tem um custo: quando o efeito termina, você é menos humano do que era quando começou. Esse é o preço da idolatria.

A oportunidade, o convite, a convocação estão diante de nós: vir e adorar o verdadeiro Deus, o criador, o redentor, e tornar-se mais verdadeiramente humano ao fazê-lo. A adoração está no centro de toda a vida cristã. Uma das principais razões pelas quais a teologia (tentar pensar corretamente sobre quem é Deus) é importante é porque somos chamados a amar a Deus com todo o nosso coração, mente, alma e força.

É importante que aprendamos mais sobre quem é Deus para que possamos louvá-lo mais adequadamente. Talvez uma das razões pelas quais tanto da adoração, pelo menos em algumas igrejas, pareça pouco atraente para tantas pessoas é que esquecemos, ou encobrimos, a verdade sobre aquele a quem estamos adorando. Mas sempre que vislumbramos a verdade, somos atraídos de volta. Como um grupo de amigos escapando do trabalho para ver um astro do rock que está na cidade por apenas uma hora ou mais, como fãs esperando a noite toda por um vislumbre de um time de futebol voltando triunfante, aqueles que reconhecem o Deus que vemos em Jesus, o Leão que também é o Cordeiro, ansiarão ardentemente para vir e adorá-lo — só que em proporções imensamente maiores!

— *Simply Christian*, p. 148-9

A VERDADEIRA ADORAÇÃO IMPLICA UNIDADE ALÉM DAS FRONTEIRAS TRADICIONAIS

Paulo estava determinado *a estabelecer e manter comunidades gentílico-judaicas, adorando o único Deus por meio de Jesus, seu filho, e pelo poder do espírito, antes da catástrofe*, pois só assim essa potencial separação — a destruição do "novo templo" de 1Coríntios 3 e Efésios 2 — poderia ser evitada. Foi por isso que Paulo insistiu, carta após carta, *na unidade da igreja, além de quaisquer tradições.* Isso não dizia respeito ao estabelecimento de uma nova "religião", e também não tinha nenhuma relação — ainda ouvimos essa difamação de vez em quando — com Paulo sendo um "judeu que odiava a si mesmo". Paulo anunciava o que acreditava serem os elementos centrais da esperança judaica: um

Único Deus, o Messias de Israel e a própria ressurreição. Para ele, o que importava era a *escatologia messiânica* e a comunidade que a englobava. Este Único Deus havia cumprido não apenas um punhado de promessas individuais, mas a narrativa completa do antigo povo de Deus de forma tão inesperada, que a maioria dos guardiões dessas promessas não o reconheceram. Isso, afinal, era o que Paulo vinha dizendo de uma sinagoga à outra, e era por causa desse cumprimento que os gentios agora eram aceitos como parte de uma única família. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 447

Uma nova família, uma identidade genuína e uma dádiva

Deus chama uma nova família e, embora os membros da antiga (descendentes físicos de Abraão) sejam naturalmente logo convidados a fazer parte dela, não há garantia de que o farão. Todo movimento de renovação judaica da época pensava da seguinte forma: quando Deus trouxesse a novidade que havia prometido, ou embarcava-se nela ou a perdia-se. João já havia dito isso no prólogo: "os seus" não receberam Jesus, mas todo aquele que o fez ganhou o direito ao título de Israel: "filhos de Deus". E "Estes não nasceram do sangue, nem do desejo da carne, nem da vontade de um homem, mas nasceram de Deus" (João 1:13). Isso oferece a resposta máxima às questões intrigantes da espiritualidade dos nossos dias: um elo pessoal entre o céu e a terra, uma nova "identidade" genuinamente humana da ordem mais elevada, uma dádiva do próprio Criador. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 87

Adorando com a mente e com a boca

É surpreendente que, até o final de Romanos 14:1—15:13, Paulo não menciona o problema subjacente: que algumas das igrejas domésticas são judaicas e outras, gentílicas. (Naturalmente, é bem provável que as coisas fossem mais complicadas do que isso. Pode ser que alguns dentre os cristãos gentios desejassem aceitar a Torá judaica, como ocorrera na Galácia; pode ser que alguns dentre os cristãos judeus tivessem, como o próprio Paulo, aderido ao que o apóstolo chama de postura "forte".) Paulo, porém, não abordará as questões nesses termos: "alguns de nós preferem fazer isso... outros preferem fazer aquilo", diz.

Paulo quer que os membros das igrejas de Roma respeitem uns aos outros apesar das diferenças. (A fim de evitar um problema totalmente diferente enfrentado hoje pelas igrejas contemporâneas ocidentais, notamos que a suposta "tolerância" de Paulo não se estende a todas as esferas de comportamento, como as linhas finais do capítulo 13 e seções equivalentes de outras cartas deixam abundantemente claro.) E, mais uma vez, o apóstolo relembra os cristãos de Roma que eles estão vivendo segundo o padrão do Messias. Para Paulo, a morte e a ressurreição de Jesus não dizem respeito apenas a uma realidade histórica cuja ocorrência criou uma situação nova, mas a um padrão que deve ser entrelaçado em cada aspecto da vida eclesiástica. Para o apóstolo, o importante é a vida de louvor e adoração que agora, no espírito, interliga Jesus com o próprio Deus pai, e essa é a adoração que, unida além de barreiras tradicionais, abalará os fundamentos da ideologia de César:

Tudo que foi escrito no passado, vejam bem, foi escrito para nosso aprendizado, de modo que, por meio da paciência e do encorajamento que procedem da Bíblia, tenhamos esperança. Que o Deus da paciência e do encorajamento conceda-lhes chegar a um entendimento comum entre vocês, segundo o Messias, Jesus, para que, com uma só opinião e uma só voz, vocês glorifiquem ao Deus e pai de nosso Senhor Jesus, o Messias! (Romanos 15:4-6) ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 372

Leia as Escrituras em voz alta e celebre

Contar a história, ensaiar os atos poderosos de Deus: isso está próximo do coração do culto cristão, um ponto nem sempre plenamente apreciado nos cultos espontâneos e animados comuns em muitos círculos hoje. Conhecemos a Deus por meio do que ele fez na criação, em Israel, e supremamente em Jesus, e também pelo que ele fez em seu povo e no mundo por meio do Espírito Santo. A adoração cristã é louvor a este Deus, aquele que fez essas coisas. E o lugar onde encontramos o relato dado por Deus desses eventos é, obviamente, a Escritura: a Bíblia.

Direi mais no devido tempo sobre o que é a própria Bíblia, mas meu ponto no momento é simplesmente este: ler a Bíblia em voz alta é sempre central para o culto cristão. Cortar isso por qualquer motivo — cortar as leituras para que o culto não se prolongue muito, cantar passagens das Escrituras para que se tornem parte de uma apresentação musical ou ler apenas os poucos versos sobre os quais o pregador pretende ensinar — perde o ponto central. A razão pela qual lemos as Escrituras no culto não é principalmente para informar ou lembrar a congregação sobre alguma passagem bíblica ou tema que eles podem ter esquecido. Da mesma forma, é muito mais do que um prego para

pendurar um sermão, embora pregar a partir de uma ou mais leituras seja frequentemente um plano sábio. Ler as Escrituras no culto é, antes de tudo, a maneira central de celebrar quem Deus é e o que ele fez. ■

— *Simply Christian*, p. 150

A leitura pública das Escrituras

A questão de como podemos ler os Evangelhos, em público e em particular, é desafiadora. Tenho explorado, há muitos anos, formas diferentes de cumprir essa tarefa essencial e prazerosa. A maioria das congregações, penso eu, nunca praticou a leitura coletiva de algum dos Evangelhos, muito menos "atuou" toda a sua história. Diversas pessoas em nossas igrejas têm o talento teatral para realizar tal tarefa. Muitos ministros nunca pensaram em permitir que longas passagens da Escritura modelassem sua liturgia, e não o contrário (fizemos um experimento assim em uma das igrejas de Durham, na Quaresma de 2010, e funcionou perfeitamente bem). Do mesmo modo — ficamos pasmos, quando paramos para pensar —, a maioria dos cristãos praticantes, incluindo líderes de igrejas, nunca se sentou sozinha e leu, de uma vez, um ou mais dos Evangelhos. Os Evangelhos não são livros extensos — não chegam nem perto de livros como *Guerra e paz* —, mas são, em todos os aspectos, tão empolgantes quanto os grandes romances. Devemos abrir mão de algumas inibições e experimentar formas diferentes de deixar os Evangelhos transmitirem sua mensagem do começo. Pregadores e mestres também precisam enfrentar o desafio de comunicar a empolgação e o drama de um livro todo, levando os ouvintes a um novo senso de adoração e a um ímpeto de lê-lo, experimentá-lo, por si mesmos.

Também devemos tentar novas formas de *orar* os Evangelhos. Muitos usaram, com grande proveito, o método usado por Inácio, segundo o qual entramos na história e nos tornamos personagens. Imagine-se como um observador, como alguém que vê Jesus dormindo no barco com os discípulos em pânico ao seu redor, ou como um convidado extra à mesa da Última Ceia, questionando-se, repentinamente: "Sou eu, Senhor?". Fique lá tempo o bastante para ouvir o que Jesus tem a lhe dizer em particular. Esse método é bem conhecido e merece a fama que tem. Mas existem também formas de fazer a mesma coisa coletivamente. Mais uma vez, seja inovador. Leia os Evangelhos por tudo o que têm a oferecer; eles contêm mais tesouros do que imaginamos. Considere, por exemplo, ler Mateus do início ao fim, tornando o Pai-Nosso, posicionado pelo apóstolo no centro do Sermão do Monte, a oração que você faz após cada capítulo ou seção a fim de resumir tudo o que leu. Ou tente fazer o mesmo com o Evangelho de João, usando a grande oração sacerdotal de Jesus, no capítulo 17. Se é verdade que, em Jesus, Deus estava de fato "tornando-se rei", isso não é algo que pode ser relegado apenas ao plano da "informação", algo que aprendemos em teoria. É algo que devemos orar, algo que, por meio da oração, deve se tornar uma nova realidade em nossa vida e em nossa comunidade. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 284-5

Lendo as Escrituras em comunhão com todos os cristãos

A primeira situação em que a igreja ouve as Escrituras é durante o culto coletivo. (Abordarei também a leitura individual, mas acredito

que a adoração coletiva seja mais fundamental.) Esse culto deriva diretamente da leitura pública da lei feita por Esdras, da leitura que o próprio Jesus fez de Isaías na sinagoga de Nazaré e da leitura das cartas de Paulo diante da igreja reunida, entre outras referências. Independentemente de quanto sejamos diferentes no aspecto pessoal, contextual, ou segundo outros critérios, nosso momento de ler as Escrituras costuma acontecer em comunhão com outros cristãos no decorrer do tempo e do espaço. Isso quer dizer, por exemplo, que temos de trabalhar para garantir a leitura das Escrituras de forma adequada em público, com sistemas apropriados para escolher o que ler e o treinamento adequado para garantir que aqueles que leem a Bíblia recebam o máximo de edificação. Já que a Escritura foi criada para ser uma força que impulsiona a igreja, é fundamental que a leitura pública das Escrituras não se degenere no que se pode chamar de "som de fundo", um ruído agradável e um tanto religioso que serve de trilha sonora enquanto a mente está longe. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 158

A leitura das Escrituras como ato de amar a Deus com a mente e o coração

Para que tudo isso alcance o sentido profundo, transformador e promotor do reino, é fundamental que o cristão comum leia, encontre e estude as Escrituras em particular: seja em grupos, seja individualmente. A ideia da passagem famosa sobre a inspiração das Escrituras em 2Timóteo 3:16-17 não foi tanto de dar às pessoas a crença certa *sobre* as Escrituras, mas de incentivá-las ao estudo particular. O

individualismo ocidental tem a tendência de destacar a leitura individual como o método principal, e a audição litúrgica como secundário, encorajando uma fragmentação do testemunho de toda a igreja incentivada pelo Iluminismo; ao inverter essa ordem, não foi meu propósito desvalorizar a leitura particular. O estudo em todos os níveis, acompanhado ou sozinho, faz parte do chamado contínuo da igreja para ouvir as Escrituras no todo ou em parte com uma atenção maior.

Na realidade, as Escrituras constituem o meio fundamental pelo qual podemos crescer, como fomos ordenados, a amar a Deus com a nossa mente (pelo estudo) e com o nosso coração (pela leitura devocional). Elas fazem parte desse caminho complexo por meio do qual cada cristão é chamado simultaneamente para orar e adorar, guarnecido com novos entendimentos, desafiado por novas perguntas (e, portanto, estimulado para um estudo e um questionamento mais aprofundados) e capacitado para ocupar seu lugar na narrativa do povo de Deus que está em andamento enquanto se envolve em sua missão para o mundo. É exatamente esse o aspecto da autoridade das Escrituras na prática, dia após dia, semana após semana, na vida do cristão comum — e todos os cristãos são cristãos comuns. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 161-2

Engula a bíblia inteira

Muitas crianças, em diversos países, são funcionalmente multilíngues. De fato, na perspectiva mais ampla da história, os que conhecem apenas uma língua é que são os estranhos, mas o Paulo maduro tem algo mais, do qual poucas pessoas, até mesmo em seu mundo, poderiam se gloriar: ele dá a impressão de ter memorizado toda a Bíblia. Paulo se move com elegante facilidade entre Gênesis e Salmos,

Deuteronômio e Isaías. O apóstolo sabe como a história funciona e conhece seus altos e baixos, suas voltas e reviravoltas, e também pode fazer alusões complexas com extrema destreza, produzindo trocadilhos e outros jogos de palavras em línguas diferentes. A nova perspectiva radical de visão fornecida pelo evangelho de Jesus é um ângulo novo a partir de textos que ele já sabe do avesso. É certo que Paulo estava familiarizado com outros livros judaicos da época, como Sabedoria de Salomão, e possivelmente com algo da filosofia de Filo, seu quase contemporâneo — Filo e autores da época também conheciam sua Bíblia extremamente bem —, e Saulo se equipara a eles de igual para igual ou até mesmo os excede.

Ainda mais: independentemente de Saulo ter ou não lido filósofos não judeus de seu tempo ou as grandes tradições que remontam a Platão e Aristóteles, ele conhece as ideias, pois as ouviu nas ruas e as discutiu com amigos. Ele conhece os termos técnicos, os sistemas filosóficos que sondam os mistérios do universo e as funcionalidades interiores do ser humano, bem como as teorias que posicionam os deuses distantes do mundo, como os epicureus, ou que os atraem em um todo único, *to pan*, "o todo", como os estoicos. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 31

Para que serve a Bíblia?

Ser constantemente lembrado do propósito para o qual a Bíblia nos foi dada é bastante útil. Uma das mais famosas declarações de "inspiração" na própria Bíblia é a de 2Timóteo 3:16,17: "Toda Escritura foi soprada por Deus, e é útil para ensinar, para repreender, para aperfeiçoar e para treinar na justiça, de maneira que as pessoas que pertencem a Deus sejam completas, preparadas e prontas para toda boa obra". *Preparadas*

e prontas para toda boa obra: aí está o ponto. A Bíblia é inspirada por Deus (a palavra traduzida por "inspirada" neste caso é *theopneustos* — lit., "soprada por Deus") para que possa moldar e formar o povo de Deus a fim de que esteja pronto a realizar sua obra no mundo.

Em outras palavras, a Bíblia não é um simples manual detalhado para o qual as pessoas recorrem quando desejam pesquisar coisas ou provar que estão corretas. Seu propósito é equipar o povo de Deus para levar avante seus propósitos de nova aliança e nova criação; permitir que as pessoas trabalhem pela justiça, alimentando sua espiritualidade enquanto o fazem; desenvolvam e aprimorem relacionamentos em todos os níveis e produzam aquela nova criação que terá algo da beleza do próprio Deus. A Bíblia não é como uma descrição precisa de como um carro é feito. É mais como o mecânico que o ajuda a consertá-lo, o atendente da garagem que o reabastece e um guia que lhe diz como chegar a seu destino. E o seu destino é *fazer a nova criação de Deus acontecer em seu mundo*, não simplesmente encontrar o melhor caminho para viver em paz na velha criação.

É por isso que, embora eu não esteja descontente com o que as pessoas estão tentando afirmar quando usam palavras como "infalível" (a ideia de que a Bíblia não nos enganará) e "inerrante" (a ideia mais forte de que a Bíblia não pode errar), prefiro resistir a usar essas palavras. Ironicamente, em minha experiência, debates sobre palavras como essas muitas vezes levaram as pessoas para longe da própria Bíblia e para todos os tipos de teorias que não fazem justiça às Escrituras como um todo — sua grande história, seus propósitos maiores, seu clímax sustentado, seu senso de maravilhamento de um romance inacabado que nos convida a nos tornarmos personagens em seus episódios finais.

Tais debates, na minha opinião, desviam a atenção do ponto real para o qual a Bíblia existe. Discutir sobre definições particulares das qualidades da Bíblia é como um casal brigando sobre qual deles ama mais os filhos, quando eles deveriam continuar a criá-los e dar-lhes um bom exemplo. A Bíblia está aí para equipar o povo de Deus para fazer a obra de Deus no mundo de Deus, não para lhe dar uma desculpa para se acomodar presunçosamente, sabendo que tem toda a verdade de Deus. ■

— *Simply Christian*, p. 182-4

Crescendo no amor de Deus

Em nenhum momento importante da história da igreja, as Escrituras Sagradas foram consideradas simplesmente um livro ao qual se deve recorrer somente em caso de debate sobre questões pontuais. Desde o princípio, ela recebeu um lugar fundamental na vida litúrgica da igreja, indicando que não é vista somente como parte do *pensamento* da igreja, mas também como parte integrante de seu *louvor e de sua oração*. Além da utilização óbvia dos Salmos como centro da adoração cristã em muitas escolas tradicionais, a leitura do evangelho dentro da liturgia eucarística de grande parte (ou até mesmo da maioria) das denominações eclesiásticas indica a crença implícita, mas não menos poderosa, de que a Bíblia continua a ser tanto um meio fundamental através do qual Deus se dirige ao seu povo como um meio importante pelo qual seu povo se expressa diante dele. O hábito generalizado da leitura particular e do estudo das Escrituras, que já foi considerado um fenômeno mais restrito aos protestantes, mas passou a ser cada vez mais incentivado também entre os católicos, conta com um histórico de longa data, como parte principal da devoção cristã.

Entretanto, essa importância não se limita somente à devoção, estendendo-se também ao discipulado. A leitura e o estudo das Escrituras são vistos como algo de suma importância no processo de crescimento no amor de Deus, no modo pelo qual podemos ter uma moral mais robusta para viver de acordo com o evangelho de Jesus, até mesmo quando tudo parece ser contrário a esses hábitos. Já que eles continuam a ser aspectos fundamentais da vida cristã, a Bíblia vem sendo incorporada à trama da vida cristã normal em todos os sentidos. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 17

A Escritura desempenha um papel ativo na nova criação de Deus

Qual é o *papel* que as Escrituras desempenham *dentro* da realização do objetivo de Deus? É imensamente importante que não encaremos o papel da Bíblia simplesmente como um meio de *informações verdadeiras*, ou mesmo um comentário preciso sobre a obra de Deus que promove a salvação e a nova criação, mas, sim, como parte ativa *dentro* desse propósito progressivo. Só se pode descobrir um significado abrangente — e realmente bíblico — da "autoridade das Escrituras" nesse contexto. Uma das principais causas de nossas confusões contínuas e de nossa polarização reside em criar atalhos na busca do significado desse conceito, por desconhecer esses primeiros passos. A função da Bíblia é constituir-se em um meio de propiciar a ação de Deus em nós e através de nós — que inclui, mas vai muito mais além do que simplesmente transmitir informações. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 44

O Deus que fala, renova as mentes e capacita a missão

De modo especial, o papel da Bíblia na igreja e na vida pessoal do cristão indica três coisas de suma importância para nossa caminhada. Logo de início, ela nos lembra que o Deus que os cristãos adoram é, acima de tudo, um Deus que *fala*, que se comunica com suas criaturas humanas por meio de palavras. Isso diferencia o Deus do Antigo e do Novo Testamento de alguns outros deuses que eram conhecidos nas culturas daquela época, ou mesmo hoje em dia. Isso quer dizer que a ideia de ler um livro para ouvir e conhecer a Deus não é absurda, mas está relacionada com a própria natureza de Deus.

Em segundo lugar, é fundamental para o ensino cristão básico que sejamos transformados pela renovação de nossa mente (Romanos 12:1-2). Em outras palavras, é importante que a graça transformadora de Deus nos seja concedida, principalmente pela capacitação para aprender novas formas de *pensamento*. Volto a dizer que isso indica que a ideia de ler um livro a fim de reorganizar a vida conforme a sabedoria de Deus não se constitui em insensatez, mas se harmoniza perfeitamente com a própria natureza da santidade cristã.

A terceira lembrança que o papel da Bíblia nos traz é que o mesmo Deus que adoramos oferece esse mesmo poder que conquista o mundo e que se manifesta na ressurreição de Jesus a todos aqueles que o pedirem, a fim de capacitá-los em sua obra em prol do evangelho no mundo (Efésios 1:15-23). A ideia de ler um livro para ser estimulado para a tarefa missionária não é uma distração, mas, sim, uma consequência direta do fato de que nós, seres humanos, somos criados à imagem de Deus, e que, quando ouvimos sua palavra e obedecemos ao seu

chamado, somos capazes de cumprir nossa vocação para refletir a glória do Criador no mundo, que pertence a ele. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 47

Uma teologia cristã de autoridade bíblica

Estas são as raízes de uma teologia da autoridade da Bíblia totalmente cristã: plantada firmemente no solo da comunidade missionária, confrontadora dos poderes do mundo com as boas-novas do reino de Deus, renovada e revigorada pelo Espírito Santo, crescendo especialmente por meio da pregação e do ensino dos apóstolos, e dando fruto pela transformação de pessoas para dar início ao projeto divino de resgate do mundo. Deus realiza essas coisas, assim acreditava a igreja primitiva, por meio da "palavra": a narrativa de Israel, cujo auge narrativo se dava em Jesus; o chamado de Deus para Israel transformado no chamado de Deus para seu povo renovado. Essa foi a "palavra" que veio a ser expressa de forma escrita no Novo Testamento que conhecemos, por obra dos escritores primitivos.

Portanto, a igreja foi caracterizada desde o princípio precisamente como o povo transformado por Deus, ou a comunidade criada pelo chamado e pela promessa divinos, cuja convocação era para ouvir a "palavra" do evangelho em toda a sua plenitude. A igreja primitiva era basicamente constituída como o povo gerado e preservado pela palavra de Deus poderosa e eficaz (que, além disso, em muitos sentidos é "autoridade"), escrita no Antigo Testamento, personificada em Jesus Cristo, anunciada em todo o mundo e ensinada na igreja. Esse era o núcleo da missão da igreja (a narrativa de Israel se cumpriu, portanto o

mundo deveria ouvir falar dela), de seu cotidiano (a primeira "marca da igreja" em Atos 2:42 é "o ensino dos apóstolos") e de seu chamado à santidade, que se traduziria tanto no Israel verdadeiro como nas dimensões humanas recentemente renovadas ("conforme a imagem de Deus"), que são características da nova identidade. Alguns dos principais debates na igreja primitiva consistiam exatamente naquilo que essa santidade queria dizer na prática. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 72

A matéria importa

O anúncio de Jesus de que Deus está no comando agora, tornando-se rei na terra como no céu, significa que podemos vislumbrar, intermitentemente e em flashes, algo do que essa visão profética significava — onde Jesus está e o que está fazendo. Podemos ver o próprio *mundo material* sendo transformado pela presença e pelo poder do Deus de Israel, o criador.

Já o enxergamos, certamente, nas histórias de cura. Nelas, a matéria física do corpo de alguém é transformada por um poder estranho, que, em uma cena reveladora, Jesus sente emanar dele (Marcos 5:30). Também vimos, para o assombro dos primeiros espectadores e o ceticismo zombador de epicureus, antigos e modernos, a criação, por assim dizer, sob nova direção. Pescadores profissionais, que não conseguiram pegar nada durante a noite, ficam impressionados com a quantidade de peixes que pescam quando Jesus lhes diz para lançar a rede. Jesus não apenas cura o enfermo, mas ressuscita o morto; alimenta uma multidão com poucos pães e peixes. Algo novo está sucedendo, até com o próprio mundo material. Jesus dá ordens à tempestade furiosa, e

ela lhe obedece. Então, como se tudo isso não bastasse, anda sobre o mar e convida Pedro a fazer o mesmo.

Como no caso da própria ressurreição, que forma o ponto culminante de toda essa sequência, não há como racionalizar esses acontecimentos. Rejeite-os se quiser; retenha o desapego dos epicureus, a crença de que se há um Deus, ele (ela ou isto) está distante e não se envolve com coisas deste mundo. Contudo, perceba o que está sendo reivindicado. Esses "milagres" não fazem nenhum sentido no presente mundo da criação, onde a matéria é finita, onde seres humanos não andam sobre as águas e onde tempestades fazem o que devem fazer, a despeito de quem tenta, como o antigo rei Canute, acalmá-las.

Suponhamos — apenas considere a possibilidade — que o antigo sonho profético tocara uma verdade mais profunda. Suponhamos que existiu um deus como o Deus de Israel. Suponhamos que esse Deus tenha realmente criado o mundo. E suponhamos que ele esperasse reivindicar, finalmente, seu direito soberano sobre o mundo em vez de destruí-lo (outro erro filosófico) ou apenas "intervir" sobre ele de vez em quando (uma postura do tipo "nem cá, nem lá"), enchendo-o com sua glória a fim de levá-lo a entrar em um novo modo de existência, refletindo seu amor, sua generosidade e seu desejo de recriá-lo. Talvez essas histórias não sejam, afinal, o tipo de coisa bizarra que pessoas inventam em retrospecto para impulsionar a imagem de um herói morto. Talvez nem sequer sejam evidência de um tipo de divindade "intervencionista", milagrosa e "sobrenatural", pautada em especulação "conservadora". Antes, talvez elas caracterizem a *nova criação*, o cumprimento do tempo ou o que acontece quando céus e terra são unificados. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 181-2

Espiritualidade como missão holística, não capitulação ou retirada

O reino que Jesus inaugurou, que é implementado por meio de sua crucificação, é enfaticamente *para* este mundo. Juntos, os quatro Evangelhos exigem uma reavaliação das diversas táticas de esquiva que o cristianismo ocidental empregou em vez de encarar o desafio desde o início. Não podemos mais dividir as opções, como de costume, entre uma forma de "cristandade", pela qual as pessoas normalmente querem dizer "capitulação do evangelho à forma de poder do mundo", e uma forma de afastamento sectário. A vida é mais complexa, mais interessante e mais desafiadora do que isso. Os Evangelhos estão aí, esperando para preparar uma nova geração para uma missão holística, para incorporar, explicar e defender novas maneiras de organizar comunidades, nações e o mundo. O lugar da igreja é no coração do mundo, onde, pela oração e pela santidade, ela administra cura, precisamente no epicentro da dor. Sua função não é ser mais uma versão "religiosa" do mundo, um enclave separado, orientado apenas para o céu. O fato de acharmos tão difícil articular, quanto mais viver, uma visão de igreja, reino e mundo que não se encaixa em ambas as opções citadas serve de medida da nossa confusão contemporânea. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 253-4

Não "apenas de passagem"

A maioria dos cristãos ocidentais — e a maioria dos não cristãos ocidentais, diga-se de passagem — partem do princípio de que o

cristianismo estava comprometido com pelo menos uma versão branda da posição de Platão. Muitos hinos e poemas cristãos acabam inadvertidamente flertando com o gnosticismo. A espiritualidade do "só de passagem" (como no cântico espiritual "Este mundo não é meu lar, estou apenas de passagem"), embora tenha algumas afinidades com o cristianismo clássico, estimula justamente uma atitude gnóstica: o mundo é, na melhor das hipóteses, irrelevante; na pior delas, um lugar escuro, maligno e sombrio, e nós, almas imortais, que existiam originalmente em uma esfera diferente, estamos ansiosos para retornar a essa esfera assim que nos for permitido. Uma suposição poderosa no cristianismo ocidental é de que o propósito de ser cristão é simplesmente, ou pelo menos principalmente, "ir para o céu quando morrer". Nessa perspectiva, textos que não dizem isso, mas que mencionam o céu, são lidos como se o dissessem, e textos que dizem o contrário, como Romanos 8:18-25 e Apocalipse 21 e 22, são simplesmente excluídos como se não existissem. ■

— *Surprised by hope*, p. 90

A Eucaristia como a chegada do futuro de Deus no presente

Quando os judeus celebram a Páscoa, eles não supõem que estejam essencialmente fazendo algo *diferente* do evento original. "Esta é a noite", dizem eles, "em que Deus nos tirou do Egito". As pessoas sentadas ao redor da mesa tornam-se não os herdeiros distantes da geração do deserto, mas as mesmas pessoas que passaram pelo deserto. Tempo e espaço juntos. Dentro do mundo sacramental, passado e presente são um. Juntos, eles apontam para a libertação futura.

O que acontece na Eucaristia é que, através da morte e ressurreição de Jesus Cristo, essa dimensão futura se torna radicalmente real e operante. Partimos esse pão para participar do corpo de Cristo; nós o fazemos em memória dele; nos tornamos por um momento os discípulos sentados ao redor da mesa na Última Ceia. No entanto, se pararmos por aí, falamos apenas uma parte da verdade. Para avançar na compreensão da Eucaristia, devemos vê-la como a chegada do futuro de Deus no presente, não apenas a extensão do passado de Deus (ou do passado de Jesus) e sua inserção em nosso presente. Não nos lembramos simplesmente de um Jesus morto há muito tempo; celebramos a presença do Senhor vivo. E ele vive, através da ressurreição, precisamente como aquele que é o primogênito da *nova criação*, o novo mundo transformado, e seu protótipo. O Jesus que se dá a nós como comida e bebida é ele mesmo o início do novo mundo de Deus. Na comunhão somos como os filhos de Israel no deserto, saboreando os frutos colhidos da terra prometida. É o futuro que vem ao nosso encontro no presente.

Essa perspectiva é uma maneira muito mais útil de falar sobre a presença de Cristo na Eucaristia do que tentar redefinir a velha linguagem da transubstanciação. O problema com a velha linguagem não era que era a resposta errada, mas que era a resposta certa para a pergunta errada. ■

— *Surprised by hope*, p. 274

Jesus quer nos alimentar

Primeiro, partimos o pão e bebemos vinho juntos, contando a história de Jesus e sua morte, porque Jesus sabia que esse conjunto de ações explicaria o significado de sua morte de uma maneira que nada mais —

nenhuma teoria, nenhuma ideia inteligente — jamais poderia fazer. Afinal, quando Jesus morreu por nossos pecados não foi para nos encher a mente de ideias verdadeiras, por mais importantes que sejam, mas para que pudesse *fazer* algo, ou seja, nos resgatar do mal e da morte.

Em segundo lugar, a comunhão da ceia não é uma mágica, como protestantes desconfiados muitas vezes temiam que pudesse ser. Essa ação, como as ações simbólicas realizadas pelos antigos profetas, torna-se um dos pontos em que o céu e a terra se encontram. Paulo diz que "sempre que vocês comerem esse pão e beberem desse cálice, estão *anunciando* a morte do Senhor até que ele venha" (1Coríntios 11:26, grifo na citação). Ele não está dizendo que a ceia é uma boa oportunidade para um sermão. Como em um aperto de mão ou um beijo, o *fazer* e o *dizer* estão unidos.

Terceiro, portanto, o partir do pão também não é uma mera ocasião para lembrar algo que aconteceu há muito tempo, como os católicos desconfiados às vezes supõem ser a posição dos protestantes. Quando partimos o pão e bebemos o vinho, encontramo-nos junto aos discípulos no Cenáculo. Estamos unidos com o próprio Jesus enquanto ele ora no Getsêmani e se dirige à presença de Caifás e Pilatos. Nós nos tornamos um com ele enquanto ele está pendurado na cruz e se levanta do túmulo. Passado e presente se unem. Acontecimentos passados se fundem à refeição que partilhamos aqui e agora.

Mas não é só o passado que vem para o presente. Se o partir do pão é um dos momentos-chave em que a fina divisão entre o céu e a terra se torna transparente, também é um dos momentos-chave em que o futuro de Deus nos encontra no presente. Como os filhos de Israel ainda no deserto, saboreando a comida que os espias trouxeram de sua viagem secreta à Terra Prometida, no partir do pão estamos provando a nova

criação de Deus — a nova criação cujo protótipo e origem é o próprio Jesus.

Essa é uma das razões pelas quais ele disse "Este é o meu corpo" e "Este é o meu sangue". Não precisamos de elaboradas teorias metafísicas com longas expressões em latim para entender o ponto. Jesus — o verdadeiro Jesus, o Jesus vivo, o Jesus que habita no céu e também governa a terra, o Jesus que trouxe o futuro de Deus para o presente — quer não apenas nos influenciar, mas nos resgatar; não apenas nos informar, mas nos curar; não apenas nos dar algo novo para pensar, mas nos alimentar consigo mesmo. É disso que se trata essa refeição. ■

—*Simply Christian*, p. 153-4

Somos todos irmãos e irmãs em Cristo

Junto com a Eucaristia vem, é claro, o batismo. Novamente, muitos cristãos não conseguem explicar facilmente o que acontece no batismo ou por que o fazem. Isso não significa necessariamente que a prática se tornou um mero ritual formal (embora isso também aconteça). Pode muito bem significar que, como a própria virtude, se tornou uma segunda natureza. É assim que nos juntamos à família: mergulhando na água e subindo novamente! Morrendo e ressuscitando com Jesus, o Messias! Sinto que, pelo menos nas igrejas que conheço melhor, o batismo pode, de fato, carecer de mais explicação e mais trabalho da perspectiva de como seu significado se torna uma realidade viva para a congregação local e também para aqueles que querem que seu bebê seja batizado, mas estão longe de saber por quê. Mas a prática regular do

batismo diz algo para a congregação, algo que deve ser aprofundado cada vez mais até se tornar uma segunda natureza.

Então, qual é a mensagem transmitida? Primeiro, ninguém entra no reino de Deus de forma aleatória. Mais cedo ou mais tarde deve haver uma morte e uma ressurreição. A vida cristã, incluindo a "virtude", nunca é simplesmente uma questão de descobrir o que sinto vontade de fazer e então descobrir como fazê-lo. Não: "Porque vocês já morreram, e a vida de vocês está escondida com o Rei, que está unido a Deus" (Colossenses 3:3). O batismo deixa claro que toda a vida cristã é uma questão de morrer na cruz, de participar da cruz, de tomar a cruz e seguir Jesus. Isso precisa ser enfatizado hoje em vista da ideia extraordinária que se infiltrou em algumas igrejas de que o batismo significa simplesmente a aceitação de Deus de todos como são, sem necessidade de arrependimento ou de morrer para si mesmo e ressuscitar para Deus em Cristo.

Em segundo lugar, o batismo é o mesmo para todos, marcando decisivamente a igreja como um corpo único. Não temos um rito diferente para adultos e crianças, ou para homens e mulheres, ou para ricos e pobres, ou para pessoas de diferentes nações, raças e culturas. Sim, existem diferentes modos de batismo — algumas pessoas não pensam que é um batismo de verdade a menos que alguém se molhe da cabeça aos pés, por exemplo, enquanto a maioria de nós acha que é suficiente se um punhado de água é espirrado na cabeça (assim como a Eucaristia é uma verdadeira refeição, mesmo que seja apenas um pedaço de pão e um pequeno gole de vinho). O ponto é que o batismo, sendo o mesmo para todos, nos lembra em um nível profundo, informando o coração e a mente de cada cristão, que somos todos irmãos e irmãs em Cristo. Não há, nesse sentido, cristãos "especiais". Cada cristão tem um

chamado diferente. Mas todos os chamados são marcados com a mesma água, a mesma cruz. ■

— *After you believe*, p. 280-2

Relaxe e desfrute dos sacramentos

Rejeitar, marginalizar, banalizar ou desconfiar dos sacramentos (e atos quase sacramentais, como acender uma vela, curvar-se, lavar os pés, levantar as mãos ao céu, fazer o sinal da cruz, etc.) sob o fundamento de que tais coisas *podem* ser supersticiosas ou idólatras ou que algumas pessoas podem supor que, ao fazê-las, estão colocando Deus em dívida, é como rejeitar as relações sexuais no casamento, alegando que é o mesmo ato que em outras circunstâncias constitui imoralidade. (Sempre acho graça, nesse ponto, quando visito igrejas que abandonaram cuidadosamente todos os sinais de adoração profissional antigos — coralistas usando becas, procissões, organistas e similares —, e então inventaram novas formas de adoração que exigem o mesmo tanto de profissionalismo da perspectiva de pessoas competentes gerenciando sistemas de som, iluminação, retroprojeção e PowerPoint, e assim por diante. Não há nada de errado com ambos. Tudo pode e deve ser feito para a glória de Deus. Mas a implicação de que estilos mais antigos de adoração são de alguma forma menos espirituais, e o culto eletrônico moderno é de alguma forma mais digno, é puro preconceito cultural e deve ser alegremente ridicularizado sempre que vier à tona.)

Tente olhar assim (resumindo, por enquanto, uma questão muito mais longa que poderia ser discutida): na Eucaristia, o pão e o vinho chegam até nós como parte da nova criação de Deus, a criação em cuja realidade

Jesus já participa através da ressurreição. Os elementos falam poderosamente, como só as ações codificadas podem falar (seja um aperto de mão, um beijo, o rasgar de um contrato, ou o que quer que seja), tanto da morte que ele sofreu, através da qual a idolatria e o pecado foram derrotados, quanto de sua futura chegada em que a criação será renovada (1Coríntios 11:26). Somos alimentados por essa realidade, embora possamos achar difícil conceituar que *tipo* de realidade ela é. Saber que somos assim renovados como povo de Jesus que vive e trabalha na tensão entre a Páscoa e a renovação final nos permite pelo menos relaxar e desfrutar de tudo o que o sacramento tem a oferecer. ■

— *Surprised by hope*, p. 263-4

Paulo estava com as mangas arregaçadas

Hoje, quando as pessoas nas igrejas discutem Paulo e suas cartas, geralmente pensam apenas no homem das ideias, alguém que lidava com conceitos grandiosos e difíceis, sugerindo um mundo de bibliotecas, salas de seminário ou o ambiente quieto de estudos do ministro para a preparação de mensagens. Esquecemo-nos facilmente de que o autor destas cartas gastava a maior parte do tempo acordado e com as mangas arregaçadas, realizando um trabalho físico árduo e em clima quente, cujas conversas a respeito de Jesus e do evangelho, talvez dois terços delas, eram conduzidas não em um lugar de adoração e estudo, nem mesmo em um lar privado, mas em uma oficina, pequena e abarrocada. Saulo mantinha os pés no chão e as mãos enrijecidas com o

trabalho, mas sua cabeça ainda zunia com a Escritura e com a boa-nova a respeito de Jesus e seu coração ainda era zeloso, leal ao Único Deus.

O segundo ponto do qual podemos ter certeza é que ele orou, estudou e descobriu diversas coisas. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 87-8

Seguindo o exemplo de oração de Paulo

Enquanto viajava — no mar, nas estradas — Paulo orava, e sabemos disso. Quando diz às pessoas "orem o tempo todo", dificilmente o mandamento se aplicaria a todos, exceto a si mesmo (1Tessalonicenses 5:17). Seria simplesmente uma conversa incessante, um fluir de consciência, um monólogo (ou diálogo) com o Deus que, através de seu espírito, estava tão presente quanto o próprio fôlego? Talvez sim, mas, lendo as cartas que Paulo escreveu nos três ou quatro anos seguintes, acho que podemos ser muito mais precisos e focados. Em vários pontos das cartas, o apóstolo parece adaptar orações e liturgias judaicas para incluírem Jesus em reconhecimento à nova vida que irrompeu em meio à tradição antiga. Sabemos, a partir de muitas passagens nas cartas, que ele orava os salmos mirando Jesus, o rei prometido, o sofredor final, o verdadeiro ser humano que, agora, seria coroado de glória e de honra. Podemos conjecturar, pela maneira em que o apóstolo facilmente a elabora em seu argumento, que a adaptação impressionante da oração do *Shemá* era sua forma diária, talvez repetida três vezes ao dia, de invocar Jesus, expressar sua lealdade a ele e a seu reino: "Para nós [...] há um só Deus [...] e um Senhor" (1Coríntios 8:6).

Da mesma maneira, as "bem-aventuranças" da liturgia judaica ("Bendito seja o Deus que...") tornaram-se parte de sua celebração pelo modo com o qual o Único Deus cumpriu seu propósito em Jesus. Paulo fazia orações do Êxodo, orações do reino, orações messiânicas, orações de Jesus. A experiência de Paulo em articular a mensagem absurda a respeito de Jesus e observar como ela cativava, agarrava e mudava a vida das pessoas dava ao apóstolo razões concretas para orar dessa forma e invocar o nome de Jesus e seu poder, buscar sua proteção, sua direção, seu encorajamento e sua esperança, conhecer sua presença como foco do que ele, no início de sua vida, experimentara como o amor pactual do Único Deus.

Ao acompanharmos a trajetória exterior da vida de Paulo, é fácil esquecer que o caminho interior era tão importante quanto o exterior. A menos, porém, que nos afastemos de suas incansáveis jornadas e o imaginemos orando assim — orando enquanto ele e seus amigos partem o pão em nome de Jesus; orando enquanto espera o próximo navio, pela virada da maré, pelo tempo certo para navegar; orando por amigos doentes e pequenas igrejas recém-fundadas; orando enquanto caminha em direção ao que pode ser um encontro maravilhoso com velhos amigos ou um confronto desajeitado com velhos inimigos — a menos que incluamos a vida de oração em nossa imagem desse homem extraordinário, enérgico, ousado e, contudo, vulnerável, jamais o compreenderemos. Particularmente, não entenderemos o que aconteceu em seguida. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 261-2

Uma oração "tanto na terra como no céu"

A oração do Pai-Nosso diz: eu quero fazer parte do movimento do reino de Deus. Eu me vejo atraído para seu modo de vida que busca ser uma expressão do céu na terra. Quero fazer parte desse projeto de "pão para o mundo", para mim e para meu próximo. Preciso de perdão para mim mesmo — do pecado, das dívidas, de cada fardo que ainda carrego — e pretendo viver com perdão em meu coração ao lidar com os outros, pronto a distribuí-lo àqueles que me ofendem. (Observe como é notável que, no cerne da oração, nos comprometamos a viver de uma maneira particular, uma maneira que poderá ser difícil.) E porque eu vivo no mundo real, onde o mal ainda é poderoso, eu necessito de proteção e resgate. Em tudo isso, reconheço e celebro o reino, o poder e a glória do Pai.

A maioria das coisas sobre as quais desejamos orar são atendidas nessa oração. Como as parábolas de Jesus, é pequena em tamanho, mas enorme em abrangência e escopo. Algumas pessoas acham útil orar o Pai-Nosso lentamente, pausando a cada poucas palavras para apresentar diante de Deus as coisas particulares em seu coração que se enquadram em cada categoria. Algumas pessoas preferem usá-lo no início ou no final de um tempo mais longo de oração, seja para definir o contexto para todo o resto ou para resumir as coisas. Algumas pessoas acham que dizer isso devagar, repetidas vezes, as ajuda a mergulhar profundamente no amor e na presença de Deus, no lugar onde as esferas celestiais e terrenas se sobrepõem, no poder do evangelho para trazer pão, perdão e resgate. Independentemente da forma que você pretende usá-la, use-a. Comece hoje e observe o resultado em sua própria vida. ■

— *Simply Christian*, p. 160-1

A LIBERDADE DA ORAÇÃO FORMAL

Não há nada de errado em orar uma oração composta por outra pessoa. Na verdade, talvez tenha algo errado em *não* usar esse tipo de recurso. Alguns cristãos, algumas vezes, podem sustentar uma vida de oração inteiramente com seus próprios recursos internos, assim como há montanhistas corajosos (eu conheci um) que podem caminhar pelas montanhas escocesas descalços. Mas a maioria de nós precisa de botas; não porque não queremos fazer a caminhada nós mesmos, mas porque sabemos que precisamos de auxílio para completá-la.

Esse argumento, será óbvio, é destinado a uma direção particular: ao crescente número de cristãos em muitos países que, sem perceber, estão absorvendo um elemento da cultura moderna tardia (a mistura romântica + existencialista) como se fosse o próprio cristianismo. A eles quero dizer: não há nada de errado, nada "subcristão", nenhuma relação com "justiça pelas obras", em usar palavras, formas definidas, orações e sequências de orações escritas por outras pessoas em outros séculos. De fato, a ideia de que devo sempre encontrar minhas próprias palavras, de que devo gerar minha própria devoção do zero todas as manhãs, de que, a menos que pense em novas palavras, devo ser espiritualmente preguiçoso ou deficiente — é um sinal muito familiar de orgulho humano, de querer "fazer as coisas do meu jeito", de, sim, justiça pelas obras. A boa liturgia — as orações de outras pessoas, seja para uso coletivo ou individual — pode e *deve* ser um sinal e um meio de graça, uma ocasião de humildade (aceitar que alguém disse, melhor do que eu, o que quero expressar) e gratidão. Quantas vezes agradeci, diante do anoitecer metafórico e literal, pela velha oração anglicana que diz,

> Ilumina nossas trevas, suplicamos, ó Senhor.
> E por tua grande misericórdia

defende-nos de todos os perigos e ameaças desta noite,
por amor de teu Filho unigênito,
nosso Salvador Jesus Cristo. Amém.

Eu não a escrevi, mas quem escreveu tem minha eterna gratidão. São exatamente as palavras que eu precisava.

Claro, há uma possibilidade de ir longe demais. Os românticos e os existencialistas não eram tolos. Algumas roupas não servem; elas restringem tanto o movimento quanto a personalidade. Algumas botas de caminhada são muito pesadas. Quando Davi foi lutar contra Golias, não podia usar a armadura pesada que a tradição sugeria. Ele teve que usar as armas mais simples que conhecia, armas que lhe serviam. Se não fosse tão trágico, seria extremamente cômico ver muitas pessoas em igrejas tradicionais se aglomerando em armaduras feitas para guerras sérias — em outras palavras, usando liturgias antigas e práticas tradicionais — sem muita ideia aparente de seu significado e utilidade. ■

— *Simply Christian*, p. 165-7

Os credos são confissões de fé compartilhada, não um programa curricular

Os credos foram impressionantes, uma inovação pós-bíblica única para lidar com uma nova necessidade. Eles funcionaram como emblema e símbolo da família cristã (não é à toa que a palavra latina para "credo" é *symbolum*) por mais de mil anos, sendo, desse modo, mais do que uma mera lista de coisas em que viemos a crer. Dizer que acreditamos nos credos destaca-nos como pessoas que estão em relação de continuidade com aqueles que nos precederam e com aqueles que hoje, em diferentes

lugares ao redor do mundo, compartilham da mesma fé e da mesma vida.

Não obstante, conforme observamos na primeira parte deste livro, não podemos mais dizer que a Bíblia e os credos podem se unir dessa forma final, íntima. Os credos simplesmente *não* "deixam a Escritura alcançar sua expressão natural de dois testamentos". Na verdade, para muitos que empregam os credos há anos, o Antigo Testamento continua, em grande medida, um livro fechado. Há muitos que ficariam horrorizados em ter seu status de cristão fiel ao credo questionado, mas a vida, a adoração, o ensino, a oração e a reflexão cristã sobre o Antigo Testamento desses tais não exercem nenhum papel visível. Os credos não fazem praticamente nada para desafiar essa forma de cristianismo truncado, quase marcionista. (Quando digo "praticamente nada", reconheço duas exceções: dirigir-se a Deus como "criador dos céus e da terra" evoca Gênesis 1, para aqueles que têm ouvidos para ouvir; e dizer, no Credo Niceno, que o Espírito Santo "falou pelos profetas" reconhece — presumindo, com a maioria, que a referência é a "profetas" do Antigo Testamento, não do Novo — que o dom de Pentecoste foi simplesmente a universalização da inspiração especial de antigos autores bíblicos.)

Entretanto, isso é só o começo. Conforme vimos, algo que acompanha diretamente o silêncio dos credos quanto à história de Israel como um todo é a completa ausência de qualquer coisa relacionada ao reino de Deus. Não há problemas nisso, desde que os credos sejam vistos como sinalizadores-chave em áreas marcadas por controvérsias sérias. Mas assim que fazemos deles *o* programa curricular, a lista mestra de tópicos vitais, surge uma grande lacuna. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 266-7

Orando pelo retorno do Rei

Algumas das orações regulares, em minha tradição, me deixam "muito para baixo" — o que, na verdade, é a metáfora errada, porque o que elas realmente fazem é dizer: "Jesus foi elevado ao céu, e oramos para que possamos ser elevados com ele também". De fato, há um sentido em que isso é verdade, como em Efésios 2:6 e Colossenses 3:1-4. Entretanto, quando as pessoas ouvem essas orações hoje (falando de Jesus sendo exaltado ao céu e de nós indo, de coração e mente, para estar com ele para sempre; ou falando do Espírito Santo como aquele que nos exaltará ao lugar de onde ele mesmo veio), são levadas, dentro da confusa visão de mundo contemporânea, a reforçar sua visão de que todo o objetivo da fé cristã é seguir Jesus da terra para o céu e ficar lá para sempre. O Novo Testamento, em contraste, insiste que aquele que foi para o céu voltará. Em nenhum ponto dos Evangelhos ou de Atos alguém diz algo remotamente parecido com: "Jesus foi para o céu, então vamos nos assegurar de que podemos segui-lo". Eles afirmam, em vez disso, "Jesus está no céu, governando o mundo inteiro, e ele um dia retornará para tornar esse governo completo". ■

— *Surprised by hope*, p. 116-7

Não negligencie o hinário original da igreja

Em algumas vertentes do cristianismo contemporâneo, Salmos não é mais usado na adoração diária e semanal, algo perceptível especialmente em contextos de grande crescimento eclesiástico, em termos numéricos e vitais, sobretudo nos movimentos carismáticos de diversas denominações. Até certo ponto, os imensamente populares "cânticos de adoração" (dentre os quais poucos empregam, aqui e ali,

frases extraídas de Salmos) removeram, para milhares de adoradores entusiásticos comuns, o ritmo constante e penetrante dos salmos. Trata-se, creio eu, de um grande empobrecimento.

Não sou, de maneira alguma, contra a composição de novos cânticos. Pelo contrário: cada geração tem o dever de fazê-lo. Entretanto, negligenciar o hinário original da igreja é, colocando-o de modo abrupto, loucura. Existem muitas maneiras de cantar e orar Salmos; há estilos para todo gosto. Tal característica, de fato, faz parte do charme duradouro dos poemas. Espero que um dos efeitos desta pequena obra seja estimular e encorajar aqueles que lideram a adoração em diversos contextos a pensar e orar sobre como reintegrar o antigo livro de oração da igreja à vida comunal regular. Salmos constitui a própria raiz bíblica da grande árvore a que chamamos "cristianismo". Você não precisa ser especialista em horticultura para saber o que acontecerá com o fruto da árvore se as raízes não estiverem em boas condições. ■

— *Salmos*, p. 12-3

A raiz da missão cristã

O livro de Salmos se posiciona na intersecção de tempo e espaço, do Templo de Jerusalém da época e do futuro templo cósmico. A ideia se aproxima da declaração paulina em Romanos 8:18-27, e também está no coração do que João, o Visionário, diz ao esboçar sua visão da Nova Jerusalém na forma de um Santo dos Santos gigantesco (Apocalipse 21), quando, como no final do livro de Ezequiel, a cidade será conhecida pelo fato de que "YHWH está aqui" (Ezequiel 48:35).

O Novo Testamento se apropria de todos esses temas, tão centrais ao saltério, e canta-os em uma nova tonalidade. Há ainda, claro, uma orientação futura definitiva para tudo isso. Os primeiros cristãos não

imaginavam, nem por um momento, que haviam "chegado" plenamente à nova criação. Mas com a ressurreição de Jesus e o dom do Espírito, essa nova criação já havia irrompido no mundo, de modo que eles podiam cantar os cânticos antigos com um novo conjunto de harmonias, por assim dizer. Aprender a cantá-los dessa maneira constituía o coração da espiritualidade cristã primitiva e a raiz primária do início da missão cristã. ■

— *Salmos*, p. 104

Adoração multidimensional

Mais uma vez, a preocupação principal dos salmos é com *adoração*: a adoração multidimensional na qual cada aspecto da vida humana — amor, temor, prazer, ira, desespero e gratidão — é entregue como oferta a Deus, o qual se dispõe, ele próprio, a permanecer na intersecção de tempo, espaço e matéria. Pode ser que, para nós, o livro de Salmos não pareça sempre particularmente puro ou digno, como sacrifícios devem ser. Contudo, creio que parte da ideia é que ele é *verdadeiro*, o derramar sincero daquilo que constitui a natureza real do adorador. Ademais, quando adoramos o Deus criador com integridade e de todo o coração, confiamos — e Salmos encoraja fortemente tal confiança — no fato de que somos recriados. Nosso exemplo vem de Paulo: o apóstolo escreve aos colossenses que Deus os está sempre "renovando, para que vocês se tornem parecidos com ele, a fim de fazer com que vocês o conheçam por completo" (Colossenses 3:10). ■

— *Salmos*, p. 34-5

Adorando com o louvor de toda a criação através dos Salmos

Cuidas da terra e a regas;
fartamente a enriqueces.
Os riachos de Deus transbordam
para que nunca falte o trigo,
pois assim ordenaste.
Encharcas os seus sulcos
e aplainas os seus torrões;
tu a amoleces com chuvas
e abençoas as suas colheitas.
Coroas o ano com a tua bondade,
e por onde passas emana fartura;
fartura vertem as pastagens do deserto,
e as colinas se vestem de alegria.
Os campos se revestem de rebanhos
e os vales se cobrem de trigo;
eles exultam e cantam de alegria! (Salmos 65:9-13)

Campos são retratados vestindo-se do traje mais fino, como se estivessem se preparando para uma festa: a festa de Deus, a temporada de colheita que o ser humano facilita, porém não cria. (É uma indicação de quanto a sociedade ocidental contemporânea se distanciou de suas raízes agrícolas, das quais todas as sociedades antes da nossa eram próximas, o fato de termos de piscar e esfregar os olhos para enxergarmos campos e colinas dessa maneira.)

Com meu amadurecimento no passar dos anos, aprendi a levar tudo isso mais a sério do que o mundo ocidental sugere. O velho livro de oração anglicano prescreve, a ser lido diariamente, Salmos 95, que celebra o poder criativo de Deus:

Pois YHWH é o grande Deus,
o grande Rei acima de todos os deuses.
Nas suas mãos estão as profundezas da terra,
os cumes dos montes lhe pertencem.

Dele também é o mar, pois ele o fez;
as suas mãos formaram a terra seca (Salmos 95:3-5).

Após a leitura do Antigo Testamento, o cultuar da oração matutina prossegue para o antigo hino chamado "Te Deum", que começa de modo semelhante:

Louvamos-te, ó Deus.
Reconhecemos-te como Senhor.
Toda a terra louva a ti,
o Pai eterno.

Toda a terra! Os serafins na visão de Isaías declararam que toda a terra está cheia da glória de YHWH (Isaías 6:3). Com esse texto de um lado e, do outro, o hino-resposta de Apocalipse 4, por que não deveríamos contemplar a terra frutífera ao nosso redor — sejam montanhas e lagos, ou simplesmente um vaso de flores no parapeito de uma janela — e celebrar o fato de que tudo está louvando ao seu criador? Isso, de fato, é parte do significado de quando afirmamos, com o Credo Niceno, que cremos em "Deus Pai, o Todo-Poderoso, *criador do céu e da terra*". Se nossa adoração não se une, de modo mais ou menos consciente, aos louvores de toda a criação, devemos questionar se tal gesto se trata de uma adoração genuinamente cristã. ■

— *Salmos*, p. 113-5

Unindo-se à adoração de toda criatura no céu e na terra

Em Apocalipse, "toda criatura no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há" junta-se ao cântico:

Àquele que está no trono e ao cordeiro
sejam louvor, honra, glória
e poder para todo o sempre! (Apocalipse 5:13)

É disso que se trata a adoração. É o alegre grito de louvor da criação que se eleva a Deus, o criador e salvador. Neste louvor, a criação reconhece seu criador e também o triunfo de Jesus, o Cordeiro. Essa é a adoração que está acontecendo no céu, na dimensão de Deus, o tempo todo. A pergunta que devemos fazer é qual a melhor forma de nos unirmos a essa adoração. ■

— *Simply Christian*, p. 146-7

Os salmos são agentes de mudança

Os salmos falam de mudança, mas, de modo mais relevante, são *agentes* de mudança: mudança no ser humano que os canta e mudança *por meio* desse ser humano, à medida que sua vida transformada traz a bondade e a justiça de Deus para o mundo. Os salmos fazem muito mais do que informar o cantor e o leitor a respeito da visão de mundo israelita, na qual passado, presente e futuro, céus e terra, criação e nova criação se sobrepõem. Eles são parte do meio pelo qual isso acontece. É como se a mesma composição de Schubert que fala do anseio do homem por sua amada fosse usada como meio bem-sucedido de atraí-la.

— *Salmos*, p. 148

O desafio de todos os 150 salmos

Acho impossível, portanto, imaginar uma igreja crescente e em processo de amadurecimento ou indivíduos cristãos desenvolvendo a

vida cristã sem o livro de Salmos. E é por isso que, para ser franco, boa parte da música cristã contemporânea já me preocupa há algum tempo.

A última geração das igrejas ocidentais acompanhou uma explosão enorme de "música cristã", com centenas de novas canções escritas e entoadas, normalmente com grande devoção e energia. Isso é maravilhoso. Como todo novo grande movimento, sem dúvida ele terá de separar o joio do trigo; antes esses sinais de vida, porém, do que a repetição estéril de tradições ultrapassadas.

Até recentemente, entretanto, os tipos de tradição que originaram essa nova música — tradições que se consideram "bíblicas" — sempre incluíam doses sólidas de salmodia. Se a tendência mudou, o melhor é retroceder a essa antiga disposição o quanto antes, trazendo consigo, claro, todos os recursos de novos tratamentos musicais adquiridos. Adorar sem o emprego de Salmos é arriscar plantar sementes que nunca germinarão.

Há também outro ponto a ser feito. Muito do que Salmos deve fazer precisa ser feito como um *conjunto completo*. Devemos resistir, como prática geral ou normal, a escolhas aleatórias, arbitrárias e caprichosas de alguns poucos versículos, o que se tornou lugar-comum onde Salmos ainda é usado. Devemos dar o nosso melhor para descobrir maneiras de empregar todo o saltério.

Precisamos recitar ou cantar trechos que nos deixam perplexos tanto quanto porções "fáceis". É necessário permitir que o fluxo e o equilíbrio de todo o conjunto estabeleçam a ideia desejada, interpretando os extremos de alto e baixo do saltério como expressão e personificação dos altos e baixos da vida humana, da nossa vida.

É um desafio, e diferentes comunidades cristãs elaborarão meios diferentes de fazê-lo, conforme lhes for apropriado. ■

— *Salmos,* p. 148-50

Mergulhe nos salmos!

É claro que nunca entenderemos tudo em Salmos. Haverá enigmas e dificuldades. Algumas igrejas, congregações e cristãos descobrirão que esse livro de poesia antiga contém passagens que eles não podem, em sã consciência, utilizar — particularmente aqueles versos que lançam maldições amargas sobre seus inimigos. Essa é uma decisão que deve ser tomada em cada igreja local. No entanto, nenhuma congregação cristã deve negar a si mesma o uso regular e completo de Salmos. Uma das grandes tragédias em muitos cultos contemporâneos de igrejas com estilos de adoração "espontâneos" é a evidente ausência deles. Aqui está um desafio para uma nova geração de músicos, assim como para aquelas tradições, como a minha, nas quais os Salmos sempre estiveram à frente e no centro: estamos fazendo o melhor uso deles? Estamos mergulhando neles, ou simplesmente utilizando-os de modo superficial e vazio? ■

— *Simply Christian*, p. 152-3

É hora de acordar

Podemos estar preparados para admitir que a ressurreição de Jesus abriu uma nova era na história mundial. Mesmo isso, no entanto, exige certo trabalho. A retórica anticristã dos últimos duzentos anos no mundo ocidental fez todo possível para negar essa realidade. A maioria de nós tem uma reação pavloviana, ou seja, automática, à afirmação do Novo Testamento acerca do reino presente. Nós imediatamente queremos falar sobre as ambiguidades do império de Constantino, a conivência de muitas igrejas nas atrocidades do século 20, e muito mais. Mas não devemos deixar que uma penitência adequada pela maldade do

passado se transforme em uma falsa humildade sobre as extraordinárias realizações da igreja no passado e no presente.

Os William Wilberforces e os Desmond Tutus são reais e importantes, assim como um milhão de outros menos conhecidos. Eles são sinais do estranho senhorio de Jesus sobre o mundo. Todos nós somos chamados a viver dentro do mundo onde ações como as deles são possíveis e a ser agentes de mudanças semelhantes à medida que estão dentro do âmbito de nosso chamado e esfera. Porém, para Paulo, a ressurreição não é apenas uma realidade pública. Trata-se da vida pessoal e íntima da ressurreição para a qual cada um de nós é chamado. Trata-se, em outras palavras, de batismo e santidade. É aqui que devemos ouvir mais uma vez seu chamado: é hora de acordar. ■

— *Surprised by hope*, p. 248

ADVENTO

> *Isso é mais importante ainda, porque vocês conhecem o tempo em que vivemos. Chegou a hora de vocês despertarem do sono. Nossa salvação, vejam só, está mais próxima agora do que da primeira vez que cremos. A noite está quase acabando e o dia já vem chegando. Portanto, retiremos as obras das trevas e vistamos a armadura da luz. Comportemo-nos de modo apropriado, como à luz do dia: não em festas depravadas e bebedeiras, não em orgias e vergonhosa imoralidade, não em desavenças e ciúmes. Ao contrário, vistam-se do Senhor Jesus, o Messias, e não cedam nem um pouco aos desejos da carne e à sua licenciosidade.* ■
>
> — Romanos 13:11-14, The Kingdom New Testament, p. 333

Confuso com o Advento?

"Cristo morreu", dizemos na Eucaristia Anglicana, "Cristo ressuscitou; *Cristo voltará*." E, claro, também no credo: "Ele virá novamente em glória para julgar os vivos e os mortos". Se cantamos isso uma vez durante o tempo do Advento, cantamos uma dúzia de vezes: "Aleluia! Vem, Senhor, vem!"

E, no caso de grande parte dos cristãos comuns na Grã-Bretanha hoje — e em muitos outros lugares também, incluindo partes da América do Norte —, talvez acrescentemos baixinho, "mesmo que eu não tenha a menor ideia do que isso significa". A chamada "segunda vinda de Jesus" não é um tema muito popular na pregação das principais igrejas em nossos dias, mesmo no período do Advento (algumas igrejas, é claro, falam mais sobre isso; retornarei a elas em breve). Os lecionários mais recentes que usamos em minha igreja nos afastam dela. Além disso, o renascimento de uma vida eucarística vibrante na Igreja da Inglaterra nos anos do pós-guerra trouxe consigo, pelo menos em alguns círculos, uma teologia que parecia não deixar espaço para uma segunda e final vinda. ■

— *Surprised by hope,* p. 117

Escoltando o rei legítimo em sua Entrada Triunfal

A palavra *parousia*, que significa "aparecimento real", era regularmente usada para descrever a "vinda" ou o "aparecimento real" de César ao visitar uma cidade ou ao voltar para Roma. Em tais ocasiões, os principais cidadãos saíam às ruas para encontrá-lo, e o

termo técnico usado para descrever tal encontro era *apantçsis* — a mesma palavra que Paulo usa em alguns contextos para "encontro", como em "encontrar com o Senhor no ar" (1Tessalonicenses 4:17). Mas, quando os cidadãos saíam ao encontro de César, não se reuniam timidamente no quintal de suas casas. Não faziam um mero piquenique nos campos e acenavam enquanto ele passava; antes, saíam *para escoltar seu senhor em sua chegada à cidade*. Assim, as palavras de Paulo não devem ser conformadas à imagem não bíblica da segunda vinda em que Jesus está "voltando para nos levar para casa" — descendo, pegando seu povo e voltando para o céu com eles, longe da terra perversa para sempre.

Como o Apocalipse deixa claro em várias passagens, com ecos em outros livros do Novo Testamento, o ponto é que Jesus reinará na terra, e em sua aparição real os fiéis irão ao seu encontro, como os discípulos no caminho para Jerusalém, só que agora em pleno triunfo. Nós então o escoltaremos de volta ao mundo que é dele por direito e que ele vem reivindicar, julgar e governar com cura e soberania sábia.

"Quando Cristo vier", cantamos em um hino querido, "com brado de aclamação e me levar para casa, que alegria encherá meu coração". O que deveríamos cantar é: "Quando Cristo vier, com brado de aclamação, *e curar o seu mundo*, que alegria encherá meu coração". No Novo Testamento, a segunda vinda não é o momento em que Jesus arrebata as pessoas e as leva para bem longe da terra para viverem para sempre com ele em outro lugar; mas o momento em que ele retorna para reinar não apenas no céu, mas também na terra. ■

— *Surprised by Scripture,* p. 101-2

O grande dia do reaparecimento de Jesus

Pensar na segunda vinda de Jesus ou em seu "retorno" geralmente levanta o mesmo tipo de problema que vimos com a ascensão. Pessoas que ainda pensam que o "céu" está muito distante e que foi para lá que Jesus se dirigiu imaginam que a segunda vida será um acontecimento semelhante ao retorno de um ônibus espacial de sua órbita longínqua. Não! *O céu é o espaço de Deus, a dimensão divina da realidade presente*, de modo que pensar em Jesus "retornando" é, na verdade — como Paulo e João dizem nas passagens citadas — pensar nele como que invisível no presente, mas *reaparecendo* um dia.

Jesus não aparecerá no mundo em seu estado atual. Seu retorno — sua reaparição — será a característica central de um acontecimento muito mais amplo, prometido pelos escritores do Novo Testamento, baseado na própria ressurreição de Jesus: um dia, céus e terra se unificarão e estarão presentes, e nítidos, um ao outro. Foi para esse propósito que eles foram criados, e é isso que Deus cumprirá. (Apesar de que, na verdade, ele já o cumpriu na pessoa do próprio Jesus; e o que Deus fez em Jesus, unificando céus e terra a um grande custo e com imensa alegria, abrangerá, finalmente, todo o cosmos.) É isso que está no cerne das orações visionárias de Paulo:

> Seu plano consistia em fazer concentrar todo o cosmo no rei — sim, convergir nele tudo o que está nos céus e na terra (Efésios 1:10). ■
>
> — *Simplesmente Jesus*, p. 250-1

Um reaparecimento, não a descida de um astronauta do céu

Observe um par significativo de passagens. Primeiro, no final de 1Coríntios, Paulo de repente escreve uma frase em aramaico, *Marana tha*, que significa: "Vem, Senhor nosso!" e reflete (como a palavra *Abba*, "pai") a igreja primitiva de fala aramaica. Não parece haver qualquer razão para a igreja de língua grega ter inventado uma oração em aramaico. Portanto, bem provavelmente, essa expressão nos conecta com uma tradição extremamente antiga e pré-paulina. A igreja primitiva estava desde o início orando a Jesus para que ele voltasse.

Em segundo lugar, olhemos para uma passagem muito diferente em Colossenses 3. Aqui temos, em poucas palavras, a teologia da ressurreição e ascensão de Paulo aplicada à vida cristã presente e à esperança cristã futura:

> Vocês foram ressuscitados com o Rei. Portanto, ponham seu interesse nas coisas que são do céu, onde o Rei está sentado ao lado direito de Deus. Pensem nas coisas lá do alto, e não naquelas que pertencem à terra. Porque vocês já morreram, e a vida de vocês está escondida com o Rei, que está unido a Deus. O Rei é a verdadeira vida de vocês e, quando ele aparecer, vocês aparecerão com ele e tomarão parte em sua glória (3:1-4).

Observe o ponto central aqui: em vez de usar a palavra "vir", ou a abençoada palavra *parousia*, Paulo usa a palavra *aparecer*. É o mesmo evento, mas de um ângulo diferente, e isso nos ajuda a desmistificar a ideia de que a "vinda" de Jesus significa que ele descerá como um astronauta do céu. Jesus está atualmente no céu. Mas, como vimos anteriormente, o céu, sendo o espaço de Deus, não está em algum lugar dentro do espaço do nosso mundo, mas é um espaço diferente, embora intimamente relacionado. A promessa não é que Jesus simplesmente reaparecerá dentro da atual ordem mundial, mas que quando o céu e a terra forem unidos da nova maneira que Deus prometeu, então ele

aparecerá para nós — e nós apareceremos para ele e uns para os outros, em nossa verdadeira identidade. ■

— *Surprised by hope,* p. 134-5

Esteja pronto para os terremotos!

Somos chamados a viver na sobreposição do céu e da terra — a terra que ainda não foi totalmente redimida como um dia será — e do futuro de Deus e do presente deste mundo. Estamos presos em uma pequena ilha perto do ponto onde essas placas tectônicas — céu e terra, futuro e presente — estão se juntando. Esteja pronto para terremotos!

Em Romanos, quando Paulo escreve seu maior capítulo sobre a vida no Espírito e a renovação vindoura de todo o cosmos, ele aponta que no cerne de tudo está o fato de que, embora não saibamos orar como convém, o Espírito — o próprio Espírito de Deus — intercede por nós de acordo com a vontade de Deus. É uma passagem pequena (Romanos 8:26,27), mas extremamente importante tanto pelo que diz quanto por onde diz. Este é o contexto: toda a criação de Deus está gemendo em dores de parto, diz Paulo, esperando que o novo mundo nasça de seu ventre. A igreja, o povo de Deus no Messias, está, ao mesmo tempo, envolvida nesse processo de dar à luz o novo mundo e também geme no desejo pela redenção. (Alguns versículos antes, Paulo fala sobre compartilhar os sofrimentos do Messias. Será que ele tinha em mente o Getsêmani?)

A oração cristã é mais autenticamente cristã quando expressa essa compreensão sobre a sobreposição das eras, unindo-se à criação que anseia por um novo nascimento. ■

— *Simply Christian*, p. 161-2

Entre a inauguração e a consumação: o advento

Evidentemente, os primeiros escritores cristãos estabeleciam uma escatologia que havia sido inaugurada, mas não consumada por completo; celebravam (Paulo é explícito neste ponto em 1Coríntios 15:20-28) algo que *já aconteceu*, mas que, ao mesmo tempo, *ainda tem de acontecer no futuro*. Eles criam estar vivendo entre a *conquista* de Jesus e a plena *implementação* do reino de Deus. No entanto, a escatologia em questão não é apenas a escatologia pessoal ou "espiritual" de grande parte do pensamento ocidental ("ir para o céu" no futuro, mas com um gosto do "céu" e da "vida eterna" já no presente), e sim a escatologia social, cultural, política e mesmo cósmica de Mateus, de Paulo, de Apocalipse e, obviamente — talvez acima de todos eles —, do Quarto Evangelho.

A própria nova criação começou, os apóstolos diziam, e será completada. Jesus está governando sobre essa nova criação, tornando-a uma realidade por meio do testemunho da igreja. "O governante deste mundo" foi derrotado; os poderes deste mundo foram postos por último na procissão triunfal de Jesus como um exército derrotado, maltrapilho. *E é assim que Deus está se tornando rei na terra como no céu*. Essa é a verdade que os Evangelhos estão ávidos por nos contar, verdade que, nos últimos duzentos anos, as culturas europeia e americana têm tentado abafar desesperadamente.

Ademais, conforme já vimos, o mundo do Iluminismo tem adotado uma postura polêmica contra o cristianismo. "Houve algo de bom", pergunta o movimento, "que a igreja fez por nós? A igreja não produziu nada além de bate-bocas, cruzadas, inquisições e caça às bruxas. Ela é

parte do problema, não da solução." É claro que você deve contar a história desse jeito se é Voltaire, ávido por apagar o "escândalo" da igreja, ou mesmo um jornalista pós-moderno, pronto para zombar dos supostos representantes de Deus (o clero, geralmente enlameado), para se convencer de que não deve levar o próprio Deus a sério. Contudo, o fracasso do cristianismo é um mito moderno, e não devemos nos envergonhar de contar a história da igreja, isto é, sua história real, que contém lamaçal e impiedade, mas também, muito mais do que imaginamos em amor, criatividade, beleza, justiça, cura, educação e esperança. Imaginar um mundo sem o evangelho de Jesus é imaginar um lugar extremamente obscuro, o equivalente cultural e ideológico daqueles edifícios antigos da década de 1960, estruturas sem espírito, caixas sem beleza, completamente funcionais, mas de nenhum modo atraentes. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 178-9

Nosso tempo está nas mãos de Jesus

Somos chamados, então, a estender os braços de nossa mente e de nosso coração e nos encontrarmos, modelados por Cristo e pela cruz, na intersecção de passado, presente e futuro, do tempo de Deus com o nosso. Esse é um lugar de intensa dor e intensa alegria, cuja essência talvez possa ser incorporada apenas pela música e pela poesia. Salmos são dádivas que nos ajudam não apenas a pensar de maneira mais sábia acerca das sobreposições e dos paradoxos do tempo, mas a viver em meio a eles. Podemos nos apropriar desses poemas em dias de tribulação e nos lembrar da história na qual vivemos, a qual partilhamos com um

personagem misterioso, a quem os salmos se referem como "tu". Passado, presente e futuro lhe pertencem. Somos chamados a viver, com alegria e dor, na história que é tanto dele quanto nossa. Nosso tempo está nas mãos de Jesus. ■

— *Salmos*, p. 73

A VIDA DA ERA VINDOURA JÁ COMEÇOU

O *tempo* da igreja – sua longa história e a tradição que se acumulou ao seu redor – deve ser levado a sério em qualquer visão da igreja que seja escatologicamente fundamentada e moldada pela missão. Mais uma vez, devemos, é claro, tomar cuidado com a idolatria, a santificação de coisas que foram secundárias e agora são irrelevantes. Precisamos estar conscientes de que a igreja fez e disse muitas coisas tolas e perversas, bem como muitas coisas sábias e piedosas. Mas a história da igreja é a história das maneiras pelas quais, apesar da insensatez, do fracasso e do pecado desastroso, o futuro de Deus já irrompeu sobre o que, para nossos antepassados, era o tempo presente, deixando-nos um legado daquele fragmento de passado que está repleto não apenas de erros e estilos de vida culturalmente condicionados, mas também de padrões da nova criação, os quais, do nosso ponto de vista, já foram tecidos na história — fragmentos do futuro de Deus, por assim dizer, que agora já são fragmentos do nosso passado.

É claro que é muito importante discernir o que, na tradição, deve ser visto como um exemplo do novo padrão e o que deve ser visto como um exemplo de erro da igreja. No entanto, abandonar a tradição só porque é tradição é render-se à pós-modernidade e a um tipo de

"ultraprotestantismo" que corta a árvore pela raiz por acreditar que as árvores devam ser vistas por inteiro, sendo inegavelmente frutíferas, mas sem nenhuma de suas partes enterrada em solo sujo.

Em particular, os Evangelhos (especialmente João) e a prática primitiva da igreja (como em Paulo) refletem o entendimento muito antigo da igreja de que *o primeiro dia da semana*, o dia da Páscoa, tornou-se um sinal no mundo presente e sua sequência temporal de que a vida da era vindoura já começou. O domingo, mantido como uma comemoração da Páscoa desde aquele evento em si (um fenômeno bastante notável quando pensamos a respeito), não é simplesmente um legado de valores vitorianos, mas um sinal perpétuo, alegremente renovado semana a semana, de que todo o tempo pertence a Deus e está sob o senhorio renovador de Jesus Cristo. ■

— *Surprised by hope*, p. 261-2

Lendo as Escrituras da perspectiva do advento

As Escrituras — o Antigo e o Novo Testamentos — são a história da criação e da nova criação. Dentro disso, temos a história da aliança e da nova aliança. Quando lemos as Escrituras como cristãos, nós as lemos precisamente como pessoas da nova aliança e da nova criação. Em outras palavras, não as lemos como uma lista simples e uniforme de regulamentos ou doutrinas, mas como a narrativa na qual nós mesmos somos agora chamados a participar. Nós as lemos para descobrir "o que aconteceu até aqui" e também "como a história terminará".

Ao fazermos isso — como grupos, igrejas e indivíduos — devemos permitir que o poder do futuro prometido de Deus atue em nós. À

medida que lemos os Evangelhos, devemos nos lembrar de novo e de novo — porque a atração da cultura ocidental predominante é tão forte que, se não o fizermos, seremos arrastados de volta ao dualismo — que essa é a história de como, através da obra de Jesus, o reino de Deus foi estabelecido tanto na terra como no céu, cumprindo a grande história de Israel, derrotando o poder do mal e inaugurando o novo mundo de Deus. Ao lermos as Cartas, devemos nos lembrar de que esses são os documentos destinados a moldar e dirigir a comunidade da nova aliança, o povo que foi chamado a levar avante a obra da nova criação.

Ao lermos Apocalipse, não devemos permitir que a maravilhosa visão celestial nos capítulos 4 e 5 nos leve a imaginar que aquela é a cena *final* da história, como se a narrativa simplesmente acabasse ali (como no hino de Charles Wesley) com os remidos lançando suas coroas diante do trono. Apocalipse 4 e 5 nos fornece um vislumbre da realidade *presente*, só que vista em sua dimensão celestial. Devemos ler até o fim, até a visão final de Apocalipse 21 e 22, os capítulos que dão significado final a tudo o que aconteceu antes e, de fato, a todo o cânon.

Portanto, a Bíblia como um todo alcança seu propósito e é melhor lida quando vista da perspectiva da nova criação. Ela é projetada não apenas para nos contar *sobre* essa obra da nova criação, como se devêssemos observá-la de uma perspectiva distante e desapegada; não apenas para nos fornecer informações verdadeiras sobre a vida nova e ressurreta de Deus, mas também para *promover* essa obra da nova criação nas próprias igrejas, grupos e indivíduos que a leem, que encontram sua identidade no Jesus que ali encontram, e que permitem que ele molde suas vidas. A Bíblia é, portanto, a história da criação e da nova criação, e ela mesma, através da obra contínua do Espírito que a inspirou, é um instrumento da nova criação nas vidas e comunidades humanas. ■

— *Surprised by hope*, p. 281-2

Como virá a nova criação?

O Novo Testamento, fiel às suas raízes no Antigo Testamento, insiste veementemente que a questão central é o propósito de Deus de resgate e recriação de todo o mundo, todo o cosmos. O destino dos seres humanos individuais deve ser entendido dentro desse contexto — não apenas no sentido de que somos apenas parte de um quadro muito maior, mas também no sentido de que parte de todo o objetivo de ser salvo no presente é para que possamos desempenhar um papel vital dentro desse quadro e propósito mais amplos (Paulo fala desse papel nos termos chocantes de sermos "colaboradores de Deus").

Isso, por sua vez, nos ajuda a entender que a questão do nosso próprio destino, da perspectiva das alternativas de alegria ou aflição, é provavelmente a maneira errada de encarar a questão como um todo. A pergunta deveria ser: "*Como virá a nova criação de Deus?*" e então: "*como nós, humanos, contribuiremos para essa renovação da criação e para os novos projetos que o Deus criador lançará em seu novo mundo?*" A escolha diante de nós então seria formulada de forma diferente: você vai adorar o Deus criador e descobrir assim o que significa tornar-se plena e gloriosamente humano, refletindo seu amor poderoso, curador e transformador no mundo? Ou você vai adorar o mundo como ele é, aumentando sua corrupção humana através da busca por poder ou prazeres mundanos, mas, no fim, contribuindo apenas para sua própria desumanização e para a expansão da corrupção do mundo? ■

— *Surprised by hope*, p. 184-5

Virando o mundo de cabeça para baixo

"O reino de Deus está chegando" (Marcos 1:15). Esse anúncio era o centro da proclamação pública de Jesus. Ele estava se dirigindo à realidade na qual o povo judeu estava aguardando ansiosamente para que seu Deus os resgatasse da opressão pagã e colocasse o mundo em ordem — em outras palavras, para que seu Deus se tornasse rei de forma plena e completa. Os Evangelhos contam a história de modo que as promessas antigas e os anseios contemporâneos urgentes se convergem, com Jesus no meio de tudo. Não há nenhuma boa razão para duvidar de que era assim que o próprio Jesus via sua obra.

Mas o que ele quis dizer? O profeta Isaías, de acordo com vários Salmos e outras passagens bíblicas, havia falado da vinda do reino de Deus como o tempo em que (a) as promessas e propósitos de Deus seriam cumpridos, (b) Israel seria resgatado da opressão pagã, (c) o mal (particularmente o mal dos impérios opressivos) seria julgado, e (d) Deus inauguraria um novo reino de justiça e paz. Daniel havia previsto um tempo vindouro em que os monstros (isto é, os impérios pagãos) fariam o seu pior, e Deus vindicaria seu povo, colocando as coisas em ordem. O mundo estaria finalmente no caminho certo. Falar da chegada do reino de Deus no presente significava evocar toda essa narrativa e declarar que seu clímax havia chegado. O futuro de Deus estava chegando ao presente. O céu estava chegando na terra. ■

— *Simply Christian*, p. 99-100

Jesus é o rei e Senhor do mundo

O que significa, hoje, dizer que Jesus é rei e Senhor do mundo? Como podemos dizer algo assim na confusão do nosso mundo? Se desejamos fazer essa afirmação, como explicar o que Jesus está fazendo em meio

aos movimentos moderno e pós-moderno? O que ele está fazendo em meio ao choque perigoso das ideias do novo secularismo e do novo fundamentalismo? Na prática, a que se assemelha o senhorio de Jesus em um mundo onde socorremos grandes bancos quando repentinamente lhes acaba o dinheiro, mas não levantamos um dedo sequer para ajudar os mais necessitados, que pagam juros para que essas instituições financeiras enriqueçam outra vez?

Naturalmente, isso tudo é assunto para outro livro, ou talvez diversos outros. Há milhares de problemas clamando por resolução. Todavia, parte do problema, penso eu, é mais fundamental. A maioria dos cristãos do mundo de hoje nem sequer começou a pensar sobre como reconhecer Jesus como "Senhor" pode afetar o mundo real. Ao escrever "o que significa" no início desta reflexão, quero dizer, claro, o que Jesus tinha em mente na oração do Pai-Nosso: "Venha o teu reino [...] *na terra* como no céu". Como podemos sequer dar o primeiro passo na reflexão sobre esse assunto em nossos dias? ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 259-60

O TRABALHO COMEÇA AQUI E AGORA

Quando Deus salva as pessoas nesta vida, trabalhando por meio de seu Espírito para trazê-las à fé, levando-as a seguir Jesus em discipulado, oração, santidade, esperança e amor, essas pessoas ganham um novo propósito: ser um sinal e um antegozo do que Deus quer fazer por todo o cosmos. Mais do que isso, na verdade! Elas não devem ser apenas um sinal e um antegozo dessa salvação final; devem ser também *parte do meio pelo qual* Deus faz isso acontecer tanto no presente quanto no futuro. É nisso que Paulo insiste quando diz que toda a criação espera ansiosamente não apenas por sua própria redenção, sua

libertação da corrupção e da decadência, mas *pela revelação dos filhos de Deus*; em outras palavras, pela revelação dos seres humanos remidos, cujos trabalho e dedicação serão o instrumento por meio do qual a criação será finalmente trazida de volta àquela sábia ordem para a qual foi criada. E como Paulo deixa bem claro que aqueles que creem em Jesus Cristo, que são incorporados a ele pelo batismo, já são filhos de Deus, já estão salvos, esse trabalho não é algo que pode ser adiado para o futuro final. Deve começar aqui e agora.

Em outras palavras — para resumir o que falamos até agora — a obra da salvação, em seu sentido pleno, é (1) sobre seres humanos inteiros, não meramente almas incorpóreas; (2) sobre o presente, não apenas sobre o futuro; e (3) sobre o que Deus faz *através* de nós, não meramente o que Deus faz *em e para nós*. Se conseguirmos entender isso corretamente, redescobriremos a base histórica para a missão completa da igreja.

— *Surprised by hope,* p. 200-1

Unindo o céu e a terra com ação e história

Como dizer algo tão drástico para pessoas que esperam algo bem diferente? De duas maneiras em particular: por símbolos (particularmente ações dramáticas) e por histórias. Jesus usou ambos. Sua escolha de doze seguidores próximos ("discípulos", isto é, "aprendizes") era um símbolo poderoso por si só, que falava da reconstrução de todo o povo de Deus, as doze tribos de Israel descendentes dos doze filhos de Jacó. Essa reconstrução do povo de Deus também estava no cerne de suas curas notáveis. Não há dúvida, historicamente, de que ele possuía poderes de cura; foi por isso que ele

atraiu não apenas multidões, mas também acusações de estar em aliança com o diabo.

No entanto, Jesus não via suas curas simplesmente como uma espécie de hospital itinerante pré-moderno. Ele não estava curando os enfermos como um fim em si mesmo, por mais importante que a cura fosse. Tampouco era apenas uma maneira de atrair as pessoas para ouvir sua mensagem. Em vez disso, as curas operadas por Jesus eram um sinal dramático da própria mensagem. Deus, o criador do mundo, estava trabalhando por meio dele para fazer o que havia prometido, para abrir os olhos aos cegos e os ouvidos aos surdos, para resgatar as pessoas, para colocar as coisas de cabeça para baixo. As pessoas que estavam no fundo do poço se encontrariam, para sua grande surpresa, no topo. "Boas-novas maravilhosas para os humildes", disse ele, "vocês herdarão a terra". E ele se dedicou a fazer exatamente isso.

Além disso, Jesus contou histórias — histórias que capturaram a atenção de seus contemporâneos precisamente porque eram e não eram as histórias que eles esperavam. Os profetas antigos haviam falado sobre Deus replantando Israel após o longo inverno do exílio. Jesus contou histórias sobre pessoas plantando sementes, sobre algumas sementes serem frutíferas, mas muitas sendo queimadas, sobre sementes crescendo secretamente e depois uma colheita repentina, e sobre sementes minúsculas produzindo grandes arbustos. Essas "parábolas" não eram, como muitas vezes se supõe, "histórias terrenas com significados celestiais". Todo o objetivo da obra de Jesus era trazer o céu à terra e uni-los para sempre; seu propósito era trazer o futuro de Deus para o presente. Entretanto, quando o céu chega à terra e a encontra despreparada, quando o futuro de Deus chega ao presente, mas as pessoas ainda estão dormindo, há explosões. E de fato houve. ■

— *Simply Christian,* p. 101-2

Espanto e admiração diante do novo de Deus

Na essência da mensagem, do ensino e da vida de Paulo havia, usando uma frase técnica, uma *escatologia messiânica radical*. Escatologia: o tão aguardado novo dia de Deus havia chegado. Messiânica: Jesus é o verdadeiro filho de Davi, anunciado como tal em sua ressurreição, completando os propósitos anunciados a Abraão e estendidos em Salmos para abranger toda a terra. Radical: na formação de Paulo e Barnabé, nada os havia preparado para essa nova situação, e o fato de que eles agora criam que o que estava acontecendo correspondia às promessas feitas há muito pelo Único Deus não reduziu seu senso de espanto e admiração, pois eles sabiam, em primeira mão, que tal programa se depararia com forte resistência e até mesmo violência. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 153

Um novo dia amanheceu

"Paulo, apóstolo" — é assim que começa sua carta [aos Gálatas] — e então interrompe a saudação para adicionar, por assim dizer, entre parênteses: "meu apostolado não se origina de fonte humana...". Em seguida, recompõe-se e declara o princípio fundamental: seu apostolado se deriva do próprio Deus, bem como de Jesus, o Messias, nosso *Kyrios*:

> que se entregou por nossos pecados, nos resgatou desta era maligna, de acordo com a vontade de Deus, nosso pai, a quem seja toda a glória pelos séculos e séculos, Amém!

Cada elemento do texto é vital, pois a "boa-nova" anunciada por Paulo diz respeito àquilo que o Único Deus planejou e intencionou. Não se trata de um pensamento súbito, a posteriori. A mensagem sobre Jesus pode soar para judeus em Jerusalém ou na Galácia como uma excentricidade estranha e peculiar, mas, na verdade trata-se da vanguarda da tão esperada nova criação. Esse pensamento é central, e assim permanecerá no decorrer de toda obra de Paulo.

O ponto central diz respeito à diferença entre o "presente século mau" e o novo dia, que já raiou. No texto citado, Paulo afirma a conhecida e difundida crença judaica antiga de que a história mundial é dividida em dois "séculos": o "presente século" de tristeza, vergonha, exílio e morte e o "século vindouro", quando então todas as coisas serão corrigidas. Nos séculos anteriores a Paulo, essa foi uma crença comum, permanecendo como norma até boa parte do período rabínico, mas, para ele, algo havia acontecido, pois o Deus vivo havia agido em pessoa, isto é, na pessoa de Jesus, para resgatar pessoas do "presente século" e inaugurar o "século vindouro".

Ambos não estavam, por assim dizer, de costas um para o outro, findando-se o primeiro para que começasse o segundo. O novo tempo havia entrado em cena enquanto o "presente século" persistia mais um pouco, e esse era o efeito direto do plano divino pelo qual Jesus "deu a si mesmo pelos nossos pecados": o poder do "presente século" foi, assim, quebrado, e o novo mundo poderia começar. Em certo sentido, toda a carta, e até certo ponto todo o trabalho de Paulo, simplesmente desdobra e explica esse florescer inicial. ■

— *Paulo: uma biografia*, p.180-1

Jesus: o ponto de partida e o ponto de chegada

Por que as ideias e a personalidade de Paulo devem ser deixadas à mercê de gostos e desgostos modernos? Provavelmente, o apóstolo teria uma resposta afiada a qualquer insinuação desse tipo. Por que não deveria *ele* questionar *nossos* critérios, nossas ideias, nossos tipos de personalidade preferidos? Por onde devemos começar a fazer tais perguntas?

Para Paulo, não havia dúvidas sobre o ponto de partida. Sempre foi Jesus: Jesus como o cumprimento inusitado da esperança de Israel; Jesus como o ser humano genuíno, a verdadeira "imagem"; Jesus como a personificação do Deus de Israel — de modo que, sem deixar o monoteísmo judaico, podemos adorar e invocar Jesus como Senhor *juntamente* com o "Deus vivo e verdadeiro", não em paralelo a ele. Jesus, aquele por quem abandonamos todos os ídolos, todos os "senhores" rivais. Jesus, acima de tudo, que viera ao seu reino, o verdadeiro senhorio do mundo, da mesma maneira que os amigos de Paulo, que começavam a escrever a respeito de Jesus naquela época, haviam enfatizado: morrendo sob o peso do pecado do mundo, a fim de destituir o poder das foças das trevas que escravizavam todos os humanos, incluindo Israel.

Jesus cumpriu assim a antiga promessa, sendo "entregue por causa de nossas transgressões e ressuscitado por causa de nossa justificação" (Romanos 4:25). Jesus, que havia ressuscitado dentre os mortos no terceiro dia e, desse modo, anunciado ao mundo como o verdadeiro Messias, o "filho de Deus" em todos os sentidos (Messias, representante de Israel, encarnação do Deus de Israel). Jesus, assim, em quem "todas as promessas de Deus encontram seu 'sim,'" o "objetivo da lei", a

verdadeira semente de Abraão e "raiz de Jessé" (2Coríntios 1:20; Romanos 10:4; Gálatas 3:16; Romanos 15:12).

Jesus, o Senhor, perante o qual todo joelho se dobraria. Jesus, que reapareceria em um grande acontecimento futuro, interligando a ideia de um rei cuja vinda reivindicaria e estabeleceria seu reino à ideia de um Deus que, embora há muito oculto, finalmente se revelaria. Jesus, cuja mensagem poderosa realmente transforma vidas no tempo presente antes do momento final, quando ressuscitará seu povo dentre os mortos. E, além de tudo isso, Jesus, não apenas como um rótulo para expressar uma ideia ou fato teológico, mas como uma presença viva e inspiradora, consoladora, atenciosa e encorajadora, cujo amor "nos faz prosseguir", aquele que "me amou e deu a si mesmo por mim", cujo conhecimento valia para Paulo mais do que todos os privilégios que o mundo, incluindo o antigo mundo bíblico, tinha a oferecer. Jesus era o ponto de partida e o objetivo final. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 442-3

A URGÊNCIA DO AGORA

O que causava o tom de urgência na escatologia de Paulo? O ponto principal é que o tão aguardado acontecimento poderia ocorrer *a qualquer momento*, e não que tivesse de ocorrer dentro de um intervalo específico de tempo. O acontecimento que deveria ocorrer naquela geração não era o fim do mundo, mas sim, de acordo com Marcos 13 e as narrativas paralelas em Mateus e Lucas, *a queda de Jerusalém*. A ideia foi tecida dentro da estrutura do cristianismo primitivo de tal forma que só passou a ser aceita recentemente, com o aumento de estudos do mundo judaico da época. No entanto, Jerusalém e especificamente o Templo sempre foram vistos como o local onde céu e terra convergem;

tanto que, quando Isaías fala de "novos céus e nova terra", alguns comentaristas agora dirão, sem muita elaboração, que o profeta se refere à reconstrução do Templo, o edifício que une céus e terra. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 445-6

Vivendo nos últimos dias e nos primeiros dias

As pessoas costumam escrever como se Paulo acreditasse estar vivendo nos últimos dias, o que era de certa forma verdade. Deus tinha, por meio do Messias, entrado neste mundo de caos, idolatria, maldade e morte repentina, tomando todo o horror para si, e tinha também inaugurado algo novo no lugar. Isso, porém, significava que Paulo sabia, ao mesmo tempo, estar vivendo os *primeiros* dias, as cenas de abertura do novo drama mundial, em que os céus e a terra já não seguem unidos pela Torá e pelo Templo, mas, sim, por Jesus e pelo espírito, indicando, então, um tempo em que a glória divina iria encher toda a terra e transformá-la de cima a baixo. Você não encontraria essa visão no mundo não judeu dos dias de Paulo, pois é uma visão completamente judaica, mesmo no fato de ter sido remodelada em torno daquele a quem acreditavam ser o Messias de Israel.

Desse modo, a motivação e a mentalidade de Paulo foram moldadas fundamental e radicalmente pelo próprio Jesus, o Messias, Senhor crucificado e ressurreto, e pela nova forma que, consequentemente, a esperança judaica assumiu, por isso sua lealdade sempre pareceu ser contestada; e é aqui que podemos entender, dentro de um contexto apropriado, o que ele tinha a dizer a respeito dos seres humanos, sua complicada situação e sua salvação. Isso tem sido fundamental na

grande maioria dos relatos a respeito de Paulo do século 16 até o presente, e, quando olhamos para sua vida, é importante trazer esse tema à luz de seu contexto histórico para melhor compreendê-lo. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 447-8

Construindo para o reino no advento

A tarefa da igreja entre a ascensão e a *parousia* é libertada tanto da energia autônoma que imagina que tem que construir o reino de Deus por si mesma quanto do desespero que supõe não poder fazer nada até que Jesus volte. Nós não "construímos o reino" sozinhos, mas construímos *para* o reino. Tudo o que fizermos em fé, esperança e amor no presente, em obediência ao nosso Senhor que está no céu e no poder de seu Espírito, será aprimorado e transformado quando ele vier em glória. Isso implica, é claro, que haverá julgamento, como Paulo deixa claro em 1Coríntios 3:10-17. O "dia" revelará que tipo de trabalho foi realizado por cada construtor.

Em particular, o atual governo do Cristo ascenso e a garantia de sua aparição final no julgamento devem nos dar — algo que Deus sabe que precisamos muito em nossos dias — alguma clareza e realismo em nosso discurso político. Com demasiada frequência, os cristãos acabam se associando com uma versão vagamente espiritualizada de um ou outro grande sistema político ou partido. O que aconteceria se levássemos a sério nossa declaração de fé de que Jesus Cristo já é o Senhor do mundo e que ao seu nome, um dia, todo joelho se dobrará?

— *Surprised by hope*, p. 143-4

Tesouro do céu

O céu é, na verdade, uma maneira reverente de se referir a Deus, de modo que "tesouros no céu" significa simplesmente "tesouros na presença de Deus" (como vemos quando, em outra passagem, Jesus fala sobre alguém ser ou não "rico para com Deus"). Por derivação desse significado primário, temos então que céu é o lugar onde *os propósitos de Deus para o futuro estão guardados*. Não é o lugar onde eles ficarão para sempre, como se o único jeito de desfrutá-los fosse indo para o céu; é, antes, onde eles são mantidos a salvo para o dia em que se tornarão uma realidade na terra. Quando digo a um amigo: "Guardei uma cerveja na geladeira para você", isso não significa que ele precisa entrar na geladeira para beber a cerveja. A herança futura de Deus, o novo mundo incorruptível e os novos corpos que devem habitar esse mundo já estão guardados em segurança, esperando por nós, não para que os desfrutemos apenas quando chegarmos no céu, mas para que possam se tornar uma realidade neste mundo, ou melhor, nos novos céus e nova terra, o mundo renovado que mencionei anteriormente. ■

— *Surprised by hope*, p. 151-2

O quadro geral do Rei vindouro

Eis o quadro geral: Deus nomeia o ser humano como regente sobre o mundo, e, embora a humanidade tenha reduzido sua vocação a uma paródia repulsiva, tratando a criação divina como mero brinquedo ou um recurso a ser explorado, Deus não rescindiu o projeto, nem a vocação.

Eis um quadro mais restrito: Deus elege Israel, uma família humana, como sua operação de resgate para o mundo e, embora Israel tenha distorcido sua vocação e usado a oportunidade para morder a mão que

lhe dera de comer, adorando outros deuses no lugar de YHWH, Deus não rescindiu o projeto, nem a vocação.

Mas agora, trazendo ainda mais foco para ambos os quadros, Deus chama Davi, um homem segundo o seu coração, o qual personificará a tarefa e a vocação do próprio Israel. Caberá a Davi, ou mais especificamente ao seu filho e herdeiro, a tarefa de levar as nações à submissão ao Deus de Israel, o criador.

Os salmos que vimos anteriormente — 2, 18, 21, 72 e 110 — não são exaltações aleatórias de um monarca militarista. Na verdade, externam, na linguagem e na forma de expressão da época, a convicção de que é por intermédio do rei vindouro (o verdadeiro ser humano, o representante ungido de Israel) que YHWH estabelecerá seu governo, na terra como no céu. ■

— *Salmos*, p. 62-3

Vida ética da perspectiva do advento

A maioria dos problemas que Paulo aborda — problemas de culto a personalidades na igreja, problemas de moralidade sexual, problemas sobre como viver no mundo pagão mais amplo, problemas sobre como organizar o culto público — se relaciona, de uma forma ou de outra, com a própria boa-nova. Uma vez que as pessoas compreendam que os eventos da morte e ressurreição do Messias transformaram tudo e que agora estão vivendo entre aquele evento explosivo inicial e a consumação final a ser realizada por Deus (quando Deus será "tudo em todos"), então tudo mudará: crença, comportamento, atitudes, expectativas e — não menos importante — um novo amor, um

verdadeiro sentimento de pertencimento, que brota entre aqueles que compartilham tudo isso. Esse é o tema de grande parte dos escritos de Paulo. Entenda o evangelho de forma correta, e todo o resto será ajustado. ■

— *Simply good news*, p. 26-7

Uma nova vida transformada aqui e agora

Como podemos resumir as boas-novas, tanto as boas-novas anunciadas por Jesus quanto as boas-novas que seus primeiros seguidores anunciaram quando proclamavam seu nome? Assim: *o único Deus verdadeiro agora assumiu o controle do mundo, em e por meio de Jesus, através de sua morte e ressurreição*. As antigas esperanças foram de fato cumpridas, mas de uma forma que ninguém imaginava. O plano de Deus para consertar o mundo foi finalmente inaugurado. Ele veio ao mundo de uma forma inédita, para restaurá-lo e preenchê-lo com sua glória e justiça, como sempre prometeu. Porém, isso aconteceu de uma maneira que estava muito além dos sonhos mais loucos dos profetas. A antiga doença que aleijou o mundo inteiro, e os humanos com ele, foi finalmente curada, para que uma nova vida possa surgir em seu lugar. A vida venceu a morte e está se derramando como um rio poderoso no mundo, na forma de um novo poder: o poder do amor. A boa notícia era, e é, que tudo isso *já* aconteceu em e através de Jesus; que um dia *acontecerá*, completa e totalmente, a toda a criação; *e que nós humanos, cada um de nós, quem quer que sejamos, podemos nos tornar parte dessa transformação aqui e agora*. Este é o evangelho cristão. Não se contente com nada menos que isso. ■

— *Simply good news*, p. 55

Justiça

Era apenas ignorância; mas o tempo disso passou e Deus colocou um véu sobre tudo isso. Agora, ao contrário, ele ordena a toda raça humana, em todos os lugares do mundo, que se arrependa, pois ele estabeleceu o dia em que chamará o mundo para prestar contas, então ele julgará com propriedade e justiça através do homem que ele determinou. Deus deu a todos os povos a garantia disso, através da ressurreição desse homem. ■

— Atos 17:30,31, *The Kingdom New Testament*, p. 276

O futuro de Deus no presente por meio da Palavra que opera a justiça

O mundo *já* foi virado de cabeça para baixo; é disso que se trata a Páscoa. Não é uma questão de esperar até que Deus finalmente faça algo diferente no final dos tempos. Em Jesus de Nazaré, Deus trouxe seu futuro, o futuro onde ele restaurará e curará o mundo, para o presente, e seu desejo é que a realidade desse futuro seja cada vez mais visível no presente. É por isso que, cada vez que oramos o Pai-Nosso, dizemos: "Que teu reino venha a nós, que a tua vontade seja feita tanto na terra como no céu". E é por isso que a oração continua pedindo pão e perdão, que é, sugiro, uma das principais questões relacionadas com a justiça em nosso mundo global hoje. ■

— *Surprised by hope*, p. 215

O combustível para a justiça está na ressurreição

Exatamente porque Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, o novo mundo de Deus já invadiu o presente. É por isso que os esforços cristãos em busca de justiça no presente, por exemplo, nas campanhas pela remissão de dívidas e responsabilidade ecológica, têm seu caráter atual. Se Jesus deixou seu corpo para trás no sepulcro e queremos fazer o mesmo, como muitos teólogos da última geração pensavam, somos furtados tanto do fundamento quanto do combustível para nosso

serviço em trazer sinais reais, corpóreos e concretos de esperança para o mundo presente. ■

— *Surprised by hope*, p. 213

Justiça "na terra como no céu"

É importante notar e dizer que aqueles que seguem a Jesus estão comprometidos, como ele nos ensinou a orar, para que a vontade de Deus seja feita "na terra como no céu". E isso significa que a paixão de Deus pela justiça deve se tornar nossa também. Quando os cristãos usam a fé em Jesus como forma de escapar dessa exigência e desafio, estão abandonando um elemento central em sua própria profissão, e isso é um grande perigo.

Da mesma forma, não devemos ter vergonha de recontar as histórias que muitos céticos no mundo ocidental fizeram o possível para esquecer. Quando o tráfico de escravos estava no auge, com muitas pessoas o justificando com o argumento de que os escravos são mencionados na Bíblia, foram cristãos devotos, liderados pelo inesquecível William Wilberforce na Grã-Bretanha e John Woolman na América, que se uniram e dedicaram a vida para abolir tal prática. Quando, mesmo com a escravidão há muito morta e enterrada, o preconceito racial ainda continuou a assombrar os Estados Unidos, foi a visão cristã de Martin Luther King Jr. que o levou a conclamar seus semelhantes para um protesto pacífico, mas altamente eficaz. Wilberforce foi tomado por uma paixão pela justiça de Deus em favor dos escravos, uma paixão que lhe custou o que poderia ter sido uma carreira política deslumbrante. A paixão de Martin Luther King pela justiça para os afro-americanos lhe custou a vida. Sua campanha incansável cresceu direta e explicitamente de sua lealdade a Jesus.

Da mesma forma, quando o regime do *apartheid* na África do Sul estava no auge, com muitas pessoas justificando-o sob a alegação de que a Bíblia fala de raças diferentes vivendo vidas diferentes, foi a longa campanha de líderes cristãos como Desmond Tutu que gerou mudanças significativas, com notavelmente pouco derramamento de sangue. (Lembro-me bem como, na década de 1970, políticos e comentaristas de notícias diziam, com toda certeza, que a mudança só poderia ocorrer por meio de violência generalizada.) Tutu e muitos outros se dedicaram intensamente à oração, leram a Bíblia com líderes e funcionários do governo inúmeras vezes, proferiram uma boa quantidade de discursos arriscados contra as diversas facetas malignas do *apartheid* e protagonizaram uma grande quantidade de confrontos igualmente arriscados com líderes e seguidores negros que acreditavam que apenas a violência funcionaria.

Repetidamente, Tutu foi atacado por todos os lados, odiado e questionado por ambos os partidos. Mas sob o novo governo pós-*apartheid*, ele presidiu a comissão mais extraordinária que já apareceu no cenário político: a Comissão Sul-Africana para a Verdade e Reconciliação, que iniciou o longo e doloroso processo de curar a memória e a imaginação de um país inteiro, permitindo que a dor fosse devidamente reconhecida e a raiva expressa e tratada. Quem na década de 1960 ou mesmo na década de 1980 teria pensado que tal coisa fosse possível? No entanto, aconteceu; e tudo por causa de pessoas cuja paixão pela justiça e lealdade a Jesus se combinaram para realizar tais coisas. ■

— *Simply Christian*, p. 13-4

Justiça na vida real

Há três formas simples de explicar a sensação do eco de uma voz, o chamado à justiça, o sonho de um mundo (e todos nós dentro dele) consertado. Podemos dizer, se quisermos, que, na verdade, é apenas um sonho, uma projeção de fantasias infantis, e que temos que nos acostumar a viver no mundo como ele é. Por esse caminho encontramos Maquiavel e Nietzsche, o mundo do poder nu e do "junte o que puder pegar", o mundo onde o único pecado é ser flagrado.

Ou podemos dizer, se quisermos, que o sonho é de um mundo totalmente diferente, um mundo ao qual realmente pertencemos, onde tudo está de fato corrigido, um mundo para o qual podemos escapar em nossos sonhos no presente e esperar escapar um dia para sempre — mas um mundo que tem pouco valor no mundo atual, exceto que as pessoas que vivem neste às vezes se veem sonhando com aquele. Essa abordagem permite aos valentões sem escrúpulos comandar este mundo, mas nos consola com o pensamento de que as coisas serão melhores em algum outro lugar, em algum momento, mesmo que não haja muito que possamos fazer aqui e agora.

Outra opção é dizer que a razão pela qual temos esses sonhos, a razão pela qual temos a sensação de uma lembrança do eco de uma voz, é que há alguém falando conosco, sussurrando em nosso ouvido — alguém que se preocupa muito com este mundo presente e conosco, alguém que criou tanto os seres humanos quanto o mundo em que habitam para um propósito que de fato envolverá justiça, restauração da terra e de *nós mesmos*, e o mundo sendo finalmente resgatado.

Três das grandes tradições religiosas adotaram essa última opção, e, não surpreendentemente, estão relacionadas; elas são, por assim dizer, primas de segundo grau. O judaísmo fala de um Deus que fez o mundo e inseriu nele a paixão pela justiça porque era a sua própria paixão. O

cristianismo afirma que esse mesmo Deus manifestou essa paixão na vida e obra de Jesus de Nazaré. O Islã se baseia em algumas histórias e ideias judaicas e algumas cristãs e cria uma nova síntese na qual a revelação da vontade de Deus no Alcorão é o ideal que colocaria o mundo em ordem, se fosse obedecido. Há muitas diferenças entre essas três tradições, mas neste ponto elas estão de acordo: a razão pela qual pensamos ter ouvido uma voz é porque de fato a ouvimos. Não era um sonho. Existem maneiras de voltar a entrar em contato com essa voz e tornar realidade, em nossa vida real, o que ela diz.

Este livro foi escrito para explicar e recomendar uma dessas tradições: a cristã. Ela diz respeito à vida real, porque os cristãos acreditam que em Jesus de Nazaré a voz que pensávamos ouvir se tornou humana, viveu e morreu como um de nós. Trata-se de justiça, porque os cristãos não apenas herdam a paixão judaica pela justiça, mas afirmam que Jesus incorporou essa paixão, e que o que ele fez e o que aconteceu com ele colocou em ação o plano do Criador de resgatar o mundo e colocá-lo de volta nos trilhos. É, portanto, sobre nós, todos nós, porque estamos todos envolvidos nisso. ■

— *Simply Christian*, p. 8-10

Uma resposta aos que não acreditam na justiça

Como você responde a alguém que diz, com razão, que o mundo não será completamente justo e reto até a nova criação e que deduz, erroneamente, que não adianta tentar trazer justiça ao mundo (ou saúde ecológica, outro tema para o qual não há espaço aqui) até que isso aconteça? A resposta deve ser a seguinte: insista na escatologia

inaugurada, que implica em uma transformação radical da maneira que nos comportamos como uma comunidade mundial, antecipando o tempo final em que Deus será tudo em todos, mesmo que reconheçamos que as coisas não serão completas até o dia que Deus restaurar todas as coisas plenamente. Aí está o desafio. A ressurreição de Jesus nos aponta para isso e nos dá a energia para isso. Superemos nossa surpresa de que tal esperança seja colocada diante de nós e vamos à tarefa com oração e sabedoria. ■

— *Surprised by hope*, p. 221-2

Trabalhando para a restauração do mundo

Se a cruz deve ser interpretada como a vinda do reino tanto na terra como no céu, centralizada em algum tipo de vitória messiânica, com certo tipo de substituição em sua essência e interpretada por meio de algum tipo de representação, então a aplicação primária da cruz, para os quatro Evangelhos, não é a pregação abstrata sobre "como ter os pecados perdoados" ou "como ir para o céu", mas um programa em que pessoas perdoadas são postas para trabalhar, lidando com os males do mundo à luz da vitória do Calvário. Aquele cujo relacionamento com Deus foi restaurado é o mesmo que trabalha para restaurar o mundo. Justificação é a forma que Deus antecipa a restauração de homens e mulheres, até o dia em que ele corrigirá todas as coisas, constituindo, assim, o povo justificado como agente-chave nesse seu projeto posterior. Dessa ideia flui uma nova missiologia, incluindo uma teologia política integrada, e uma nova eclesiologia que lhe servirá de apoio, uma comunidade cuja própria essência será formada pelo perdão. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 256

O chamado dos portadores de justiça

Uma das coisas bonitas que distinguem a ideia cristã de justiça das outras ideias é que ela é participativa, ou seja, *nós* fazemos parte dela. Uma vez que Jesus fizer o que precisa fazer, enviará o Espírito sobre seus seguidores, para que, por meio do nosso testemunho, um novo tipo de justiça possa nascer:

> Quando ele vier, provará que o mundo está errado em relação a três aspectos: pecado, justiça e juízo. Em relação ao pecado, porque não acreditam em mim! Em relação à justiça, porque estou voltando para o pai, e vocês não me verão mais. Em relação ao juízo, porque o governante deste mundo está julgado (João 16:8-11).

Com essa visão espantosa, os planos que Jesus tem para seus seguidores giram em torno de *provar o quanto o mundo está errado*. Como faremos isso? Seguindo-o, sendo, para o mundo, o que ele foi para Israel. Ele disse o seguinte após sua ressurreição: "Da mesma forma que o pai me enviou, eu os envio" (João 20:21). Seu povo é enviado como *portadores da justiça* ao mundo para confrontar os poderes que o moldaram com a notícia de que há uma justiça diferente e que ela já venceu. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 35-6

Falando sobre justiça ao mundo

A igreja deve provar que o mundo está errado sobre a justiça. Jesus é vindicado pelo pai em sua ascensão, e este é o momento final da justiça, do endireitamento e correção do mundo. O mundo pensa que sabe o

que é justiça, mas vez após outra ele erra, favorecendo os ricos e poderosos, fechando os olhos para a maldade dos que ocupam posições privilegiadas, ignorando o clamor dos pobres e necessitados, os quais a Bíblia considera como os objetos especiais do cuidado justo e reto de Deus. Portanto, a igreja, no poder do Espírito, deve promover a justiça de Deus, à luz da ascensão de Jesus ao trono do mundo, e chamar a atenção do mundo para o que está errado.

Uma aplicação imediata e urgente disso é a criação de meios para responsabilizar certos governos no que diz respeito à justiça para com os mais pobres em nosso mundo. Estes foram empobrecidos em razão de impagáveis juros compostos, resultantes de grandes empréstimos, os quais foram contraídos décadas atrás, em bancos ocidentais, por parte de seus governantes ditatoriais e corruptos.. A injustiça foi agravada pelo surpreendente perdão fiscal dado por nossos governos a empresas riquíssimas, incluindo bancos, quando deram calote; os muito ricos fizeram pelos muito ricos o que ainda se recusam a fazer pelos muito pobres.

Na igreja primitiva, os bispos tinham a reputação de defender incansavelmente as necessidades e os direitos dos pobres. Eles eram um incômodo para os ricos e poderosos, mas não se calavam. Eles faziam exatamente o que Jesus disse que aconteceria quando o Espírito viesse e revelasse a injustiça do mundo à luz de sua justiça.

Além de investigar injustiças óbvias, a igreja tem a responsabilidade de testar as causas que reivindicam as palavras *justiça* ou *direitos*, mas são, na verdade, meros grupos de interesse especial. Como o papa Bento XVI disse em seu discurso às Nações Unidas em abril de 2008, a linguagem dos direitos é emprestada da grande tradição cristã, mas se essas raízes cristãs forem cortadas, você acaba alimentando todo tipo de

abusos, cada um reivindicando o alto nível pós-moderno de vitimização, mas apenas degradando a própria legitimidade dos direitos. Parte da tarefa de confrontar o mundo é pensar e falar com clareza, humildade e sabedoria nessas áreas. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 193-4

Justiça em três dimensões: espaço, tempo e matéria

A igreja que leva o *espaço* sagrado a sério, não como um escape do mundo, mas como um posto avançado dele, estará presente tanto no culto no santuário quanto no debate público na câmara do conselho — discutindo questões de planejamento urbano, de harmonização e humanização da beleza na arquitetura, nos espaços verdes, nos esquemas de tráfego rodoviário e no trabalho ambiental. Se é verdade, como argumentei, que o mundo inteiro é agora a terra santa de Deus, não devemos descansar enquanto essa terra estiver estragada e desfigurada.

A igreja que leva a sério o fato de que Jesus é o Senhor do *tempo* celebrará silenciosamente toda vez que escrever a data em uma carta ou documento, separará o domingo, tanto quanto humana e socialmente possível, como uma celebração da nova criação de Deus (apontando assim a loucura humana de trabalhar sete dias por semana), e buscará ordenar sua própria vida em um ritmo apropriado de adoração e trabalho. Porém, mais do que isso, tal igreja também procurará trazer sabedoria e ordem humanizadora renovada aos ritmos de trabalho em escritórios e lojas, no governo local, em feriados cívicos e na formação da vida pública. As grandes mudanças que observei ao longo de minha

vida são um sinal do que acontece quando uma sociedade perde suas raízes e se deixa levar pelas correntes sociais predominantes. Um exemplo disso é o fato de que, há até pouco tempo, cidades inteiras guardavam a Sexta-Feira Santa e a Páscoa. Entretanto, hoje, esses grandes dias são apenas ocasiões para torneios de futebol e reprises de filmes antigos.

E, claro, a igreja que leva a sério o fato de que em Jesus e por meio dele o Deus Criador resgatou o mundo da *matéria* e o transformou através de sua própria pessoa e presença — e um dia o inundará com seu conhecimento e glória como as águas cobrem o mar — não só buscará celebrar a vinda de Deus em Cristo nos elementos sacramentais e através deles, mas também buscará viver na prática o significado do batismo e da eucaristia, tornando a presença restauradora e curadora de Deus uma realidade na vida comum. Uma das coisas mais gratificantes em ser um bispo é poder ver cristãos comuns indo direto da adoração a Jesus na igreja para fazer uma diferença radical na vida material das pessoas. Vi isso acontecer através de inúmeras iniciativas: a criação de grupos de recreação para filhos de mães solteiras que trabalham; cooperativas de crédito para ajudar as pessoas menos afortunadas a encontrar o caminho para uma vida financeira responsável; campanhas por melhores moradias; centros de reabilitação de drogas; leis sábias relacionadas ao álcool; bibliotecas e instalações esportivas decentes. Nisso e em mil outras atitudes comuns podemos ver o governo soberano de Deus se estendendo à realidade material e concreta de nosso mundo. ■

— *Surprised by hope*, p. 265-7

A justiça é uma manifestação do amor de Deus

Ainda que muitas pessoas conheçam o famoso versículo de João 3:16 sobre como Deus "amou tanto o mundo" a ponto de enviar seu Filho para salvá-lo, não percebem que isso é seguido quase imediatamente por essa declaração poderosa sobre justiça. A luz de Deus exporá os atos perversos praticados na escuridão, e a justiça é uma manifestação de seu amor.

Desse modo, a chegada da luz e do amor divino ao mundo significa que Deus restaurará tudo no fim. Trata-se do "ato de julgamento" final, que, no mundo judaico, era a revelação definitiva da "justiça".

Dessa maneira, o Evangelho de João descreve um Deus que se importa profundamente com a justiça. Este ponto é fundamental: embora nós, seres humanos, tenhamos dentro de nós um eco forte desse desejo por justiça, é no próprio Deus que esse anseio é completo e aperfeiçoado. Parte da esperança oferecida pela fé cristã é o conhecimento de que Deus não permitirá que a injustiça prevaleça. Esse é um elemento central nas boas-novas do evangelho.

Portanto, *é essencial lembrar que o Evangelho de João é um livro sobre como o mundo todo está sendo finalmente consertado, endireitado*. É um livro sobre justiça, que conta a história de como o próprio Deus criador se dedica para que as coisas sejam resolvidas e corrigidas, e nos diz o que ele fez para atingir tal objetivo. Se não lermos o livro com essa história mais ampla em mente, não entenderemos o ensinamento sobre amor e consolo que — correta e justamente — desejamos e esperamos. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 26-7

Força de combate com justiça guiada pela oração

Na cruz, o Deus vivo tomou sobre si a fúria e a violência do mundo, sofrendo enormes injustiças (as histórias bíblicas têm o cuidado de destacar isso). Mesmo assim, ele se recusou a revidar com ameaças ou maldições. Parte do que os cristãos chamam de "teologia da expiação" é a crença de que, de algum modo, Jesus esgotou o poder subjacente do mal quando morreu sob seu peso, recusando-se a transmiti-lo ou mantê-lo em circulação. A ressurreição de Jesus é o início de um mundo em que um novo tipo de justiça é possível. Através do trabalho árduo da oração, persuasão e ação política, é possível fazer com que governos, de um lado, e grupos revolucionários, de outro, vejam que existe uma abordagem alternativa à violência incessante, ao combate da força contra força. As revoluções silenciosas e de oração que derrubaram o comunismo da Europa Oriental são um exemplo maravilhoso. O extraordinário trabalho de Desmond Tutu na África do Sul é outro. As tentativas de iniciar programas de "justiça restaurativa" no trabalho policial e nos sistemas de justiça criminal oferecem mais um exemplo. Em cada caso, espectadores foram tentados a sugerir que o caminho da não violência é fraco e ineficaz. Os resultados sugerem o contrário.

Trabalhar por uma justiça restauradora e curativa — seja em relacionamentos individuais, nas relações internacionais ou em qualquer lugar entre eles — é, portanto, um chamado cristão primordial que determina toda uma esfera de comportamento cristão. A violência e a vingança pessoal são descartadas, como o Novo Testamento deixa bem claro. Todo cristão é chamado a trabalhar, em todos os níveis da vida, por um mundo em que a reconciliação e a restauração sejam postas em prática, e assim antecipar o dia em que Deus realmente colocará tudo em ordem. ■

— *Simply Christian*, p. 226

Afirmar a ressurreição significa resistir à injustiça

Foram as pessoas que acreditaram firmemente na ressurreição, não as que se comprometeram e optaram por uma mera sobrevivência espiritualizada, que se levantaram contra César nos primeiros séculos da era cristã. Uma piedade que vê a morte como o momento de "enfim voltar para casa", o momento em que somos "chamados à paz eterna de Deus", não incomoda os poderosos que querem dividir o mundo para atender seus objetivos. Já a ressurreição sempre se seguiu a uma forte visão da justiça de Deus na qualidade de bom criador. Essas crenças gêmeas não dão origem a uma submissão mansa à injustiça no mundo, mas a uma determinação robusta de oposição a ela. Os evangélicos ingleses desistiram de acreditar no imperativo urgente de melhorar a sociedade (como encontramos com Wilberforce no final do século 18 e início do 19) mais ou menos na mesma época em que desistiram de crer fortemente na ressurreição e se decidiram por um céu incorpóreo. Levaria um estudo mais longo do que este para ver se a mesma mudança aconteceu ao mesmo tempo nos Estados Unidos e em outros lugares, mas eu não ficaria surpreso ao descobrir uma história semelhante. ■

— *Surprised by hope*, p. 26-7

Deus está totalmente determinado a consertar tudo

A ira de Deus é simplesmente o lado sombrio do amor de Deus por sua maravilhosa criação e suas incríveis criaturas humanas. Como um grande artista horrorizado com a forma que suas pinturas foram

desfiguradas pelas mesmas pessoas que deveriam estar cuidando delas, a rejeição implacável de Deus ao mal é o fluxo natural de seu amor criativo. A ira de Deus contra o mal é em si a determinação de *consertar as coisas*, de se livrar das atitudes e comportamentos corruptos que estragaram seu mundo e suas criaturas humanas. É porque Deus ama o mundo glorioso que ele criou e está totalmente determinado a colocar tudo em ordem que se opõe totalmente a tudo o que estraga ou destrói essa criação e, especialmente, às criaturas humanas que deveriam ser os pilares de seu plano de florescimento da criação. É por isso que, à medida que o argumento de Paulo progride em Romanos, ele enquadra sua passagem central não na *ira* de Deus, mas no seu *amor* poderoso e salvador (Romanos 5:1-11; 8:31-39).

Muitas vezes, quando as pessoas pregam o que pensam ser o evangelho da carta aos Romanos, desconsideram totalmente que por trás da advertência em relação à ira está a gloriosa verdade do amor divino. Um poeta que tivesse escrito um poema longo e maravilhoso ficaria horrorizado se alguém viesse e rasgasse as páginas ou riscasse alguns dos melhores versos e rabiscasse, no lugar, alguns versos pobres. É porque Deus ama o mundo que ele criou, e especialmente suas criaturas humanas, que ele odeia tudo o que o estraga, destrói ou desfigura. ■

— *Simply good news*, p. 70-1

Hora de desmascarar os principados e potestades

É relativamente fácil nomear os sistemas idólatras de ontem. É muito mais difícil apontar para os equivalentes no mundo de hoje e de

amanhã. Nesse caso, a igreja precisa da astúcia da serpente, bem como da inocência da pomba, e ambas muitas vezes parecem estar em falta. Quando os cristãos em países não ocidentais olham para a Europa e para os Estados Unidos, veem, por trás de nossas amadas "liberdades", outro conjunto de idolatrias e escravizações. O trio de longa data do dinheiro, sexo e poder continua entronizado com a mesma segurança de sempre. Uma placa em minha loja de caridade local diz que um quarto da riqueza do mundo pertence a um número tão pequeno de pessoas que caberia em um ônibus comum, enquanto milhões de pessoas desesperadamente pobres economizam o pouco que têm para pagar contrabandistas para os transportar perigosamente através do Mediterrâneo, onde, se conseguirem atravessar o mar, são recebidos com arames farpados e campos de refugiados — para a agonia e confusão dos políticos locais que não sabem como administrar essa situação.

Você não precisa ter um doutorado em economia global para saber que algo está radicalmente errado com nossos "sistemas". Os políticos ocidentais claramente não têm respostas prontas, empenhados como estão em resolver os problemas de ontem com soluções pragmáticas de curto prazo. Não temos uma narrativa que possa dar sentido ao problema, muito menos uma que possa resolvê-lo. E com um novo ramo militante do Islã (renegado, é claro, pela grande maioria dos muçulmanos do mundo) pronto para promover sua própria causa explorando a situação dos outros, todos sabemos que as coisas podem piorar.

Diante dessa situação, igrejas de todos os tipos em todos os países precisam do dom do discernimento para ver onde a idolatria resultou em escravidão e entender o que significaria anunciar, naqueles lugares, o perdão dos pecados e a consequente quebra dos poderes

escravizadores. Isso será complicado, questionado e controverso. Essas coisas sempre são. Mas a tentativa deve ser feita. Claramente o dinheiro é um fator importante, e as nações que durante séculos lucraram de seus status cultural, tecnológico e econômico "iluminado" devem se olhar no espelho e fazer os tipos de perguntas que os sul-africanos brancos tiveram que enfrentar na década de 1980. Além disso, é preciso compreender que a maneira em que o Iluminismo definiu a "religião" a fim de separá-la do resto da vida real acabou sendo um aparente luxo cujo preço só agora está sendo revelado. Os principados e potestades ficaram muito felizes por terem esse discreto véu lançado sobre seu avanço constante, e é hora de serem desmascarados. ■

— *The day the revolution began*, p. 393-4

Chamando o mundo para prestar contas do pecado, da justiça e do juízo

Mas devemos defender e criticar, já que além da instrução clara do próprio Jesus, há a promessa clara de que *é assim que ele exercerá sua soberania, o modo que tornará seu reino em realidade*. No Evangelho de João, Jesus fala aos seus seguidores que o Espírito chamará o mundo à prestação de contas:

> Quando ele vier, provará que o mundo está errado em três aspectos: pecado, justiça e juízo. Em relação ao pecado, porque não creem em mim; em relação à justiça, porque vou para o pai, e vocês não me verão mais; em relação ao juízo, porque o governante deste mundo está condenado (16:8-11).

E a ideia central dessa promessa concisa e densa é preocupantemente clara: o Espírito fará tudo isso *por intermédio da igreja*. Eis o seu mandato; eis a forma pela qual Jesus deseja operar; eis a forma na qual a vitória que obteve no Calvário será implementada no mundo. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 282

A fraqueza de uma tolerância ilimitada

O fracasso do otimismo liberal na sociedade ocidental foi acompanhado pelo fracasso óbvio do otimismo liberal equivalente na teologia, impulsionado pelo espírito da época. É lamentável ter que assistir a uma reprise da história de quase cem anos atrás, com Karl Barth rejeitando furiosamente a teologia liberal que criou o clima para a Primeira Guerra Mundial; mas, às vezes, parece que é isso que está acontecendo. Diante dos Balcãs, Ruanda, Oriente Médio, Darfur e todos os outros tipos de horrores que o pensamento ocidental esclarecido não pode explicar nem aliviar, a opinião em muitos lugares, a meu ver, com razão, chegou à compreensão de que algo como um julgamento final é, afinal, bastante plausível.

O julgamento — a declaração soberana de que algo é bom e deve ser sustentado e vindicado, enquanto o contrário é mau e deve ser condenado — é a única alternativa ao caos. Há algumas coisas, muitas delas na verdade, que não se deve tolerar para não ser conivente com a maldade. Todos nós sabemos disso perfeitamente bem, mas convenientemente nos esquecemos sempre que os melindres ou as exigências da opinião corrente tornam mais fácil seguir o fluxo da convenção social. O problema é que muita teologia, tendo sido

alimentada por tanto tempo com a comida da acomodação e tolerância fácil, tornou-se deprimentemente indolente, incapaz de alcançar até mesmo os níveis mais baixos de juízo social e cultural, quanto mais os padrões mais elevados desse juízo sobre o qual os cristãos primitivos falavam e escreviam.

No entanto, o julgamento é necessário — a não ser que concordemos, absurdamente, com a ideia de que nada mais está errado ou com a blasfêmia de que Deus não se importa muito com isso. Na famosa frase de Miroslav Volf, deve haver "exclusão" antes que possa haver "abraço": o mal deve ser identificado, nomeado e tratado antes que possa haver reconciliação. Essa é a base sobre a qual Desmond Tutu construiu seu trabalho na Comissão Sul-Africana para a Verdade e Reconciliação. E este é, claro, o ponto crítico: onde aqueles que agiram perversamente se recusam a ver o mal, não pode haver reconciliação nem abraço.

Deus está totalmente empenhado em corrigir o mundo no final. ■

— *Surprised by hope*, p. 178-9

A FORÇA DO PERDÃO

Em muitas culturas e países do mundo, o "perdão" é visto como um sinal de fraqueza. Se alguém o prejudicou, você deve se vingar! A justiça não foi feita! Você foi privado de seus direitos! Tenho visto pessoas devoradas por essa filosofia. Ela permeia todos os aspectos de suas vidas. Todo pensamento se transforma em rancor, e todo rancor clama por vingança. Também tenho visto pessoas que desistiram dessa filosofia e descobriram o poder restaurador do perdão. Pode acontecer e, de fato, acontece. Isso sempre nos pega de surpresa, talvez porque seja o sinal verdadeiro e seguro do mundo que ainda aguarda seu pleno surgimento.

Quando, em junho de 2015, parentes das vítimas do assassinato em Charleston, Carolina do Sul, ficaram cara a cara com o assassino, vários deles lhe disseram imediatamente que o perdoavam. Algo semelhante aconteceu após o tiroteio na escola Amish em outubro de 2006. Esses incidentes, que foram amplamente divulgados, chocam os jornalistas seculares e seus leitores como tão estranhos a ponto de serem quase inacreditáveis. Essas pessoas estão falando sério? É claro que sim. O perdão não foi forçado. Não foi pronunciado com os dentes cerrados, em conformidade externa com um padrão moral, enquanto o coração permaneceu amargo. O perdão já era um modo de vida nessas comunidades. Eles estavam apenas exemplificando e estendendo, em circunstâncias horríveis, o caráter que já haviam aprendido e praticado.

De fato, mais uma vez, a incredulidade de muitos que ouviram essas histórias coincide com a incredulidade das pessoas no primeiro século, assim como no nosso, ao ouvir a história da ressurreição de Jesus. E a razão de sua descrença é basicamente a mesma. Em ambos os casos, estamos testemunhando um novo mundo nascendo. Ressurreição e perdão andam juntos. Eles são o resultado direto da vitória conquistada na cruz, porque essa vitória foi conquistada ao lidar com o pecado e, portanto, com a morte. A ressurreição é o resultado da derrota da morte; o perdão, o resultado da derrota do pecado. Aqueles que aprendem a perdoar descobrem que não estão apenas oferecendo cura aos outros; estão recebendo-a em si mesmos. A ressurreição está acontecendo dentro deles. O mal feito a eles não é capaz de distorcer e corromper suas vidas. Perdão não é fraqueza. Foi e é uma grande força.

■

— *The day the revolution began*, p. 385-6

A justiça de Deus vence os poderes do mundo

"De onde há de vir para julgar os vivos e os mortos."

No que diz respeito à objeção de que o reino de Deus parece não ter ido muito longe — uma objeção que ignora as mudanças positivas enormes ocorridas no mundo e na nossa sociedade em decorrência da atuação de cristãos fiéis e normalmente desconhecidos —, este trecho dá a resposta: "De onde"! Trata-se de uma alusão direta a Filipenses 3:20-21, passagem na qual Jesus vem "dos céus", lugar de soberania plena, para completar a obra de estabelecer sua soberania na terra. A cena não corresponde à do *Juízo Final* de Michelangelo, embora também possa incluir alguns dos elementos retratados pelo artista. Antes, corresponde mais à ideia de que, de uma vez por todas, Jesus confrontará César e tudo o que ele representa, incluindo o poder das trevas que o manipula. Conforme Paulo declara, Jesus vem como "salvador... Senhor... rei" (Filipenses 3:20) — títulos atribuídos a César. O "juízo final" será o momento em que os poderes do mundo serão subjugados pelo poder de Deus, o mesmo poder que se manifestou plenamente na crucificação do Cordeiro. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 279

O julgamento vindouro de Deus é algo a ser celebrado

A imagem de Jesus como o juiz vindouro é a característica central de outra crença cristã absolutamente vital e inegociável: realmente *haverá* um julgamento no qual o Deus criador corrigirá o mundo de uma vez

por todas. A palavra julgamento carrega conotações negativas para muitas pessoas em nosso mundo liberal e pós-liberal. Precisamos nos lembrar de que em toda a Bíblia, principalmente nos Salmos, o julgamento vindouro de Deus é uma coisa boa, algo a ser celebrado, desejado, ansiado. Faz as pessoas gritarem de alegria e as árvores do campo baterem palmas. Em um mundo de injustiça sistemática, bullying, violência, arrogância e opressão, o pensamento de que pode chegar um dia em que os ímpios sejam firmemente colocados em seu lugar e os pobres e fracos recebam o que merecem é a melhor notícia que pode existir. Diante de um mundo em rebelião, um mundo cheio de exploração e maldade, um Deus bom *deve* ser um Deus de julgamento. O otimismo liberal do século 19 durou bastante, superando alguns dos contra-argumentos mais óbvios fornecidos pelo enorme mal sistêmico do século 20. Mas a teologia mais recente voltou ao tema do julgamento, reconhecendo que a análise bíblica do mal é bem mais relevante para a realidade. ■

— *Surprised by hope*, p. 137-8

Paulo fala sério quando o assunto é julgamento

O discurso de Paulo no Areópago em Atenas conclui com a declaração de que Deus fixou um dia em que ele julgará o mundo por meio de um homem que ele designou, dando certeza do fato ao ressuscitá-lo dos mortos. Paulo pode referir-se quase casualmente (em Romanos 2:16) ao fato de que, de acordo com o evangelho que ele prega, Deus julgará os segredos de todos os corações por meio de Jesus, o Messias. As pessoas muitas vezes supõem que, porque Paulo ensinou a

justificação pela fé, não pelas obras, não pode haver espaço para um julgamento futuro "segundo as obras". Entretanto, isso só mostra o quanto alguns o entenderam radicalmente mal. O julgamento futuro de acordo com as obras, um julgamento exercido por Jesus em seu "tribunal", é claramente ensinado, por exemplo, em Romanos 14:9,10, 2Coríntios 5:10 e em outros lugares. Igualmente importante, essas não são passagens isoladas onde Paulo está citando uma tradição que não se encaixa totalmente com sua teologia madura; antes, estão total e firmemente integradas em seu pensamento e pregação. Para ele, tanto quanto para qualquer outra pessoa na igreja primitiva, o julgamento final exercido por Jesus, o Messias, era um elemento vital, sem o qual diversos outros pontos simplesmente não se sustentariam. ■

— *Surprised by hope*, p. 139

Humildade, paciência e nosso mais profundo anseio

Crer na segunda vinda é tudo, menos arrogância. Sua ideia central é insistir — em comparação não apenas com o mundo pagão em geral, mas contra a pretensão e o autoengano da própria igreja — que Jesus continua soberano e finalmente retornará para retificar tudo. Essa retificação (a palavra bíblica é "justiça") é o tipo de acontecimento aliviador pelo qual o mundo todo, mesmo em sua melhor fase, anseia profundamente. Todo tipo de coisa está fora de ordem no mundo, tanto em grande quanto em pequena escala; e Deus, o criador, alinhará todas as coisas. Tudo de ruim continua a acontecer, corrompendo a vida do ser humano e a vida mais ampla do meio ambiente, a vida do próprio planeta; mas Deus, o criador, retificará tudo. Todo tipo de coisa ainda

continua errada *conosco, os seguidores de Jesus*; mas Jesus, ao retornar, também mudará isso. Talvez essa mensagem não seja confortável, mas é dela que precisamos. Acreditar que Jesus realizará tudo isso é parte da humildade cristã; aguardar por esse acontecimento é parte da paciência cristã:

> O Rei é a verdadeira vida de vocês e, quando ele aparecer, vocês aparecerão com ele e tomarão parte em sua glória (Colossenses 3:4).
>
> Amados, já somos, agora, filhos de Deus; não foi revelado ainda o que havemos de ser. Sabemos, porém, que quando ele for revelado, seremos como ele, porque como ele é o veremos (1João 3:2). ■
>
> — *Simplesmente Jesus*, p. 250

O "julgamento" de Deus realizará um grande ato de nova criação

A segunda vinda adquire todas as dimensões presentes nas escrituras de Israel, dimensões de toda a criação cantando com deleite quando o Deus de Israel vier para "julgar" o mundo (Salmos 96; 98). "Julgar" nesse sentido é como o "julgamento" dado quando uma viúva pobre finalmente tem o seu caso atendido, seus opressores são firmemente repreendidos e ela é inocentada. "Julgamento" é o que acontece quando alguém que foi roubado de seu lar, dignidade e subsistência são defendidas e restauradas. "Julgamento" é o que acontece quando uma floresta danificada por desmatamento excessivo e chuva ácida é sabiamente replantada e sua fonte de poluição é identificada e interrompida. O mundo está desconjuntado, e o "juízo" de Deus realizará um grande ato de nova criação, através do qual será restaurado da forma que Deus o intencionou.

Falar da segunda vinda é, portanto, falar de todo o novo mundo de Deus, o novo mundo vislumbrado em Apocalipse 21 e 22 ou Romanos 8, e Jesus no meio dele, administrando o governo justo, sábio e restaurador de Deus. Jesus é o verdadeiro ser humano que irá, ao final, assumir o devido papel humano (como em Gênesis) de refletir a imagem sábia do criador para a ordem profícua de toda a criação. É isso que sua "vinda" e seu "juízo" significarão. Ao final, Deus fará por todo o cosmos o que fez por Jesus na Páscoa; lembre-se de que o Jesus ressurreto é o protótipo da nova criação. Deus o fará por intermédio do próprio Jesus; o Jesus elevado, lembre-se disso, é o governante na nova criação, que emerge em meio à antiga. E Deus o fará pela presença do Jesus ressurreto e assumpto, quando ele vier para curar, salvar e também julgar. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 252

NATAL

Assim que vocês deveriam pensar entre irmãos — com a mente que vocês têm porque pertencem ao Messias, Jesus:

Quem, embora tendo a forma de Deus,
Não julgou que o ser igual a Deus
Fosse algo que deveria explorar.
Ao contrário, esvaziou-se,
E recebeu a forma de um escravo,
Nascido semelhante aos homens.
E então, com a aparência humana,
Ele se humilhou, tornando-se
Obediente inclusive na morte,
Sim, inclusive na morte de cruz.
E, assim, Deus o exaltou grandemente
E o favoreceu, dando-lhe
O nome que é sobre todo o nome,
Para que no nome de Jesus
Todo joelho dos que estão nos céus se dobre,
Na terra e debaixo da terra,
E toda língua confesse
Que Jesus Cristo é o Senhor
Para a glória de Deus pai. ■

— Filipenses 2:5-11, *The Kingdom New Testament,* p. 403

Esboço cronológico da história judaica

O ponto principal do Natal é que Deus entrou no meio da história humana comum, confusa e perigosa. Podemos apresentar essa história da seguinte forma, que, por sua vez, nos encoraja a refletir sobre as maneiras pelas quais Deus vem, hoje, na história comum, confusa e muitas vezes triste de nossa própria vida.

Período babilônico: 597-539 a.C.

597

Conquista de Jerusalém por Nabucodonosor II

587

Destruição de Jerusalém, povo exilado para a Babilônia

539

Queda da Babilônia

Período persa/grego: 538-320 a.C.

538

Retorno de (alguns) exilados; início da reconstrução do Templo (completado em 516)

450/440

Esdras e Neemias em Jerusalém

336

Alexandre, o Grande, chega ao poder

332

Alexandre conquista a Palestina

323

Morte de Alexandre; divisão do império

Período egípcio: 320-200 a.C.

Dinastia ptolomaica governa a Palestina; governo local sob a administração de sumo sacerdotes

Período sírio: 200-63 a.C.

200

Antíoco III derrota os egípcios

175

Entronização de Antíoco IV Epifânio

171

Menelau (sumo sacerdote) favorece Antíoco; revolta judaica

167

Antíoco profana o Templo, constrói altar a Zeus

166

Judas Macabeus ("Judá, o Martelo") lidera um grupo revolucionário

164

Judas purifica o Templo 160 Morte de Judas

160-63

Governo semi-independente da dinastia dos macabeus (asmoneus).

Período romano: 63 a.C. em diante

63

Pompeu (general romano) conquista Jerusalém

44

Morte de Júlio César; guerras civis romanas

37

Herodes estabelecido como "rei da Judeia"

31

Otávio (Augusto) ganha a guerra civil e transforma a república romana em um império

7-4 a.C. (?)

Nascimento de Jesus de Nazaré

4 a.C.

Morte de Herodes; inquietações civis e movimentos "messiânicos"

4 a.C.

Dividido o reino de Herodes; Antipas governa a Galileia; Arquelau, a Judeia

6 d.C.

Arquelau é deposto após protestos; Judeia administrada por "governadores"

14 d.C.

Morte de Augusto; ascensão de Tibério

26-36

Pôncio Pilatos "governador" da Judeia

30(33?)

Crucificação de Jesus de Nazaré ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 91-2

Expectativas confusas

Vamos colocar da seguinte forma: o povo judeu do primeiro século esperava que seu Deus voltasse pessoalmente para resgatá-los,

revelando sua presença gloriosa, derrotando seus inimigos e restabelecendo-os como seu povo de uma vez por todas.

E o que eles ganharam foi Jesus.

Eles esperavam um novo êxodo, isto é, uma repetição do que havia acontecido 1.500 anos antes, quando os israelitas foram escravizados no Egito e seu Deus (segundo criam) veio resgatá-los. Ele venceu os poderosos governantes egípcios, libertou seu povo e os conduziu pessoalmente pelo deserto do Sinai para levá-los à terra prometida. Muitos profetas haviam dito que um dia Deus faria algo assim novamente. Muitas pessoas esperavam que isso acontecesse em breve.

E o que eles ganharam foi Jesus.

Eles esperavam por uma nova era de justiça e paz. As escrituras antigas falavam de um tempo em que o lobo se deitaria com o cordeiro, as montanhas pingariam vinho doce e a terra estaria cheia do conhecimento e da glória do único Deus verdadeiro como as águas cobrem o mar.

E o que eles ganharam foi Jesus.

Surpreende que eles tenham ficado intrigados?

No terceiro dia após a morte de Jesus, dois de seus amigos íntimos encontraram um estranho na estrada de Emaús. Com profunda tristeza, explicaram-lhe que esperavam que Jesus fosse aquele que redimiria Israel. A questão era que eles o haviam crucificado, então Jesus não era a pessoa certa, afinal. "Acho que nos enganamos", eles disseram. ■

— *Simply good news*, p. 40-1

Muito mais do que imaginamos

A razão pela qual Jesus não era o tipo de rei desejado pelas pessoas naquela época é precisamente esta: Jesus *era* o verdadeiro rei. Contudo,

elas haviam se acostumado com o tipo de rei comum, maltrapilho, de segunda categoria. Essas pessoas procuravam por um empreiteiro que construiria a casa que idealizaram, porém, Jesus era o arquiteto, vindo com um novo plano que lhes daria tudo o que precisavam, mas em um modelo bem diferente. Buscavam um cantor cujo tipo de música era entoada há tempos, mas Jesus era o compositor, trazendo-lhes uma nova música a que as canções antigas serviriam, na melhor das hipóteses, apenas de música de fundo. Ele era o rei, sim, mas viera para redefinir a natureza do próprio reinado em torno de sua própria obra, missão e destino. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 24

O QUE O CRISTIANISMO NÃO É

O cristianismo *não* é um novo ensino moral — como se fôssemos moralmente ignorantes e apenas precisássemos de algumas diretrizes novas ou mais claras. Isso não é negar que Jesus, e alguns de seus primeiros seguidores, forneceram alguns ensinamentos morais maravilhosamente estimulantes e inteligentes; antes, é insistir que esse ensino se encontra dentro de uma estrutura maior: a história de eventos através dos quais o mundo foi transformado.

O cristianismo não é sobre Jesus oferecer um maravilhoso exemplo moral, como se nossa principal necessidade fosse ver como seria uma vida de amor e devoção total a Deus e aos outros, para que então tentássemos copiá-la. Se esse fosse o propósito principal de Jesus, certamente poderíamos dizer que ele obteve algum sucesso. A vida de algumas pessoas realmente mudou simplesmente pela contemplação e imitação do exemplo de Jesus. No entanto, observar o exemplo de Jesus também pode simplesmente deixar uma pessoa deprimida. Ver Richter

tocar piano ou Tiger Woods acertar uma bola de golfe não me inspira a tentar copiá-los. Isso só me faz perceber que não tenho suas habilidades — e nunca as terei.

Tampouco o cristianismo diz respeito a Jesus oferecer, demonstrar ou mesmo completar uma nova rota através da qual as pessoas podem "ir para o céu quando morrerem". Esse é um erro persistente, baseado na noção medieval de que o objetivo de toda religião — a regra do jogo, se você preferir — era garantir que você terminasse no lado certo do palco no final da peça misteriosa (isto é, no céu e não no inferno), ou no lado direito da pintura na Capela Sistina. Novamente, isso não é negar que nossas crenças e ações atuais tenham consequências eternas. Em vez disso, é negar que Jesus fez disso o foco de sua obra e que esse seja o "cerne" do cristianismo.

Por fim, o cristianismo não é dar ao mundo novos ensinamentos sobre o próprio Deus — embora, claramente, se a afirmação cristã for verdadeira, de fato aprendemos muito sobre quem é Deus ao olharmos para Jesus. A necessidade que a fé cristã responde não é tanto que somos ignorantes e precisamos de melhores informações, mas que estamos perdidos e precisamos que alguém venha nos encontrar; estamos presos na areia movediça esperando ser resgatados; estamos morrendo e precisamos de uma nova vida. ■

— *Simply Christian*, p. 91

Então o que é o cristianismo, afinal?

O cristianismo é sobre algo que *aconteceu*. Algo que aconteceu *com Jesus de Nazaré*. Algo que aconteceu *através* de Jesus de Nazaré.

O cristianismo diz totalmente respeito à crença de que o Deus vivo, em cumprimento de suas promessas e como o clímax da história de Israel, realizou tudo isto: nos encontrou, nos salvou e nos deu uma nova vida. Tudo isso em Jesus! Com Jesus, a operação de resgate de Deus foi efetivada de uma vez por todas. Uma grande porta se abriu no cosmos, e ela nunca mais poderá ser fechada. É a porta da prisão onde fomos mantidos acorrentados. A liberdade nos é oferecida: liberdade para experimentar o resgate de Deus em nós, para passar pela porta aberta e explorar o novo mundo ao qual agora temos acesso. Em particular, todos somos convidados — convocados, na verdade — a descobrir, seguindo Jesus, que este novo mundo é de fato um lugar de justiça, espiritualidade, relacionamento e beleza, e que não devemos apenas desfrutá-lo como tal, mas também trabalhar para torná-lo uma realidade na terra assim como é no céu. Ao ouvir Jesus, descobrimos de quem é a voz que ecoou nos corações e mentes da raça humana desde o princípio. ■

— *Simply Christian*, p. 91-2

Como fazer a pergunta "Quem foi Jesus?"

John F. Kennedy talvez seja um dos americanos mais destacados de meados do século 20. Obviamente, sua presidência foi encurtada por sua morte súbita e violenta, a qual teve, e talvez ainda tenha, significado icônico para muitos americanos e outras pessoas ao redor do mundo. Ainda nos lembramos de onde estávamos ao ouvir a notícia.

Suponhamos, então, que tivéssemos quatro livros contendo relatos detalhados do que Kennedy fez e disse durante sua presidência de três

anos, com apenas um vislumbre dos acontecimentos que o precederam. Suponhamos que estivesse claro que esses relatos foram elaborados por pessoas que criam que as palavras e o trabalho de Kennedy tinham importância duradoura para o seu próprio tempo. Contudo, suponhamos também que, em vez da multidão esmagadora de fontes sobre as décadas que precederam sua presidência, tivéssemos apenas um livro histórico, escrito nos primeiros anos do século 21 (ou seja, quarenta anos depois de sua morte) e mais um punhado de outros materiais — algumas cartas, documentos, moedas, artefatos de souvenir — para nos ajudar a reconstruir o mundo no qual as palavras e ações de Kennedy faziam sentido de acordo com os padrões da época, particularmente para termos uma ideia do porquê de alguns pensarem nele como herói e outros, que tinha de ser morto. Já podemos imaginar todo tipo de teorias: reconstruções da mentalidade da Guerra Fria, tensões sociais e culturais dos Estados Unidos na década de 1960, o estado dos principais partidos políticos da época, ambições dinásticas do pai de Kennedy etc. Haveria espaço suficiente para interpretação.

Esse é mais ou menos nosso desafio com a evidência histórica para Jesus. Temos os quatro "Evangelhos", escritos posteriormente por pessoas que acreditavam veementemente que aquilo que Jesus fez e disse, associado à sua morte e às grandes coisas que aconteceram em seguida, eram de importância contínua. Os Evangelhos são sobremodo detalhados; um dos problemas com a escrita deste livro tem sido decidir o que deixar de fora. Está claro que os Evangelistas escreveram a partir de pontos de vista (pró-Jesus) particulares. Entretanto, diferentemente de historiadores de hoje ao estudarem John F. Kennedy em seu contexto específico, temos apenas um livro de histórias, escrito quarenta ou cinquenta anos depois (por Josefo, aristocrata judeu que

passou para o lado romano da guerra, em 66–70 d.C.) e um ou outro material esparso e fragmentado: documentos, moedas, cartas etc. A partir dessas fontes muito díspares, temos de reconstruir o contexto no qual palavras e ações de Jesus fizeram o devido sentido — tanto sentido, na verdade, que enquanto alguns pensavam ser ele o Messias de Deus, para outros Jesus deveria ser morto o mais rápido possível. Se não nos esforçarmos para fazer essa reconstrução, presumiremos, sem sombra de dúvida, que as palavras e ações de Jesus fazem o devido sentido em algum contexto diferente — como o nosso, por exemplo. Isso tem acontecido vez após vez. Creio que esse tipo de anacronismo flexível é quase tão corrosivo à fé cristã genuína quanto o próprio ceticismo. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 42-3

O que queremos dizer quando chamamos Jesus de "Senhor"

Desde tempos muito antigos (na verdade, de acordo com os Evangelhos, desde a própria vida de Jesus), os cristãos se referem a Jesus como "o Senhor". No discurso cristão primitivo, essa frase carregava pelo menos três significados: (a) "o mestre", "aquele de quem somos servos", "aquele a quem prometemos obedecer"; (b) "o verdadeiro Senhor" (em oposição a César, que reivindicava o mesmo título); e (c) "o SENHOR" — isto é, YHWH — como mencionado no Antigo Testamento. Todos esses significados são visíveis em Paulo, o primeiro escritor cristão de quem temos conhecimento. Os cristãos primitivos se regozijavam com essa flexibilidade de sentido, mas para nós ela se tornou uma fonte de confusão.

Dentro da cultura ocidental contemporânea, sob a influência do deísmo, a frase "o Senhor" deixou de se referir especificamente a Jesus ou ao YHWH do Antigo Testamento. Tornou-se, em vez disso, uma maneira de se referir simplesmente a uma divindade distante e vaga, que pode concebivelmente ter alguma relação com Jesus, mas não há nenhuma certeza quanto a isso, e provavelmente também não teria muita relação com YHWH. Assim, aconteceu que os antigos escrúpulos israelitas, a tradução errônea medieval e o pensamento confuso do século 18 se combinaram para tornar difícil para nós hoje recapturar o sentido vital do que um judeu do primeiro século entenderia ao pensar em YHWH, o que um cristão primitivo estaria dizendo ao falar de Jesus como "o Senhor", e como podemos agora apropriadamente reempossar-nos de toda essa tradição.

Ainda assim, o esforço tem que ser feito. Toda linguagem sobre Deus é, em última análise, misteriosa, mas isso não é desculpa para um pensamento desleixado ou confuso. E uma vez que o título "Senhor" era uma das formas favoritas dos primeiros cristãos de falar sobre Jesus, é vital que sejamos claros sobre o assunto. ■

— *Simply Christian*, p. 68-9

Confessando a soberania mundial de Jesus

E em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor...

O cristão sábio e também "ortodoxo" reconhecerá as duas coisas mencionadas anteriormente. A primeira é que "Cristo" significa "Messias de Israel"; com esse título, toda a história de Israel foi trazida para determinado lugar, segundo Paulo nos revela, "quando a plenitude

do tempo chegou" (Gálatas 4:4). A história, porém, do povo que invoca o único Deus criador como rei de todo o mundo — essa história se tornou uma pessoa, e o nome dessa pessoa é Jesus. A segunda é que quando chamamos Jesus de "filho" de Deus, não o saudamos apenas como a segunda pessoa da Trindade, porém o celebramos como aquele de quem Salmos 2 fala, entronizado sobre as nações do mundo. Chamar Jesus de "filho" é celebrá-lo como agente do reino de Deus. Além disso, saudá-lo como "Senhor" nunca foi, no cânon, apenas uma questão honorífica, visto que remete a um dos títulos imperiais comuns. O título declara que Jesus é Senhor de todo o mundo. A palavra "nosso" não restringe a amplitude da soberania de Jesus; apenas indica que "nós", o povo que confessa o credo, somos aqueles que reconhecem, aberta e alegremente, o que o restante do mundo ainda não sabe. A soberania de Jesus tem sido o coro da música tocada neste livro. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 276-7

O rei Jesus

Os Evangelistas insistem que o reino foi realmente inaugurado por Jesus em sua carreira pública ativa, durante o tempo discorrido entre o seu batismo e a cruz. Toda essa narrativa é a história de "como Deus se tornou rei na pessoa de Jesus e por meio dele". Repare, porém, no seguinte: nós, no Ocidente, talvez desde Calcedônia ou Niceia, lemos como texto principal o que os Evangelhos trataram como pressuposição. Em todos os quatro Evangelhos, Jesus é a personificação ("encarnação") do Deus de Israel. Mas esse não é o seu tema principal; nem mesmo o é, acredito, no Evangelho de João. O tema principal é que, em Jesus, o Messias, o Deus de Israel reivindica seu governo soberano sobre Israel e o mundo.

Em termos musicais, trocamos tom por melodia. O tom no qual os Evangelhos tocam é a Cristologia encarnacional, porém sua melodia é de reino e "Cristologia", no sentido bem mais estrito de "Jesus como Messias". Aquele cuja formação doutrinária foi baseada nos grandes credos nunca teria adivinhado o que a escritura canônica estava tentando lhe dizer. Na vida e na morte messiânicas de Jesus, o Deus de Israel realmente se tornou rei do mundo. Diversas vezes leio obras devotas nas quais esse ponto, fundamental ao testemunho neotestamentário de Jesus, é ignorado, passa em branco. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 252-3

Redefinindo a encarnação

Jesus, conforme vimos, andava por toda parte dizendo que este Deus, o Deus de Israel, estava, agora, tornando-se rei, assumindo o comando, estabelecendo seu governo salvador e restaurador na terra como no céu. Céu e terra haviam se unificado, mas não mais no Templo de Jerusalém. O lugar de união se fazia visível onde aconteciam curas, celebrações (faz lembrar os anjos celebrando no céu e pessoas se unindo à celebração na terra?), perdão de pecados. Em outras palavras, o lugar de união, o círculo que se interligava, *ocorria onde Jesus estava e naquilo que ele fazia*. Jesus, por assim dizer, era um templo ambulante — a habitação do Deus de Israel, com vida e fôlego.

Como muitos perceberão logo de início, isso está na essência do que teólogos posteriormente chamarão de "doutrina da encarnação". No entanto, a doutrina parece bem diferente de como muitas pessoas a imaginam. O judaísmo já tinha um grande símbolo "encarnacional", ou seja, o Templo. Jesus se comportava *como se fosse* o templo em pessoa. Falava sobre o Deus de Israel assumindo o comando. Além disso, Jesus

fazia coisas que colocavam em prática essa percepção de Deus no comando. Tudo começa a fazer sentido. Em particular, responde à antiga crítica segundo a qual "Jesus falava de Deus, mas a igreja de Jesus" — como se Jesus ficasse chocado em ter sua mensagem pura e centralizada em Deus "corrompida" dessa maneira. Tal forma de desdém deixa de levar em consideração o fato de que sim, Jesus falava sobre Deus, porém o fazia *precisamente a fim de explicar coisas que ele mesmo estava fazendo*.

Por isso, não devemos nos surpreender em relação à ação de Jesus no Templo. O Templo havia sido, por assim dizer, um grande sinalizador, apontando para outro fato cuja realidade passou despercebida por diversas gerações, como a pista vital em uma história de detetive que só é reconhecida no capítulo final. Você se lembra da promessa feita a Davi — de que Deus lhe construiria uma "casa", uma família, fundamentada no filho davídico que também seria filho de Deus? Davi desejava construir a Deus uma casa, mas Deus lhe respondeu que ele construiria uma "casa" a Davi. A vinda do filho de Davi é a realidade definitiva; o Templo de Jerusalém é o sinal antecipado dessa realidade. Agora que a realidade está presente, não há mais necessidade do sinal. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 172-3

O VERDADEIRO REI RECUPERANDO SEU REINO

Jesus não estava oferecendo um ensino que pudesse ser comparado com o de outros mestres — embora seu ensino fosse de fato bastante notável. Não estava oferecendo um exemplo moral — embora, se é isso que procuramos, sua vida exiba de fato um excelente exemplo. Ele

estava afirmando fazer coisas *através das quais o mundo seria curado, transformado, resgatado e renovado*. Estava, em suma, anunciando boas notícias, para Israel e para o mundo inteiro.

O mundo de sua época estava esperando por boas notícias. O mundo judaico dos dias de Jesus fervilhava com especulações. Suas grandes tradições contavam a história do nômade e estéril Abraão, chamado por Deus para formar uma família por meio da qual o mundo seria resgatado. Essa família, esse povo, aprenderia em primeira mão o que significava resgate, pois seria escravizado no Egito antes de ser libertado por Deus na Páscoa. O próprio Deus os conduziria através do Mar Vermelho, e ao longo de anos de peregrinação no deserto, até que eles finalmente herdassem sua terra prometida. Esse evento (o êxodo) permaneceu central para a vida e o pensamento judaicos. Ele moldou, e continua a moldar, como os judeus viam e veem o mundo. Esse evento fala sobre o único Deus verdadeiro se fazendo conhecido em poder, derrotando os poderes do mal e resgatando seu povo. Fala do que, nas escrituras posteriores, veio a ser chamado de reino de Deus. Em outras palavras, fala de Deus se *tornando* rei do mundo de uma maneira totalmente nova. O único Deus verdadeiro sempre foi o governante legítimo do mundo, mas ele precisava recuperar seu reino depois que o poder do mal o usurpou.

Muitas pessoas nos dias de Jesus acreditavam que havia chegado a hora de esse sonho se tornar realidade. Esse era o pano de fundo para as boas notícias que eles estavam ansiosos para ouvir.

O êxodo também moldou Jesus. Ele compartilhava a crença de seus contemporâneos (que o único Deus finalmente resgataria seu povo e o mundo por meio de um novo êxodo), mas com uma grande diferença: ele acreditava que era seu próprio trabalho fazer isso acontecer. Esta era

sua vocação, seu chamado especial. As pessoas costumavam se incomodar com o fato de que Jesus falava sobre Deus, quando seus seguidores posteriormente passaram a falar sobre o próprio Jesus — como se os primeiros cristãos estivessem fazendo algo que Jesus nunca havia planejado. Isso é um absurdo. Sim, Jesus falou sobre Deus. É claro. *Mas ele fez isso precisamente para explicar o que ele mesmo estava fazendo*. "Mas, se eu expulso demônios pelo espírito de Deus", disse, quando desafiado, "bem, então o reino de Deus chegou para vocês!" (Mateus 12:28). Ele estava afirmando, na verdade, ser a boa notícia em pessoa. ■

— *Simply good news*, p. 36-7

Como o céu e a terra se unem

Os quatro Evangelhos, completamente alinhados com o Gênesis, os Salmos, Isaías e os demais livros do Antigo Testamento, contam *como Deus se tornou rei*: como o Deus criador, em Jesus de Nazaré e através dele, inaugurou seu projeto de nova criação para o mundo. Em cada página, o que vemos é precisamente uma nova *criação*: não apenas uma nova espiritualidade, certamente não um sistema para resgatar pessoas deste mundo, mas um movimento do espírito criativo de Deus, ungindo Jesus, mas também enviado por ele, através do qual os humanos são chamados, por fim, a se tornar verdadeiros seres humanos , resgatados de tudo o que impede isso, e assim equipados para levar adiante o plano de Deus para a nova criação. Mais uma vez, Deus está refazendo o mundo não por uma intervenção que destrói tudo pela frente, como alguns esquemas sobrenaturalistas acreditam, nem permitindo que causas naturais sigam seu curso, como alguns esquemas evolutivos — incluindo alguns esquemas evolucionários supostamente cristãos! —

argumentam, mas por um ato da nova criação redentora através da qual os humanos são capazes de mais uma vez refletir Deus em seu mundo e oferecê-lo, em adoração, a Deus. Todo o projeto de Jesus é de um *novo templo*, e é por isso que o Templo de Jerusalém e depois os templos pagãos se tornam tão problemáticos nos Evangelhos e em Atos. Em outras palavras, é um projeto no qual *o céu e a terra são finalmente unidos*, com o governo soberano de Deus estendendo-se *na terra como no céu* através da missão de Jesus, com seu clímax em sua morte e ressurreição, e depois por meio de seus seguidores, guiados e moldados por seu Espírito. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 23-4

Uma parceria de amor

Não acho que Jesus "sabia que era divino" da mesma forma que sabemos que somos introvertidos ou extrovertidos, felizes ou tristes, homem ou mulher. Acredito que ele possuía um tipo de "saber" que associamos à vocação, onde as pessoas *sabem*, no mais profundo de seu ser, que são chamadas a ser artistas, mecânicos, filósofos. Para Jesus, sua divindade parece ter sido um "conhecimento" profundo desse tipo, uma crença poderosa e consumidora de que o Deus de Israel era mais misterioso do que a maioria das pessoas supunha; que dentro do próprio ser desse Deus havia um dar e receber, um vai e vem, uma dinâmica de amor dado e recebido. Jesus parece ter acreditado que ele, o profeta plenamente humano de Nazaré, era parte dessa parceria e comunhão de amor. Em obediência ao Pai, ele foi chamado a realizar o projeto por meio do qual aquele amor se entregaria livre e plenamente.

Isso nos leva às fronteiras da linguagem humana, bem como da teologia. Mas a conclusão a que cheguei como historiador é que tal

análise explica melhor por que Jesus fez o que fez e por que seus seguidores, tão logo após sua morte e ressurreição, passaram a acreditar e fazer o que acreditavam e fizeram. E a conclusão a que chego como cristão é que essa compreensão de Jesus acerca de si mesmo e sua função explica, por sua vez, por que eu e milhões de outros descobrimos que Jesus está pessoalmente presente e ativo no mundo e em nossa vida, como nosso salvador e nosso Senhor. ■

— *Simply Christian*, p. 119

O PROPÓSITO REAL

Sim, Jesus foi e é plenamente divino e plenamente humano. Mas o *significado* de sua divindade nos Evangelhos é que, nele e *como* ele, o Deus vivo está se tornando rei. E o significado de sua humanidade nos Evangelhos é que, nele e como ele, os seres humanos estão finalmente retomando sua vocação divinamente dada de ser o sacerdócio real através do qual Deus traz sua ordem sábia e redentora à criação. E, sim, as boas-novas são boas-novas de salvação. Entretanto, de acordo com a Bíblia, somos salvos não simplesmente para que possamos ir para o céu e desfrutar da comunhão com Deus, mas para que possamos ser seu sacerdócio real verdadeiramente humano em seu mundo. "Pois foste morto", canta a grande multidão em Apocalipse 5 em louvor ao Cordeiro, "e com teu próprio sangue compraste um povo para Deus [...] *e fizeste deles um reino e sacerdotes para o nosso Deus e eles reinarão na terra*". ■

— *Surprised by Scripture*, p. 32

O CLÍMAX DO PROJETO REAL

"Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado"

A "encarnação" da segunda pessoa da Trindade, no nascimento estranho e misterioso registrado em Mateus e Lucas, é, conforme vimos anteriormente, um momento altamente político, quando Herodes (em Mateus) e César (em Lucas) são pegos de surpresa. Sem saber, ambos até mesmo cooperam para o acontecimento — Herodes, ao enviar os sábios para Belém; César Augusto, ao enviar José e Maria. A concepção virginal de Jesus, assim, fala da vinda do Deus vivo precisamente para estabelecer sua soberania, a despeito de auxílio humano; tentativas de fazer da resposta de Maria (isto é, o fiat de Maria ["que se cumpra em mim..."; ver Lucas 1:38]) uma contribuição oposta e proporcionalmente igual à de Deus é cometer um erro e desviar-se para longe do caminho.

Leitores sábios do credo já sabem, a essa altura, que aquele que nasce de Maria é o mesmo que vem para estabelecer o reino do único e verdadeiro Deus. Levar "nascimento virginal" a ter o mesmo significado de "divindade miraculosa" e excluir a "inauguração do reino de Deus" é falsificá-lo, não importa quão "ortodoxa" a ideia seja. Seu significado é a inauguração dos propósitos do reino de Deus por aquele cuja soberania é absoluta.

Isso significa que, agora, devemos ler a declaração do sofrimento, da morte e do sepultamento de Jesus como o ponto culminante *desse* projeto, não de outro. "Por nós homens e para a nossa salvação", acrescenta o Credo Niceno nesse ponto. Sim, de fato. Mas essa "salvação" não é um resgate *da* terra, da criação de Deus; é uma salvação *para* a terra e para nós como criaturas da terra. A menção a Pilatos no credo (algo por si só impressionante; em seu entusiasmo mal orientado, alguns cristãos chegaram a considerar Pilatos um herói, ou

até mesmo um santo, nos primeiros séculos, por ter facilitado a morte de Jesus!) não serve apenas de marcador histórico, embora isso também seja importante. A menção a Pilatos e ao sofrimento de Jesus sob seu comando falou em alto e bom som no mundo do cristianismo primitivo, depois de três séculos de perseguição, sobre Jesus como aquele que obteve a vitória inicial contra o poder das trevas, para as quais o governo de César (e o sub-governo de Pilatos) não passavam de instrumento imediato. "Padeceu sob Pôncio Pilatos." Sim, pensamos, porque é assim que aquela grande cena de João 18–19 chega ao fim, com Jesus falando de reino, verdade, poder e, em seguida, indo para a cruz para tornar tudo isso realidade! ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 277-8

A reconstrução da criação

Se você contar essa história do ponto de vista da boa criação, a vinda de Jesus surge como o momento esperado por toda a criação. Os seres humanos foram criados para serem mordomos de Deus sobre a criação; e aquele por meio de quem todas as coisas foram feitas, o filho eterno, a sabedoria eterna, torna-se humano para que ele possa se tornar o verdadeiro e supremo mordomo de Deus, o governante de todo seu mundo. Se você contar a história do ponto de vista da rebelião humana e do consequente pecado e morte que corromperam o mundo, a vinda de Jesus é igualmente vista como o momento esperado por toda a criação: a expressão eterna do amor do Pai torna-se a expressão encarnada do amor do Pai, para que pela sua morte, e morte de cruz, toda a criação seja reconciliada com Deus. Se você juntar essas duas maneiras de contar a história e transformá-las em poesia, o resultado será Colossenses 1:15-20. Essa é a verdadeira cristologia cósmica do

Novo Testamento: não uma espécie de panteísmo, correndo por conta própria sem nenhuma relação com o verdadeiro Jesus, mas uma reinterpretação da história judaica da sabedoria da perspectiva do próprio Jesus, concentrando-se na cruz como o ato pelo qual a boa criação é trazida de volta à harmonia com o sábio criador.

O equilíbrio dos versos do poema em Colossenses 1 mostra até que ponto Paulo insiste em unir criação e redenção. A redenção não é simplesmente tornar a criação um pouco melhor, como um evolucionista otimista tentaria sugerir. Tampouco é resgatar espíritos e almas de um mundo material maligno, como os gnósticos gostariam de dizer. É o refazer da criação, vencendo o mal que a está desfigurando e distorcendo. E tudo isso é realizado pelo mesmo Deus, agora conhecido em Jesus Cristo, por quem toda a realidade foi feita em primeiro lugar. ■

— *Surprised by hope*, p. 96-7

Em Jesus, todas as promessas de Deus encontram seu "sim"

De acordo com os profetas, a história judaica (de Abraão até o exílio e além) se limitaria a um remanescente, mas também se concentraria em um rei vindouro, de modo que o próprio rei seria Israel personificado. Mas, em segundo lugar, havia a história *de Deus* — a história daquilo que o Único Deus havia feito, estava fazendo e prometera fazer. (A ideia de Deus ter uma história, fazer planos e colocá-los em operação parece ser parte daquilo que judeus e os primeiros cristãos queriam dizer ao se referirem a ele como "Deus vivo"). Semelhantemente, essa história também se limitaria a um único ponto: o Deus de Israel retornaria,

visível e poderosamente, para resgatar seu povo de seus verdadeiros inimigos e estabelecer um reino que não poderia ser abalado. “Todas as promessas de Deus”, Paulo escreveria posteriormente, “encontram seu ‘sim’ nele”.

Saulo percebeu que estas duas histórias, a história de Israel e a história de Deus, haviam intersectado de maneira espantosa, e creio que essa convicção data da década silenciosa em Tarso, se não anteriormente, e ambas as narrativas foram cumpridas no Messias. Jesus era Israel personificado, mas também o Deus de Israel em pessoa. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 90-1

Um hino de louvor

A “mente do Messias” é o assunto de um dos poemas mais focalizados em Jesus de todos os tempos. Ecoando Gênesis, Salmos e particularmente Isaías, o poema fala da história de Jesus descendo às maiores profundezas e, depois, sendo exaltado como Senhor do mundo todo. O poema funciona em diversos níveis; ele expressa muitas das coisas que Paulo cria a respeito de Jesus — o verdadeiro ser humano, o israelita definitivo, o Servo do Senhor, a encarnação do Deus de Israel, a realidade da qual César não passava de uma paródia superficial.

O texto descreve a história de Adão (todo mundo), de Israel, do Único Deus — tudo em forma de um poema perfeitamente balanceado sobre Jesus, o qual é moldado na forma de uma homenagem helenística a um grande homem, mas seu conteúdo é, claro, profundamente judaico e bíblico. Trata-se, de fato, de um poema que resume boa parte do que Paulo cria: que Jesus é o cumprimento messiânico da história de Israel, a encarnação do Único Deus de Israel e, por isso, o Senhor, constituído

como Rei de todo o mundo. Sua estrutura cuidadosa, cujo cerne está na cruz, resume de maneira contundente a fé de Paulo no evangelho. É *por causa* da cruz — a derrota das potestades — que Jesus foi exaltado como Senhor e todo joelho se dobrará ao seu nome. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 305-6

Alcançado com a vida do céu

Temo que nossa forma de pensar esteja tão condicionada pela filosofia grega, quer tenhamos lido ou não alguma coisa sobre ela, que pensamos no céu como, por definição, não material e na terra, por definição, como não espiritual ou não celestial. Mas isso não é a verdade. Parte da realização central da encarnação, que é então celebrada na ressurreição e ascensão, é que o céu e a terra estão agora unidos por um vínculo inquebrável e que nos tornamos, por direito, cidadãos de ambos. Podemos, se quisermos, excluir a dimensão celestial e viver como materialistas. Se fizermos isso, estaremos assimilando um sistema que entrará em declínio, enfraquecerá e morrerá, porque a terra recebe sua força vital do céu.

Mas se focarmos nossa atenção na dimensão celestial, todos os tipos de consequências positivas e práticas se seguirão. Em Colossenses 3:11, Paulo vê a unidade da igreja rompendo as fronteiras étnicas e culturais como um dos primeiros resultados. Em seguida, ele lista várias outras coisas que devem ser aparentes na vida de qualquer um que realmente ponha sua mente no mundo que agora é o lar principal de Jesus, o mundo que foi projetado para curar e restaurar nosso mundo presente. Em cada caso, Paulo está falando da *realidade física atual e verdadeira, agora ligada com a vida do céu*. ■

— *Surprised by hope*, p. 251

Uma verdade extraordinária, ridícula e de tirar o fôlego

A carta de Paulo aos Colossenses, embora uma das mais curtas, carrega uma carga explosiva. Paulo estava na prisão quando a escreveu. Ele sabia que suas declarações abrangentes e cósmicas sobre Jesus iam de encontro com a realidade aparente. E ainda assim ele não se conteve:

> Ele é a imagem do Deus invisível,
> o primogênito de toda a criação.
> Pois nele foram criadas todas as coisas,
> nos céus e sobre a terra,
> As coisas que podemos ver e as invisíveis,
> — tronos e soberanias, e principados, e potestades —
> Tudo foi criado por meio dele e para ele (Colossenses 1:15,16).

E assim por diante. Precisamos deixar Paulo nos lembrar, precisamente quando estamos passando por uma grande mudança cultural, que nossa confiança não está na solidez da cultura ocidental ou na bondade básica da democracia moderna. Nossa confiança está em Jesus e somente nele. Precisamos abraçar essa mensagem com cada fibra de nosso ser. E precisamos criar e sustentar comunidades e instituições educacionais onde essa extraordinária, maravilhosa e incrível verdade seja tecida na própria essência de tudo o que fazemos.

Alguns podem ver essa grande afirmação como o fim de todas as pesquisas acadêmicas: se Cristo é a resposta, qual é o sentido de fazer qualquer pergunta? Eu vejo exatamente o contrário: Jesus é o senhor do mundo, então toda verdade é sua verdade; vamos explorar sua criação com reverência e deleite. Quer você olhe através do telescópio

ou do microscópio, quer você estude textos ou tradições, quer seja oceanografia ou paleografia, você está pensando os pensamentos de Jesus.

Em particular, Paulo declara — apesar de estar definhando na prisão! — que todos os governantes e autoridades foram criados por meio de Jesus e para ele, o Messias. Somos chamados hoje a repensar o que isso significa no contexto da democracia ocidental moderna. ■

— *Surprised by hope*, p.184-5

Descobrindo várias camadas de significado

O que importa, estou convicto disso, é entendermos como a *visão de mundo* funciona. Quando você nasce e cresce em uma cultura que narra certas histórias, observa certos costumes e festivais, pratica certos hábitos domésticos particulares e canta certas canções — e quando todas essas coisas se entrelaçam para reforçar umas às outras — uma única frase ou ação pode bem carregar diversas camadas de significado. Imagine um marciano visitante aterrissando no meio de um jogo de beisebol ou de críquete. Aqueles entre nós que praticam esses esportes apreciam suas sutilezas e nuances, partidas equilibradas, as implicações de como a bola é arremessada ou de quem será o próximo rebatedor. Sabemos o que significa quando pessoas, participando desses jogos, cantam determinadas canções. Quem está familiarizado compreende tudo em um piscar de olhos, mas levaria cerca de uma hora ou mais para explicá-lo, de modo detalhado, ao nosso convidado estrangeiro. Não quer dizer que o jogo não passa de uma abstração horrivelmente teórica.

Significa apenas que, na maior parte do tempo, pessoas vivem em um contexto mais complexo de vida do que normalmente percebem.

É provável que essa complexidade aumente quando você vai para um lugar como a Jerusalém do primeiro século durante a festa da Páscoa, com peregrinos cantando de novo os mesmos salmos e famílias preparando-se para contar umas às outras a história que já conhecem — aquela envolvendo Deus, Moisés, o faraó e o mar Vermelho, culminando, enfim, na esperança de liberdade — enquanto, de torres de vigia, soldados romanos observam atentos e enquanto uma procissão empolgada atravessa o monte das Oliveiras, liderada por um homem montado em um jumento, e começa a cantar sobre um reino cuja aparição se dará a qualquer minuto... ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 45-6

O VERDADEIRO DESAFIO

Infelizmente, diversos cristãos imaginam que um "Jesus divino" veio à terra simplesmente para revelar sua divindade e resgatar pessoas da terra para um "céu" distante. (Alguns até mesmo imaginam, absurdamente, que a ideia subjacente a "provar que Jesus realmente fez obras poderosas" é mostrar que a Bíblia é verdadeira — como se Jesus viesse para testificar da Bíblia, e não o contrário.) É bem possível usar a doutrina da encarnação, ou mesmo a doutrina da inspiração das Escrituras, como forma de se autoproteger e proteger a própria visão de mundo e agenda política, em vez de ter de enfrentar o desafio muito maior de Deus assumindo o controle e tornando-se rei, na terra como no céu. Mas é em torno desse fato que gira a narrativa bíblica, bem como a história de Jesus. Esse é o verdadeiro desafio, e céticos não são os únicos que descobriram um modo perspicaz de evitá-lo.

Uma vez que começamos a enxergar além desses três ângulos de visão e passamos a compreender a história nos próprios termos que ela apresenta, descobrimo-nos compelidos a prosseguir mais uma vez na narrativa. Se o tempo está cumprido, o que acontecerá para levar tal momento de cumprimento à devida conclusão? Se Jesus se comporta como se fosse o templo em pessoa, o que isso representa para o Templo existente e para os discípulos? E se, por sua própria obra, a nova criação tem irrompido no mundo, como ela progredirá contra as forças aparentemente invencíveis da corrupção, da maldade e da própria morte? ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 191-2

Um novo tempo foi inaugurado

Agora, e somente agora, podemos ver o que Jesus pretendia ao dizer que *o tempo estava cumprido*. Esse era parte do seu anúncio, desde o início de sua carreira pública (Marcos 1:15). Apenas isso, creio eu, nos capacitará para entender seu comportamento extraordinário, logo a seguir. Jesus parecia ignorar intencionalmente regulamentações normais do sábado. A maior parte das pessoas da igreja moderna imagina que Jesus fazia isso pelo fato de o sábado ter se tornado "legalista", um tipo de observância projetada para reforçar o senso moral de conquista, e que Jesus, ao vir, buscava varrer tudo isso em um ímpeto de entusiasmo libertário e antilegalista. Tal ideia, embora lugar-comum, não passa de um mal-entendido trivial, uma ideia "moderna" demais. Antes, o sábado era o sinalizador comum, apontando em direção ao futuro prometido de Deus, *e Jesus anunciava que o futuro para o qual o sinalizador estava apontando chegara, agora, no presente, em sua própria carreira*. Jesus estava fazendo coisas do tipo "Deus-está-

no-comando", explicando o que ele fazia ao falar do que Deus fazia. O tempo está cumprido, e o reino de Deus estava chegando.

Em particular, Jesus foi para Nazaré e anunciou o jubileu. O tempo havia chegado — o tempo! — quando todos os "setes", todos os sábados, culminariam. Este era o momento pelo qual Israel e o mundo estavam esperando. Ao chegar ao seu destino, você não espera mais ver placas indicativas. Ninguém coloca uma placa na Colina do Capitólio apontando para "Washington"; ninguém precisa de sinalização dizendo "Londres", em Piccadilly Circus. Você não precisa mais do sábado quando o tempo está cumprido. O fato de Jesus fazer coisas que anunciavam, vez após vez e de um ângulo diferente do outro, que o tempo havia chegado — que o futuro, a nova criação, já estava aqui e que ninguém mais precisava do sábado — é de todo condizente com o modo pelo qual ele via sua própria vocação. O mandamento sabático não era, então, uma regra estúpida, cuja abolição podia agora acontecer (embora algumas dessas regulamentações detalhadas do sábado, conforme Jesus destacou, levaram a extremos absurdos, de modo que você podia tirar um boi de um poço no sábado, mas era proibido de curar uma pessoa enferma). Era um sinalizador cujo propósito havia sido cumprido, um marcador de tempo apontando para o futuro, quando então o tempo seria cumprido; e era isso que estava, na época de Jesus, acontecendo.

Algo novo está acontecendo; um novo tempo foi inaugurado; coisas diferentes são, agora, apropriadas. Jesus tem um senso de ritmo em seu trabalho, um pequeno ritmo no qual inaugurará o reino de Deus, o projeto Deus-está-no-comando, completando-o com o símbolo mais alarmante e dramático de todos. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 177-9

Verdade

"Então, você é um rei, não é mesmo?", indagou Pilatos.

"Você é quem diz", responde Jesus. "Nasci para isto; vim ao mundo para isto: dar testemunho da verdade. Todos que pertencem à verdade ouvem minha voz."

"A verdade!", disse Pilatos. "O que é isso?" ■

— João 18:37-38, *The Kingdom New Testament*, p. 216

A verdade está diante de você

Embora Pilatos jamais conseguisse entendê-la, a verdade estava diante dele: a verdade da criação resgatada e renovada, transformada em carne, que amava ao máximo os seus que estavam no mundo, que guiava o caminho para longe da morte em direção ao outro lado, para o novo mundo de Deus, dando a seus seguidores o espírito da verdade, a fim de que pudessem vir após Jesus e falar a verdade criativa que trará à existência esse mundo. Parte do desafio de seguir a Jesus é aprender a arte difícil, perigosa, porém bela de falar uma palavra nova de cura ao mundo que, muitas vezes, ainda parece ser governado pelos agentes de César. ■

— *Indicadores fragmentados*, p.160

O amor que vem com a verdade

O significado da palavra "verdade", quando queremos usá-la, varia de acordo com o que estamos falando. Se eu quiser ir à cidade, é fundamental saber se a pessoa que me disse que eu pegasse o ônibus número 53 está falando a verdade ou não. Entretanto, nem toda verdade é desse tipo, ou verificável da mesma maneira. Se há alguma verdade por trás da busca por justiça, é que o mundo não foi projetado para ser moralmente caótico; mas o que queremos dizer com "projetado", e como saberíamos disso? Se há alguma verdade na sede por espiritualidade, pode significar simplesmente que os humanos encontram satisfação em explorar uma dimensão "espiritual" de suas vidas, ou pode significar que fomos feitos para um relacionamento com outro Ser que só pode ser conhecido dessa forma. E, falando de

relacionamentos, a "verdade" de um relacionamento está no próprio relacionamento, em ser "fiel" ao outro, o que é consideravelmente mais importante do que (embora também possa incluir isso) dizer ao outro a verdade sobre o ônibus de número 53. Quanto à beleza, não podemos reduzir "verdade" a "beleza" sem correr o risco de desconstruir a verdade, uma vez que, como apontamos anteriormente, a beleza que conhecemos aqui e agora é marcada por fragilidade e ambiguidade.

Também precisamos refletir sobre o significado de "saber". Os tipos profundos de verdade sobre os quais temos falado envolvem um "conhecer" que é muito mais como "conhecer" uma pessoa — algo que leva muito tempo, confiança e determinação — do que "saber" qual o ônibus certo para ir à cidade. É um tipo de conhecimento em que o sujeito e o objeto estão entrelaçados, de modo que não há como classificá-lo como puramente subjetivo ou puramente objetivo.

Uma boa palavra que descreve esse tipo de conhecimento mais profundo e rico, e que acompanha o tipo de verdade mais profundo e rico é "amor". ■

— *Simply Christian*, p. 50-1

A LIBERDADE NA BUSCA DA VERDADE

João afirma em sua primeira carta: "enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1João 1:8, NVI). No entanto, sabemos que somos chamados a ser criaturas que contam a verdade. É claro que desejamos que todos sejam verdadeiros e nos aborrecemos quando não o fazem, principalmente os políticos e empresários que manipulam a contabilidade para obter lucro enquanto as pessoas a quem deveriam estar servindo pagam a conta.

E, ainda assim, enganamos a nós mesmos com muita facilidade, mesmo mentindo sobre contar mentiras ("não foi realmente uma mentira"). Nossas lembranças tão seletivas escolhem e destacam o pequeno número de fatos entre os milhões disponíveis para sustentar a imagem que temos de nós, de nossa vida e de nosso comportamento. É claro que isso pode seguir uma rota diferente. Quem tem tendência à depressão ou a sensações de culpa só pode se lembrar dos "fatos" que alimentam seu sentimento de desespero e vergonha. A verdade em si parece tão distante quanto a estrela mais afastada. Entretanto, ainda olhamos para ela maravilhados, pois tem certa beleza — pelo menos parece ter.

No entanto, o evangelho cristão oferece uma abordagem mais profunda da verdade do que o mundo é capaz de oferecer. Em um mundo que sugere que a verdade em si é uma ilusão — e ela parece ser um indicador fragmentado, fazendo-nos correr em círculos autodestrutivos —, os seguidores de Jesus precisam responder que declarar a ausência da verdade é uma mentira. Ela existe, mesmo que às vezes seja mais indefinida e estranha do que imaginamos. Além disso, é essa verdade que nos deixará livres para viver como novas criações e para nos tornarmos seus reais defensores. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 148

A afirmação de verdade incomparável de Jesus

"'Eu sou o caminho', respondeu Jesus, 'a verdade e a vida!'" (João 14:6). Alguns leem essa afirmação como uma forma judaica de dizer "eu sou o caminho verdadeiro e vivo", e isso pode estar correto, contudo, a

ênfase parece ser dada igualmente aos três substantivos: "caminho", "verdade" e "vida".

Essa declaração extraordinária não pode ser ouvida dentro da câmara de som do nosso mundo moderno, onde a "verdade" é a declaração arrogante dos poderosos. A verdade aqui é estranha, gentil, mas também poderosa e relacionada à nova criação, que completa a antiga ao assumir a vergonha e a morte da anterior e ao superá-la. A verdade é a realidade do amor divino de Jesus, o amor feito carne.

Essa não é uma declaração a ser medida ao lado de outras, como se Jesus e meia dúzia de outros mestres ou líderes estivessem sendo avaliados com base em algum padrão arbitrário e moderno da "religião". Ou Israel é o povo do Deus criador ou não é; ou Jesus é o Messias de Israel ou não é. O Deus criador trouxe sua nova criação em e por meio de Jesus, como o Messias de Israel, ou não o fez. O Evangelho de João foi escrito para confirmar todas as três assertivas: Israel é o povo de Deus, Jesus é o Messias de Israel e, por meio dele, Deus colocou em ação sua nova criação. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 150-1

Perguntas, respostas e enigmas

Existe um crescendo de perguntas às quais, ao final, poderá haver uma única resposta.

"Por que você fala assim? Você é aquele que havia de vir? Pode alguma coisa boa vir de Nazaré? Que sinal pode nos dar? Por que ele se assenta à mesa com publicanos e pecadores? De onde lhe vem toda esta sabedoria? Como este homem pode nos oferecer sua carne para comermos? As autoridades pensam que ele é o Messias? Pode o Messias vir da Galileia? Por que você está se comportando de modo tão

irregular? Quem, então, é este? Não estamos certos em dizer que você é um samaritano e tem demônio? O que você diz a seu respeito? Com que autoridade você faz estas coisas? Quem é este Filho do Homem? Devemos pagar tributo a César?" E de modo culminante: "Você é o rei dos judeus? O que é a verdade? De onde você vem? *Voc*ê é o Messias, o filho do Deus Bendito?" Então finalmente, tarde demais para respostas, mas não para a ironia: "Você não é o Messias? Salve-se a si e a nós! Se você é o Messias, por que não desce da cruz?".

Seja o que for que diziam sobre Jesus, não restam dúvidas de que suas ações e ensinamentos levantavam esse tipo de questionamento, onde quer que ele fosse. "Quem vocês dizem que eu sou? Você crê no Filho do Homem? Vocês podem beber do cálice que beberei? Como os escribas dizem que o Messias é filho de Davi? Vocês não puderam vigiar comigo por uma hora?" E, por fim, cruelmente: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?".

Respostas surgem com profusão mais ou menos igual. Contudo, como no caso das melhores respostas às perguntas mais difíceis, elas vêm como conjunto de enigmas reluzente para lembrar pessoas, dos antigos aos modernos, que perguntas são perguntas justamente porque algo está acontecendo que exige a quebra de categorias, um rompimento de barreiras, uma visão de mundo mais ampla para que a nova informação, seja qual for, possa fazer sentido. A razão pela qual houve tantos questionamentos, em ambas as direções — como historiadores concluíram já há muitos anos — é que Jesus não se encaixava em nenhuma categoria pré-estabelecida.

— *Simplesmente Jesus*, p. 211-2

A verdade de Deus

Assim, o que poderia ser dito, de diferentes ângulos, acerca das razões subjacentes ao sucesso surpreendente e duradouro da obra de Paulo? Indo um passo além, como forma de nos ajudar a perceber a importância do trabalho do apóstolo, façamos a seguinte pergunta: como o próprio Paulo avaliaria seu sucesso, caso pudesse tê-lo antecipado?

Provavelmente, ele começaria com uma resposta teológica. Há um Único Deus, e esse Deus venceu o poder das trevas por meio de seu filho; devemos esperar que ele, por seu espírito, fará com que a luz do conhecimento de sua glória se espalhe pelo mundo — por meio do testemunho fiel, sofredor e intercessor dos seguidores de Jesus. Ou, colocando-o de outra maneira, o Único Deus já construiu seu novo Templo, seu novo *microcosmos*; a igreja, formada por judeu-mais-gentio, é o lugar em meio ao qual o espírito divino já habita e revela sua glória como sinal do que acontecerá, um dia, em todo o mundo. Desse modo, cedo ou tarde, esse movimento está fadado a prosperar. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 457

A NECESSÁRIA VITÓRIA ABNEGADA

Para João, parte do significado da cruz é que ela não é apenas o que acontece, em termos puramente pragmáticos, quando o reino de Deus desafia o reino de César. Também é *o que tem de acontecer* se o reino de Deus, cujo avanço se dá (conforme Jesus insiste) pela não violência e não pela violência, for prevalecer. Essa é a "verdade" da qual Jesus veio dar testemunho, a "verdade" que não cabe na visão de mundo de Pilatos (18:38). Ela é exemplificada por Jesus, de forma imediata e dramática, ao assumir o lugar de Barrabás, o ladrão (18:38-40). Essa é a "verdade"

sobre a qual Jesus testifica — a verdade de um reino conquistado pela morte do inocente no lugar do culpado. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 242-3

Podemos mudar o mundo

Estou convencido de que o clima de ceticismo, que nos últimos duzentos anos tornou fora de moda e até constrangedor sugerir que a ressurreição de Jesus realmente aconteceu, nunca foi e não é agora algo neutro, seja no nível sociológico ou político. O golpe de estado intelectual pelo qual o Iluminismo convenceu tantos de que somente agora "sabemos que os mortos não ressuscitam" — como se isso fosse uma descoberta moderna e não simplesmente a reafirmação do que Homero e Ésquilo afirmaram muito antes — está intimamente relacionado com suas outras propostas, como a crença de que agora atingimos a maioridade, que Deus pode ser relegado ao "andar de cima", que podemos continuar a governar o mundo como quisermos, moldando-o para nosso benefício sem interferência externa. Nesse sentido, os totalitarismos do século passado foram simplesmente algumas dentre as várias manifestações de um totalitarismo maior de pensamento e cultura contra o qual a pós-modernidade agora se rebelou, e com razão, na minha opinião.

Afinal, quem não queria que os mortos ressuscitassem? Não apenas os intelectualmente tímidos ou os racionalistas. Eram, e são, aqueles no poder, os tiranos e valentões sociais e intelectuais; os Césares que seriam ameaçados por um Senhor do mundo que havia derrotado a última arma do tirano, a própria morte; os Herodes que ficariam horrorizados com a validação inegável *post mortem* do verdadeiro Rei dos Judeus. *E é neste ponto que acreditar na ressurreição de Jesus de*

repente deixa de ser uma questão de indagar sobre um evento estranho no primeiro século e se torna uma questão de redescobrir a esperança no século 21. Esperança é o que você obtém quando de repente percebe que uma visão de mundo diferente é possível, uma visão de mundo na qual os ricos, os poderosos e os inescrupulosos não têm a última palavra. A mudança de visão de mundo exigida pela ressurreição de Jesus é a mesma que nos permitirá transformar o mundo. ■

— *Surprised by hope*, p. 74-5

Temos um novo governante, então veja o que acontece a seguir

Enquanto Jesus ia de um lado para o outro anunciando que Deus estava no comando, não andava, por assim dizer, em território virgem. Não estava fazendo seu anúncio em um vácuo. Imagine como seria hoje, na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos, se, sem uma eleição ou qualquer outro mecanismo oficial para mudança de governo, alguém fosse para uma rádio nacional ou a um programa de televisão para anunciar que, a partir de agora, havia um novo primeiro-ministro ou presidente. "De hoje em diante", diz o proclamador, "temos um novo governante! Estamos sob uma nova administração! Tudo será diferente!" Não se trata apenas de uma conversa empolgante, mas de confronto. "Traição! Sedição! Com que direito esse homem diz essas coisas? Como pensa que escapará disso? De qualquer maneira, o que ele quer dizer?" Um anúncio como esse não é apenas uma proclamação, porém, *o começo de uma campanha*. Quando um regime já no poder simplesmente transfere esse poder ao sucessor, você apenas anuncia que

o processo está acontecendo. Mas, quando você faz o anúncio enquanto algum outro parece estar no comando, está dizendo, na prática: "A campanha começa aqui".

Assim, o que Jesus realmente *queria* dizer? Quais características tinha sua campanha? Essas eram as questões, podemos estar certos, na mente de seus ouvintes. De modo frustrante, para nós e para eles, a resposta de Jesus à pergunta: "O que ele realmente quer dizer?" parece, em parte, ter sido: "Espere e você verá". Nesse meio-tempo, porém, ele ainda demonstrava o que seu anúncio queria dizer, de modo direto e pessoal. Curas e celebrações eram parte do significado de como Deus se tornava rei. É com isso que esse governo se assemelhava.

— *Simplesmente Jesus*, p. 99-100

O sujeito conhecedor e o temor do Senhor

Há três passos para a sabedoria bíblica. Eles podem ser resumidos em uma abreviação muito repetida que pode soar proibitiva para nós: "O temor do Senhor", dizem os escritores, "é o princípio da sabedoria" (Salmos 111:10). O problema é que esquecemos quem é "o Senhor", confundindo-o com um burocrata distante e irreconhecível. Consequentemente, esquecemos que temor não significa um estado amedrontado, nervoso e servil, mas, sim, reverência e admiração devidas ao Criador e sustentador de todas as coisas. Em outras palavras, assim como o conceito de fé muda de acordo com seu objeto — colocar sua fé em um ser amorfo e sem caráter é uma coisa muito diferente de uma fé depositada no Pai de Jesus Cristo —, o medo muda se o Deus que você imagina é um valentão celestial ou o Deus do amor fiel. Meu ponto é o seguinte: nas tradições bíblicas e nas tradições

posteriores que as refletem, o sujeito humano é imaginado não como um indivíduo solitário e isolado que pode resolver as coisas por si mesmo, mas como alguém que está localizado em relação a três outras realidades.

Em primeiro lugar, o sujeito conhecedor é feito à imagem do Criador, o que significa que ele é chamado a refletir a sabedoria e o cuidado do Criador no mundo e a refletir os louvores da criação de volta ao Criador.

Em segundo lugar, o conhecimento que acompanha a sabedoria no sentido bíblico vê o objeto de estudo não como uma entidade isolada a ser manipulada ou explorada, mas como parte de um mundo muito maior de conexões interligadas e relacionamentos mútuos.

Em terceiro lugar, o conhecedor nunca conhece isoladamente. A verdadeira sabedoria é ousada e humilde. Nunca tem medo de dizer o que pensa ter visto, mas está sempre aberta a outros pontos de vista.

— *Surprised by Scripture*, p. 157-8

Autoridade de quem?

O Jesus ressuscitado, no fim do Evangelho de Mateus, não diz: "Toda a autoridade foi dada aos livros que todos vocês escreverão", mas declara: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra". Isso nos sugere, especialmente no caso de levarmos a própria Bíblia a sério, como não deveria deixar de ser, que precisamos refletir com cuidado sobre o sentido de pensar que a autoridade de Jesus de algum modo é exercida por meio dela. ■

— *As Escrituras e a autoridade de* Deus, p.11-2

Considere o contexto

Temos de nos comprometer a fazer uma leitura *totalmente contextual* das Escrituras. Cada palavra deve ser entendida dentro de seu próprio versículo, cada versículo em seu próprio capítulo, cada capítulo dentro de seu próprio livro, cada livro em seu contexto histórico, cultural e, de fato, canônico. (Com certeza, pode haver algum conflito entre o cenário histórico da passagem bíblica com o lugar que ocupa atualmente no cânon completo. Quando acontece algo assim, devem-se considerar as duas coisas.) Toda a Escritura é "culturalmente condicionada". Trata-se de uma ingenuidade fingir que algumas passagens fogem a essa regra e que possam ser consideradas "básicas" ou "universais", enquanto outras, por causa disso, possam ser descartadas com segurança. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 156

O trabalho para entender melhor as Escrituras nunca acaba

O que significa, dentro desse cenário, recorrer à "autoridade das Escrituras"? Às vezes, essa expressão é usada como um modo de dizer que a pessoa não se importa com a formação acadêmica de quem a aborda, e que só acredita na Bíblia. Isso é simplesmente inaceitável. Poucas pessoas poderiam ler o Novo Testamento se não houvesse especialistas para fornecer léxicos gregos e traduções baseadas neles. Não há nem como começar a entender o mundo do primeiro século sem que os estudos acadêmicos o expliquem (como sempre se torna bem evidente quando as pessoas sem tais explicações tentam ler esses textos em voz alta, quanto mais quando praticam a exegese!).

Sempre que se pede algum tipo de pesquisa acadêmica, é comum reclamar que os expositores preferem basear-se no que aprenderam no início de sua formação, que hoje simplesmente é descartado como conhecimento comum, a ter o trabalho de despertar mentalmente e ter novas percepções. Insisto em dizer que esses estudos mais antigos e essas leituras mais tradicionais revelam-se equivocados ou incompletos. Com certeza, até mesmo os estudos atuais e os futuros passarão por esse mesmo processo, mas isso não nos isenta de sempre tentar buscar a excelência, em uma busca interminável por entender as Escrituras de forma mais completa.

Minha experiência mostra que esse processo de tentativa e erro sempre resulta em avanços importantes (constatados principalmente pela maior profundidade e o maior número de perspectivas detectadas no texto), e que basta se dar ao trabalho de iniciar essa tarefa para haver novas descobertas pastorais e homiléticas. O reconhecimento da "autoridade das Escrituras" implica exatamente não dizer: "sabemos o que as Escrituras querem dizer e não necessitamos de mais questionamentos". Pelo contrário, ele sempre indica que a igreja em cada geração deve empreender novos e entusiasmados esforços para entender mais completamente as Escrituras e aplicá-las de forma mais abrangente, mesmo que isso implique abandonar as tradições prediletas.

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 117

Compreendendo a autoridade das Escrituras por meio da Trindade

O evangelho por meio do qual os indivíduos chegam à fé pessoal, e, desse modo, a uma transformação radical de vida que é relatada frequentemente no Novo Testamento, é a personalização do desafio

maior que acabamos de mencionar: o chamado a todas as crianças, homens e mulheres para se submeter pela fé ao senhorio do Jesus crucificado e ressuscitado, para passar a ser, pelo batismo e por fazer parte do corpo de Cristo, uma amostra viva e um adiantamento vibrante da própria nova criação definitiva (veja Gálatas 6:15; 2Coríntios 5:17). O poder de Deus, que age por meio da mensagem do evangelho para alcançar essa finalidade, é liberado frequentemente, como estudamos, pelo poder do Espírito Santo aliado à palavra falada ou escrita; e, por toda a história da missão cristã, essa palavra é normalmente a palavra das Escrituras lida, pregada, explicada e aplicada.

A "autoridade das Escrituras" refere-se principalmente à obra de Deus *por meio* das Escrituras para revelar Jesus, para falar com um poder transformador à mente e ao coração das pessoas, e transformá-los pelo amor curador do Espírito Santo. Embora isso também possa acontecer na situação hipotética da "ilha deserta", em que um indivíduo lê toda a Bíblia sozinho, isso acontece pela obra do povo de Deus, por aqueles que traduziram e publicaram a própria Bíblia (mesmo em uma ilha deserta, dependemos uns dos outros!) para aqueles que, como Filipe, que estava com o eunuco etíope em Atos 8, ajudaram as pessoas a entender isso e aplicar à sua própria vida.

Portanto, é desse modo que a "autoridade das Escrituras" cumpre seu papel importante na obra do reino de Deus em todos os níveis, desde o nível cósmico, passando pelo político até o pessoal. Somente quando essa autoridade toda é colocada em primeiro lugar é que podemos descobrir o sentido dessa expressão no que diz respeito a organizar a vida da igreja a fim de capacitá-la a ser agente da missão de Deus, e no

que tange ao seu desafio, para que todos os cristãos vivam debaixo da autoridade de Deus em todas as áreas da vida. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 145

O trabalho da igreja deve ser realizado com a Bíblia na mão, na cabeça e no coração

A expressão resumida "a autoridade das Escrituras", quando é destrinchada, apresenta o retrato do plano soberano e salvador de Deus para todo o cosmos, inaugurado de forma radical pelo próprio Jesus, e que agora deve ser implementado pela vida da igreja guiada pelo Espírito Santo *precisamente como uma comunidade leitora da Bíblia*. Resume-se como "leitura" na frase anterior todo um conjunto de tarefas que explicaremos mais adiante, mas minha ênfase é que só descobrimos o formato e a vida interior da igreja depois de identificarmos sua missão, e só descobrimos essa missão quando observamos o propósito de Deus para todo o mundo, conforme está indicado, por exemplo, nos seguintes capítulos: Gênesis 1—2; Isaías 40—55; Romanos 8; 1Coríntios 15; Efésios 1 e Apocalipse 21 e 22. Lemos a Bíblia para refrescar nossa memória e entender a narrativa da qual participamos, para recordar onde ela surgiu e para onde vai, para que compreendamos qual é nossa parte dentro dela.

Isso significa que "a autoridade das Escrituras" é aplicada de uma forma mais verdadeira quando a igreja age no mundo para anunciar o evangelho, as boas-novas de que Jesus Cristo, o Deus vivo, venceu os poderes do mal e iniciou a obra da nova criação. É com a Bíblia na mão, na mente e no coração — não simplesmente com o jornal e o modismo

ou o esquema político mais recente — que a igreja pode agir no mundo, confiante de que o Senhor é Jesus, não César. A sabedoria recomendada pelas próprias Escrituras (p. ex., Colossenses 4:5,6; 1Pedro 3:15) sugere que não faremos esta obra no mundo simplesmente informando às pessoas o que a Bíblia diz. No poder e na sabedoria do Espírito Santo, podemos entender de tal maneira as prioridades do evangelho e o modo pelo qual trabalham para destruir fortalezas (2Coríntios 10:3-6) que articulamos para nós mesmos, abordando contextos e cenários específicos, o desafio do Deus que ama tanto o mundo que busca resgatá-lo da insensatez, da opressão e da impiedade. Logo, a autoridade das Escrituras é vista de forma mais eficaz na formação da mente da igreja, e no reforço de nosso compromisso, enquanto lutamos para aplicar a ressurreição de Jesus, antecipando, desse modo, o dia em que Deus fará novas todas as coisas, e a justiça, a alegria e a paz triunfarão (Efésios 1:3-23). ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p.143-4

Escritura, tradição, razão e experiência

"Escrituras, tradição e razão" nunca foram o mesmo *tipo* de coisa. A comparação com um tripé é, por si só, enganosa. Não se trata de coisas semelhantes, como maçãs, peras e laranjas; parece mais algo como maçãs, elefantes e chaves de fenda. Como vimos, uma grande linhagem de teólogos, de Tomás de Aquino a Hooker, e até mesmo muitos escritores atuais, insistiriam que a "tradição" é um legado do que a igreja diz quando reflete sobre as Escrituras, e a "razão" é a regra do discurso segundo a qual essa reflexão é resgatada do absurdo aleatório e

integrada a uma visão holística de Deus e do mundo. No entanto, até mesmo isso pode fazer parte da narrativa, e implicar uma forma mais sólida e mais fixa de "tradição" e "razão" que a narrativa da igreja permite.

Em outras palavras, as Escrituras, a tradição e a razão não são como três estantes diferentes, as quais podem ser consultadas livremente para encontrar respostas às perguntas principais. Em vez disso, as Escrituras são a estante, a tradição é a memória do que as pessoas na casa leram e entenderam (ou quem sabe deixaram de entender) do que estava nelas e a razão se constitui nos óculos que as pessoas usam para entender o sentido do que leem — embora, de forma preocupante, em cada época se tenham usado óculos diferentes, e há indícios de que alguns leitores, usando a "razão" que lhes estava disponível, distorceram bastante os textos que estavam lendo. Já a experiência consiste em algo diferente, referindo-se ao efeito sobre os leitores daquilo que eles leram, e/ou da cosmovisão, da experiência de vida, da situação política, e de muitos outros aspectos, do lugar no qual essa leitura acontece.

Isso pode ser visto (pela experiência!) pelo caos que surge quando se permite que a "experiência" seja o árbitro final. Seja nas estatísticas oficiais, seja nas evidências anedóticas, a "experiência" dos cristãos, e de todas as outras pessoas quanto a isso, sempre e inevitavelmente surge com várias narrativas simultâneas e incompatíveis. A "experiência" é incerta demais para que um conceito qualquer tenha a chance de proporcionar uma base suficientemente estável para servir como "autoridade", a menos que se queira expressar, como o livro de Juízes escreve de forma irônica, que todos devem simplesmente fazer o que é reto aos seus próprios olhos, o que, com certeza, equivale a dizer simplesmente que não existe autoridade. Na verdade, o destaque da

"experiência" contribuiu materialmente para essa espécie de pluralismo que beira a anarquia, que agora observamos por todo o mundo ocidental. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 126-7

A teologia é a espinha dorsal de uma igreja saudável

Embora raramente os pensadores tenham estado entre aqueles que propagaram o evangelho — essa honra pertence às comunidades locais, cujo estilo de vida incorporava os imperativos do evangelho, geralmente sob a ameaça ou a realidade da perseguição —, a igreja não teria sobrevivido ou prosperado sem o seu trabalho. Teologia é a espinha dorsal de uma igreja saudável, mas o corpo ainda precisa de membros e órgãos, juntas e pele. Paulo, com sua própria imagem do corpo do Messias, teria sido o primeiro a insistir nisso, isto é, que sem uma espinha dorsal o corpo não sobreviverá. A sobrevivência e o florescimento da igreja de séculos posteriores remontam à conquista de Paulo ao ensinar seguidores não apenas acerca do que pensar, mas como pensar. O apóstolo bem sabia o quanto isso custaria, mas cria que era esse o caminho verdadeiramente humano, um caminho que prevaleceria precisamente pelo poder dessa humanidade genuína.

— *Paulo: uma biografia*, p. 472-3

A esperança da Páscoa é diferente do progresso e da decadência constantes

Os primeiros cristãos não acreditavam em progresso. Eles não achavam que o mundo ficaria cada vez melhor por conta própria — ou mesmo sob a constante influência de Deus. Sabiam que, para que o mundo fosse colocado em ordem, Deus tinha que fazer algo novo.

Mas também não acreditavam que o mundo estava ficando cada vez pior e que sua tarefa era escapar dele o mais rápido possível. Eles não eram dualistas.

Uma vez que a maioria das pessoas que pensam sobre essas coisas hoje tendem a um ou outro desses dois pontos de vista, é uma surpresa descobrir que os primeiros cristãos tinham uma visão bem diferente. Eles acreditavam que Deus faria por todo o cosmos o que havia feito por Jesus na Páscoa. ■

— *Surprised by hope*, p. 93

Enfrentando grandes mentiras

À luz dessa história maior, vale dizer que a verdade confrontará mentiras e as envergonhará. Só assim seremos libertos das garras da mentira. Mas como? Os maiores crimes do século 20 — o massacre turco dos armênios, o massacre nazista de judeus e o genocídio cambojano contra seus oponentes políticos e qualquer um que estivesse no caminho — aconteceram somente porque quem sabia sobre eles não se manifestou. Muitos políticos descobriram que as pessoas perceberão e enfrentarão uma mentira pequena, no entanto, se você contar uma grande (pense em Hitler dizendo aos alemães que Winston Churchill planejava dominar o mundo), elas não notarão ou concluirão que, de alguma forma, aquela é a verdade, apesar das aparências.

Então, quando os oponentes de Jesus o confrontam, ele também os confronta. (A resposta deles, assim como em outras vezes, é acusá-lo de estar possuído por demônios.) A verdade que ele está contando simplesmente não se encaixa nos moldes de seus adversários de como o mundo funciona. Estão furiosamente apoiando o mundo da maneira que o veem.

O sinal de que seus planos são impulsionados pelo poder sombrio da anticriação é que eles também querem usar a violência. O capítulo começa com a ameaça de apedrejamento da mulher adúltera e termina com a tentativa de apedrejamento de Jesus (João 8:59). Isso tudo faz parte da construção do clímax do Evangelho de João, quando, mais uma vez, a questão da verdade e da falsidade fica ao lado da questão da vida e da morte. Aos poucos, o ponto vai surgindo. *O motivo pelo qual a verdade é um paradoxo no tempo presente é que a verdade máxima é a nova criação, que completa a presente criação abolindo a morte, que a corrompeu*. Não é de admirar que as forças das trevas, da anticriação, as forças diabólicas e acusadoras berrem, rosnem e joguem pedras. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 154-5

A BUSCA PELA VERDADE

Certa vez, ouvi um grande cientista contemporâneo dizer que, quer estejamos olhando em um microscópio para os menores objetos que podemos discernir, ou olhando através de um telescópio para o vasto espaço sideral, a coisa mais interessante do mundo continua sendo aquilo que está a cerca de cinco centímetros do lado mais próximo da lente — em outras palavras, o cérebro humano, incluindo mente, imaginação, memória, vontade, personalidade e as milhares de outras coisas que consideramos como faculdades separadas, mas que todas, em

seus diferentes modos, entrelaçam-se como funções de nossa complexa identidade pessoal. Devemos esperar que o mundo e nossa relação com ele seja pelo menos tão complexo quanto nós mesmos. Poderíamos dizer o mesmo em relação a Deus.

Digo isso porque assim que a discussão sobre o sentido da vida humana, ou a possibilidade de Deus, se afasta de ideias bastante simples e se torna mais complicada, as pessoas muitas vezes resmungam em desaprovação. Qualquer mundo em que existam coisas como música e sexo, risos e lágrimas, montanhas e matemática, águias e minhocas, estátuas e sinfonias, flocos de neve e pores do sol — e nós, humanos, no meio de tudo isso — está fadado a ser um mundo em que a busca pela verdade, pela realidade, pelo que podemos ter certeza, é infinitamente mais complicada do que permitem simples perguntas que exigem *sim* ou *não* como resposta. Há suficiente complexidade junto com suficiente simplicidade. Quanto mais aprendemos, mais descobrimos que nós, humanos, somos criaturas fantasticamente complicadas. No entanto, por outro lado, a vida humana está cheia de momentos em que sabemos que as coisas também são muito, muito simples.

Reflita sobre isso por um instante. O momento do nascimento; o momento da morte; a alegria do amor; a descoberta da vocação; o aparecimento de doenças com risco de vida; a dor e a raiva avassaladoras que às vezes nos arrebatam. Nesses momentos, as múltiplas complexidades de nossa humanidade se reúnem e formam um simples grande ponto de exclamação, ou, talvez, um simples grande ponto de interrogação — um grito de alegria ou um grito de dor, uma explosão de riso ou de lágrimas. De repente, a rica harmonia de nosso pacote genético parece cantar em uníssono e dizer, para o bem ou para o mal, “é isso!”

Honramos e celebramos nossa complexidade e nossa simplicidade fazendo continuamente cinco coisas: contamos histórias, participamos de ritmos da vida, criamos beleza, trabalhamos em comunidades, desenvolvemos crenças. Em todas essas coisas e através delas correm os fios de amor e dor, medo e fé, adoração e dúvida, a busca de justiça, a sede de espiritualidade e a promessa e o problema do relacionamento humano. E se existe alguma "verdade", em algum sentido absoluto, deve se relacionar e dar sentido a tudo isso e muito mais. ■

— *Simply Christian*, p. 48-9

Pare de dar respostas do século 19 a perguntas do século 16

A raiz do problema que enfrentamos como cristãos é que, ao articular uma visão cristã do cosmos da maneira que gostaríamos, nos encontramos prejudicados porque se supõe que ser cristão é ser anti-intelectual, anticiência, obscurantista e assim por diante. Devemos encarar isso como um alerta, tendo em mente que embora a tradição ocidental e particularmente as tradições protestante e evangélica afirmem ser baseadas na Bíblia e enraizadas nas Escrituras, elas desenvolveram, em geral, estratégias sutis e duradouras para não ouvir o que a Bíblia está, de fato, dizendo. Devemos parar de dar respostas do século 19 às perguntas do século 16 e tentar dar respostas do século 21 às perguntas do primeiro século. Nossa preocupação é com a verdade e, além disso, com nosso amor ao Deus da verdade e nosso sentimento forte e biblicamente enraizado de que esse Deus nos chama para celebrar a maravilha de sua criação e, nela, trabalhar para sua glória.

— *Surprised by Scripture*, p. 26

Quando foi o ponto de virada da história?

É a razão pela qual o Iluminismo nos ensinou a desvalorizar nossa própria história, a dizer que o cristianismo é parte do problema, é que tinha uma escatologia rival para promover. O Iluminismo não permitiria ao cristianismo a reivindicação de que o ponto de virada da história mundial ocorreu quando Jesus de Nazaré morreu e ressuscitou, visto que seu desejo era promover a ideia de que *esse ponto de virada da história mundial aconteceu a partir da Europa, no século 18*. "Tudo que veio antes disso", dizem os iluministas, "é superstição e falatório. Agora, vimos a grande luz; ciência, tecnologia, filosofia e política modernas inauguraram a nova ordem dos tempos". Isso era aceito e exposto nos Estados Unidos e na França, embebido em nossa cultura popular e imaginação. (George Washington contrastava a até então "era sombria de ignorância e superstição" com a nova época inaugurada pelas grandes revoluções do fim do século 18, quando os "direitos da humanidade foram mais bem compreendidos e mais claramente definidos".)

Desse modo, é claro que o cristianismo é reduzido de uma escatologia ("É neste ponto que a história devia culminar, a despeito das aparências!") a uma religião ("Eis uma forma de alguém ser espiritual"), já que a história mundial não pode ter dois momentos decisivos. Se o Iluminismo é o grande, dramático e todo-poderoso ponto culminante da história mundial, Jesus não pode ter sido. Ele ainda é bem-vindo a bordo, claro, como personagem por meio do qual as pessoas podem tentar abordar o mistério incompreensível do "divino" e como mestre de verdades morais, cujos ensinamentos, se aplicados, têm o potencial

de fortalecer a estrutura desta admirável sociedade pós-iluminista. Entretanto, quando o cristianismo se torna apenas "uma religião", primeiro ele amordaça, depois silencia totalmente a mensagem que os Evangelhos estão ávidos por transmitir. Quando isso acontece, a mensagem do evangelho é neutralizada de forma substancial como força no mundo e não vai além de uma esfera particular de espiritualidade e de um céu escapista. Essa era, de fato, a intenção do Iluminismo. E, em sua maioria, as igrejas têm se aventurado nessa direção. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 179-80

Fé, história e ciência

O que estou sugerindo é que a fé em Jesus ressuscitado dos mortos *transcende,* ao mesmo tempo que *inclui,* o que chamamos de história e o que chamamos de ciência. Esse tipo de fé não é uma crença cega que rejeita tudo o que seja histórico e científico. Tampouco é simplesmente — o que seria muito mais seguro! — uma crença que habita uma esfera totalmente diferente, totalmente alheia e separada de ambas, em um compartimento isolado à prova d'água. Pelo contrário, esse tipo de fé, que é como todos os modos de conhecimento definidos pela natureza de seu objeto, é a fé no Deus criador, o Deus que prometeu pôr todas as coisas em ordem no fim, o Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos *na* história, deixando evidências que exigem uma explicação do cientista, assim como de qualquer outra pessoa. Até onde conheço o método científico, quando surge algo que não se encaixa no paradigma com o qual você está trabalhando, uma das opções, talvez quando todas as outras já falharam, é mudar o paradigma, não para que tudo o que você conhece seja excluído, mas para que essas informações possam ser

incluídas dentro de um esquema mais abrangente. Esse foi o desafio enfrentado por Tomé.

Se Tomé representa uma epistemologia da fé que transcende mas também inclui o conhecimento histórico e científico, podemos sugerir que Paulo representa uma epistemologia da esperança. Em 1Coríntios 15, ele esboça seu argumento de que haverá uma ressurreição futura, como parte da nova criação de Deus, a redenção de todo o cosmos como em Romanos 8. A esperança, para o cristão, não é ilusória ou mero otimismo cego. É um modo de conhecer a partir do qual coisas novas são possíveis, opções não são descartadas e a nova criação pode acontecer. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 61

Assuma o risco!

É por isso que, embora os argumentos históricos para a ressurreição corporal de Jesus sejam realmente fortes, nunca devemos supor que eles farão mais do que levar as pessoas às questões enfrentadas por Tomé e Pedro, as questões de fé e amor. Não podemos usar uma epistemologia histórica supostamente objetiva como fundamento último para a verdade da Páscoa. Fazer isso corresponderia a ser como alguém que acende uma vela para ver se o sol já nasceu. O que as velas da erudição histórica vão fazer é mostrar que a sala foi transformada, que está diferente da noite anterior, e que teorias normais para explicar tal mudança não funcionarão. Talvez descubramos, depois que os argumentos históricos fizeram seu trabalho, que a manhã chegou e o mundo despertou. Mas para isso precisaremos assumir o risco e abrir as cortinas para o sol nascente. Quando isso acontecer, não dependeremos mais de velas, não porque não acreditemos em evidências e argumentos,

não porque não acreditemos na história ou na ciência, mas porque elas terão sido englobadas pela realidade maior da qual dependem, para qual apontam e onde encontrarão um lar novo e mais amplo. Todo o saber é um dom de Deus, o saber histórico e científico não menos que o da fé, da esperança e do amor; mas o maior deles é o amor. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 63

A verdade de Gênesis 1

Nossa cultura moderna esteve tão concentrada em como interpretar os seis dias de Gênesis 1 que acabou ignorando três coisas importantes sobre esse capítulo. Primeiro, esqueceu que a sequência sêxtupla era uma maneira, naquela cultura, de descrever a construção de um templo: a criação foi projetada para ser um lugar onde o Deus vivo habitaria. Na Bíblia, as duas esferas da ordem criada, chamadas "céu" e "terra", não são separadas uma da outra, como no epicurismo antigo e moderno. Tampouco o céu é considerado bom e a terra, em contraste, algo ruim, como no platonismo; muito menos o erro oposto do secularismo, onde a terra assume importância total enquanto o céu perde toda sua relevância. O céu e a terra são as metades gêmeas da boa criação, feitas para se sobreporem e se entrelaçarem, de modo que o Deus que vive no céu também estivesse presente, embora misteriosamente, aqui na terra, e os habitantes da terra estivessem sempre próximos do céu. O mundo inteiro, céu e terra unidos, seria o lar diversificado, embora unido, onde Deus e suas criaturas viveriam em harmonia.

A segunda coisa que as pessoas esquecem sobre a criação, e sobre a visão de mundo que ela nos dá, é que em vez de um templo feito pelo homem com a estátua de um deus dentro dele, temos um mundo de céu e terra com a imagem de Deus dentro dele — em outras palavras, os

seres humanos, homem e mulher, são a maneira pela qual o Deus invisível se torna presente ao seu mundo. O Deus soberano se torna o cuidador, o mordomo de seu mundo. Isso significa que os seres humanos não são meros observadores imparciais e imprevisíveis, como muitas vezes sonhamos na busca pela ciência objetiva; eles são, antes, participantes responsáveis nos planos de Deus para seu mundo. Isso tem consequências extremamente significativas para o estudo do mundo natural. De fato, somos convocados, como seres humanos, a nos familiarizar o máximo possível, cada um de acordo com seus próprios dons, com o mundo de Deus. No entanto, não fazemos isso apenas para que possamos relatar uns aos outros as coisas curiosas que descobrimos; o fazemos para que possamos adorar a Deus, o criador, como administradores sábios de seu mundo.

Mas há uma terceira coisa também. Gênesis nos oferece, logo de cara, não uma história da criação, mas duas. Gênesis 1 e 2 não são estritamente compatíveis — pelo menos, não se você tentar interpretá-los como narrativas puramente racionais sobre o que aconteceu. Não são, e não pretendem ser, o que chamaríamos de relatos científicos. Uma das razões de termos duas narrativas é alertar o leitor — e infelizmente muitos leitores nos últimos dois séculos não entenderam a dica! — para o fato de que são imagens poéticas, narrativas repletas de metáforas, histórias projetadas para nos ajudar a entender o propósito da criação. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 141-2

Contar a verdade contando verdadeiramente a história de Jesus

Os seguidores de Jesus serão comissionados para serem criaturas da verdade. Isso lhes custará muito caro, assim como foi para ele, mas serão direcionados a essa vocação pelo próprio Espírito, agora designado, precisamente, como "o espírito da verdade".

Esse novo Espírito, o espírito de Jesus, virá e os capacitará a dizerem a verdade, principalmente para contarem ao mundo sobre o próprio Jesus, a verdade que não se encaixa no mundo antigo, porém, que faz sentido máximo, radical e renovador desse mundo: "Quando vier o auxiliador — que eu enviarei a vocês da parte do pai, o espírito da verdade que provém do pai —, ele dará testemunho de mim. E vocês também darão testemunho, pois estiveram comigo desde o início" (João 15:26,27).

Em outras palavras, *a própria verdade nascerá quando os seguidores de Jesus pronunciarem as palavras que trazem a nova criação à existência*. Essa é a nova e emocionante vocação que dá sentido aos nossos quebra-cabeças relacionados à verdade na filosofia e na cultura. A verdade da nova criação, que flui para fora da verdade de Jesus, seu reino, sua morte e sua ressurreição, faz o seu caminho acontecer nada menos que por meio da revelação da verdade dos seguidores de Jesus. Ela não pode entrar em colapso com o racionalismo ou o modernismo de algumas expressões cristãs da "verdade", as tentativas frágeis de "provar" o evangelho por meio de argumentos que (aparentemente) somente um tolo negaria. O que Jesus está falando incluirá sua própria história, é claro, mas essa narrativa será a explicação interna para o objetivo maior de *viver* a verdade, trazendo a cura e a esperança da nova criação em todas as direções.

Como deveríamos ter deduzido pelo comissionamento em João 20:19-23, isso significa que o Espírito capacitará os seguidores de Jesus a

serem para o mundo o que Jesus foi para Israel.

E isso, por sua vez, significa que, longe de deixar para trás a história de quem exatamente ele era e o que fez em sua carreira pública, isso deve permanecer no centro. No coração da verdade da igreja estará a verdadeira narração da história de Jesus, e o Espírito ajudará a igreja a continuar contando essa história de forma correta.

E isso está de acordo com a oração que Jesus faz na conclusão dos discursos. *Faze-os santos na verdade; tua palavra é a verdade* (João 17:15-19).

A palavra traduzida por "santificar" é a mesma usada para "glorificar". Aqui, os seguidores de Jesus estão sendo guardados para o uso especial de Deus, como os vasos no Tabernáculo. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 157-9

QUARESMA

Insistimos com as pessoas em nome do Messias para que se reconciliem com Deus. O Messias não conheceu o pecado, mas Deus o fez em pecado em nosso lugar, de maneira que nele nós possamos incorporar a fidelidade da aliança.

Portanto, à medida que trabalhamos com Deus, insistimos com vocês em particular: quando vocês aceitarem a graça de Deus, não a desperdicem! Isto é o que ele diz:

"Eu ouvi vocês quando o tempo era correto,

Vim ajudar vocês no dia da salvação.

Vejam! O tempo próprio é agora! Vejam! O dia da salvação é já".

Não colocamos obstáculos no caminho de ninguém para que ninguém fale coisas ruins sobre o nosso ministério. Ao contrário, referimo-nos a nós mesmos como servos de Deus: com muita paciência, sofrimentos, dificuldades, necessidades, espancamentos, prisões, tumultos, trabalho pesado, noites sem dormir, com fome, com pureza, conhecimento, coração puro, bondade, o espírito santo, amor genuíno, falando a verdade pelo poder de Deus, com armas para o trabalho fiel de Deus tanto na mão direita como na esquerda, através da glória e da vergonha, através da calúnia e do reconhecimento; como enganadores, mas verdadeiros; como desconhecidos, porém bem conhecidos; como mortos, mas, vejam, estamos vivos; como castigados, porém não mortos; tristes, mas sempre celebrando; como pobres, mas sempre levando riquezas a muitos; não tendo nada, mas tendo tudo.

■

— 2Coríntios 5:20—6:10, The Kingdom New Testament, p. 371

O custo do discipulado

Quando eu era criança, todas as cidades e vilarejos locais tinham seus próprios memoriais da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. Conheço muitas famílias (mesmo a minha) que perderam um, dois ou mais membros nesses conflitos, e nos lembramos solenemente deles ano após ano. Na antiga Galileia, mesmo sem memoriais de pedra para os rebeldes que morreram, as cidades e vilarejos em que Jesus anunciou o reino de Deus teriam lembranças semelhantes de pessoas conhecidas, amadas e perdidas para a brutalidade romana. Quando ele disse a seus seguidores que pegassem suas próprias cruzes e o seguissem, eles não ouviram isso simplesmente como uma metáfora. ■

— *The day the revolution began*, p. 58

A linha entre o bem e o mal divide cada um de nós

A linha entre o bem e o mal não está entre "nós" e "eles", entre o Ocidente e o resto, entre a esquerda e a direita, entre ricos e pobres. Essa fatídica linha atravessa cada um de nós, cada sociedade, cada indivíduo. Isso não quer dizer que todos os humanos e todas as sociedades sejam igualmente bons ou maus; longe disso. Apenas que estamos todos infectados e que todas as tentativas fáceis de ver o problema da perspectiva de "nós" contra "eles" são falhas fatais. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 115

A vocação cravejada dos revolucionários da crucificação

A vida daqueles que estão trabalhando por justiça e beleza, assim como daqueles que estão trabalhando para articular uma nova comunicação das boas-novas que seja convincente e inteligente, deve ser marcada, talvez cravejada, por essas mesmas coisas. Não será fácil. Isso faz parte do processo, não porque buscamos a dor, mas porque buscamos seguir a Jesus. Santidade e missão são duas faces da mesma moeda. Ambos envolvem levar o reino de Jesus a lugares ocupados e dominados por poderes usurpadores. Tais poderes não cederão sem luta. Mas, exatamente como aconteceu com o próprio Jesus e exatamente como ele disse a seus primeiros seguidores, a luta em si e o sofrimento que ela envolve (de qualquer tipo) não são por acaso. A mensagem no cerne da própria vocação de Jesus era que o sofrimento não seria simplesmente o túnel escuro pelo qual Israel passaria para chegar ao futuro de Deus; seria, de alguma forma, o meio pelo qual esse futuro seria alcançado. A maioria dos cristãos hoje não vê as coisas dessa forma. Uma vez que entendermos que somos parte do movimento revolucionário que começou na cruz, talvez possamos ver as coisas de forma mais clara, assim como a primeira geração de seguidores de Jesus. ■

— *The day the revolution began*, p. 406

Identificando o mal

Sem a perspectiva que enxerga o mal como uma força obscura que está *por trás* da realidade humana, a questão de "bem" e "mal" em nosso mundo é fácil de decifrar. É absolutamente fácil — repito, absolutamente fácil — categorizar "pessoas como nós" como basicamente boas e "pessoas como eles" como fundamentalmente más.

Este é um perigo do qual nós, atualmente, devemos estar cientes, após a tentativa desastrosa de alguns líderes ocidentais de falarem sobre um "eixo do mal" e, então, irem à guerra a fim de obliterá-lo. Transformamo-nos em anjos e "o outro grupo", em demônios; "demonizamos" opositores. Trata-se de uma ferramenta conveniente para evitarmos a reflexão séria, mas é desastrosa para o nosso pensamento e comportamento.

Ao levarmos a sério, porém, a existência e malevolência de forças não humanas, capazes de usar tanto "nós" quanto "eles" a serviço do mal, o foco muda. À medida que essas realidades nebulosas e sombrias vêm à tona, o que pensávamos ser claro e objetivo fica desfocado. A vida torna-se mais complexa, porém definitivamente mais realista. Linhas tradicionais que identificam amigo e inimigo passam a não ser tão fáceis de traçar. Você passa a não mais supor que "aquele grupo" é agente do Diabo, enquanto "este grupo" — nós e nossos amigos — está automaticamente do lado de Deus. Se existe um inimigo trabalhando, trata-se de um inimigo sutil e astuto, cauteloso demais para deixar-se identificar com apenas uma pessoa, um grupo ou uma nação. Na história do evangelho, apenas duas vezes Jesus se dirige diretamente a "Satanás" por esse título: repreendendo-o na narrativa da tentação (Mateus 4:10) e novamente ao repreender seu ajudador mais próximo (Marcos 8:33) por resistir ao estranho plano de Deus. A linha separando bem e mal encontra-se traçada da perspectiva de Deus e Satanás. No entanto, ao passar por seres humanos, a linha começa a ficar menos clara, tanto em termos individuais quanto coletivos.

É precisamente este o tipo de definição que subjaz ao Manifesto de Nazaré (Lucas 4:14-30). Inimigos tradicionais foram repentinamente trazidos, ao menos em princípio, ao contexto do alcance da bênção do

grande jubileu de Deus. Já amigos tradicionais, que pensavam estar automaticamente no lado certo, tinham de ser reavaliados. Talvez não possamos mais identificar "nosso povo" como simplesmente do lado dos anjos e "aquele povo" como agente de Satanás. É por isso que Jesus foi expulso da cidade e quase morto. Ele havia sugerido que inimigos podiam tornar-se amigos, ao passo que, implicitamente, "boas pessoas" — Israel como povo de Deus — podiam tornar-se inimigas. Ironicamente, o próprio povo de sua cidade estabeleceu a ideia pela reação que teve. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 160

Um sofrimento que transforma

Vista como a inauguração do povo renovado de Deus, a história de Jesus nos Evangelhos inclui, como elemento central, a incompreensão, falha e rebelião dos discípulos — até que eles, pasmos, são levados a uma nova fé pela ressurreição e capacitados a uma nova obediência pelo Espírito. Os temas reino e cruz não são simplesmente assuntos teológicos que os discípulos têm de aprender, abstraindo ideias enquanto constituem uma "ortodoxia" para o credo. Eles formam o padrão de sua vida, enquanto seguem Jesus ao redor da Galileia, a despeito de não entenderem o plano, e enquanto o seguem pelo poder do Espírito até os confins da terra.

Embora muitos na igreja tenham ficado surpresos com isso no decorrer dos anos, os primeiros cristãos entendiam o sofrimento, os maus-tratos e a morte como elementos centrais e estruturais de sua vocação como discípulos de Jesus. Não é só que, como seguidores de um Messias mal compreendido, eles mesmos esperassem incompreensão e perseguição, embora a ideia seja, em parte, verdade. Mais do que isso, o

sofrimento dos seguidores de Jesus — livros posteriores do Novo Testamento e muitos escritos cristãos do século 2 explorarão o tópico — é, como o próprio sofrimento de Jesus, não apenas o acompanhamento inevitável para o cumprimento do propósito divino, mas, na verdade, parte do *meio* pelo qual esse propósito será cumprido. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 212-3

Não ceder à tentação e abrir mão do poder que Deus lhe deu

A santidade será sempre moldada pela cruz. Paulo fala de "fazer morrer" os impulsos e as ações que brotam de dentro de nós e distorcem nossa genuína vocação humana. Suas cartas estão cheias de conselhos práticos desse tipo. Corrupção financeira, imoralidade sexual, falar de forma maliciosa e malvada — tudo deve ser exterminado (veja, por exemplo, Colossenses 3:1-11). É mais fácil falar do que fazer, é claro, mas, novamente, a vitória da cruz é central. E observe com atenção, não se trata de dizer: "agora que você é cristão, deve seguir as regras". As regras importam, mas apenas porque são grades de proteção dentro da vocação muito maior: adorar o verdadeiro Deus e trabalhar em prol do seu reino.

Toda vez que você é tentado a pecar, está sendo tentado a usar parte do poder humano que lhe foi dado por Deus para algum propósito escuso — poder este que deveria ser exercido sobre você, sua vida e as partes do mundo que você toca. Você está sendo atraído para a esfera na qual algum "poder" está em ação, sob o controle de satanás. Nesse momento, você também está sendo chamado (esteja você consciente disso ou não) a exercer seu verdadeiro poder como um ser humano

genuíno, a praticar sua vocação como parte do sacerdócio real. O pecado é uma distração de nossas verdadeiras tarefas, uma distorção (na melhor das hipóteses) de nossa verdadeira vocação, fazendo, consequentemente, que os poderes desse mundo continuem no comando. Resistir a isso — especialmente quando permitimos que hábitos nos levassem automaticamente nessa direção — será difícil, algumas vezes doloroso, outras, profundamente deprimente. Isso, porém, é parte do tomar a cruz. ■

— *The day the revolution began*, p. 403-4

O QUE É SUCESSO?

Sim, isso significará tomar nossa própria cruz. Jesus nos advertiu exatamente sobre isso (Marcos 8:34-38). Significará negar a nós mesmos — uma frase que costumávamos ouvir em hinos e sermões, mas por algum motivo não ouvimos tanto hoje em dia. É especialmente notável com que facilidade a igreja ocidental abraça a ideia de que a autodescoberta e a autorrealização são o coração do "evangelho" — como se Marcos 8 não existisse! Sim, seguir a Jesus significará desapontamento, fracasso, frustração, confusão, mal-entendidos, dor e tristeza — e esses são apenas os "problemas de pessoas do primeiro mundo". Como já disse, alguns cristãos, mesmo enquanto estou trabalhando neste livro, foram decapitados por causa de sua fé; outros viram suas casas bombardeadas, seus meios de subsistência tirados, sua saúde arruinada. O testemunho deles é extraordinário, e nós, no confortável Ocidente, só podemos refletir sobre as maneiras pelas quais nossos próprios compromissos invisíveis — talvez por causa de nossa escatologia platônica — nos cegaram para as piores coisas que estão

acontecendo com nossa verdadeira família a alguns quilômetros de distância.

Mas as primeiras gerações de cristãos, com os escritores do Novo Testamento à frente, nos lembrariam que essas não são simplesmente coisas horríveis que podem acontecer conosco apesar de nossa crença na vitória de Jesus. São coisas que podem ocorrer, de diferentes maneiras e em diferentes momentos, porque é assim que o reino vem. Somos sempre tentados a transformar o reino de Deus no instrumento de nosso próprio "sucesso" ou "conforto" mundano. Alguns em nossos dias se esqueceram das advertências de 1Timóteo 6:5-10, advertências contra a tentativa de usar o evangelho como forma de enriquecer. Muitos ignoraram o fato de que para cada palavra de Jesus contra os pecados do corpo há uma dúzia contra os pecados em relação ao dinheiro. Sim, também há promessas de grandes bênçãos. Haverá temporadas de aparente "sucesso" e momentos de grande "conforto". Mas ambas as palavras são redefinidas pelo evangelho, de acordo com a vitória revolucionária conquistada na cruz. Isso se aplica tanto ao ministério na igreja quanto à vida de cada um. É muito fácil pensar em "sucesso" como o aumento de congregações e orçamentos cada vez maiores. A história da igreja nos ensina a pensar de forma contrária. ■

— *The day the revolution began*, p. 409-10

A oração que convida você a olhar além de suas preocupações

Que teu reino venha a nós
Que a tua vontade seja feita
Tanto na terra como no céu (Mateus 6:10).

Essas palavras tradicionais combinam tão bem com tudo o que Jesus fez e disse — tudo o que Jesus *era* —, que parece apropriado resumir sua mensagem e propósito simplesmente repetindo-as. "Que teu reino venha a nós. Que a tua vontade seja feita, tanto na terra como no céu!" E com isso, se estivermos atentos, perceberemos que mudamos de tom. Até este ponto, se percorrermos a oração do fim para o começo, nos concentraremos em nossas próprias necessidades. Agora olhamos para cima e vemos um plano maior. É hora de Deus se tornar rei — aqui e agora.

Seguramente, o tema do reino de Deus também era com frequência visto pelas pessoas nos dias de Jesus como sendo especificamente sobre suas próprias necessidades. Muitos judeus do tempo de Jesus, como vimos, falaram de Deus se tornando rei para se referir à libertação social e política de Roma, ao estabelecimento de um estado judeu livre e independente, com paz e prosperidade para todo o povo de Deus. Alguns podem até ter imaginado as nações pagãs vindo aprender sobre esse Deus notável e único; isso era importante em algumas profecias bíblicas. Dessa forma, muitos judeus da época de Jesus tinham, por assim dizer, seu próprio significado para "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (queremos paz e prosperidade), "perdoa-nos nossos pecados" (o que quer que tenhamos feito para merecer essa bagunça, por favor, limpe-a), "não nos teste até o ponto de nos quebrar" (se as coisas continuarem assim, estamos todos condenados) e "socorro!" (estamos em uma bagunça. Faça alguma coisa!). Quando ouviam as pessoas falando sobre o reino de Deus, tinham várias maneiras naturais de entender isso, orientadas, sobretudo, pelas petições finais da oração. Se não formos cuidadosos, acabamos fazendo a mesma coisa.

O reino de Deus realmente lida com todas essas questões. Entretanto, a maneira como Jesus anunciou o reino de Deus — e a maneira como ele o *viveu* e *explicou* — significava que ele estava dizendo às pessoas que levantassem seu olhar para além de suas preocupações, além da maneira como achavam que tudo deveria funcionar. É por isso que sua boa notícia era e não era, ao mesmo tempo, o que as pessoas esperavam ou queriam. O mesmo é verdade para nós. É por isso que Jesus disse a seus seguidores que, se eles quisessem continuar em sua companhia, teriam que "tomar sua cruz e segui-lo", e que somente aqueles que estivessem preparados para perder a vida realmente a salvariam. ■

— *Simply good news*, p. 161-2

Esqueça o que você acha que sabe sobre florescimento humano

Aqui encontramos a mais profunda revolução na virtude: no coração do evangelho — e dos Evangelhos. Jesus carregou o fardo, não tanto do "pecado" como um conceito abstrato, em um tipo de transação que ocorreu longe dos eventos reais que levaram à sua morte, mas, sim, do peso real do pecado e rebelião humanos — com todo seu poder e consequências —, o acúmulo do verdadeiro orgulho humano, pecado, loucura e vergonha que, naquele momento da história, se concentravam na arrogância de Roma, no egoísmo dos líderes judeus e nos sonhos distorcidos dos revolucionários judeus — e, de fato, nos fracassos dos próprios seguidores de Jesus. Já citei antes, e cito aqui novamente, uma frase incomparável de meu professor George Caird: "Assim, na verdade histórica literal, não simplesmente na interpretação teológica, um carregou os pecados de muitos".

Algumas teorias da "expiação" dão pouca importância aos eventos reais e sobrepõem (ou mesmo substituem) a narrativa evangélica com um esquema teológico de interpretação selecionado de outro lugar, a fim de "explicar" como os pecadores podem finalmente deixar este mundo e ir para o céu. Pensando da perspectiva do método teológico mais adequado, tais teorias não são melhores do que as que enfatizam o reino e ignoram a cruz. Reino e cruz devem ser mantidos juntos. A história como um todo deve ser considerada, não só algumas de suas partes. E é dentro dessa história, não dentro de alguma versão truncada e reduzida, que o chamado de Jesus para uma virtude da nova criação faz sentido.

O chamado de Jesus para segui-lo, para descobrir no tempo presente os hábitos de vida que apontam para o reino vindouro e já, em certa medida, participar de sua vida, só faz sentido quando é formulado nos famosos termos de Dietrich Bonhoeffer: "Venha e morra". Jesus não disse, como alguns evangelistas modernos, "Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida". Tampouco: "Eu o aceito como você é, então agora você pode fazer alegremente o que quiser". Ele disse: "Se alguém quiser trilhar o caminho que estou trilhando [...] deve dizer 'não' ao seu eu, tomar sua cruz e seguir-me" (Marcos 8:34). Ele falou em perder a vida para ganhá-la, em vez de se apegar a ela e perdê-la. Falou disso em relação direta consigo mesmo e sua própria humilhação e morte vindouras, seguidas de ressurreição e exaltação. Exatamente de acordo com as bem-aventuranças, ele estava descrevendo e convidando seus seguidores a entrar em um mundo de cabeça para baixo, um mundo totalmente diferente, onde todas as coisas que as pessoas normalmente pensam sobre o florescimento humano, incluindo a virtude humana, são deixadas de lado e uma nova ordem é estabelecida. ■

— *After you believe*, p. 114-5

Mil pequenas escolhas

A virtude, nesse sentido, não é simplesmente outra maneira de falar sobre "bondade". A palavra às vezes foi reduzida a isso (talvez porque instintivamente queiramos escapar de seu desafio), mas esse não é seu significado estrito. Virtude, neste sentido estrito, é o que acontece quando alguém fez mil pequenas escolhas, que exigiram esforço e concentração, para realizar algo que é bom e certo, mas não "vem naturalmente", e então, na milésima primeira vez, quando realmente importa, eles descobrem que fazem o que é necessário "automaticamente", como dizemos. Naquela milésima primeira ocasião, de fato, parece que "simplesmente acontece". Entretanto, sabemos que a virtude não "simplesmente acontece" com tanta facilidade. ■

— *After you believe*, p. 20-1

Conluio com a indolência

O que você diria se alguém chegasse até você e dissesse que estava tendo problemas para resistir à tentação e estava sempre caindo desamparadamente no pecado, mas que isso não importava porque um dia Deus proveria um novo corpo incapaz de pecar, e que então o melhor a fazer é simplesmente aguardar por isso? Espero que você responda com uma forte dose de escatologia inaugurada. Você diria: Deus *já* começou essa obra final e definitiva da nova criação; por meio do batismo e da fé você deixou para trás a velha ordem do pecado e da morte, e pelo Espírito de Deus habitando dentro de você, agora tem o poder da ressurreição para capacitá-lo, mesmo no presente, a resistir ao pecado e viver como um ser plenamente humano. Portanto, sua vida no

presente deve, tanto quanto possível, corresponder com a vida que você desfrutará de forma completa no futuro. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 94-5

Humildade na Quaresma

Se buscarmos colocar Deus em débito tentando nos tornar "bons o suficiente para ele" (o que quer que isso signifique), só pioraremos nossa situação. Uma das horríveis verdades das quais todos nós estamos muito conscientes em nossos dias é que alguns dos atos mais desagradáveis, insensíveis e brutais são feitos por pessoas que alegam estar agindo em nome da "religião". O fato de que isso é muitas vezes, claramente, uma forma de mascarar as verdadeiras causas e motivações por trás da violência simplesmente prova meu ponto. Portanto, dizer "a propósito, Deus está do meu lado" significa que toda restrição moral adicional é desnecessária. Além disso, alguém que está obstinadamente tentando mostrar a Deus quão bom ele é provavelmente se tornará um arrogante insuportável. Todos nós preferimos viver com pessoas que sabem perfeitamente que não são boas o suficiente para Deus, mas humildemente gratas por seu amor incondicional, do que com pessoas que estão convencidas de que alcançaram o padrão de Deus e podem olhar, com ar de superioridade, para todo o resto da humanidade do cume da montanha da moral. ■

— *After you believe*, p. 61

Não somos definidos pelos anseios de nosso coração

Um cristão em pecado é como um ator que anda pelo palco a recitar as falas que pertenciam à peça do dia anterior. Recebemos novas falas para uma nova peça: o grande drama em que o sacerdócio real assume novos deveres. Isso inclui, é claro, a visão renovada da santidade, mas se estende para muito além disso, tocando a vida de adoração e de testemunho, em que as "regras", se ainda fundamentais, são um elemento pequeno em uma vocação muito maior. E parte dessa vocação é justamente celebrar Jesus como Senhor *no território em que outros deuses estão sendo adorados*.

Quando se trata de Mamom, precisamos saber como usar o dinheiro, principalmente como doá-lo. Quando se trata de Afrodite, precisamos saber como celebrar e sustentar o casamento, como celebrar e sustentar o celibato, e como aconselhar e confortar aqueles que, independentemente de seus status, se encontram sobrecarregados por desejos conflitantes e contrários. Afinal, não somos definidos por quaisquer anseios e aspirações que saiam de nossos corações, apesar da cultura de nossa época insistir nisso de forma notável. Da perspectiva do bem-estar humano, esse é o caminho para a instabilidade radical; da perspectiva das crenças teológicas, leva ao gnosticismo (onde você tenta discernir a centelha divina oculta dentro de você e depois ser fiel a ela). O próprio Jesus foi bem claro, seguindo a tradição profética: o coração humano é enganoso, e dele procedem todo tipo de coisas que contaminam as pessoas, isto é, que as tornam incapazes de funcionar como seres humanos genuínos, como sacerdócio que foram chamadas a ser. O evangelho que Jesus anunciou não era sobre entrar em contato com seus sentimentos mais profundos ou aceitar a si mesmo como realmente é. Tratava-se de tomar sua cruz e segui-lo. Isso é difícil, e continua a ser difícil mesmo depois de anos, uma década, ou uma vida

inteira de caminhada com Jesus. A vitória conquistada através do sofrimento na cruz é implementada, aqui como em outros lugares, através do sofrimento dos seguidores de Jesus, a maioria dos quais continuará a ser perturbada de tempos em tempos pela tentação em relação ao dinheiro e sexo, além de muitas outras. ■

— *The day the revolution began*, p. 397-8

As falsas promessas dos ídolos

Jesus explica que, quando alguém peca, isso não é uma mera falha moral, ou seja, não é simplesmente um lapso ou erro esporádico, e sim um sinal de que alguém ou algo está ditando as regras. Você até pode culpar os impulsos, porém sua resistência foi enfraquecida. Seu senhor de escravos deu as ordens, e você se vê desamparado seguindo o caminho errado. Em certo ponto, você pode ter se convencido de que esse é o caminho certo, assim como Winston Smith, o herói de George Orwell em *1984*, que acabou desistindo da luta desigual e passou a amar o Grande Irmão. É disso que Jesus está falando.

Então, que poder sombrio é esse que domina as pessoas, o qual Jesus podia ver que havia dominado seu próprio povo orgulhoso por ser "filho de Abraão"? A categoria mais abrangente nas escrituras que explica o que está acontecendo aqui é a idolatria. Ídolos — ainda mais poderosos quando não reconhecidos como tais — são tudo o que os seres humanos colocam acima do Deus Único e para quem dedicam sua lealdade além dele.

Por que fazemos isso? Porque os ídolos sempre prometem algo a mais — ou talvez muito a mais. Um ídolo começa como algo bom, uma boa parte da boa criação de Deus, mas, quando atrai a atenção e começa a oferecer mais do que realmente pode dar, passa a exigir sacrifícios. Você

precisa abandonar parte de sua lealdade a Deus — e, muitas vezes, seus vizinhos, sua família e seus outros deveres — para dar uma nova atenção inadequada ao novo ídolo, seja ele qual for.

Ídolos são viciantes. Em nossa geração, conhecemos bem as formas de dependência comuns em nossa sociedade. Hoje a sociedade é menos viciada em cigarros do que era cinquenta anos atrás, porém o mesmo tipo de comportamento compulsivo e, muitas vezes, *destrutivo*, agora está ligado não só a álcool, maconha e outras drogas, mas também ao uso de tecnologias eletrônicas, como: smartphones, redes sociais, Facebook e assim por diante. Como sabemos, esses ídolos podem tornar-se *auto*destrutivos quando as pessoas retratam a si mesmas sob determinada luz e, então, lutam para viver segundo a imagem que criaram. Essas formas de dependência podem ser um exemplo clássico da definição de pecado de Lutero: "o ser humano curvado em si mesmo". É claro que a tecnologia pode ser uma bênção, unindo indivíduos de todos os tipos, mas, em última análise, os relacionamentos reais com figuras reais são uma forma de liberdade. Relacionamentos pela metade com uma personalidade virtual podem ser um passo em direção à escravidão. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 131-2

A IDOLATRIA E A DISTORÇÃO DE NOSSA HUMANIDADE

Quando os seres humanos prestam sua sincera lealdade e adoram àquilo que não é Deus, progressivamente deixam de refletir a imagem divina. Uma das leis primárias da vida humana é que você se torna aquilo que adora. Além disso, você reflete o que adora não apenas de

volta para o objeto em si, mas também para o mundo ao redor. Aqueles que idolatram o dinheiro cada vez mais se definem em termos financeiros e passam a tratar as outras pessoas como credores, devedores, parceiros ou clientes, e não como seres humanos. Aqueles que adoram o sexo encontram nele sua identidade (suas preferências, suas práticas, suas histórias passadas) e cada vez mais tratam outras pessoas como objetos sexuais reais ou potenciais. Aqueles que adoram o poder se definem da perspectiva dele e tratam outras pessoas como colaboradores, competidores ou meros objetos. Essas e muitas outras formas de idolatria combinam-se de mil maneiras, todas elas com efeito destrutivo à humanidade dos que estão ao seu redor. Acredito que os seres humanos podem continuar por esse caminho por tanto tempo — recusando todos os sussurros de boas-novas, todos os vislumbres da verdadeira luz, todos os convites para seguir um caminho diferente, todos os sinais de amor de Deus — que após a morte eles se tornam finalmente, por sua própria escolha efetiva, *seres que uma vez foram humanos, mas agora não são*, criaturas que deixaram de ser portadoras da imagem divina. Com a morte daquele corpo em que habitavam o mundo bom de Deus, no qual a chama contínua da bondade não havia sido completamente apagada, eles se encontram em um lugar não apenas além da esperança, mas também da piedade. Não há campo de concentração na bela paisagem, nem câmara de tortura no palácio do deleite. Aquelas criaturas que ainda existem em um estado ex-humano, não mais refletindo seu criador em qualquer sentido significativo, não podem mais estimular em si mesmas ou nos outros a simpatia natural que alguns sentem até mesmo pelo criminoso endurecido. ■

— *Surprised by hope*, p.182-3

A ênfase constante de Lucas de que o plano divino "deve" se cumprir, o plano que enviaria Jesus não para um trono, mas para uma cruz — ou, em vez disso, como os quatro Evangelistas insistem, a uma cruz que deve ser vista como trono. "É assim", afirmam todos eles, "que Jesus é entronizado como 'Rei dos judeus'". *A vocação de Jesus como Messias de Israel e sua vocação de sofrimento e morte estão intimamente conectadas.*

E ainda mais: *juntas*, elas significam que, segundo Jesus cria, o Deus de Israel inauguraria decisivamente seu reino, na terra como no céu. Discípulos desejavam um reino sem uma cruz; muitos entre os supostos cristãos "ortodoxos" e "conservadores" dos dias atuais desejaram uma cruz sem um reino, uma "expiação" abstrata que em nada diz respeito a este mundo além de prover meios de escapar dele. Muitos também ansiaram por um Jesus "divino" como um tipo de figura "sobre-humana", um herói celestial que veio para resgatá-los, mas não para agir como Messias de Israel e estabelecer o reino de Deus, na terra como no céu. A combinação alarmante de Jesus entre modelos bíblicos em uma única vocação faz excelente sentido histórico — isto é, explica, em fração de segundos, por que ele fez o que fez e falou o que falou. Segundo veremos, porém, interpretá-lo continua a ser um desafio hoje, e de fato em nossas igrejas, como foi nos dias de Jesus. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 218-9

Escolhendo a morte em lugar da vida

Quais as consequências e implicações de entendermos a vocação humana como portar a imagem de Deus, refletir a autoridade sábia de

Deus no mundo e oferecer os alegres louvores da criação de volta para Deus? O que acontece se virmos "pecado" nesse contexto?

Dentro dessa história, "pecado" é a recusa dos humanos em desempenhar seu papel nos propósitos de Deus para a criação como um todo. É um fracasso *vocacional* tanto quanto o que chamamos de fracasso *moral*. Esse fracasso vocacional, por meio do qual escolhemos adorar a criatura em lugar do Criador, é a escolha da morte em lugar da vida. É por isso que, no pensamento bíblico, "pecado" e "morte" estão tão inextricavelmente entrelaçados. O pecado não é a quebra de regras arbitrárias; e a morte não é a aplicação de punição arbitrária. É verdade que sua relação é descrita, principalmente nos profetas, como um código legal ao qual as penalidades apropriadas são anexadas. Essa é uma maneira natural, superficial, de se referir ao lamentável estado de coisas. Mas no fundo não há nada de arbitrário sobre o pecado ou a morte. Se você escolhe um, o outro vem automaticamente por consequência. Adore ídolos e você irá para o exílio. Obedeça à voz da serpente e você perderá o direito à Árvore da Vida. Não é possível escolher ambos.

— *The day the revolution began*, p. 103

Aprenda a linguagem do céu

Nos novos céus e nova terra, haverá novas vocações e novas tarefas, que serão o cumprimento último da vocação e tarefa original que nos foi dada como seres humanos. Quando entendemos isso, somos capazes de enxergar como a visão acerca do comportamento moral cristão no Novo Testamento tem a ver não com a luta para manter um monte de regras antigas e aparentemente arbitrárias, nem com "seguir o fluxo" ou "fazer

o que vem naturalmente", mas com aprender, no presente, a língua que nos capacitará a falar fluentemente no novo mundo de Deus. ■

— *After you believe*, p. 78

Vivendo entre o céu e a terra

De acordo com essa revolução original, os humanos resgatados são libertos para serem o que foram criados para ser. O perdão, alcançado por meio do "dar a si mesmo por nossos pecados" do Filho de Deus, é a chave para a vitória libertadora. O pecado importa, bem como o perdão dos pecados, mas importa porque o pecado, fluindo da idolatria, corrompe, distorce e desativa a vocação dos portadores da imagem de Deus, que é muito mais do que simplesmente "se preparar para o céu". Uma ênfase excessiva no pecado e em como Deus lida com ele pode nos levar a ver as coisas apenas em relação às obras, mesmo que confessemos não ter qualquer mérito próprio, e confiemos em Jesus para supri-lo para nós. (Igualmente, uma ênfase escassa no pecado e na forma que Deus o trata é uma tentativa de reivindicar algum tipo de vitória sem ver o cerne do problema.)

A visão bíblica do que significa ser humano, a vocação do sacerdócio real, é mais multidimensional do que qualquer uma das alternativas comuns. Refletir a imagem divina significa estar entre o céu e a terra, mesmo no tempo presente, adorando o Criador e tornando seus propósitos realidade na terra, antes do tempo em que Deus completará sua obra e fará novas todas as coisas. O sacerdócio real é o povo resgatado que, sendo parte da terra, adora ao Deus do céu e é assim equipado, com o sopro do céu em seus pulmões renovados, para trabalhar pelo seu reino na terra. A revolução da cruz nos liberta para

sermos pessoas que vivem na intersecção entre o céu e a terra, engajados no ritmo da adoração e da missão.

Expressar dessa forma a vocação missionária e baseá-la assim na vitória revolucionária da cruz nos ajuda a evitar alguns perigos óbvios. Sem a sensação e a consciência de que a vitória já foi conquistada, podemos cair facilmente na arrogância (pensando que precisamos ganhar essa vitória nós mesmos) e então no medo (pensando que o mundo é muito poderoso e que deveríamos escapar dele ou pelo menos nos esconder e esperar para Jesus voltar e resolver tudo sozinho). A vitória inicial nos dá a plataforma para um trabalho que é ao mesmo tempo confiante e humilde. No entanto, sem o sentido de que a vitória é conquistada *por meio do* perdão dos pecados, a "missão" facilmente se desvincularia do chamado a sermos pessoas que foram resgatadas das garras dos poderes e agora sabem o que significa viver como gratos pecadores perdoados. ■

— *The day the revolution began*, p. 363-4

O povo que precisava de resgate se torna o agente da missão de resgate

Quando o ser humano assume sua vocação divinamente designada, cuidando do mundo de Deus em nome dele, não se trata de uma tentativa prometeica de usurpar o papel divino. Antes, trata-se da execução humilde e obediente da função que lhe foi atribuída. A verdadeira arrogância seria recusar essa vocação, imaginando que conhecemos melhor do que Deus o propósito pelo qual fomos postos aqui.

Entretanto, há também outra vocação, normalmente esquecida em boa parte da história da igreja. Na Bíblia, Deus não apenas chamou o ser humano para cuidar da criação, mas também escolheu Israel como meio de resgate da tribulação na qual o mundo caiu.

O chamado de Deus a Abraão ecoa a vocação de Adão: o "sejam férteis e multipliquem-se" de Gênesis 1:28 transforma-se em "multiplicarei muitíssimo a sua descendência... Eu o tornarei extremamente prolífero", em Gênesis 17:2,6. E enquanto a história de Gênesis 3–11 é de desastre, maldição e arrogância humana contínuas, a história que começa em Gênesis 12, com o chamado de Abraão, tem por lema a seguinte promessa: "Por meio de você todos os povos da terra serão abençoados" (v. 3). De uma forma ou de outra, o tema continua em muitas partes do Antigo Testamento.

Não é possível superestimar a importância dessa ideia. Deus criou o mundo de tal maneira que ele deveria ser cuidado por seres humanos que refletissem sua imagem. Com a rebelião humana, Deus não revogou o projeto. Em vez disso, chamou uma família a fim de que ela refletisse não apenas sua ordem e administração para o mundo, mas também seu amor resgatador em prol deste mesmo mundo desastrosamente imperfeito. Eis então o êxtase e a agonia do Antigo Testamento: a rica e deslumbrante vocação de Israel e o fato obscuro e trágico de que essa vocação, essa missão de resgate, devia ser levada a cabo por um povo que precisava desesperadamente, ele próprio, do mesmo resgate. ■

— *Salmos*, p. 54-5

Liberdade

Jesus falou aos habitantes da Judeia que creram nele:

"Se vocês permanecerem firmes em minha palavra, serão realmente meus discípulos e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará".

"Nós somos descendentes de Abraão!", replicaram. "Nunca fomos escravos de ninguém! Como você pode dizer que seremos livres?"

Jesus replica: "Eu lhes digo esta verdade solene: todo aquele que se entrega ao pecado é escravo do pecado. O escravo não tem lugar permanente na família, mas o filho pertence a ela para sempre. Portanto, se o filho os libertar, vocês serão realmente livres". ■

— João 8:31-36, *The Kingdom New Testament*, p. 192

O QUE SIGNIFICA LIBERDADE

A liberdade por si só deve ser gerada, protegida e celebrada. Mas o que ela significa? Pensadores desde a época do apóstolo Paulo em meados do primeiro século até Bob Dylan em meados do século 20, e além, têm feito essa pergunta. Em um sentido cristão, claramente não significa o individualismo isolado aleatório que entende cada ser humano como uma partícula atômica independente, por mais que alguns queiram falar sobre ela como a mera remoção total de restrições. Para que um ator seja "livre" para interpretar Hamlet, outros atores devem estar envolvidos, cada um dos quais restringirá sua própria "liberdade" em busca da "liberdade" superior de encontrar seu papel limitado e um novo significado dentro da peça de Shakespeare. Para que músicos sejam livres para tocar blues, o violão deve estar afinado, o pianista deve ser experiente — ou quase impecável, sério ou talvez quase alguém frio — e o baterista e o baixista devem descobrir sua "liberdade" dentro das severas restrições do compasso de tempo estabelecido. E para que o cidadão comum seja "livre" politicamente, deve haver forças de segurança e leis que possam estabelecer a ordem, conter o caos e o tumulto, defender a propriedade e a vida, impedir que os maliciosos e violentos façam o que quiserem.

Aceitamos de bom grado restrições como essas. Reconhecemos que uma "liberdade" que consiste meramente em atividade aleatória ou espontânea não é necessariamente liberdade genuína, mas pode ser simplesmente caos. A liberdade que buscamos consiste em uma escolha alegre, integrada e refletida por um caminho de vida. Envolve assumir a responsabilidade de trabalhar nesse caminho, lidar com suas

dificuldades e viver com suas consequências. E o cristão, chamado a refletir o amor generoso e criativo de Deus no mundo, deve desenvolver as virtudes cívicas e pessoais que apoiarão e sustentarão essa liberdade, fornecendo aos seres humanos a chance de desfrutarem de uma humanidade genuína. Como todos os grandes slogans, o da "Liberdade!" levanta mais questões do que respostas. Mas esse também é um slogan cristão, e aqueles chamados a ser sacerdotes régios devem desenvolver as virtudes necessárias para criar condições em que a liberdade possa florescer onde e sempre que possível.

A liberdade, como a autenticidade, é o que nos é prometido quando nossos desejos e anseios coincidem completamente com os desígnios e planos de Deus para nós como seres humanos plenos. O serviço a Deus, diz a antiga oração, é a "liberdade perfeita". E, como acontece com a autenticidade, a liberdade alcançada cedo demais se torna uma escatologia super-realizada, uma falha em perceber quanto trabalho a virtude ainda tem que realizar para alcançar seu objetivo. Porém, o ponto da virtude é trabalhar para antecipar o futuro no presente; vislumbrar e compreender a verdadeira liberdade que nos é oferecida em Jesus Cristo é um elemento vital nisso. Caso contrário, o slogan de "Liberdade!" torna-se apenas uma desculpa para a libertinagem, como Paulo diz em Gálatas 5. Aceitar restrições morais apropriadas não é restringir a verdadeira liberdade, mas criar as condições para que ela floresça. ■

— *After you believe*, p. 232-4

A LIBERDADE DA SALVAÇÃO

A salvação não é "ir para o céu", mas "ser ressuscitado para a vida no novo céu e na nova terra de Deus". Quando entendemos isso,

percebemos que o Novo Testamento está cheio de sinais, indicações e afirmações claras de que essa salvação não é apenas algo que desfrutaremos em um futuro distante. Podemos experimentá-la aqui e agora (sempre de forma parcial, é claro, já que ainda teremos que passar pela morte), antecipando genuinamente no presente o que está por vir no futuro. "Fomos salvos", diz Paulo em Romanos 8:24, "na esperança". As palavras "fomos salvos" indicam uma ação passada, algo que já aconteceu, referindo-se obviamente à relação entre fé e batismo da qual Paulo vem falando na carta até então. Porém, isso não significa que a "esperança" se tornou obsoleta, pois ainda aguardamos a salvação futura final da qual ele fala, por exemplo, em Romanos 5:9,10. ■

— *Surprised by hope*, p. 198

A liberdade da Páscoa de Jesus

Para João, assim como para todos os primeiros cristãos, o que Jesus realizou ao ir para a cruz e o que o Pai declarou quando o ressuscitou dos mortos foi *uma mensagem em forma de Páscoa*, a notícia de que a verdadeira liberdade estava finalmente sendo conquistada, que o grande faraó havia sido derrubado e que havia chegado o momento de o verdadeiro Tabernáculo ser edificado, a real Torá ser mantida e a herança final ser reivindicada. Tudo isso acontece na sequência da Páscoa relatada por João em seu evangelho, particularmente na terceira. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 128

Liberdade para todas as nações

> Agora vem o julgamento deste mundo! Agora, o governante deste mundo será expulso! E, quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim (João 12:31,32).

Em outras palavras, Jesus morrerá na cruz e essa será a maneira pela qual sua glória será totalmente revelada (um tema central no evangelho), e sua vitória sobre "o governante deste mundo", o poder sombrio que manteve as nações cativas, finalmente alcançada. Jesus diz isso após saber que alguns vindos da Grécia o procuravam. Uma vez que ele tivesse morrido na cruz, "todas as pessoas" estariam livres para vir a ele e, assim, descobrir o Deus vivo e verdadeiro.

Esse é o segredo da "missão aos gentios", que começou com a visita de Pedro a Cornélio em Atos 10 e continuou espetacularmente, na prática e também na teoria, na obra de Paulo. As pessoas muitas vezes imaginam que a razão de Paulo ter direcionado seus esforços evangelísticos para o mundo não judeu foi que, ao ver que seus contemporâneos judeus eram muito relutantes em aceitar uma mensagem tão estranha, e estando desesperado para ganhar alguns seguidores, ele então foi para os não judeus, oferecendo-lhes uma mensagem menos exigente. Essa é uma análise equivocada. A missão aos gentios não foi uma reação pragmática à suposta intransigência judaica, tampouco uma mera tentativa oportunista de aumentar o número de adeptos a uma nova seita estranha. Desde os primeiros escritos cristãos, a missão aos gentios foi sempre considerada como o resultado direto e necessário da vitória do Deus criador, na cruz, sobre os poderes que mantinham as nações cativas. Até aquele dia as nações haviam sido escravizadas; a cruz abriu as portas para a liberdade. ■

— *The day the revolution began*, p. 388

Libertando-se por causa do amor

Paulo permanece entre Filemom e Onésimo, unindo-os em sua própria pessoa e apelo. “Eis aqui” — diz, esticando um braço — “Onésimo, meu filho, meu próprio coração, que tem cuidado de mim na prisão, por assim dizer, em seu lugar!” E, esticando o outro braço a Filemom, diz: “Seu amor traz-me tanto consolo! Você é meu parceiro no evangelho, afinal, você me deve a própria vida. Mesmo eu estando na prisão, você tem a chance de me renovar.” Paulo permanece metaforicamente entre ambos, estendendo-lhes os braços no formato da cruz. “Ah, e a propósito” — reitera (“não impondo a eles suas transgressões”) — “se ele causou prejuízo, coloque-o na minha conta. Eu pagarei.” Então complementa: “Mais uma coisa: prepare-me um aposento. Continue orando, pois serei liberto em breve. Então, o visitarei”.

Tal gesto demandaria humildade de ambas as partes. Onésimo não partiria em direção a Colossos empolgado, imaginando que tudo seria fácil; havia uma razão pela qual fugira, e essa razão, seja qual fosse, teria que ser confrontada. Filemom estaria pasmo e possivelmente irado ao vê-lo retornar; também perceberia o equilíbrio delicado do que Paulo disse e do que lhe estava sendo pedido. Como declaração política sobre a escravidão, a carta não corresponde ao nosso anseio, mas, como experimento em uma estratégia pastoral única e prática, a carta é brilhante, e o experimento parece ter funcionado. Cinquenta anos depois, o bispo de Éfeso é um homem chamado Onésimo. O jovem escravo, é agora um líder cristão idoso? Ou um nome já respeitado no contexto da comunidade cristã primitiva? ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 316-7

Perdão de pecados, reinclusão e reintegração

> Então, ele lhes disse: "Era disso que eu lhes falava enquanto ainda estava com vocês. Tudo o que está escrito a meu respeito na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos tinha de se cumprir." Então, abriu-lhes a mente para que entendessem as escrituras. "Está escrito", disse ele, "que o Messias teria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e, em seu nome, o arrependimento para perdão de pecados deveria ser anunciado a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas de tudo isso. Vejam, eu lhes envio aquilo que meu Pai prometeu. Mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto" (Lucas 24:44-49).

"Perdão de pecados", em outras palavras, deve ser visto *tanto* como o resumo das bênçãos redentoras prometidas a Israel *quanto* como a bênção-chave que permitirá que os não judeus sejam acolhidos em uma única família. Como Deuteronômio 30, Jeremias 31, Daniel 9 e muitas outras passagens haviam indicado, "o perdão de pecados" era a principal coisa que Israel precisava para que os longos anos de desolação finalmente terminassem. O mesmo se aplica às nações não judias. Para que pudessem escapar de sua escravidão à idolatria, e tudo o que a acompanhava, o "perdão dos pecados" era não apenas necessário, mas a epítome do que significava para eles deixar o passado para trás — ou, nas palavras do salmo, os "príncipes dos povos" se reuniram como "o povo do Deus de Abraão" (47:9).

Isso se tornaria um dos principais fundamentos do argumento de Paulo a favor da igualdade, na família do Messias, entre crentes gentios e crentes judeus. Os crentes judeus, voltando ao seu verdadeiro Deus, como Deuteronômio havia indicado, estavam experimentando através da morte e ressurreição do Messias o "perdão de pecados" no antigo sentido bíblico da tão esperada renovação da aliança e "fim do exílio". Os crentes gentios, abandonando seus ídolos para servir ao Deus vivo, estavam experimentando o "perdão de pecados" por meio da anistia divina que desde o início visava a sua plena inclusão. ■

A realidade maior do perdão

Para sermos fiéis às implicações bíblicas do "perdão de pecados" devemos insistir que seus significados menores precisam estar inseridos em uma realidade mais ampla, a realidade que realmente importa. A realidade menor — isto é, que eu, como pecador, preciso conhecer o amor perdoador de Deus em minha própria vida — é vital para cada pessoa. Mas, como a história mostra, essa realidade pode ser facilmente compreendida dentro da versão platônica do evangelho em que toda a ênfase recai sobre uma espiritualidade separada do presente e uma salvação futura desenraizada, em que a ordem criada é completamente abandonada.

Assim, novamente, a revolução é domesticada. A realidade maior é que *algo aconteceu dentro do mundo real do espaço, tempo e matéria, e isso mudou tudo*. Às seis horas da tarde de sexta-feira, Jesus morreu, e, por causa disso, toda realidade foi radicalmente transformada. O céu e a terra foram reunidos, criando o "novo templo" cósmico: "Deus estava reconciliando o mundo consigo mesmo no Messias" (2Coríntios 5:19).

Isso foi totalmente inesperado. Nenhum judeu antes de Jesus andava por aí com esse tipo de narrativa messiânica em sua cabeça. Porém, quando a ressurreição obrigou os discípulos a repensar sua reação original e natural à morte de Jesus — uma reação que vemos graficamente retratada na imagem de Lucas dos dois discípulos no caminho de Emaús — os vemos lutando com a nova crença de que esses eventos eram o cumprimento dramático, inesperado, mas ainda assim apropriado, das antigas profecias e, portanto, como os eventos através dos quais *a tão esperada nova era estava finalmente sendo inaugurada*.

Não se tratava de inventar um novo tipo de religião. Não tinha nenhuma relação com se livrar das esperanças terrenas dos antigos judeus e abraçar uma realidade "espiritual". Era algo muito mais revolucionário. Era sobre o reino de Deus vindo "na terra como no céu". ■

— *The day the revolution began*, p. 155-6

Perdão e arrependimento andam de mãos dadas

Se cremos que na cruz Jesus conquistou a vitória sobre todos os poderes que mantêm as pessoas cativas, devemos ter coragem e avançar. Em particular, devemos reafirmar que o cerne dessa vitória é o perdão de pecados, embora isso possa ser mal interpretado. "Você não acredita em perdão?" as pessoas perguntam quando alguém é pego em mau comportamento — como se "perdão" significasse "tolerância" ou a declaração de um tipo geral de anistia "vale tudo". Entretanto, não é isso que queremos dizer com "perdão". No Novo Testamento, "perdão" está intimamente relacionado com "arrependimento"; e "arrependimento" não significa apenas um sentimento de tristeza (talvez, apenas depois que você já foi pego!), mas é um abandono ativo dos ídolos que se adorava. ■

— *The day the revolution began*, p. 396

A falta de perdão nos escraviza

Perdão e cura! Ambos andam tão próximos um do outro, pessoal e socialmente. Sociedades inteiras podem ficar paralisadas por rixas antigas, as quais se transformam em disputas e, enfim, em formas de

guerra civil. Famílias podem ser divididas por um único incidente ou pelo comportamento de uma única pessoa, que, quando não tratada, não consegue se perdoar. Semelhantemente, sociedades, famílias e indivíduos podem ser reconciliados, encontrar nova esperança e novo amor através do perdão. Jesus estava lidando com um aspecto extremamente profundo da vida humana. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 103-4

TRÊS LIBERDADES ALCANÇADAS PELO PERDÃO

1. Liberdade para adorar

Primeiro, a restauração da adoração verdadeira. Atos descreve a realidade do novo templo da união do céu e da terra, assim como Efésios 1:10 relata: Jesus, o ser humano ressuscitado, é elevado ao céu, unindo assim em sua própria pessoa as duas esferas da boa criação de Deus. Mas, se, por um lado, na ascensão, o céu e a terra já estão unidos, com parte da "terra" — o corpo humano de Jesus — agora plena e completamente em casa no "céu", por outro, em Atos 2, quando o vento poderoso do Espírito divino vem sobre os discípulos, céus e terra são novamente unidos, mas agora na direção oposta, com parte do céu estando plena e completamente em casa na "terra". *Nesse evento vemos um equivalente, no Novo Testamento, do que aconteceu quando o Tabernáculo foi coberto pela nuvem de fogo, ou, em outra ocasião, quando o Templo de Salomão foi preenchido pela gloriosa Presença divina*.

Aqui está o fundamento da crença de que com Jesus e o Espírito uma nova criação passou a existir. Em vez do "microcosmos" do Templo de Jerusalém, o próprio Jesus e seu povo cheio do Espírito constituem o

novo templo, o início do novo mundo. Era porque habitavam e viviam a partir dessa nova realidade que os primeiros discípulos puderam falar como falaram das maneiras pelas quais o reino, em um sentido importante, já estava presente, embora, em outro sentido, só seria completamente concretizado no futuro, pois Herodes e César ainda estavam em seus tronos. Os primeiros seguidores de Jesus foram assim constituídos como pessoas do novo templo, razão pela qual, é claro, a maioria das controvérsias no livro de Atos se concentra nos templos: as acusações contra Estêvão (e sua resposta a elas) nos capítulos 6—7 e os confrontos de Paulo com o culto local (cap. 14), com os templos de Atenas e Éfeso (caps. 17—19), e depois com o próprio Templo de Jerusalém (21:28,29; 24:6; 25:8).

E a nova vida desta nova comunidade estava ancorada na adoração, à medida que declaravam "as maravilhas que Deus tem realizado" (2:11) e estabeleciam um novo padrão de vida centrado no "ensino dos apóstolos e na vida comum [...] ao partir do pão e às orações" (2:42) — uma vida que, pelo menos no início, tentava unir o antigo Templo e a esfera doméstica ordinária:

> Dia após dia, lá estavam eles, juntos, frequentando o Templo. Partiam o pão em suas várias casas, e faziam suas refeições com corações alegres e sinceros, louvando a Deus e mostrando-se favoráveis a todo o povo. E, diariamente, o Senhor acrescentava ao seu número aqueles que iam sendo resgatados (2:46,47). ■
>
> — *The day the Revolution began*, p.161-5

2. Liberdade para anunciar a nova criação

Em segundo lugar, então, há a esperança do governo mundial deste Deus. Da adoração e da oração cresce o testemunho; e o "testemunho" não é simplesmente sobre dizer: "Eu tive essa experiência; talvez você também goste", mas sobre pessoas anunciando que uma nova realidade foi inaugurada. Isso também começa no dia de Pentecostes, como vimos, quando os discípulos anunciaram às multidões assustadas que as antigas profecias haviam se cumprido, que o "perdão de pecados" *havia acontecido como um evento no espaço e no tempo real*, e que todo o mundo estava agora sendo corrigido por seu criador e restaurador. Anunciar Jesus como o Messias de Israel é dizer que isso está acontecendo agora e "o perdão de pecados" é a chave de tudo. Esse testemunho continua através das muitas cenas diferentes do anúncio do evangelho: Filipe ao eunuco etíope em Atos 8, Pedro a Cornélio em Atos 10, e assim por diante. Seu primeiro clímax decisivo acontece no capítulo 12, quando Herodes Agripa I inicia um sério ataque à igreja, mas é impedido, primeiro pela libertação angelical de Pedro da prisão e depois por sua própria morte repentina. O comentário de Lucas torna a posição clara: Herodes morreu, "mas a palavra de Deus continuava a crescer e a se multiplicar" (Atos 12:24). Aqui está a mensagem vital do *reino*: os reinos do mundo se mostram, em última análise, impotentes contra o reino de Deus. Eles podem perseguir e matar os seguidores de Jesus, mas isso — como outros escritores do Novo Testamento enfatizaram, seguindo o próprio Jesus — apenas fortaleceu o reino de Deus, uma vez que esse reino foi realizado precisamente através da morte de Jesus e então implementado através do sofrimento de seus seguidores. ■

— *The day the revolution began*, p.161-5

3. Liberdade para ansiar pelo resgate

Terceiro, portanto, após a adoração (o louvor ao Deus reinante e salvador de Israel) e o testemunho (o anúncio ao mundo acerca de seu legítimo Salvador e Senhor), há a esperança de que Israel será resgatado do domínio pagão. Pode-se imaginar que, dada a ênfase nas dimensões espirituais desses eventos, esse aspecto tenha sido deixado de lado; mas não é verdade. Quando o próprio Jesus, o Messias de Israel, ressuscitou dos mortos, o Israel-em-pessoa foi libertado da morte e, com isso, da arma suprema de todo tirano, o exílio final imposto por todas as Babilônias. Os resultados concretos para a vida do antigo Israel não são esquecidos no entusiasmo da missão aos gentios. A morte de Jesus, indo à frente de Israel na boca do leão pagão, criou um mundo no qual Pedro pode exortar seus ouvintes: "Que Deus os livre desta geração perversa" (Atos 2:40). "Portando, que toda a casa de Israel saiba disto: Deus o fez Senhor e Messias" (2:36). Milhares de judeus, incluindo muitos sacerdotes, creram nessa mensagem e se tornaram parte da comunidade renovada (2:41,47; 4:4; 5:14; 6:7; 11:24; 21:21). Não devemos ter dúvidas de que Lucas, como a maioria dos outros escritores cristãos primitivos, viu a comunidade messiânica focada em Jesus como o povo libertado e redimido, aqueles em quem e para quem a tão esperada promessa de resgate da opressão pagã havia sido cumprida.

■

— *The day the revolution began*, p.161-5

Escatologia platonizada, antropologia moralizada,

SOTERIOLOGIA PAGANIZADA

Gostaria de fazer duas perguntas aos meus leitores. Primeira, qual é o chamado dos humanos neste novo mundo prometido? Segunda, dada a falha humana (ou seja, "pecado"), como seremos resgatados para que possamos cumprir esse chamado?

Uma visão bastante popular é que o estado final ("céu") é um lugar para onde pessoas "boas" vão, de modo que a vida humana é medida em relação ao cumprimento moral ou à falta dele. Em outras palavras, temos uma "aliança de obras". Ainda segundo essa visão todos os humanos falham no teste moral, precisando, portanto, ser resgatados; e é isso que a morte de Jesus realiza. Em algumas versões bastante populares dessa perspectiva, isso conduz a uma visão da "salvação" na qual a "punição" pelo fracasso moral é aplicada em outro lugar, enquanto o "cumprimento moral" que nos faltava é fornecido pelo próprio Jesus. Em alguns casos, essa visão se aproxima mais da ideia pagã de uma divindade irada sendo pacificada por uma morte humana do que de qualquer coisa nas escrituras de Israel ou no Novo Testamento.

Em outras palavras, no pensamento cristão moderno popular, cometemos um erro de três camadas. *Platonizamos* nossa escatologia (substituindo a nova criação prometida por uma salvação que se resume a "almas indo para o céu") e, portanto, *moralizamos* nossa antropologia (substituindo a noção bíblica da vocação humana por um exame qualificador de performance moral), com o resultado de que *paganizamos* nossa soteriologia, nossa compreensão de "salvação" (substituindo as noções genuinamente bíblicas que estamos prestes a explorar por "Deus sacrificando Jesus para satisfazer sua ira").

Esse é um conjunto bastante drástico de acusações. Alguns, sem dúvida, me acusarão de caricatura, mas a longa experiência do que as pessoas nas igrejas pensam que foram ensinadas sugere o contrário. Outros talvez me acusem de derrubar a própria casa na qual me encontro, negando coisas básicas para a fé. No entanto, acredito que — e espero que o resto do livro demonstre isso — a nova perspectiva que pretendo sugerir será capaz de, ao mesmo tempo, preservar o que é bom na abordagem anterior, mas em uma nova estrutura, e eliminar seus elementos francamente antibíblicos.

A nova criação será, de fato, "celestial", tendo em completa medida a sobreposição céu/terra que sentimos na oração, no estudo das escrituras, nos sacramentos e no trabalho pelo reino de Deus no mundo. A vocação humana certamente inclui um elemento moral forte e inegociável, que é realçado e não eliminado quando colocado dentro da categoria mais ampla da *vocação* de "portadores da imagem de Deus". E os meios de salvação, como veremos ao longo desta parte do livro, de fato envolvem a morte de Jesus como o *representante* e depois o *substituto* de seu povo, embora não no sentido em que muitos entenderam essas categorias bastante abstratas. ■

— *The day the revolution began*, p.147-8

Libertado para uma nova humanidade

O que emerge disso, como lado positivo relacionado à derrota do poder das trevas, é a ideia de uma nova humanidade, um modelo diferente da raça humana. Se Jesus derrotou os poderes do mundo em sua morte, sua ressurreição significava a inauguração de uma nova

criação, um mundo totalmente novo, e aqueles que viam a si mesmos arrebatados pela "boa notícia" que Paulo anunciava eram atraídos para esse novo mundo e se tornariam, segundo Paulo ensinava, pequenos modelos funcionais da mesma coisa. Enquanto penso em Paulo dando início a esse novo empreendimento, a imagem da corda bamba sobre o vulcão não parece retratá-lo o suficiente, uma vez que o apóstolo estava inventando uma nova forma de ser humano, e devia estar ciente disso. Deve ter se parecido um pouco com a primeira pessoa a perceber que notas soadas em sequência criavam melodia, que notas soadas juntas criavam harmonia e que ordenar a sequência criava ritmo. Se formos capazes de pensar em um mundo sem música e, então, imaginá-la sendo inventada, oferecendo uma profundidade e um poder até então desconhecidos ao espaço, ao tempo e à matéria, então poderemos ter um senso da magnitude absurda da vocação de Paulo. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 131-2

As regras que celebram a nova criação

Voltando a 1Coríntios, é a ressurreição — tanto a de Jesus quanto a nossa — que fornece, em passagens como os capítulos 5 e 6, o fundamento final para o comportamento cristão. A ética cristã não consiste em alguns regulamentos e restrições estranhos que os cristãos devem seguir enquanto ainda vivem exatamente no mesmo mundo que todos os outros, da mesma forma que a ressurreição de Jesus não foi simplesmente um milagre muito estranho dentro do mundo da velha criação. Foi, antes, a plena irrupção da vida da nova criação de Deus neste mundo; a ética cristã é o estilo de vida que celebra e incorpora

essa nova criação. Viver uma vida de santidade cristã faz sentido, todo sentido, *dentro do novo mundo de Deus*, o mundo para o qual somos trazidos no batismo e nutridos pela Eucaristia. Claro, se você tentar viver um estilo de vida cristão fora dessa realidade, achará tão difícil — na verdade, completamente sem sentido — quanto seria para um músico de orquestra tocar sua parte separado do resto dos músicos em meio aos acidentes e guinchos metálicos de uma fábrica de automóveis. Não que não sejamos chamados, é claro, para praticar nosso discipulado em meio às dificuldades desse mundo, que continua a operar como se a Páscoa nunca tivesse acontecido. Mas se quisermos ser fiéis ao nosso Senhor ressurreto, precisaremos, de novo e de novo, afinar nossos instrumentos e continuar a tocar sua melodia, junto com nossos irmãos e irmãs. ■

— *Surprised by hope*, p. 284

Nossa esperança é a glória de Deus

> Este é o resultado: desde que fomos declarados "certos" com base em nossa fé, temos paz com Deus mediante nosso Senhor Jesus, o Messias. Por meio dele, foi-nos permitido ter acesso, pela fé, a essa graça na qual permanecemos firmes, e celebramos a esperança da glória de Deus. E isso não é tudo. Celebramos também em nossos sofrimentos, porque sabemos que o sofrimento produz paciência; e a paciência produz um caráter bem-formado, e um caráter assim produz esperança. A esperança, por sua vez, não nos deixa envergonhados, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do espírito santo que nos foi dado (Romanos 5:1-5).

Há duas coisas centrais nesse texto para nossos propósitos: esperança e construção do caráter.

A esperança é, como Paulo afirma claramente, "a glória de Deus". Já falamos disso da perspectiva de dois temas interligados: a administração

soberana sobre a criação confiada por Deus à humanidade e o retorno da glória divina para habitar no meio do povo de Deus após os longos anos do exílio. Esse último tema parece estar no pano de fundo da mente de Paulo em vários de seus escritos. Isso se aplica a Romanos 5 e na continuação do mesmo tema no capítulo 8, onde o Espírito "habita dentro" dos crentes, evocando assim o tema de Deus "habitando no Templo" no Antigo Testamento (8:4-11). Infelizmente, a palavra "glória" é tão usada nos círculos cristãos como uma palavra vaga para "ir para o céu" que essas importantes conotações do conceito de "glória de Deus" — conotações que seriam evidentes para Paulo e seus primeiros ouvintes — muitas vezes são completamente ignoradas.

O que Paulo está dizendo — e é de importância central para todo este livro — é que a esperança para a qual nos esforçamos, o *telos* ou objetivo de toda a nossa peregrinação, é "a glória de Deus". Quando corretamente entendido, isso se refere, por um lado, ao "sacerdócio real" que estudamos anteriormente, a vocação da humanidade genuína e, por outro lado, o lugar onde o próprio Deus vivo vem habitar em cumprimento de sua antiga promessa.

Essas duas coisas foram realizadas pelo próprio Jesus, como vimos. O ponto de Paulo, ao longo de Romanos 5—8, mas particularmente no capítulo 8, é que ambos também são realizados, através da presença e poder do Espírito Santo, no povo de Deus e por meio dele. Algumas pessoas dizem que os primeiros cristãos não tinham uma teologia trinitária, mas isso não poderia estar mais longe da verdade. ■

— *After you believe*, p.175-6

Pense bem nas coisas

Deus quer que sejamos pessoas, não marionetes; seres humanos reais que pensam sobre as coisas e tomam decisões reais, não palhas ao vento sopradas de um lado a outro. Precisamos "aprender a discernir as coisas corretamente", diz Paulo — e a palavra que ele usa para "discernir corretamente" é nosso velho amigo *dokimazein*, como na raiz *dokimos* em Romanos 5:4 e 12:2. Parte do problema no cristianismo contemporâneo é que falar sobre a liberdade do Espírito, sobre a graça que nos arrebata, cura e transforma nossas vidas, foi sutilmente reduzido a uma espécie de romantismo, conivente com uma vertente anti-intelectual em nossa cultura, gerando a suposição de que quanto mais espiritual você é, menos precisa pensar.

Gostaria de enfatizar veementemente o quanto isso está equivocado. Quanto mais genuinamente espiritual você for, de acordo com Romanos 12 e Filipenses 1, mais clara, precisa e cuidadosamente você pensará, *particularmente sobre qual será o objetivo final de sua jornada cristã e, portanto, quais passos você deve dar, quais hábitos deve adquirir, como parte da jornada em direção a esse objetivo*. Pensar de forma clara e cristã é, portanto, um elemento-chave dentro do processo de reumanização total (você não será totalmente humano se negligenciar seu pensamento e raciocínio) e uma parte vital do motor que impulsiona o resto desse processo.

Mais uma vez, nada disso pode ser visto em um sentido individualista. É claro que aqueles que têm dons mentais e intelectuais específicos devem usá-los no serviço a Deus. Mas, como Romanos 12 prossegue dizendo, não devemos pensar de nós mesmos mais do que o adequado, mas com sobriedade, pois Deus nos fez membros uns dos outros em Cristo, e somos um só corpo (Romanos 12:3-5). Ainda assim, enfatizando a natureza coletiva do discipulado cristão e, com isso, a

exigência absoluta de humildade apropriada, Paulo também destaca que cada pessoa deve refletir sobre isso individualmente: "Estou dizendo isso", ele escreve, "para cada um de vocês". E, novamente, o que importa é *pensar*. O que ele está dizendo então é: "Não *pense demais* naquilo que você deveria *pensar*, mas *pense* com um *raciocínio moderado*". O jogo de palavras de Paulo aqui (*hyperphronein*, *phronein* e *sōphronein*) culmina em uma palavra que os leitores podem reconhecer como cognata com *sōphrosynē*, "razoabilidade" ou "moderação", bem conhecida nas discussões clássicas sobre virtude. Todos os cristãos são chamados a pensar sobre as coisas — na verdade, considerar a maneira de pensar bem sobre as coisas faz uma diferença radical na vida do corpo de Cristo. ■

— *After you believe*, p.157-9

É HORA DE ACORDAR!

Em Efésios, encontramos a instrução estimulante, tirada talvez de um poema ou hino cristão primitivo: "Desperte, você que dorme! Levante-se dos mortos! O Messias resplandecerá sobre você!" (5:14).

Em outras palavras, é hora de acordar! Viver no nível do mundo não celestial ao seu redor é como estar dormindo; pior, é como aquilo para o qual o sono é uma metáfora — a morte. Mentir, roubar, praticar imoralidade sexual, raiva e assim por diante (Paulo lista todos eles em uma curta passagem devastadora) são formas de morte, tanto para a pessoa que os comete quanto para todos cuja vida é tocada por suas ações. São formas de dormir um sono mortal. É hora de acordar, diz ele. Venha viver no mundo real, o mundo onde Jesus é Senhor, o mundo ao qual seu batismo o traz, o mundo ao qual você diz pertencer quando diz no credo que Jesus é o Senhor e que Deus o ressuscitou dos mortos. O

que todos nós precisamos de vez em quando é que alguém (um amigo, um mentor espiritual, um estranho, um sermão, um versículo das escrituras ou simplesmente a inspiração interior do Espírito) diga: "É hora de acordar! Você já dormiu o suficiente! O sol está brilhando e há um dia maravilhoso lá fora! Acorde e desfrute da vida que lhe foi dada!" ■

— *Surprised by hope*, p. 252

Livre para amar

A experiência humana ampla sugere que a liberdade costuma surgir *por meio de* um caminho que parece ser tudo, menos "livre". A liberdade de improvisar musicalmente ou compor sua própria música só existirá quando as disciplinas do aprendizado das escalas e a técnica instrumental tiverem sido dominadas. Às vezes, podemos imaginar que, quando os músicos improvisam, como no jazz e em outros gêneros, estão inventando *qualquer coisa*, tocando tudo o que surge na cabeça. Não poderíamos estar mais enganados, pois, assim como a música clássica, o jazz depende de os instrumentistas saberem exatamente o que está acontecendo, ouvirem atentamente uns aos outros e garantirem que mesmo os *riffs* aparentemente mais ousados e as passagens estranhas cheguem à terra no instante correto, no tom certo. A música pode parecer esquisita para aqueles que não estão habituados ao idioma, mas tem coerência profunda; além disso, existe uma diferença entre a liberdade e o caos.

Assim, se sabemos que a liberdade é importante social e pessoalmente, e se temos mais dificuldade do que esperávamos para descobrir o que ela realmente significa, a quem pedir ajuda? A Bíblia nos mostra que nosso instinto de liberdade tem total relação com o sentido da presença de

Deus, e entendemos que ela é a história central que Deus deseja para o seu povo — tanto liberdade relacionada *a* coisas como o pecado e a idolatria *quanto a* ser amado. ■

— *Indicadores fragmentados,* p. 125

Os que foram libertados trazem liberdade aos outros

Desse modo, as pessoas livres tornam-se agentes da liberdade no mundo em todos os níveis: conselheiros que ajudam os outros a se livrarem das algemas do passado e a viverem em liberdade genuína, diplomatas que confrontam governantes tiranos e ameaçadores com a notícia de que há uma forma melhor de administrar países ou sistemas, políticos que elaboram leis que libertam as pessoas comuns de agressores inteligentes, e assim por diante. Em tudo isso, voltamos novamente ao ponto teológico. O desejo de liberdade é um instinto dado por Deus e implantado em todos os portadores de sua imagem. O Deus que nos criou *quer que sejamos livres.*

É claro que em muitos sistemas — tragicamente, em muitos pretensos sistemas cristãos e igrejas — essa mensagem foi totalmente esmagada sob uma pilha grande e pesada de regulamentos e expectativas. Muitos encontrarão a conexão de "liberdade" com "igreja" como mais uma das piadas doentias de Sartre, porém, não deve ser assim. A igreja, em seus melhores momentos — e tive o privilégio de vislumbrar alguns deles —, está comprometida com a liberdade em todos os níveis.

Isso mostra, mais uma vez, que o chamado da liberdade, embora pareça ser instável em tantos contextos, sempre foi um chamado genuíno do Deus criador. O instinto que faz com que até os tiranos

afirmem que estão oferecendo "liberdade" a todos que os incentivam a se livrarem das camisas de força e encontrarem uma nova liberdade faz parte do aparato real dado por Deus para a vida humana. Isso continua sendo verdadeiro, por mais que abusemos dela, que aceitemos a promessa de liberdade e a transformemos em novas formas de escravidão.

— *Indicadores fragmentados,* p. 136

Deus nos ama como somos

Conheço um regente que assumiu a direção de um coral da igreja de um vilarejo que não recebia qualquer ajuda há muito tempo. Por anos, eles haviam lutado bravamente para cantar as canções, oferecer direção e liderança à congregação e, em ocasiões especiais, tentar um hino simples. Mas, francamente, os resultados não eram nada impressionantes. Quando a congregação agradecia aos cantores, era mais um gesto de simpatia por seu aparente trabalho árduo do que uma resposta honesta de apreciação de um som genuinamente musical. Por mais que praticassem, não pareciam melhorar; eles provavelmente estavam apenas reforçando seus maus hábitos existentes. Então, quando o novo regente chegou e começou a liderá-los, gentilmente notando o que eles podiam e não podiam fazer, foi de certa forma um ato de graça. Ele não os xingou dizendo que eram um lixo, nem gritou para cantarem afinados. Isso não teria adiantado. Teria sido simplesmente deprimente. Ele os aceitou como eram e começou a trabalhar com eles. Entretanto, o objetivo de tudo isso não era para que pudessem continuar como antes, só que agora com alguém acenando com os braços na frente deles. Ele os aceitou como eram para que realmente aprendessem a cantar! E agora, surpreendentemente, eles

aprenderam. Um amigo meu que foi a essa igreja há apenas algumas semanas relatou que o coro havia sido transformado. Mesmas pessoas; novo som. Agora, quando praticavam, sabiam o que estavam fazendo e, assim, aprenderam a cantar melhor.

Essa é uma imagem de como a graça de Deus funciona. Deus nos ama como somos, como ele nos encontra, que é (sempre) bagunçado, enlameado e cantando desafinado. Mesmo quando tentamos ser bons, muitas vezes só pioramos as coisas, acrescentando orgulho (de curta duração) a nossos outros fracassos. E a maravilha sem fim no coração da vida cristã genuína é que Deus veio ao nosso encontro ali mesmo, em nossa confusão de orgulho e medo, de confusão e lama, rebelião e pecado. ■

— *After you believe*, p. 62-3

A LIBERDADE DE RECEBER

Quando São Paulo diz que "se a 'justiça' vem por meio da lei, então o Messias terá morrido por nada" (Gálatas 2:21), ele estava afirmando um princípio fundamental. Qualquer que seja a linguagem ou terminologia que usamos para falar sobre o grande dom que o único e verdadeiro Deus deu ao seu povo em Jesus Cristo e por meio dele ("salvação", "vida eterna" e assim por diante), continua sendo precisamente um *dom*. Nunca é algo que poderemos merecer. Nunca poderemos colocar Deus em dívida; nós é que estamos sempre em débito com ele. Tudo o que vou dizer sobre vida moral, sobre esforço moral, sobre formação consciente de nossos padrões de comportamento, acontece única e exclusivamente dentro do universo da graça — a graça que foi incorporada em Jesus e sua morte e ressurreição, que é ativada na pregação do evangelho cheia do Espírito e que continua a ser ativada

pelo Espírito na vida dos crentes. Deus não faz uma parte da obra de nossa salvação e deixa o resto para nós; simplesmente não é assim que funciona. Não começamos sendo justificados pela graça através da fé e então temos que trabalhar sozinhos para completar o trabalho, lutando, sem ajuda, para viver uma vida santa. ■

— *After you believe*, p. 60

Liberdade para formar hábitos mentais

Quando as pessoas fazem escolhas coerentes sobre seus padrões de comportamento, mudanças físicas ocorrem dentro do próprio cérebro. Alguns podem considerar isso como senso comum, mas para muitos será uma realidade fascinante e talvez assustadora. Ainda há muito trabalho a ser feito nesse campo. A neurociência ainda está em sua infância. Mas já existem indicações claras de que eventos significativos em sua vida, incluindo escolhas significativas que você faz sobre como se comportar, criam novos caminhos e padrões de informação em seu cérebro. Os neurocientistas costumam usar a metáfora da "fiação" do cérebro, o que não é inadequado, pois, embora, é claro, não haja fios envolvidos, a informação é de fato passada aqui e ali dentro do cérebro pelo que são basicamente correntes elétricas.

Não é que novos padrões de fiação estão sendo estabelecidos o tempo todo simplesmente, correspondendo às escolhas que fazemos e aos comportamentos que adotamos — embora o comportamento seja, é claro, uma forma massiva de hábito. Partes do cérebro realmente se tornam fisicamente ampliadas quando o comportamento de um indivíduo as exercita regularmente. Por exemplo, os violinistas

desenvolvem não apenas a mão esquerda, mas também a parte do cérebro que controla a mão esquerda. “Essas regiões [do cérebro]”, escreve John Medina em seu fascinante livro *Brain rules* [Regras do cérebro], “se tornam aumentadas, inchadas e entrecruzadas com associações complexas”. Como destaca Medina, “o cérebro age como um músculo. Quanto mais atividade você fizer, maior e mais complexo ele pode se tornar.” Além disso, ele diz: “Nossos cérebros são tão sensíveis a entradas externas que sua fiação física depende da cultura em que se encontram”. Por consequência, “a aprendizagem resulta em mudanças físicas no cérebro, e essas mudanças são únicas para cada indivíduo.”

Em outras palavras, à medida que aprendemos a conectar várias coisas de novas maneiras, nosso cérebro registra essas conexões. O resultado é mais ou menos como a descoberta de um jardineiro de que um canteiro que foi cavado antes é muito mais fácil de cavar uma segunda vez. Um conjunto específico de associações no cérebro, especialmente se estiver conectado a emoções intensas ou reações físicas, sejam prazerosas ou dolorosas, tornará muito mais fácil que essas associações sejam desencadeadas uma segunda vez. A neurociência contemporânea é, portanto, realmente capaz de estudar e mapear a maneira pela qual os hábitos ao longo da vida são formados. ■

— *After you believe*, p. 37-8

As regras importam, mas não são o centro

A verdadeira dificuldade com as regras não é apenas que não as mantemos muito bem, embora isso seja verdade. Nem que sempre pareça haver exceções preocupantes: quando somos ensinados a sempre

dizer a verdade, o que dizemos ao pretenso assassino que pergunta onde sua vítima pretendida está escondida? Tampouco, ainda, o problema real é que os sistemas de regras diferem marcadamente uns dos outros: em algumas culturas, você está sob a obrigação solene de matar a pessoa que estupra sua filha, e em outras você está sob a obrigação solene de não fazer isso. Esses são de fato problemas. Mas o maior problema está em outro lugar.

O verdadeiro problema é que as regras sempre parecem ser, e na verdade são de fato projetadas para ser restritivas. Porém, no fundo, sabemos que as coisas cruciais que nos tornam humanos estão relacionadas com a capacidade de sermos criativos, de celebrar a vida, a beleza, o amor e o riso. Você não pode obtê-los através de uma lei. As regras são importantes, mas não são o centro de tudo. Você pode dizer às pessoas que elas devem obedecer à regra de sempre serem generosas. No entanto, se alguém lhe dá um presente apenas porque está obedecendo a uma regra ou cumprindo seu dever, a glória de dar presentes foi perdida. Se as regras são tomadas como a coisa principal, então a coisa *verdadeiramente* principal parece estar faltando. Temos que dar a devida atenção à *formação do caráter*. ■

— *After you believe*, p. 47

Formados através do futuro prometido por Deus

"Ser sincero consigo mesmo" é importante, mas não é o principal. Se você tomar isso como uma estrutura ou como um ponto de partida, você será tristemente enganado. Contra todas essas estruturas, que suspeito terem condicionado de várias maneiras o pensamento e o

comportamento de muitos de meus leitores, precisamos urgentemente recapturar a visão do Novo Testamento de uma vida humana genuinamente "boa" como *uma vida de caráter formada pelo futuro prometido por Deus*, vivida dentro da história contínua do povo de Deus e, com isso, uma noção de virtude pensada de forma renovada. É disso que precisamos se quisermos responder à pergunta: "Eu creio, e agora?" ■

— *After you believe*, p. 57

Graça em se tornar

Do ponto de vista cristão, a virtude não pode ser concebida apenas da perspectiva da jornada individual de um ponto de partida para um destino futuro. Antes, ela deve ser entendida como parte de um futuro que já está presente, uma escatologia que já foi inaugurada. A virtude, na grande tradição filosófica, sempre diz respeito a "tornar-se o que você será". Por sua vez, a virtude cristã diz: "o que você será é o que você já é em Cristo". Esse é o objetivo de dizer, como sempre dizem os teólogos cristãos sábios, que tudo é graça. Uma vez feito esse ajuste, descobrimos que a dinâmica interna da virtude, o sentido de um caráter que deve ser moldado por sua perspectiva futura e formado por reflexão cuidadosa, escolhas difíceis e esforço moral, não é prejudicada, mas, sim, aprimorada. Esse é o objetivo de dizer, como sempre dizem os teólogos cristãos sábios, que a graça opera pelo Espírito Santo, permitindo que nos tornemos, finalmente, verdadeiramente humanos. Daí a sobreposição com Aristóteles — e também a diferença radical. ■

— *After you believe*, p. 117-8

Renovado segundo a imagem do criador

O Messias é a verdadeira vida de vocês e, quando ele aparecer, vocês aparecerão com ele e tomarão parte em sua glória. Portanto, matem os desejos deste mundo que agem em vocês [...] pois vocês já deixaram de lado a antiga natureza, com seus costumes, e se vestiram com a nova natureza. Essa natureza é a nova pessoa que Deus, seu criador, está sempre renovando, para que vocês se tornem parecidos com ele, a fim de fazer com que vocês o conheçam por completo (Colossenses 3:4,5,9,10).

Este é o entendimento de Paulo sobre a virtude. Curiosamente, também é o de João:

> E agora, filhos, permaneçam nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos coragem e não sejamos envergonhados diante dele em sua aparição real [...] Amados, somos, já agora, filhos de Deus; e ainda não foi revelado o que haveremos de ser. Mas sabemos que, quando ele for revelado, seremos como ele, porque o veremos da forma que ele é. Todos que têm essa esperança nele purificam-se a si mesmos, assim como ele é puro (1João 2:28; 3:2,3).

O evento futuro demonstrará nossa verdadeira e última existência; devemos, portanto, fazer o trabalho duro no presente para nos tornarmos as pessoas que estamos destinados a ser. Em cada caso, tanto em Paulo quanto em João, esse destino futuro (para enfatizar o ponto mais uma vez) já está dado em Jesus Cristo e em nossa participação nele. Não estamos começando com matéria-prima humana e trabalhando do zero. Estamos começando com um caráter humano já inserido em Cristo, ressuscitado com ele (Colossenses 3:1) e permanecendo nele (1João 2:28); somos grandemente amados e marcados como "filhos de Deus" (1João 3:1; Gálatas 4:1-7). ■

— *After you believe*, p. 139-40

A liberdade da virtude cristã

Olhar para o comportamento cristão da perspectiva da virtude — virtude como antecipação-da-vida-da-era-por-vir —proporciona três coisas. Primeiro, ajuda os seguidores de Jesus Cristo a entender como o comportamento cristão "funciona". Isto é, fornece uma estrutura dentro da qual se pode compreender a conexão orgânica entre o que somos chamados a fazer e nos tornarmos no presente e o que nos é prometido como vida humana plena e genuína no futuro.

Consequentemente, em segundo lugar, também fornece uma grande dose de encorajamento a todos aqueles que começam a pensar seriamente em seguir a Jesus. Sim, declara a Virtude, isso vai ser difícil, especialmente no início. É como um gosto que você precisa adquirir. Uma nova língua e idioma com seu próprio alfabeto e gramática. Mas quanto mais você praticar, mais "natural" se tornará. Isso é particularmente importante, porque muitos cristãos, achando difícil (digamos) perdoar as pessoas, simplesmente assumem: "Isso é impossível; eu nunca vou conseguir fazer isso". Alguns podem até concluir que as regras que consideram difíceis e "antinaturais" não se aplicam a eles, ou que essas regras em particular pertencem a uma época passada, quando as pessoas viam as coisas de maneira diferente. Porém, a questão não é essa. Você acha que alguém seria capaz de sentar diante de um piano pela primeira vez e tocar uma sonata de Beethoven imediatamente? Você acha que poderia simplesmente voar para Moscou, sair do avião e começar a falar russo fluentemente? Você achou, como um jovem "normal" crescendo no mundo ocidental altamente sexualizado de hoje, que poderia alcançar a castidade de

coração, mente e corpo apenas fazendo uma oração sobre isso? Mas aqui estão as lições; aqui está como praticar; aqui está o caminho que o levará até seu objetivo. E aqui — para estender a metáfora para corresponder ao comportamento cristão — o espírito de Beethoven, ou o espírito da Rússia, habitará em você e lhe dará a ajuda de que precisa.

Terceiro, olhar para o comportamento cristão dessa maneira significa que abordamos questões "éticas" — questões específicas sobre o que fazer e o que não fazer — por meio da categoria mais ampla do propósito divino para toda a vida humana. A "ética" tende a fornecer uma visão muito restritiva do que é a vida humana. Mesmo aquelas pessoas com uma consciência bem desenvolvida normalmente não passam cada minuto de cada dia lutando com questões morais sobre o que ou não fazer. Entretanto, quando olhamos para o comportamento cristão da perspectiva de toda a vida, visto da perspectiva do propósito do Criador para os humanos, a ética pode ser vista como contida e, esperançosamente, moldada por essa visão mais ampla. A questão do conteúdo, de como saber o que fazer, não se limita então a dilemas "éticos" particulares, mas se abre como uma vocação para toda a vida. ■

— *After you believe*, p. 67-9

TEMPO DA PAIXÃO

Então, eles levaram Jesus embora. Carregando a própria cruz, ele saiu para o lugar chamado Caveira (em hebraico, Gólgota). Ali, eles o crucificaram. Eles também crucificaram outros dois, com Jesus no meio deles.

Pilatos mandou fazer uma placa para pregar na cruz, com estes dizeres:

JESUS DE NAZARÉ,

O REI DOS JUDEUS.

Muitos habitantes da Judeia leram a placa, pois o lugar no qual Jesus foi crucificado ficava perto da cidade. A placa foi escrita em hebraico, latim e grego. Então, os chefes dos sacerdotes disseram a Pilatos: "Não escreva: 'O rei dos judeus', mas que ele se dizia rei dos judeus".

"O que está escrito, está escrito", replicou Pilatos.

Quando crucificaram Jesus, os soldados pegaram as roupas dele e as dividiram em quatro partes, dando uma parte a cada soldado. Quando chegaram à túnica, descobriram que esta não tinha costura, tecida em uma única peça de alto a baixo.

"Não a rasguemos", disseram uns aos outros. "Vamos sorteá-la para ver quem ficará com ela."

Isso foi feito para que se cumprissem as palavras da Bíblia: "Dividiram minhas roupas entre si, tiraram a sorte pelas minhas vestes".

E foi isso que os soldados fizeram.

A mãe de Jesus estava ao lado da cruz. Também estava sua irmã, Maria, mulher de Clopas, com Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e o discípulo que amava de forma especial, disse:

"Mãe, veja, aí está seu filho".

Depois, ele disse ao discípulo:

"Veja, aí está sua mãe".

Desse momento em diante, o discípulo a recebeu em sua casa. Depois disso, Jesus sabia que tudo fora concluído. "Estou com sede", disse ele (cumprindo o que a Bíblia dissera). Havia ali uma jarra cheia de vinagre. Então, embeberam uma esponja com vinagre e a levantaram até a boca de Jesus com uma vara de hissopo. Depois de beber, Jesus disse:

"Está tudo consumado!".

Após, curvou a cabeça e entregou o espírito. 

— João 19:16-30, *The Kingdom New Testament*, p. 218-9

Uma janela para o significado do mundo

Quer acreditemos em Jesus, quer aprovemos seus ensinamentos, ou mesmo se gostamos ou não do movimento que ainda afirma segui-lo, somos obrigados a ver sua crucificação como um dos momentos cruciais da história humana. Como o assassinato de Júlio César cerca de setenta anos antes, a crucificação marca o fim de uma era e o início de outra.

No entanto, para os primeiros seguidores de Jesus, esse evento carregava um significado ainda maior. Eles o enxergavam como o momento vital não apenas na história humana, mas em toda a história de Deus e do mundo. Além disso, acreditavam que uma nova e chocante janela havia sido aberta para o significado da própria palavra "Deus". Por meio desse evento, o único Deus verdadeiro, de repente e de forma dramática, colocou em operação seu plano para o resgate do mundo.

Foi precisamente nesse dia que a revolução começou.

Não era apenas que eles acreditavam que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Eles acreditavam nisso, é claro, o que, sem dúvidas, era um absurdo tão escandaloso em seus dias como o é em nossos. Mas eles rapidamente passaram a ver sua ressurreição não só como um novo começo surpreendente em si mesmo, mas *em decorrência do que havia acontecido três dias antes.* A ressurreição foi o primeiro sinal visível de que a revolução já estava em andamento. Mais sinais se seguiriam. ■

— *The day the revolution began*, p. 4

O vasto e perigoso oceano da história do evangelho

Quando olhamos para o que o Novo Testamento nos diz sobre o significado da cruz, percebemos que não nos é dado um sistema, mas uma história; não uma teoria, mas uma refeição e um ato de serviço humilde; não um mecanismo celestial para punir o pecado e levar as pessoas para o céu, mas uma história terrena de um Messias humano que encarna o Deus de Israel e revela sua glória ao trazer seu reino à terra como no céu.

A igreja ocidental — e todos nós fomos coniventes com isso — tem estado tão preocupada em chegar ao céu, com o pecado como o problema que bloqueia o caminho até lá e, portanto, em como remover o pecado e sua punição, que pulou direto para as passagens em Paulo que podem servir a esse propósito. No entanto, os Evangelhos, embora muitas vezes ignorados, estão repletos da teologia da expiação, só que em um formato diferente. Eles não nos dão um pequeno sistema organizado, mas uma narrativa poderosa, extensa, multifacetada e ricamente reveladora na qual somos convidados a encontrar a nós mesmos, ou melhor, a nos perder e nos reencontrar do outro lado. Caminhamos nas águas rasas e estagnadas das perguntas e respostas medievais, tomando o cuidado de calçar os sapatos certos e não perder o equilíbrio, quando a poucos metros de distância está o vasto e perigoso oceano da história do evangelho, convidando-nos para um mergulho profundo e para que deixemos que as ondas selvagens da glória nos lavem e purifiquem por completo, conduzindo-nos às margens da nova criação de Deus.

Em resumo, a própria cruz está no centro da mensagem, história, vida e missão cristãs. O fato de ter se passado vários séculos não diminui em nada seu poder revolucionário e transformador. A cruz é onde a grande história de Deus e da criação —com seu foco na estranha história de

Deus e Israel e depois, de forma mais nítida, na história pessoal de Deus e Jesus — adquiriu uma clareza terrível, mas vivificante. A crucificação de Jesus de Nazaré foi um evento único em favor de muitos, o único *momento na história* em nome de todos os outros através do qual os pecados foram perdoados, os poderes terrenos destronados e os seres humanos redimidos a fim de que pudessem ocupar seu lugar como adoradores e mordomos, celebrando a poderosa vitória de Deus em seu Messias e, assim, ganhando o poder do Espírito para tornar seu reino eficaz no mundo.

— *The day the revolution began*, p. 415-6

O centro

O significado da história é encontrado em cada detalhe, bem como na narrativa ampla. A dor e as lágrimas de todas as eras se concentraram naquele dia no Calvário. A tristeza do céu juntou-se à angústia da terra; o amor perdoador armazenado no futuro de Deus foi derramado no presente; as vozes que ecoavam em um milhão de corações humanos, clamando por justiça, ansiando por espiritualidade, ávidas por relacionamento, desejando beleza, se uniram em um grito final de desolação.

Nada em toda a história do paganismo chega perto dessa combinação de evento, intenção e significado. Nada no judaísmo havia preparado as pessoas do tempo de Jesus para isso, exceto em profecias enigmáticas e sombrias. A morte de Jesus de Nazaré como o rei dos judeus, o portador do destino de Israel, o cumprimento das promessas de Deus ao seu povo, ou é o desperdício e o mal-entendido mais estúpido e sem sentido que o mundo já viu, ou é o centro em torno do qual gira a história mundial.

O cristianismo baseia-se na crença de que a última opção é a verdadeira. ■

— *Simply Christian*, p. 111

A história singular do Deus criador

Na história de Jesus, e particularmente em sua morte, o mal cósmico e global, em suas formas suprapessoais e pessoais, é enfrentado pelo amor soberano e salvador do Deus de Israel, YHWH, o criador do mundo. Os Evangelhos intencionalmente levam a narrativa do Antigo Testamento ao seu clímax, enquadrando essa narrativa como a história da estranha e sombria solução de Deus para o problema do mal que começou em Gênesis 3. O que os Evangelhos oferecem não é uma explicação filosófica do mal — o que é ou por que existe —, mas a história de um evento no qual o Deus vivo *lida com ele*. Como no Êxodo do Egito ou no retorno da Babilônia, só que agora com alcance totalmente cósmico, Deus resgatou seu povo dos poderes sombrios do caos. Os monstros marinhos fizeram o seu pior, mas Deus vindicou seu povo e colocou a criação em ordem.

E ele fez isso *através* do sofrimento do representante de Israel, o Messias. É isso que acontece quando YHWH diz, como em Êxodo 3:7,8 — "Observei a miséria do meu povo [...] Eu ouvi o seu choro [...] e desci para libertá-lo" — e "aqui está o meu servo" (Isaías 42:1). Como Isaías diz mais tarde (cap. 59), não foi nenhum mensageiro, nenhum anjo, mas sua própria presença que os salvou; ele foi afligido em todas as formas de aflições. Deus escolheu a rota apropriada e necessariamente ambígua de agir de *dentro* de sua criação, de *dentro* de seu povo escolhido, para

tomar sobre si toda a força do mal e assim esgotá-lo. O resultado é que a aliança foi renovada. Os pecados são perdoados; a longa noite de tristeza, exílio e morte acabou e o novo dia está nascendo. A nova criação começou, o novo mundo em que a violência será superada e o mal não existirá mais.

Portanto, no meio de tanta literatura, teorias religiosas e filosofias mundanas, os Evangelhos se destacam por contarem uma história absolutamente única: a história do Deus criador assumindo a responsabilidade pelo que aconteceu com a criação, carregando o peso de seus problemas em seus próprios ombros. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 122-3

A VITÓRIA

Nosso modo de formular classificações na teologia da expiação é insatisfatório. Fizemos as perguntas erradas, visto que não foram sobre o reino. Nosso questionamento não tem sido sobre o governo soberano de Deus tanto na terra como no céu. Em vez disso, perguntas têm sido feitas acerca de uma "salvação" que resgata pessoas *do* mundo e não *para* o mundo. "Ir para o céu" tem sido o objetivo (na igreja ocidental, desde pelo menos a Idade Média); "pecado" é o que nos impede de chegar lá; assim, a cruz deve lidar com o pecado, para que possamos deixar este mundo e ir para outro, muito melhor, no céu — ou na "eternidade", ou onde for.

Contudo, isso simplesmente não corresponde à história que os Evangelhos estão nos contando — o que, mais uma vez, explica a razão pela qual todos interpretamos incorretamente esses textos maravilhosos. Seja qual for a conquista da cruz, ela deve ser articulada, se queremos levar os Evangelhos a sério, no contexto da vitória que traz

o reino. Essa é, em última análise, a redefinição-em-ação da tarefa messiânica, a vocação messiânica para a chegada do reino. Em todos os quatro Evangelhos, não apenas em João, a cruz é a vitória que conquista o mundo. Estou cansado de explicá-la apenas da perspectiva de *Christus victor*, visto que, historicamente, essa interpretação tem sido associada com outros tipos de desenvolvimento e colocada em contraposição a outras teologias de expiação. Entretanto, a ideia de vitória messiânica como nova interpretação de um antigo tema judaico é precisamente o que os quatro Evangelhos têm em mente.

— *Como Deus se tornou rei*, p. 254-5

Uma nova forma de ser humano

O argumento que venho desenvolvendo neste livro não é apenas um enigma intelectual para teólogos discutirem em salas de seminários empoeiradas. É imediata e urgentemente prático. A "vitória" é alcançada *porque* Jesus "se deu a si mesmo por nossos pecados", resgatando e perdoando os seres humanos e, assim, rompendo as garras mortais dos poderes que eles adoravam. Uma missão baseada em uma suposta "vitória" que não tem o "perdão de pecados" em seu cerne está fadada ao fracasso. Esse é o perigo da primeira visão que esbocei: triunfalismo sem perdão em seu âmago. Uma missão baseada no "perdão de pecados" onde vemos as coisas apenas da perspectiva de "salvar almas e ir para o céu" está também fadada ao fracasso, mas de uma forma diferente. Esse é o seu perigo: uma mensagem que enfatiza o perdão, mas que não desafia os poderes mundanos que desejam governar o mundo. O Novo Testamento insiste que devemos enfatizar ambos, em sua relação adequada. É isso que tenho procurado fazer, pois,

uma vez que entendamos isso, a verdadeira vocação da igreja pode ser contemplada de forma clara de novo.

Observe o que acontece então. Quando vemos a vitória de Jesus em relação à tradição bíblica da Páscoa, reformulada através do anseio judaico pelo "perdão de pecados", *como um evento libertador dentro da história*, vemos o movimento cristão primitivo não como uma "religião" no sentido moderno, mas como uma maneira completamente nova de ser humano no mundo e para o mundo. As pessoas falam levianamente da "ascensão do cristianismo" ou mesmo de Jesus como o "fundador do cristianismo" sem perceber que dar ao movimento de Jesus um nome desse tipo (um "ismo" ao lado de todos os "ismos") é uma maneira de diminuí-lo, de torná-lo um exemplo de certa categoria, uma espécie dentro de um gênero. Os contemporâneos de Jesus certamente não o entendiam dessa forma. Pensar em seu movimento revolucionário dessa maneira é distorcer seu senso de missão. ■

— *The day the revolution began*, p. 362

Ao pé da cruz

De alguma forma, a morte de Jesus era vista por ele mesmo, e então por aqueles que contaram e escreveram sua história, como o meio definitivo pelo qual o reino de Deus foi estabelecido. A crucificação foi a resposta alarmante à oração para que o reino de Deus viesse à terra como no céu. Foi o Êxodo definitivo, através do qual o tirano foi derrotado, o povo de Deus foi libertado e recebeu uma nova vocação, e a presença de Deus foi estabelecida em meio ao seu povo de forma completamente nova, para a qual o próprio Templo era apenas um sinal. Essa é a razão pela qual, no Evangelho de João, a "glória de Deus" — com todos os ecos do retorno antecipado de YHWH a Sião — é revelada

por meio de Jesus, por meio de sua carreira pública, nos "sinais" que ele fazia, mas final e plenamente quando foi "levantado" na cruz.

Como pode ser isto? Como a execução horrível e brutal de um jovem profeta pode ser o meio de estabelecer o reino de Deus? O que significa dizer, como fizemos ao longo deste livro, que o ponto da história é que o Messias, por meio de sua morte, possibilitou o reinado de Deus na terra? ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 232-3

Os inimigos, as acusações e a cruz

Acho que podemos e devemos dizer ao menos isto: segundo a interpretação que Jesus deu da batalha que estava lutando, Roma não era o verdadeiro inimigo. O verdadeiro inimigo a ser enfrentado pelo amor de Deus é o poder da anticriação, o poder da morte e da destruição, a força da acusação — o Acusador, que expõe o seu caso contra toda a raça humana e contra o mundo, destacando que todos são corruptos e decadentes, que todo ser humano contribuiu para o problema com sua própria idolatria e pecado. O pior é que essa acusação é verdadeira. Todo ser humano realmente adorou o que não é divino e, por isso, falhou em refletir a imagem de Deus no mundo. A humanidade e a criação estão, portanto, sujeitas à corrupção e à morte. Nesse sentido, o Acusador está absolutamente certo.

Todavia, o Acusador está errado em imaginar que essa é a última palavra do criador. O que vemos por toda a carreira pública de Jesus é que ele mesmo está sendo acusado — acusado como blasfemo pela autoproclamada "polícia intelectual", acusado de estar fora de si por sua própria família e acusado até por seus seguidores de conduzir sua vocação na direção errada. Todas as vertentes da maldade no decorrer

da história humana e da antiga história bíblica se interligam à medida que os Evangelhos contam a história de Jesus, de demônios bradando na sinagoga à incompreensão irônica dos mediadores do poder, passando pela fragilidade e tolice de seus próprios amigos e seguidores.

Finalmente, claro — e este é o ponto na história para o qual os Evangelistas chamam nossa atenção — Jesus é acusado na frente dos principais sacerdotes, do sinédrio e pelo próprio sumo sacerdote. Ele é acusado de artimanhas contra o Templo; acusado de proibir o pagamento de tributo a César (estratagema padrão de revolucionários); acusado de reivindicar ser rei dos judeus, um líder rebelde; acusado de blasfêmia, de reivindicar ser filho de Deus. Acusações se amontoam de todos os lados, com líderes acusando Jesus perante Pilatos; e Pilatos acaba por fazer o que todas as acusações contra Jesus, em todo o evangelho, exigem: entrega-o para ser crucificado. Jesus, em outras palavras, aceitou as acusações pendentes contra o mundo e contra toda a raça humana, carregando-as em si mesmo. É isso que os Evangelistas procuram nos mostrar na forma que narraram a história. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 233-4

A força do amor

Os poderes que colocaram Jesus na cruz não perceberam que, ao fazê-lo, estavam, na verdade, servindo ao propósito de Deus, desvendando a "sabedoria" que jaz no coração do universo. Paulo o coloca de maneira ainda mais positiva, vendo a cruz como a arma pela qual Deus tirou a armadura protetora dos governantes e das autoridades, como soldados faziam aos inimigos derrotados:

> E foi na cruz que ele despojou os governantes e as autoridades de suas

> armaduras. Ele humilhou esses poderes publicamente, celebrando seu triunfo sobre eles (Colossenses 2:15).

Ou seja: ao morrer na cruz, Jesus obteve vitória sobre "governantes e autoridades" que esculpiram este mundo de acordo com seu próprio caminho violento e destrutivo. O estabelecimento do reino de Deus significa o destronar dos reinos do mundo, não para substituí-los com outro, basicamente do mesmo tipo (um que estabelece sua vontade pela força de armas superiores), mas por um reino cujo poder é o poder do servo, e cuja força é a força do amor. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 218-9

O significado da morte de Jesus é encontrado em uma refeição

Os quatro Evangelistas deixam completamente claro que devemos relacionar o reino de Jesus e sua morte com o Templo — ou, antes, com o cumprimento do papel de templo na pessoa de Jesus (um dos temas principais em João). É cada vez mais reconhecido, penso eu, que os Evangelistas sinópticos apresentam a Última Ceia como um momento de "novo templo". Jesus, tendo pronunciado o juízo de Deus sobre o antigo Templo em sua ação dramática, seguida por seu discurso no monte das Oliveiras, reúne os discípulos ao redor de si para celebrar uma "refeição de Páscoa diferente", uma refeição que não apenas remontava ao passado, ao êxodo, como de costume, mas também antecipava o novo êxodo que Jesus estava para cumprir. Como todas as refeições de Páscoa, não se tratava apenas de um sinalizador, mas de um meio, pelo compartilhar do alimento e do vinho, de participar do acontecimento prestes a ocorrer. Quando Jesus quis explicar aos

discípulos o significado de sua morte, não lhes deu uma teoria, mas uma refeição. Os Sinópticos o ressaltam de uma forma, enquanto João, de outra (com a lavagem dos pés, capítulo 13). ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 250-1

A ceia do Senhor anuncia sua vitória

Jesus usou sua última refeição com seus seguidores não apenas como uma maneira de explicar o que sua morte iminente significaria, mas como uma maneira de capacitá-los a participar dessa morte, tornando-a literalmente parte da vida por meio do ato de comer o pão e beber o vinho. Paulo fala sobre esse evento em Corinto, onde, como ele diz em 1Coríntios 8:5, havia "muitos 'deuses' e muitos 'senhores'", todos fazendo o possível para atrair os jovens cristãos para longe de Jesus. "Pois, sempre que vocês comerem esse pão e beberem desse cálice, estão anunciando a morte do Senhor até que ele venha" (11:26). Ele não está dizendo que a cerimônia da Ceia do Senhor é uma boa ocasião para um sermão sobre o significado da morte de Jesus, embora, sem dúvida, isso às vezes também seja verdade. O que ele está dizendo é que *a ceia em si anuncia essa verdade*.

Pense em como isso funciona. O evento real — o partir do pão, o derramamento do vinho e a partilha de ambos em nome de Jesus, que lembram sua última refeição antes de sua morte — efetivamente faz um anúncio público. Isso pode ter parecido estranho para os coríntios, que estavam acostumados a compartilhar o pão e o vinho de forma particular, não na frente de seus vizinhos pagãos ou do mundo em geral. Mas a palavra que Paulo usa para "anunciar" (*katangello*) era

regularmente usada, na cultura daquela época, para descrever o anúncio de um decreto público. Se chegasse uma mensagem de Roma com um novo decreto imperial a ser lido no fórum público em Corinto com todos os cidadãos atentos, *katangello* poderia muito bem ser a palavra que você usaria para descrever o que estava acontecendo.

Então, o que Paulo quer dizer aqui? O ato de realizar a Ceia do Senhor *declara* a verdade da morte e ressurreição de Jesus: partir o pão e compartilhar o cálice em nome de Jesus *declara* sua vitória sobre os principados e potestades. É a declaração de um novo fato sobre o mundo. Por meio desse ato, as forças sombrias que usurpam o controle sobre a boa criação de Deus e sobre as vidas humanas são confrontadas com a notícia de sua derrota. A ceia envergonha os poderes das trevas prontos para agir, os quais aguardam ainda por uma pequena adoração da parte dos seres humanos, para que possam usar esse poder — usurpando-o dos seres humanos, que deveriam de fato exercê-lo —, a fim de escravizar as pessoas, tornando-as incapazes de resistir às tentações que os poderes trazem em seu repertório. A refeição do partir do pão, a festa de Jesus, anuncia às forças do mal que Jesus é o Senhor, que ele enfrentou os poderes do pecado e da morte e os derrotou, e que ele ressuscitou para lançar o novo mundo no qual a própria morte não terá autoridade. ■

— *The day the revolution began*, p. 379-80

O terror da cruz

Nós, no Ocidente moderno, que usamos joias de cruzes em volta do pescoço, as estampamos em Bíblias e livros de orações e as carregamos em alegres procissões, precisamos ser lembrados regularmente de que "cruz" era uma palavra que você provavelmente não usaria em voz alta

na sociedade polida do primeiro século. Se o fizesse, não apenas estragaria completamente o jantar, mas perderia também algumas boas noites de sono. E se tivesse a má sorte de presenciar uma ou duas crucificações, como muitos no mundo romano, seu próprio sono teria sido invadido por pesadelos à medida que as memórias voltassem à tona, memórias de humanos meio vivos e meio mortos, pendurados talvez por dias a fio, cobertos de sangue e moscas, mordiscados por ratos, bicados por corvos, com parentes chorando, mas indefesos, ainda vigiando, e com multidões hostis ou zombeteiras acrescentando seus insultos aos terríveis ferimentos. Tudo isso explica a afirmação de Cícero de que tudo o que diz respeito à crucificação, incluindo a própria palavra *crux*,

> deve ser afastado não apenas da pessoa de um cidadão romano, mas de seus pensamentos, olhos e ouvidos. Pois não é apenas a ocorrência real dessas coisas, ou a permanência delas, mas a responsabilidade para com elas, a expectativa, na verdade, a própria menção delas, que é indigna de um cidadão romano e de um homem livre (*In verrem,* 16). ■
>
> — *The day the revolution began*, p. 54

A ressurreição resulta da vitória da cruz

A cruz faz do Gólgota o novo monte santo. Agora é a ele que as nações virão para prestar homenagens ao verdadeiro Senhor do mundo. Aquele entronizado no Gólgota, com a inscrição "Rei dos Judeus" sobre a cabeça, deve receber as nações por herança, e os confins da terra por possessão. Sua vitória sobre as nações não será com armas e bombas, mas com o seu povo, em sofrimento e testemunho. É assim que, para os quatro Evangelistas, o reino e a cruz finalmente se juntam; é assim que o

mais obscuro dos "poderes" deve ser subjugado. Para que Deus se torne rei, governantes usurpadores devem ser expulsos.

No decorrer de sua carreira pública, Jesus esteve envolvido com a inauguração desse projeto. Mas foi na cruz que ele chegou à sua triunfante conclusão. É por isso que Pedro, ao tentar desviar Jesus de sua vocação para sofrer, foi chamado de "Satanás". É por isso que as vozes zombadoras, instando Jesus a descer da cruz, ecoam de modo tão desconcertante as mesmas vozes nas narrativas da tentação (cf. Mateus 27:39-43; 4:1-10). Sem a cruz, o governo satânico continua estável. Por isso, para os quatro Evangelistas (e, conforme já defendi, para o próprio Jesus), a cruz é a tarefa messiânica definitiva, a última batalha. Os Evangelistas não veem a cruz como uma derrota e a ressurreição como uma vitória surpresa. A ideia da ressurreição é que ela resulta imediatamente da vitória obtida na cruz. O pecado foi aniquilado. O "acusador" não tem mais nada a dizer. O criador pode, agora, inaugurar sua nova criação. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 222

"Rei dos Judeus"

A palavra latina *titulus* era usada para descrever a notificação pública que seria afixada à cruz de um criminoso condenado, indicando a acusação que levara a esse veredito extremo. (A prática era bem conhecida em países europeus, pelo menos até o século 19.) Embora céticos tenham desafiado a narrativa dos Evangelhos em muitos aspectos, o relato da crucificação é geralmente considerado fato bem estabelecido, visto que se encaixa na prática romana, está registrada nos quatro Evangelhos e dificilmente teria sido inventada (a execução de

Jesus foi um acontecimento público, e muitas pessoas teriam lido, elas próprias, a notificação).

O ponto é que, nos quatro Evangelhos, leitores são incentivados a ver a morte de Jesus como algo explicitamente "monárquico", explicitamente "messiânico" — em termos mais simples, explicitamente relacionado à vinda do "reino". Durante todo o seu ministério, Jesus vinha anunciando que o reino de Deus estava próximo. Seus seguidores podem ter esperado que esse anúncio levasse a uma marcha para Jerusalém, onde Jesus faria o que fosse necessário para completar o que começara. E eles estavam certos — mas de modo algum no sentido que esperavam ou queriam. É isso que os Evangelistas estão dizendo por meio desse momento particular na história. É assim que o reino de Deus devia se manifestar, o reino de Deus que Jesus vinha anunciando e, como Messias, inaugurando.

— *Como Deus se tornou rei*, p. 230-2

A loucura da mensagem da cruz

Toda vez que Paulo entrava em uma nova cidade ou vilarejo e abria a boca, sabia perfeitamente que sua palavra não fazia sentido a seus interlocutores. Assim como o próprio Jesus, o "sinal" oferecido não era o tipo de coisa que o mundo judeu queria ou esperava. Um Messias crucificado de certa forma era uma contradição.

Quanto ao mundo não judeu, a sugestão de que um *judeu* podia ser o novo "Senhor" sobre todos os demais era ruim o bastante, mas um homem *crucificado*? Todos sabiam que a crucificação era a morte mais vergonhosa e horrível que se podia imaginar. Como, então, tal pessoa podia ser aclamada como *Kyrios*? E, ao responder (como o faria Paulo) que Deus ressuscitou esse homem dentre os mortos, simplesmente

confirmaria aos ouvintes de que ele estava, de fato, fora de si. (Mais tarde, um governador romano o acusaria dessa forma, mas Paulo deve ter se acostumado a ouvir isso.) Todos sabiam que não existia ressurreição. Era um bom sonho, talvez — embora muitos tenham dito que preferiam deixar o corpo para trás de uma vez por todas —, mas, de qualquer forma, não há por que alguém viver na terra da fantasia.

— *Paulo: uma biografia*, p. 242

Tornando-se genuinamente humano

A morte de Jesus, conforme explicado em Romanos 8:1-4, certamente carrega um aspecto *penal*. Diz respeito ao castigo do Pecado; não o pecado de Jesus, é claro, mas mesmo assim, um castigo. Além disso, carrega também um aspecto *substitutivo*: Deus condenou o pecado (na carne do Messias) e, portanto, os pecadores que estão "no Messias" não são condenados. Um morre, para que muitos possam viver. Todos aqueles fragmentos narrativos que vimos em Lucas e João se destacam. "Este homem não fez nada de errado". "Deixe um homem morrer pelo povo, em vez de toda a nação ser exterminada". Mas essa substituição encontra seu verdadeiro significado não em uma "aliança de obras" comum, mas na narrativa de Deus e Israel, na narrativa vocacional, na história *contada na Bíblia*. Uma vez que inserimos esse aspecto substitutivo em seu contexto apropriado e o resgatamos do cativeiro pagão, seu lugar de direito no coração da narrativa judaica e messiânica pode ser retomado, a história através da qual — em Romanos 8:4 como em outros lugares — os humanos são resgatados não para que possam "ir embora para o céu", mas para que "o veredito correto e adequado da lei pudesse cumprir-se em nós, uma vez que não vivemos segundo a carne,

mas segundo o espírito". Os humanos são resgatados para serem "glorificados", isto é, para que possam retomar a existência humana genuína, carregando a imagem divina, refletindo a sabedoria e o amor de Deus no mundo.

O que Paulo fez foi inserir a questão do pecado dentro da narrativa maior do reino de Deus — o que os Evangelhos também fizeram, à sua própria maneira. A nova Páscoa (o resgate do poder escravizador) é alcançada por meio da vitória sobre o pecado; só assim, com os "pecados" crescendo em toda a sua extensão como "Pecado", as duas histórias finalmente se fundem em uma. Em outras palavras, Paulo contou a longa e triste história de Israel e finalmente chegou na parte da "escravidão" do "exílio", como em Deuteronômio 28. Israel precisava de um recomeço, como está descrito em Deuteronômio 30, que Paulo cita exatamente nesse sentido em Romanos 10. Porém, para isso, como insistiam os profetas, os pecados de Israel precisavam ser tratados para que o "exílio" pudesse ser desfeito. Paulo mostrou agora, por meio da narrativa complexa, mas cuidadosamente congruente, que contou, como isso se une à expectativa maior do "novo Êxodo". No centro dessa dupla história conjunta, ele contou a história do Messias, aquele que representa Israel e que, portanto, se torna o "lugar" onde o pecado ataca com sua força suprema. Novamente, isso ressoa com a narrativa dos quatro Evangelhos, nos quais, como vimos, todo tipo de mal estava se acumulando como uma tempestade enquanto Jesus anunciava o reino. O mal então se reuniu e finalmente liberou toda a sua fúria sobre ele. ■

— *The day the revolution began*, p. 287-8

Antes de oferecer respostas bíblicas, faça perguntas melhores

Quando os reformadores estavam desenvolvendo suas próprias maneiras de explicar o que a morte de Jesus alcançou, dois dos seus alvos polêmicos — o purgatório e a missa — os levaram a ser bastante cautelosos em evitar o que viam como abuso eclesial. Parece-me que, em termos gerais, os reformadores e seus sucessores estavam *tentando dar respostas bíblicas às questões medievais*. Eles estavam lutando com a questão de como o Deus irado do final do período medieval poderia ser pacificado, tanto aqui (através da missa?) como no futuro (no purgatório?). Em ambos os casos, eles responderam: não, a ira de Deus já foi pacificada com a morte de Jesus. Tentar realizar isso novamente não é apenas desnecessário, como ofensivo à obra definitiva de Jesus, como se estivéssemos insinuando que a morte de Jesus foi de alguma forma, afinal, inadequada. Eles não desafiaram a ideia subjacente, isto é, de que o evangelho tem relação com pacificar a ira divina. Foi simplesmente assumido que esse era o problema que Paulo estava abordando em Romanos 1:18-32 ou mesmo em 1Tessalonicenses 1:10 ou 5:9.

É claro que se você está tentando responder perguntas medievais, é melhor dar a elas respostas bíblicas do que não bíblicas. Entretanto, os próprios textos bíblicos podem sugerir que havia perguntas melhores a ser feitas, as quais acabam sendo desconsideradas pelo foco excessivo nas erradas. Como já observei algumas vezes ao ler os Evangelhos, é possível preencher todos os requisitos exegéticos, mas ainda assim terminar com o resultado errado, como uma criança fazendo um desenho entre pontos, mas que, por não perceber o significado dos números, acaba com um elefante e não com um burro.

Devo acrescentar também que esses dois ou três últimos parágrafos, tomados isoladamente, poderiam dar uma visão muito negativa dos

reformadores. Lutero e seus colegas eram expositores bíblicos enérgicos, entusiasmados com a mensagem do Novo Testamento sobre a graça e o amor de Deus, a qual eles não ouviram ser ensinada nos dias de sua juventude. Em particular, eles voltaram várias vezes à graça, amor, fé, esperança, liberdade e alegria como as razões últimas para tudo, e certamente as razões finais para seu próprio entusiasmo e energia. Isso, para eles, era o que importava. No entanto, em sua insistência em certas maneiras particulares de entender o ensino bíblico sobre a morte de Jesus, os dois fatores que destaquei — purgatório e missa — permaneceram extremamente influentes. Mesmo quando eles estavam olhando com gratidão para a cruz como o sinal efetivo do amor de Deus, essas preocupações e a necessidade de consolidar uma Reforma em que os abusos não voltassem a uma igreja semiensinada permaneceram poderosas. ■

— *The day the revolution began*, p. 32-3

Um evangelho confuso?

Não são apenas aqueles que estão fora da fé cristã que enxergam na cruz um símbolo de medo. Muitos dentro da igreja também buscaram se desvincular de uma interpretação particular que, de uma forma ou de outra, dominou grande parte do cristianismo ocidental ao longo do último meio milênio. Um hino recente usa as seguintes palavras:

> E na cruz, quando Jesus morreu,
> a ira de Deus foi satisfeita

(Isso faz parecer que a fome é saciada por uma boa refeição.) A sequência do raciocínio é formulada da seguinte forma, geralmente

baseada em um arranjo particular de textos bíblicos:

A. Todos os humanos pecaram, fazendo com que Deus ficasse irado e quisesse matá-los, queimá-los para sempre no "inferno".
B. Jesus de alguma forma tomou nosso lugar e recebeu a punição (e, ao que parece, o fato de ele ser inocente foi uma grande ajuda nisso tudo. Ah, e claro, que ele também era filho de Deus).
C. Por fim, então, estamos livres para ir para o "céu" (desde que, é claro, creiamos nisso).

Muitos pregadores e professores colocam de forma muito mais sutil, mas essa ainda é a história que as pessoas ouvem. Essa é a história que elas *querem* ouvir. Em algumas igrejas, se você não contar essa história mais ou menos dessa maneira, as pessoas dirão que você não está "pregando o evangelho".

A reação natural de muitos que cresceram ouvindo essa mensagem e sentindo que *tinham* que crer nela (se não cressem, iriam para o inferno) é que sua imagem de Deus é abominável. Esse Deus, tais pessoas sentem instintivamente, é um tirano sanguinário. Se existe um Deus, devemos esperar e orar para que ele (ou ela) não seja assim. Então, eles reagem de várias maneiras previsíveis. Algumas rejeitam a coisa toda como um absurdo horrível. Outros, intrigados, voltam às suas Bíblias e aos grandes mestres da igreja primitiva, e lá encontram todo tipo de outras coisas sendo ditas sobre a cruz, por exemplo, que foi o meio pelo qual o amor salvador de Deus conquistou a vitória sobre todas as forças das trevas. Ou encontram escritores antigos exortando os cristãos a imitarem o amor abnegado de Jesus, e eles se apegam a isso como a "resposta": a cruz, eles dizem, não era sobre Deus punindo o pecado; era

sobre Jesus nos dando o exemplo supremo de amor. Assim, muitas interpretações diferentes surgiram, afetando as maneiras pelas quais as pessoas foram ensinadas sobre a Bíblia e a fé cristã. E isso tem gerado bastante confusão em nosso meio. ■

— *The day the revolution began*, p. 38-9

Um erro grave

O perigo desse tipo de ensino popular — e exemplos não são difíceis de encontrar — é que, em última instância, acabamos distorcendo um dos versículos mais famosos da Bíblia. Já citei a versão King James de João 3:16: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito". Veja os dois verbos: Deus *amou* o mundo de tal maneira que *deu* seu Filho. O problema com a versão popular que descrevi é que pode ser facilmente entendida como dizendo, em vez disso, que Deus *odiou* tanto o mundo que *matou* seu único filho. E isso não soa como uma boa notícia. Se chegarmos a essa conclusão, sabemos que não cometemos apenas um erro trivial que poderia ser facilmente corrigido, mas um erro grave. Retratamos Deus não como o Criador generoso, o Pai amoroso, mas como um déspota irado. Essa ideia não pertence à figura bíblica de Deus, mas às crenças pagãs. ■

— *The day the revolution began*, p. 43

O abuso do amor

Muitas pessoas apontaram que a ideia de uma divindade raivosa e intimidadora que precisa ser apaziguada, comprada, e ter sua ira derramada sobre alguém, mesmo que não seja a pessoa certa, se encaixa desconfortavelmente bem com o modo em que muitas autoridades

humanas se comportam: tiranos, governantes, patrões, algumas vezes, tragicamente, pais ou homens mais velhos dentro das famílias tradicionais; e, claro, às vezes, o clero. As pessoas que cresceram em uma família com um pai violento, talvez bêbado, ou que foram abusadas de uma forma ou de outra por pessoas de autoridade ouvem alguém no púlpito contando a história do Deus irado e pensam: "conheço esse personagem, e eu o odeio". Não adianta dizer às pessoas nesse estado de espírito que esse Deus irado é realmente um Deus amoroso disfarçado. "Se isso é amor", eles pensam, "então eu não quero". Elas possivelmente foram informadas por um abusador acerca do quanto este as "amava". Você não pode resgatar alguém das cicatrizes de uma educação abusiva repetindo a mesma narrativa em uma escala cósmica e pronunciando a palavra "amor" ao fazê-lo. ■

— *The day the revolution began*, p. 44

Uma aliança de vocação

A "aliança de obras" funciona da seguinte forma na mente popular. Deus disse às suas criaturas humanas que guardassem um código moral; a continuidade de sua vida no Jardim do Éden dependia de que guardassem esse código perfeitamente. O fracasso incorreria na pena de morte. Isso foi então repetido no caso de Israel com um código moral mais detalhado, a lei mosaica. O resultado foi o mesmo. Os humanos estavam, portanto, indo para o inferno e não para o céu. Finalmente, porém, Jesus obedeceu a essa lei moral perfeitamente e em sua morte pagou a pena em favor do resto da raça humana. O arranjo abrangente (a "aliança de obras") entre Deus e os humanos permaneceu o mesmo, mas Jesus havia feito o que era necessário. Aqueles que se valem dessa conquista crendo nele e assim se beneficiando de sua realização vão para

o céu, onde desfrutam de comunhão eterna com Deus; aqueles que não o fazem, não vão para o céu. A "aliança de obras" permanece intacta ao longo de toda a história.

Esse esquema é regularmente explicado com referência aos três primeiros capítulos da carta de Paulo aos Romanos. Lá, um dos principais termos técnicos é "justiça", em grego *dikaiosyne*. Por muitos séculos e em muitas tradições, a "justiça" foi entendida como o status moral que teríamos se tivéssemos mantido a "aliança de obras" de forma perfeita, e então (por várias explicações) como o status que podemos ter pela fé porque, apesar de nossa falha moral, Jesus tomou o castigo e assim proveu a "justiça" de forma graciosa, como um presente ("a justiça de Cristo").

O problema — para ser franco — é que não é disso que se trata a carta aos Romanos. Tal visão do relacionamento entre Deus e os humanos é uma caricatura; é, até mesmo, antibíblica. Ela insiste em nos levar a um objetivo muito diferente daquele proposto nas Escrituras. Ignora, em particular, o significado real das escrituras de Israel, tanto em si mesmas quanto na forma que foram lidas pelos primeiros cristãos. E insiste em um diagnóstico da situação humana que é, ironicamente, trivial em comparação com a realidade.

O que a Bíblia oferece não é uma "aliança de obras", mas uma aliança de *vocação*. A vocação em questão é a de ser um ser humano genuíno, com tarefas genuinamente humanas a cumprir como parte do propósito do Criador para o seu mundo. A principal tarefa dessa vocação é "portar a imagem", refletindo a sábia administração do Criador no mundo e refletindo os louvores de toda a criação de volta ao seu criador. Aqueles que o fazem são o "sacerdócio real", o "reino dos sacerdotes", as pessoas que são chamadas a permanecer no ponto perigoso, mas estimulante,

onde o céu e a terra se encontram. Ao dizer isso, estou ecoando o que muitos teólogos (incluindo João Calvino, o fundador de todas as teologias "reformadas") disseram antes de mim. Isso não é surpreendente, porque está tudo na Bíblia. Mas essa não é a história normalmente contada na pregação e no ensino popular. ■

— *The day the revolution began*, p. 75-6

Carregando as cicatrizes de Jesus

O reino de Deus está de fato penetrando o mundo, mas pertencer a esse novo tempo, esse novo governo divino, significará passar por sofrimento. O "presente tempo" e o "tempo vindouro" estão friccionando um ao outro, como pedras de moinho superior e inferior, à medida que o novo mundo de Deus é gerado. Aqueles que estão arrebatados pela mensagem de Jesus *serão pegos no fogo cruzado e proverão, em si mesmos, evidência ainda maior da mensagem*, a notícia de que um Messias crucificado é agora o Senhor de todo o mundo.

Os paradoxos do apostolado de Paulo são, assim, evidenciados desde o início de sua carreira itinerante. Em certo sentido, toda escrita que posteriormente flui de sua pena torna-se um conjunto complicado de notas de rodapé à realidade que ele já estava descobrindo e modelando. Quando Paulo escreve às igrejas da Galácia e menciona sua visita, afirma que foi "devido a uma fraqueza física que anunciei o evangelho a vocês pela primeira vez."

Penso ser muito mais provável que as pobres condições físicas às quais Paulo se refere sejam resultado da violência a que foi sujeito. No mundo antigo, assim como no de hoje, a aparência física de figuras públicas exercia influência considerável na forma como eram avaliadas, portanto, alguém que aparecesse em uma cidade logo após ser

apedrejado ou espancado dificilmente passaria por uma personalidade imponente. Entretanto, os gálatas acolheram Paulo como se fosse um anjo do céu, ou mesmo até o próprio Messias, e, conforme explicaria posteriormente, as marcas físicas de identificação com as quais se importava não eram os sinais da circuncisão, mas "as marcas de Jesus" — em outras palavras, sinais do sofrimento que passara. Quando, posteriormente, Paulo se depara com sofrimento também em outros níveis, incluindo o que parece ser um colapso nervoso, explica que, a despeito de não gostar, também isso fazia parte do significado de ser um apóstolo. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 145-7

A PROMESSA

Verdadeiramente, se acreditamos no Deus de Mateus, o Emanuel, devemos aprender como ver a Deus dessa maneira. Lembre-se que quando Jesus morreu, a terra tremeu e as rochas foram despedaçadas, enquanto o céu escureceu ao meio-dia. O Deus criador nem sempre nos salvará *dessas* forças obscuras, mas nos salvará *em meio a elas*, estando conosco nas trevas e nos prometendo — sempre nos prometendo — que a nova criação iniciada na Páscoa um dia será completada, e então haverá cura total, entendimento total, reconciliação total, consolo total. Os espinhos e cardos serão substituídos por cipreste e murta. Não haverá mais mar. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 127

VOCÊ TEM MENOSPREZADO A CRUZ?

Acredito que tudo isso gere uma visão tão grande e abrangente da cruz e de suas conquistas que a única coisa que nos resta é contemplá-la. Todas as "teorias" de "expiação" encaixam-se confortavelmente nessa visão, porém ela vai muito, muito além de todas elas, alcançando limites desconhecidos e indomáveis de história e teologia, política e imaginação. Infelizmente, diminuímos a cruz, imaginando-a apenas como um mecanismo por meio do qual podemos escapar da nossa perversidade egoísta ou como exemplo de alguma verdade benevolente. Contudo, trata-se de algo muito, muito maior.

A cruz é o momento em que a história de Israel alcança seu ponto culminante; o momento em que, enfim, sentinelas nas muralhas de Jerusalém veem o seu Deus retornar em seu reino; o momento em que o povo de Deus é renovado para ser, finalmente, o sacerdócio real que tomará posse do mundo, não por amor ao poder, mas pelo poder do amor; o momento em que o reino de Deus vence os reinos deste mundo. É o momento em que uma grande porta antiga, trancada e lacrada desde a nossa primeira desobediência, escancara-se de repente, revelando não apenas o jardim, aberto mais uma vez para o nosso deleite, mas a cidade vindoura, o jardim-cidade que Deus sempre planejou e que agora nos convida a adentrar e a edificar consigo. O poder das trevas, um obstáculo no caminho da visão do reino, foi derrotado, destronado e anulado. Suas legiões ainda farão muito barulho e causarão muita dor, mas a vitória definitiva agora está assegurada. Essa é a visão que os Evangelistas nos oferecem ao unirem o reino e a cruz. ■

— *Como Deus se tornou rei*, p. 251-2

Aproprie-se da cruz como sua própria história

Não precisamos (é claro!) eliminar a ideia de Jesus "morrer por nossos pecados". Na verdade, isso continua no centro. Mas essa ideia é reorientada, recontextualizada, colocada dentro de uma narrativa, não da petulância divina, mas do amor inquebrantável da aliança divina, incorporado na pessoa real, vida, ações e ensinamentos do próprio Jesus. Significa que, para nos apropriarmos disso, para nos beneficiarmos dessa história, não é simplesmente uma questão de acreditar em uma doutrina abstrata específica — esta ou aquela teoria de como a "expiação" pode ser considerada como "efetiva". Sem dúvida, isso pode ajudar, embora, como vimos, com as abstrações muitas vezes vêm as distorções.

Os Evangelhos nos convidam *a nos apropriarmos dessa história, a torná-la nossa história*, a viver dentro da narrativa em todas as suas voltas e reviravoltas e nos vermos entre as multidões que seguiam e observavam Jesus realizando sua obra de trazer o reino. Além disso, somos chamados a ver a própria vida da igreja, em temor e tremor (porque sabemos de suas profundas ambiguidades), como a continuação dessa narrativa. Em particular, como os seguidores de Jesus desde o início sabiam muito bem, é através das repetidas refeições nas quais a Última Ceia é trazida à vida mais uma vez que nos apropriamos dessa história, tornando-a nossa. Se era assim que Jesus queria que seus seguidores não apenas entendessem, mas também se apropriassem do significado da morte que ele sofreria, temos ótimas razões para levá-la a sério como o sinal e o antegozo do reino por vir, carregando dentro de nós a certeza de que também somos aqueles que compartilham o

"perdão de pecados". E, com isso, os Evangelhos dão a quem os lê a energia e o senso de direção para serem pessoas de bem-aventurança para o mundo, sabendo que a vitória foi de fato conquistada na cruz, que Jesus já está instalado como o legítimo governante do mundo e que o seu caminho de paz e reconciliação se mostrou mais poderoso do que todos os poderes do mundo. ■

— *The day the revolution began*, p. 224-5

Ouse crer

Os Evangelhos nos colocam questões em todos os níveis, questões sobre o que chamamos de expiação, bem como sobre o que chamamos de problema do mal. Ousamos ficar diante da cruz e admitir que tudo isso foi feito em nosso favor? Ousamos tomar todos os significados da palavra *Deus* e permitir que sejam recentralizados, redefinidos por esse homem, esse momento, essa morte? Ousamos pegar o caos das forças das trevas dentro de nós e permitir que Jesus as repreenda como repreendeu o vento e as ondas no Mar da Galileia? Atrevemo-nos a abordar as consequências do que Jesus disse, que os governantes do mundo se comportam de uma maneira, mas não devemos seguir seus exemplos? Ousamos unir a teologia da expiação e a teologia política, com a mensagem profundamente pessoal, de um lado, e a mensagem totalmente prática e política, do outro, nos afastando do caminho de Tiago e João, o desejo de invocar fogo do céu sobre nossos inimigos, para abraçar o caminho de Jesus? Ousamos viver a mensagem da justiça restaurativa de Deus, reivindicando a vitória da cruz não apenas sobre a óbvia maldade do mundo, mas sobre a maldade daqueles que combatem fogo com fogo e, com isso, acabam trazendo mais problemas através de suas soluções? Ousamos ficar ao pé da cruz, sentindo as nuvens de

tempestade escurecerem acima e a terra tremer sob nossos pés, e orar mais uma vez para que Deus conclua sua nova criação, faça o lobo e o cordeiro deitarem juntos, poderosas ondas do mar se aquietarem e se afastarem para sempre, para estabelecer os novos céus e a nova terra em que a justiça e a alegria habitarão para sempre?

O mal pode parecer ainda exercer seu poder sobre o mundo; mas o Deus todo-poderoso é amor! ■

— *Surprised by Scripture*, p. 127-8

Amor

Quem nos separará do amor do Messias? Sofrimento, ou miséria, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como diz a Bíblia:

"Por sua causa estamos sendo mortos o dia todo;

Somos considerados ovelhas destinadas ao abate".

Não! Em todas essas coisas, somos completamente vitoriosos por meio daquele que nos amou. Estou persuadido, vejam bem, de que nem morte nem vida, nem anjos nem dominadores, nem o presente, nem o futuro, nem poderes, nem altura ou profundidade, tampouco qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus no Rei Jesus, nosso Senhor! ■

— Romanos 8:35-39, *The Kingdom New Testament*, p. 324-5

Ele nos ama ao extremo

O Evangelho de João é uma grande história de amor, *a* maior história de todos os tempos. João planta o amor no centro de seu livro e, a partir disso, estende os braços para o que aconteceu antes e para o que vem depois:

> Isso aconteceu antes da festa da Páscoa. Jesus sabia que chegara a hora, a hora de deixar este mundo e voltar para o pai. Ele amava os seus que estavam no mundo e os amou até o fim (João 13:1).

Eu amo o "até o fim". O grego é ainda mais nítido: *eis telos*, "ao objetivo", "ao extremo". Não é uma mera referência ao tempo ("ele nunca deixou de amá-los"), e sim à qualidade da ação. Não havia nada que o amor pudesse fazer que não tenha feito, que Jesus não tenha feito. Um pouco mais adiante, ele afirma: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida por seus amigos. Vocês serão meus amigos se fizerem o que lhes digo" (João 15:13-14). Assim, essa frase, em 13:1, serve como uma base para tudo o que está por vir: a traição de Judas, a negação de Pedro, a prisão, a humilhação, o julgamento e a crueldade insensível do Calvário. Quando Paulo escreveu, talvez no momento mais comovente de sua carta mais intensa, que o "filho de Deus [...] *me amou e se entregou por mim*" (Gálatas 2:20), ele estava sintetizando exatamente o mesmo ponto. Leia toda a história de João, desde o começo do capítulo 13 até o final do livro, como um ato simples e único de amor que custou nada menos do que tudo. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 49-50

Envoltos nos braços de amor

O texto de João 3:16 ("Vejam, Deus amou tanto o mundo que deu seu filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna") se aplica ao livro todo. Ele nos convida a ver todo o drama da criação: os planetas, as montanhas, os confins do espaço cósmico, a menor criatura da terra, o refugiado, a criança doente, a viúva enlutada, o mediador frágil e arrogante, e o Deus criador, que fez e ama todos eles e se entristece por sua tolice, maldade e tristeza. João deseja que vejamos toda essa narrativa como reduzida e focada como um raio laser brilhante e ofuscante na única história humana desse homem Jesus, a Palavra que se tornou carne, a carne que alcançou e tocou os doentes e que foi pregada a uma cruz romana. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 51

O amor é vitorioso

Um novo tipo de poder será liberado sobre o mundo: o poder do amor abnegado. Esse é o coração da revolução que foi inaugurada na Sexta-feira Santa. Você não pode derrotar o tipo usual de poder pelos meios usuais. Se uma força supera outra, ainda é a "força" que vence. Em contraste, no cerne da vitória de Deus sobre todos os poderes do mundo está o amor abnegado, que, em obediência à antiga vocação profética, dará sua vida "em resgate por muitos". Exatamente como em Isaías 53, ao qual essa frase alude, a morte de um em favor de muitos será a chave pela qual os poderes serão derrubados, o reino de Deus introduzido (com a gloriosa Presença divina vista em plena luz pelos vigias nas muralhas de Jerusalém), a aliança renovada e a própria criação restaurada ao seu propósito original. ■

— *The day the revolution began*, p. 222

Implementando o reino pelo amor generoso

Será que realmente nos iludimos imaginando que, enquanto Jesus conquistava a vitória por meio do sofrimento e do amor abnegado, nós implementaríamos essa mesma vitória por meio de uma força de armas arrogante e jactanciosa? (Talvez sim. Afinal, Tiago e João, tão próximos de Jesus quanto qualquer um, cometeram exatamente esse erro em Lucas 9:54 e novamente em Marcos 10:35-40). Uma vez que você compreenda o tipo de revolução que Jesus estava realizando, você consegue entender por que cada passo da implementação dessa vitória no presente precisa ser marcado pelo mesmo amor generoso que levou Jesus à cruz. O amor sempre sofrerá. Se a igreja tenta obter vitórias de forma apressada ou por passos dados em algum outro espírito, pode parecer ter sucesso por um tempo. Pense na pompa e "glória" da igreja medieval tardia. A aparente "vitória", no entanto, será vazia e deixará todos os tipos de problemas em seu rastro. ■

— *The day the revolution began*, p. 374

O poder motivador da nova criação

A marca da nova criação é que ela simplesmente flui com o poder do amor. Leia as histórias, especialmente as mais longas, em Lucas 24 e João 20–21. Jesus se encontra com os discípulos, que estão tristes, envergonhados e ansiosos. Ele os chama pelo nome e lhes diz para não temerem. Então, explica o que está acontecendo, lidando com eles individualmente. O encontro com os dois no caminho de Emaús (Lucas

24) é uma das histórias mais delicadas e poderosas já escritas. O breve diálogo entre Jesus e Pedro, em João 21, é um dos encontros humanos mais comoventes já registrados. Há um amor, um sentimento profundo e comovente, que emana de Jesus. Mas esse amor é forte, poderoso, transformador, direcionador. A nova criação começou; e seu poder motivador é o amor.

É por isso que, no Evangelho de Lucas, o Jesus ressurreto ordena seus seguidores a anunciarem por todo o mundo que um novo caminho de vida foi aberto, o caminho do "arrependimento" e do "perdão" (24:47). Para nós ocidentais, isso soa um pouco sombrio, como se constituísse um ato perpétuo de contrição, remoendo "pecados" a fim de escutar alguém declará-los perdoados (até a próxima vez!). Mas é muito, muito mais do que isso. A antiga criação vive pelo orgulho e pela retribuição: defendo meus interesses e, se alguém me atrapalhar, busco vingança. Sabemos como é, já fizemos isso, e as cicatrizes com as quais ficamos o provam. Agora, existe uma forma completamente diferente de viver, um caminho de amor, reconciliação, cura e esperança. É uma forma que ninguém antes tentara, uma forma impensável à maioria dos seres humanos e das sociedades — como a própria ressurreição. Precisamente. A ideia é esta. Bem-vindo ao novo mundo de Jesus. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 241-2

A ressurreição desperta o amor

Então vem a terceira pergunta a Pedro, em João 21. Desta vez, Jesus usa a palavra que Pedro havia usado. "Simão, filho de João", diz, "você é meu amigo?" Segundo João, Pedro respondeu prontamente, mas ficou chateado por Jesus ter colocado a questão dessa forma. Mas acho que o ponto é esse mesmo — e é uma lição que muitos de nós precisamos, em

nossos diferentes estágios de discipulado e serviço. Esse é, para mim, o coração da mensagem da Páscoa aplicado àqueles que desejam ser amigos de Jesus, segui-lo e servi-lo. Jesus está dizendo, "Muito bem, se é esse o lugar onde você está, é aí que vamos começar". Assim como com Maria e suas lágrimas, assim como com Tomé e seu ceticismo, Jesus encontra Pedro no meio do caminho. Ele não insiste em que Pedro seja capaz de dizer a grande palavra com A, a palavra *ágape*, imediatamente. Isso acontecerá em algum momento. Pedro está ali: "Sim, Mestre, você sabe que eu sou seu amigo". "Tudo bem, Pedro; é aí que vamos começar. Alimente minhas ovelhas. E, a propósito, as coisas vão ser difíceis; outras pessoas terão outras tarefas a fazer, mas você deve simplesmente se lembrar disso: 'Siga-me!'".

É o amor que crê na ressurreição. Inversamente, é a ressurreição de Jesus que desperta o amor — amor por ele, amor uns pelos outros, amor pelo mundo de Deus. Essa é a mensagem da Páscoa, a mensagem de esperança. Essa é a mensagem para a igreja e que deve ser transmitida por ela, através de todos nós juntos, para o mundo. Essa é a mensagem de Jesus. Que assim seja para nós, em nós e também através de nós. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 216-7

Uma nova realidade

O amor é a realidade que pertence ao futuro de Deus, vislumbrada no presente como um reflexo enigmático, aguardando por um futuro face a face, *e o ponto é que esse futuro se aproximou no tempo presente* nos acontecimentos envolvendo Jesus e no poder do espírito. Eis o motivo pelo qual o amor é mais importante para Paulo do que a "fé", vista por muitos como seu tema central. O amor é a virtude presente na qual o cristão antecipa e pratica a vida da era definitiva que está por vir.

É por isso que o último capítulo teológico da carta, o capítulo 15, cujo tema é a ressurreição do corpo, ocupa essa posição. Não é uma discussão isolada, adicionada ao final da carta e que trata de um tópico à parte, não relacionado com o que aconteceu anteriormente. É o centro de tudo. "Se o Messias não ressuscitou", declara, "inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados" (1Coríntios 15:17). A menos que isso esteja no coração de quem são, diz (aqui está sua ansiedade constante, enquadrada como desafio aos coríntios), sua fé é vã, "por nada". Exceto que não: a ressurreição de Jesus significa que um novo mundo se abriu, de modo que "no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil" (1Coríntios 15:17,2,58.). A ressurreição é a resposta final para a seguinte questão incômoda: minha vida e meu trabalho foram "em vão?" ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 287-8

O AMOR GENEROSO DA CRIAÇÃO

Deus cria "aquilo que não é Deus" a partir de *seu amor generoso*. Seu propósito é preencher, inundar, encharcar sua criação com seu amor e glória.

Eis o paradoxo no coração da antiga visão bíblica da criação, paradoxo que alcança seu ápice na pessoa do próprio Jesus e, então, na vida daqueles em quem seu Espírito habita. Deus nos criou exatamente para sermos *diferentes dele* porque é assim que o amor, o amor divino, funciona. Deus se deleitou na criação da baleia e do tamanduá, do cedro e da roseira, do jumento selvagem e dos seres que rastejam pelas sendas dos mares, do leão, rugindo pelo alimento, e dos pequenos animais peludos, que fazem de rochas e montanhas seu esconderijo. Tudo isso

está presente em Salmos 104 e em outros textos. Essa é a pura matéria do mundo. ■

— *Salmos*, p. 124-5

Por que Deus fez o mundo?

A igreja primitiva estava sempre se renovando na gratidão e no amor responsivo, não em alguma teoria. "É assim que conhecemos o amor: ele entregou sua vida por nós" (1João 3:16). "O amor consiste nisto: não em que amemos a Deus, mas no fato de que ele nos amou e enviou seu filho para ser o sacrifício que expiaria nossos pecados" (1João 4:10). "Amamos porque ele nos amou primeiro" (1João 4:19). "O filho de Deus, que me amou e deu a si mesmo por mim" (Gálatas 2:20). "Mas é assim que Deus demonstra seu amor por nós: o Messias morreu por nós enquanto ainda éramos pecadores" (Romanos 5:8). "Ele amava os seus que estavam no mundo e os amou até o fim" (João 13:1). Esse é o cerne das boas-novas de Deus. O que Deus *fez* em Jesus e o que ele *fará* no futuro estão unidos nisto: que ele é o Deus de amor total e generoso.

O amor de Deus é *criativo*. O grande poeta medieval italiano Dante encerrou sua obra-prima invocando "o amor que move o sol e as outras estrelas". Se hoje ouvimos isso como uma metáfora sentimental, é porque nossa visão do amor é muito pequena. Dante havia captado algo profundo acerca do pensamento do antigo Israel, das boas-novas dos cristãos primitivos, e que estava no centro da mente, coração e vocação de Jesus: a boa notícia de que existe de fato um Deus, um Deus que fez o mundo, um Deus que criou o mundo não porque foi forçado, mas porque sua natureza interior é um amor generoso e exuberante.

Esta é a base de todas as outras boas notícias: que o poder por trás do cosmos não é o acaso cego, nem a força bruta, mas o amor. É um amor

satisfeito que celebra a bondade e a particularidade de cada parte da criação, bem como sua totalidade extraordinária, esplêndida e viva. Um amor que cuida e se preocupa com a menor criatura e a estrela mais distante. Um amor que fez com que uma criatura em particular, o humano, compartilhasse de maneira única a capacidade de receber e dar amor, e assim compartilhasse de forma singular a vocação de trabalhar de acordo com a intenção do Criador de levar sua obra a seu cumprimento maravilhoso pretendido. Há muitas coisas no mundo que conspiram para nos fazer esquecer essa grande verdade. As boas-novas de Jesus devem não apenas nos lembrar disso, mas nos transformar para que nós mesmos possamos nos tornar pessoas transformadoras. ■

— *Simply good news*, p. 139-40

O AMOR PERMITE QUE O OUTRO FLORESÇA

Como, então, podemos pensar sabiamente sobre a atual relação de Deus com a ordem criada? Se Deus é de fato o criador do mundo, é importante salientar que a criação é diferente de Deus. Esse não é um problema moral, como às vezes se pensa (se um Deus bom faz algo que não está de acordo com quem ele é, ele não pode ser totalmente bom e, portanto, ele não é um Deus bom por fazê-lo); tampouco um problema lógico (se no início Deus é tudo o que existe, como pode haver espaço ontológico para qualquer coisa ou qualquer outra pessoa?). Como dissemos anteriormente, se a criação foi uma obra de amor, deve ter envolvido a criação de algo diferente de Deus. Esse mesmo amor permite então que a criação seja ela mesma, sustentando-a em

providência e sabedoria, mas não anulando sua integridade. Se a lógica não é capaz de compreender o amor, azar o dela.

Isso, porém, não é o fim da história. Deus pretende, no final, preencher toda a criação com sua própria presença e amor. O amor criativo de Deus, justamente por ser amor, cria um *novo* espaço para que haja coisas que são genuinamente diferentes de Deus. ■

— *Surprised by hope*, p. 101-2

Amor inabalável

A objeção normal às teorias de expiação e redenção que enfatizam a ira divina é que isso parece ir contra os temas mais profundos do Novo Testamento. Agora, é claro, a ira divina contra a rebelião humana, e particularmente contra a rebelião do povo escolhido, é claramente destacada ao longo de todas as escrituras de Israel. Notas semelhantes são encontradas no Novo Testamento, principalmente no ensino do próprio Jesus. A sugestão de que o "pecado" não desperta a ira de Deus (uma ideia frequente no pensamento moderno como uma reação contra as caricaturas de uma divindade mal-humorada) precisa ser tratada com desdém. Quando Deus olha para o pecado, o que ele vê é o que um fabricante de violinos veria se algum jogador usasse sua adorável criação como uma raquete de tênis. Mas aqui está a diferença. Em muitas expressões da religião pagã, os humanos têm que tentar pacificar a divindade irada. Mas não é assim que acontece nas escrituras de Israel. As promessas bíblicas de redenção têm relação com o próprio Deus agindo por causa de seu amor imutável e inabalável por seu povo. ■

— *The day the revolution began*, p. 132

Amor em busca de compreensão

O objetivo, como em toda exploração teológica e bíblica, não é substituir o amor pelo conhecimento. Em vez disso, é manter o amor focado em seu verdadeiro objeto. Não devemos fazer da experiência esmagadora do amor de Deus revelado na cruz de Jesus uma desculpa para um pensamento confuso. Como em um casamento, o amor não se sustenta sozinho. Um jovem casal apaixonadamente devotado precisa aprender as habilidades de longo prazo da compreensão mútua, não para substituir o amor, mas para aprofundá-lo. É claro que é melhor manter o amor (seja o de Deus ou de um cônjuge), mesmo quando estamos confusos, do que deixá-lo ir porque não podemos entendê-lo. Mas é muito melhor resolver as confusões. Não é apenas a fé que busca o entendimento. O amor deve fazer o mesmo; não, é claro, para deixar de amar, mas para que o amor cresça, amadureça e dê frutos. ■

— *The day the revolution began*, p. 24

O amor é indivisível, e Jesus é indivisível

O que essa abordagem nos proporciona? Um modo integrado de conhecimento. Todo conhecimento sugere o ensino da sabedoria bíblica, envolve os seres humanos em uma série muito mais complexa de relacionamentos do que simplesmente aquele do observador imparcial obtendo uma suposta "visão neutra".

Há um termo bíblico óbvio para tudo isso: *amor*. A palavra *amor* é usada para tantas coisas em nossa cultura que é difícil colocar esse significado específico em foco; mas devemos tentar. Uma das principais

coisas sobre o amor é que ele afirma forte e radicalmente a pessoa ou coisa que é amada; não tenta manipulá-lo ou prejudicá-lo; antes, deseja o melhor para seu objeto e trabalha para que isso aconteça. Entretanto, ao mesmo tempo, o amor genuíno, seja por uma pessoa ou um objeto, uma árvore, uma estrela, uma montanha ou uma obra literária, nunca pode ser "objetivo" no sentido de obter uma perspectiva imparcial e indiferente. O amor une o que o Iluminismo separou no nível do conhecimento, assim como — e pelas mesmas razões — tentou separar, em meu próprio campo de estudos, o Jesus da história e o Cristo da fé. Isso é impossível. O amor é indivisível, Jesus é indivisível, e os dois obviamente andam juntos. E se você vê isso como um curto-circuito pietista, de modo que um salto de fé em direção a Jesus torna todo o resto irrelevante, isso simplesmente mostra o quão profundamente ainda somos influenciados pela visão de um mundo dividido. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 147-8

A maneira muito melhor de amar

O amor se sustenta, como na famosa passagem de Paulo, pela fé, de um lado, e pela esperança, do outro, todos juntos olhando para o Deus criador e recriador e para suas promessas, asseguradas e certas em Jesus Cristo.

A sociedade ocidental conheceu algo desse amor. O perdão é considerado uma virtude por muitos em nosso mundo, o que pode ser bastante estranho para outras visões de mundo. Estamos cientes de que não fazemos isso com frequência, mas sabemos que *deveríamos*. Infelizmente, o resultado dessa incapacidade é que acabamos desenvolvendo um corolário que não é nem amor nem perdão — ou seja, tolerância. O problema com isso é claro: posso "tolerar" você sem que

isso me custe muito. Eu posso dar de ombros, ir embora e deixar você seguir sua vida. Isso, reconhecidamente, é preferível a eu pegar você pela garganta e sacudi-lo até que você concorde comigo. Mas certamente não é amor. O amor afirma a realidade da outra pessoa, da outra cultura, do outro modo de vida; o amor se dá ao trabalho de conhecer a outra pessoa ou cultura, descobrindo como ele, ela ou aquilo funciona, e o que o torna especial; e, finalmente, o amor quer o melhor para aquela pessoa ou cultura. Foi o amor, não apenas uma imposição arrogante de padrões estrangeiros, que levou grande parte do mundo a se opor ao regime do *apartheid* na África do Sul. Foi o amor, não um preconceito sentimentalista antinegócio (embora tenha sido o que disseram a ele na época), que levou o abolicionista William Wilberforce a protestar contra o tráfico de escravos. É o amor, não o imperialismo cultural, que diz que é desumanizador e destruidor para a sociedade queimar uma viúva sobrevivente na pira funerária de seu marido, ou matar a filha que fugiu com um homem de uma religião ou raça diferente. O amor deve confrontar a "tolerância" e insistir, como sempre fez, em um caminho melhor.

É interessante como todos os caminhos levam de volta ao amor. O amor é muitas vezes parodiado, mas seu poder brilha mesmo assim. A maior das virtudes, o primeiro fruto do Espírito, é visto até mesmo pelos moralistas pagãos como a principal coisa que diferencia o cristianismo. ■

— *After you believe*, p. 254-5

O amor é uma linguagem a ser aprendida

1Coríntios 13 é uma das passagens mais conhecidas dentre todos os escritos de Paulo. É bom mantermos diante de nós esse retrato surpreendente do amor. Porém, não devemos imaginar que podemos simplesmente entrar nele em uma alegre manhã ensolarada e ficar lá sem esforço para sempre. As últimas linhas falam sobre suportar, acreditar, esperar, perseverar, nunca falhar. Tudo isso se refere a momentos, horas, dias e talvez anos em que haverá coisas para suportar, coisas para acreditar contra evidências aparentes, coisas pelas quais esperar que não serão vistas no momento, coisas para suportar, coisas que ameaçam fazer o amor falhar. A frase "amor difícil" agora soa banal, uma relíquia dos debates sociais de outrora. Mas o amor de que Paulo fala é *de fato* difícil. Na verdade, é a coisa mais difícil que existe.

O amor de que Paulo fala é claramente uma *virtude*.

Não é uma "regra" do tipo que está tão fora de moda hoje em dia, mas que continua a ser imposta de forma arbitrária e que deve ser obedecida por causa de nosso senso de dever. [...]

Não é um "princípio", uma regra generalizada que uma pessoa obedece ou desobedece.

Não é uma "máxima prudencial baseada em efeitos calculados"; embora deva ser dito que se mais algumas pessoas vivessem da maneira que Paulo descreve, muito mais pessoas seriam muito mais felizes.

Tampouco, em especial, é o resultado de pessoas fazerem espontaneamente "aquilo que vem de forma natural". Em cada aspecto destacado por Paulo sobre o que o amor faz e o que não faz, queremos dizer: "Sim, entendo o que você quer dizer. No entanto, entregue às minhas próprias inclinações, eu seria mesquinho, cruel, ciumento, exigente, arrogante, sem vergonha e assim por diante. Em particular, deixado a mim mesmo, há algumas coisas que eu não suportaria, muitas

coisas que eu não acreditaria, várias coisas que eu não poderia esperar e uma multidão inteira de situações nas quais eu não seria capaz de perseverar. Entregue a mim mesmo, fazendo o que me vem naturalmente, eu fracassaria". Porém, o amor é exatamente o contrário de tudo isso que parece tão natural para nossas inclinações pecaminosas.

É por isso que o amor é uma virtude. É uma língua a ser aprendida, um instrumento musical a ser praticado, uma montanha a ser escalada por alguns caminhos íngremes e complicados, mas com a vista mais incrível quando se alcança o topo. É uma das coisas que vão durar; um dos traços de caráter que fornece uma antecipação genuína dessa humanidade completa que nos é prometida no final. É uma das coisas, portanto, que podem ser *antecipadas* no presente com base na meta futura, o *telos*, que já nos foi concedido em Jesus Cristo. É parte do futuro que pode ser trazida para o presente. ■

— *After you believe*, p. 181-3

O AMOR ESTÁ NO CENTRO DA SURPRESA DA ESPERANÇA

O ponto de 1Coríntios 13 é que o amor não é nosso dever; é o nosso *destino*. É a língua que Jesus falava, e, se queremos conversar com ele, precisamos fazer o mesmo. É o alimento no novo mundo de Deus, e devemos adquirir o gosto por ele aqui e agora. É a música que Deus escreveu para todas as suas criaturas cantarem, e somos chamados a aprendê-la e a praticá-la agora para estarmos prontos quando o maestro erguer a batuta. É a vida da ressurreição, e Jesus ressurreto nos chama para começar a vivê-la, com ele e para ele, agora mesmo. O amor está no

centro da surpresa da esperança: as pessoas que realmente esperam, como a ressurreição nos encoraja a esperar, serão pessoas capazes de amar de uma nova maneira. Por outro lado, as pessoas que estão vivendo por essa regra de amor serão pessoas que estão aprendendo mais profundamente como ter esperança. ■

— *Surprised by hope*, p. 288

O amor apaixonado de Paulo

Tudo isso parece insinuar, no entanto, que Paulo era principalmente, ou talvez unicamente, um "pensador" — uma caixa encefálica independente, um computador ambulante. Não exatamente. Como vimos repetidamente, ele se definiu com palavras de amor: o amor de Deus no Messias, a dívida de amor que só o próprio amor poderia retribuir, o amor que o unia em um relacionamento rico e pessoal com o próprio Jesus ("Quero conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a parceria no seu sofrimento", Filipenses 3:10). O amor que transbordava constantemente, aquilo que podemos chamar de atividade "pastoral", mas que para Paulo era simplesmente amor em ação. Vemos esse poderoso, mas também vulnerável amor nas constantes preocupações com a igreja de Tessalônica nos primórdios de sua fundação e em sua reação conturbada com a igreja de Corinto quando fez sua última viagem de Éfeso para exortá-la mais uma vez. Vemos esse amor, poderosa e astutamente em ação, na breve carta a Filemom.

É com base nesse amor e nessa preocupação pastoral que ao mesmo tempo perguntamos se ele estava "correndo em vão" e somos respondidos pelas Escrituras: *Você é meu servo*. Isaías 49 era trazido constantemente à sua memória — juntamente com tantas outras passagens, é claro, mas essa, e alguns de seus versos em particular,

formaram em sua vida um hábito mental. A visão de Isaías do servo que traria a luz de Deus aos gentios e as adversidades pelas quais ele passaria — incluindo questionar se seu trabalho estaria surtindo qualquer efeito — foram a companhia constante de Paulo, e essa era uma das coisas que lhe causava tremor. ■

— *Paulo: uma biografia*, p. 453

Fomos criados para o amor

O Evangelho de João diz um claro e direto *sim* à ânsia, à vontade e à angústia de nossos amores confusos e bagunçados, nossas obsessões e nosso egoísmo. Ou seja, um *sim* (apesar de nossas distorções) à realidade de que como seres humanos que refletem a Deus, *somos feitos para amar* e para nos encontrar no amor e por meio dele, o amor que damos e o que recebemos.

Mas João deixa bem claro que esse amor, encarnado e vivido intensamente pelo próprio Jesus em sua seriedade absoluta e vivacidade leve, chega a nós somente por meio da vitória sobre as distorções sombrias conquistada na cruz. Ele vem até nós como parte da nova criação. A ressurreição diz que o *sim* de Deus para toda a ordem criada e, com ela, o amor que todos os humanos conhecem intimamente é essencial para o que significa *ser* humano. O amor que os seguidores de Jesus são convidados a oferecer uns aos outros e ao mundo — amor este que, como Paulo diz, é o primeiro elemento do "fruto do espírito" — é a verdade pública. Quando o mundo o vir, poderá reconhecê-lo como o artigo genuíno. ■

— *Indicadores fragmentados*, p. 63

O amor resiste a todas as coisas

O *ágape* ("amor") que somos chamados a praticar no presente, a aprender como uma linguagem difícil, mas poderosa, e a praticar como um belo, mas complexo instrumento musical, permanecerá no mundo futuro — ou melhor, alcançará sua plenitude gloriosa — porque é a própria essência do Deus que conhecemos em Jesus Cristo. O Deus que Paulo veio reconhecer na face de Jesus crucificado e ressurreto é o Deus de amor abnegado total, e se nós, humanos, somos chamados a refletir esse Deus, a ser "renovados no conhecimento, segundo a sua imagem", então não é de surpreender que esse tipo de amor seja o elemento-chave nessa vida futura, bem como em sua antecipação no aqui e agora. Ele "permanecerá" (1Coríntios 13:13). É o exemplo supremo do princípio que Paulo articula dois capítulos depois (15:58): o que fazemos no presente, no Senhor, não é em vão. ■

— *After you believe*, p. 188

Amar por viver Jesus

Precisamente porque a maior virtude cristã é o amor, modelado no exemplo do próprio Deus criador e doador da vida, o indivíduo cristão e a igreja como um todo devem desenvolver os hábitos sólidos de olhar para o que está acontecendo no mundo circundante, regozijando-se com sua alegria, chorando com sua dor e, acima de tudo, ansiando por oportunidades de levar amor, conforto, cura e esperança onde quer que seja possível. E tudo isso pode acabar despertando a fé, não necessariamente através de discursos sobre Jesus o tempo todo (embora haja tais oportunidades), mas em *viver* Jesus em público. ■

— *After you believe*, p. 237

A fonte e a forma de toda missão cristã

O amor "supremo" que Jesus derrama é o amor pactual que fez promessas a Abraão, promessas de que seus descendentes seriam libertados da escravidão e receberiam sua herança; promessas que foram cumpridas quando esse amor desceu ao Egito para resgatá-los. O Evangelho de João está contando a história do novo Êxodo, do novo tabernáculo e, é claro, da nova Torá: "Estou dando um novo mandamento a vocês", diz Jesus. "Amem-se uns aos outros! Da mesma forma que eu os amei" (13:34). As pessoas que são resgatadas pela cruz e o amor que ela revela serão então moldadas pela cruz e o amor que ela revelará por meio delas ao mundo: "Dessa forma, todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros" (13:35). É assim que aprendemos não apenas a contar a história de Jesus, mas também a viver a história de Jesus. Há uma relação direta entre esse texto e o comissionamento dos discípulos por Jesus em João 20 e, particularmente, o recomissionamento de Pedro em João 21. Essa é a fonte e a forma de toda missão cristã. ■

— *The day the revolution began*, p. 414-5

PÁSCOA, O ANO-NOVO

Se é só para esta vida presente que depositamos nossa esperança no Messias, somos os mais dignos de dó da raça humana.

Mas o fato é que o Messias foi ressuscitado dos mortos, como as primícias daqueles que dormiram. Porque, como foi através de um ser humano que a morte chegou, foi através de um ser humano que a ressurreição dos mortos chegou. Todos morreram em Adão, e todos serão trazidos à vida no Messias.

No entanto, cada um na sua ordem própria. O Messias ressuscita como as primícias; depois, aqueles que pertencem ao Messias ressuscitarão no tempo de sua chegada como rei. Então, virá o fim, o objetivo, quando ele entregar seu governo real a Deus, o pai, depois de ter abolido toda norma e toda autoridade e poder. Perceba que ele tem de continuar reinando até "colocar todos os seus inimigos debaixo dos seus pés". A morte é o último inimigo a ser destruído. ■

— 1Coríntios 15:19-26, *The Kingdom New Testament*, p. 361

No fim, o começo

A ressurreição de Jesus deve ser vista como o início do novo mundo, o primeiro dia da nova semana, a revelação do protótipo do que Deus vai realizar agora no resto do mundo. ■

— *Surprised by hope*, p. 238

Uma nova vida sólida, definitiva e prática

Eis então a mensagem da Páscoa, ou pelo menos o início da mensagem. A ressurreição de Jesus não significa: "Está tudo bem; vamos para o céu agora". Não. A vida do céu nasceu nesta terra. Não significa: "*existe*, afinal, vida após a morte". Existe sim, mas a Páscoa diz respeito a muito, muito mais do que isso. Fala de uma vida que não é nem fantasmagórica nem irreal, mas sólida, definida e prática. As histórias da Páscoa aparecem no fim dos quatro Evangelhos, mas não correspondem a um "fim". Trata-se de um início, o início do novo mundo de Deus. O início do reino. Agora, Deus está no comando, na terra como no céu. E "Deus-no-comando" é algo focado no próprio Jesus como rei e Senhor. O título da cruz era verdadeiro, afinal. A ressurreição o prova. ■

— *Simplesmente Jesus*, p. 242

A ressurreição declara que Jesus é o Filho de Deus

A verdade é que *o próprio Jesus, em seu corpo físico ressuscitado, é o começo da nova criação de Deus*. Ele não apenas preside a nova criação;

ele é a nova criação, em pessoa. Tudo sobre a esperança cristã mais ampla decorre disso. "Ele é o princípio de tudo", escreve Paulo, "o primogênito dentre os mortos; para em todas as coisas ter a primazia" (Colossenses 1:18). É aqui que as boas-novas fornecem a plataforma de lançamento, não para as pessoas irem para o céu, mas para descobrirem que *o novo mundo de Deus começou e podemos fazer parte dele*. Bem-vindo ao pleno significado das boas-novas.

Espero que agora esteja claro por que a ressurreição de Jesus é tão central e vital — como Paulo insiste repetidamente, especialmente em 1Coríntios 15:17: "Se o Messias não foi ressuscitado", ele escreve, "a fé de vocês é sem sentido, e vocês continuam em seus pecados". Se o Messias não for ressuscitado, a aliança não será renovada, a criação não será renovada, e, para começo de conversa, Jesus nem sequer pode ser considerado o Messias. A ressurreição é o sinal de que o veredito dos poderes terrenos foi revertido.

A corte judaica julgou Jesus por blasfêmia e o considerou culpado; a ressurreição declarou que ele realmente era filho de Deus. O tribunal de Pilatos o julgou por ser um pretenso líder rebelde e, embora Pilatos não tenha realmente considerado Jesus culpado, ele o entregou sob essa acusação. A ressurreição declarou que Jesus não era o tipo comum de rei político, um líder rebelde, que alguns supunham. Ele era o líder de uma revolução muito maior e mais radical do que qualquer um jamais imaginara. Ele estava inaugurando um mundo totalmente novo, uma nova criação, uma nova maneira de ser humano. Ele estava abrindo caminho para um novo cosmos, uma nova era, uma forma de existência que havia sido profetizada, mas nunca antes revelada. "Aqui está", ele estava dizendo, "esta é a nova criação que você estava esperando e ela está aberta a todos. Venha e participe". ■

— *Simply good news*, p. 100-1

Pescadores e pastores

Encontramos em João 21 (um dos capítulos mais comoventes e profundos de toda a Bíblia) uma declaração multifacetada da nova comissão já anunciada em 20:19-23. Os discípulos vão pescar, mas não pegam nada. Jesus então os ajuda a conseguir uma enorme pesca, mas então comissiona Pedro para ser um pastor e não pescador. Há muitas coisas acontecendo simultaneamente aqui, mas no centro está o desafio para um novo modo de vida, um novo perdão, uma nova produtividade, um novo modo de seguir Jesus, que será mais amplo e mais perigoso do que antes. Os hinos que falam da ressurreição de Jesus da perspectiva de nossa própria garantia de um descanso seguro e feliz no céu estão a milhares de quilômetros de distância desse texto. A ressurreição de Jesus nos convoca a tarefas perigosas e difíceis na terra.

Nessa história, a pesca parece representar o que os discípulos, como o resto do mundo, estavam fazendo antes de Jesus, enquanto o pastoreio parece representar as novas tarefas a serem assumidas agora que a nova criação foi inaugurada. Desenvolvendo a metáfora, poderíamos dizer que grande parte do trabalho da igreja no momento se concentra na pesca e em ajudar os outros a pescar, em vez de pastorear. Sim, há tarefas a serem realizadas para auxiliar o mundo atual a fazer melhor o que deveria estar fazendo. Jesus nos ajudará nisso. Devemos trabalhar em parceria com o mundo mais amplo. Mas se tentarmos apenas fazer com os outros o que eles já estão fazendo, perderemos a tarefa realmente significativa. Assim como na visão de Isaías no Templo, e em muitas outras cenas bíblicas e modernas, a mudança de Pedro de pescador para pastor se dá ao encarar seu próprio pecado e receber o perdão. No caso de Pedro, isso acontece através das três perguntas

feitas por Jesus, as quais relembram a tripla negação de Pedro e então lhe oferece perdão precisamente na forma de uma vida transformada e recém-comissionada. Aqueles que não querem enfrentar esse tipo de pergunta não receberão esse tipo de resposta, continuando a se contentar em ajudar o mundo com sua pesca. Em contraste, aqueles que encontram o Jesus ressuscitado indo às raízes de sua rebelião, negação e pecado e oferecendo-lhes amor e perdão, serão enviados como pastores. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. ■

— *Surprised by hope*, p. 240-1

Um pequeno gesto de amor

Um grande projeto em que colaborei com outras pessoas aconteceu há alguns anos no nordeste da Inglaterra. Trabalhei lá como bispo e, durante uma semana, milhares de jovens se reuniram para aprender as Escrituras pela manhã, trabalhar em projetos sociais à tarde e realizar comícios celebrativos e evangelísticos à noite.

Uma das minhas lembranças favoritas da semana foi quando saímos, com uma das dezenas de grupos da tarde, para pintar as paredes dos fundos de uma rua de casas escuras e sombrias na parte periférica de uma de nossas cidades antigas, e pendurar cestas de flores por todo o caminho da estrada. As pessoas estavam saindo de suas casas — e isso é algo que normalmente não faziam, porque tinham medo daqueles becos escuros por causa do que costumava acontecer lá — e perguntando nervosamente se éramos da prefeitura ou se teriam de pagar. "Não", responderam os alegres adolescentes, "somos da igreja; este é apenas um presente para vocês". As pessoas ficaram surpresas.

E a história não para por aí, porque quando voltei um ano depois, os moradores começaram a fazer mais coisas naquele beco, plantar

hortinhas e fazer churrascos e se conhecer. Um pequeno gesto de amor e generosidade da igreja se transformou em uma nova vida e novas possibilidades para uma rua inteira. E quando o obreiro da igreja que tinha ido morar naquela rua falou sobre Jesus, eles sabiam que era verdade. Eles tinham visto as marcas. ■

— *Surprised by Scripture*, p. 214-5

Improvisando no "tom" da esperança da ressurreição

Todos nós que nos consideramos cristãos temos de nos dedicar de forma integral a contar a história de Jesus, tanto como auge da narrativa de Israel quanto como base de nossa própria narrativa. Reconhecemos que somos sucessores diretos das igrejas de Corinto, de Éfeso e de todas as outras, e que precisamos prestar atenção no que foi dito a elas como se tivesse sido dito a nós. Não dá para relativizar as epístolas destacando o lapso temporal que se passou entre a data de sua composição e o nosso tempo ou mesmo sugerindo que alguma mudança catastrófica nesse ínterim fez com que elas se tornassem irrelevantes ou até mesmo enganosas. É essencial que o discipulado cristão autêntico veja o Novo Testamento como fundacional para o quinto ato, que está em andamento e cujo final ainda está em aberto, e reconheça que ele não pode ser substituído nem suplantado. Esse ato continua, mas não renunciamos à primeira cena, porque ela continua a ser o padrão pelo qual todas as improvisações das cenas posteriores devem ser julgadas. É isso que significa para a igreja viver debaixo da autoridade das escrituras — ou, melhor dizendo, como venho destacando ao longo de toda esta obra, debaixo da autoridade de Deus mediada pelas escrituras.

O Novo Testamento nos traz algumas amostras de como a história terminará: não será com a nossa "ida ao céu", como em muitos hinos e orações, mas com a nova criação. Nossa tarefa é descobrir o modo adequado de improvisar o roteiro por meio do Espírito Santo e da oração, tendo em vista, por um lado, os acontecimentos que lhe deram origem e sua carta de intenções, e por outro a chegada completa do reino de Deus. Quando conseguimos entender essa estrutura, as outras coisas começarão a se encaixar.

A noção de "improvisação" é importante, mas é confundida em alguns momentos. Como todos os músicos sabem, o improviso nunca dá a entender um "vale-tudo", mas indica exatamente um ouvir disciplinado e cuidadoso de todas as outras vozes à nossa volta, e uma atenção constante ao tema, ao ritmo e à harmonia de toda a performance, que somos convocados a dar continuidade. Com certeza, ao mesmo tempo, ela nos convida a usar expressões criativas, desde que se obedeça completamente à música tocada até aquele instante e se dê atenção completa às vozes ao nosso redor, contanto que acabem conduzindo à resolução final que aparece no Novo Testamento como objetivo, que é a nova criação em toda a sua plenitude, a qual foi antecipada pela ressurreição de Cristo. São esses critérios, que consistem na música que foi executada até o momento, nas vozes ao nosso redor e na harmonia multifacetada do novo mundo que pertence a Deus, que, quando considerados em conjunto, se constituem os parâmetros para improvisar de forma adequada a leitura das escrituras, a proclamação e a aplicação do evangelho que faz parte delas. Todos os cristãos em todas as igrejas têm a liberdade de improvisar suas próprias variantes, que visam trazer algum modo de dar andamento à música. Nenhum cristão nem igreja alguma têm a liberdade de desafinar. ■

— *As Escrituras e a autoridade de Deus*, p. 154-5

Abraçando a visão de novos céus e nova terra

Quando contamos a história novamente, ouvimos os cenários musicais, contemplamos algumas das grandes obras de arte que nos ajudam a vislumbrar a maneira pela qual o horror e a dor do mundo e o poderoso amor do Deus criador se encontraram em um único lugar; quando nos encontramos lutando contra um magistrado intransigente em favor de alguém sofrendo injustiça ou orando em um leito de morte e sentindo uma mão suave apertar ao mencionarmos o nome de Jesus; quando nos encontramos cantando *When I survey the wondrous cross* [Quando contemplo a maravilhosa cruz], ou mais uma vez paralisados em nosso caminho pelo amor perdoador que não nos deixa voltar sorrateiramente ao lugar da escravidão — nessas ocasiões, e em várias outras, sabemos que estamos na presença do próprio Amor.

A devoção cristã no presente tem tudo a ganhar e nada a perder em pesquisar o que os primeiros cristãos queriam dizer quando falavam que o Messias morreu por seus pecados "de acordo com a Bíblia", ou em buscar entender melhor como a grande história se encaixa e como tudo faz sentido. A teologia cristã, sustentando essa devoção, tem tudo a ganhar e nada a perder em abandonar sua escatologia platônica, sua antropologia moralizada e sua soteriologia pagã, e abraçar a visão de novos céus e nova terra com humanos renovados resgatados do poder do pecado e da morte tomando seu lugar apropriado e responsável, tanto no aqui e agora quanto na era por vir, dentro desse novo mundo. ■

— *The day the revolution began*, p. 409

A Páscoa deve ser celebrada com brados intensos de alegria

Considere o dia da Páscoa. É um grande avanço o fato de que muitas igrejas atualmente realizam vigílias de Páscoa, como a igreja ortodoxa sempre fez. Porém, isso ainda é, em muitos casos, feito de forma bastante tímida. A Páscoa é sobre o deleite selvagem do poder criativo de Deus — isso talvez não seja muito anglicano, mas pelo menos deveríamos gritar "Aleluias" em vez de murmurá-los; deveríamos acender todas as velas do edifício e não apenas algumas; deveríamos dar a cada homem, mulher, criança, gato, cachorro e rato ali uma vela para segurar; deveríamos ter uma fogueira de verdade; e deveríamos jogar água ao renovar nossos votos batismais. Qualquer distanciamento disso é um passo em direção a uma experiência pascal etérea ou esotérica, e a Páscoa não é nem etérea, nem esotérica. Ela é sobre o Jesus real saindo de uma tumba real e dando início à nova criação real de Deus.

— *Surprised by hope*, p. 255-6

Nosso grande dia

Tudo bem, os domingos depois da Páscoa ainda estão dentro do tempo pascal. Ainda temos leituras de Páscoa e hinos durante eles. Mas a semana da Páscoa em si não deve ser o momento em que todo o clero suspira de alívio e sai de férias. Deveria ser um festival de oito dias, com champanhe servido depois da oração da manhã ou mesmo antes, com muitos aleluias e hinos extras e músicas espetaculares. É de admirar que as pessoas achem difícil acreditar na ressurreição de Jesus se não jogamos nossos chapéus para o alto? É de admirar que achamos difícil

viver a ressurreição se não o fazemos exuberantemente em nossas liturgias? É de admirar que o mundo não preste muita atenção se a Páscoa é celebrada simplesmente como o final feliz de um dia somado a quarenta dias de jejum e melancolia? Já passou da hora de repensarmos com atenção a maneira que temos celebrado a Páscoa na igreja, em casa, em nossa vida e por meio do sistema. Se isso significa repensar alguns hábitos queridos, bem, talvez seja hora de acordar. Isso é algo que sempre nos surpreende.

Enquanto buscamos fazer isso, podemos escrever mais alguns bons hinos de Páscoa e ter o cuidado de escolher os muitos bons hinos já escritos que celebram o que a Páscoa realmente é, em vez de tratá-la simplesmente como nosso ingresso para uma vida feliz no além. Curiosamente, a maioria dos bons hinos de Páscoa são da igreja primitiva e a maioria dos maus hinos do século 19. Porém, devemos tomar medidas para celebrar a Páscoa de novas maneiras criativas: na arte, na literatura, nos jogos infantis, na poesia, na música, na dança, nos festivais, nos sinos, nos concertos especiais, em qualquer coisa que venha à mente. Esse é o nosso maior festival. Elimine o Natal e, em termos bíblicos, você perderá dois capítulos no começo de Mateus e Lucas, nada mais. Elimine a Páscoa e todo o Novo Testamento será perdido; você não tem um cristianismo; como Paulo diz, ainda estaremos mortos em nossos pecados. Não devemos permitir que o mundo secular, com seus horários e hábitos e eventos pararreligiosos, seus lindos coelhinhos da Páscoa, nos distraia. Esse é o nosso grande dia. Devemos colocar as bandeiras para fora.

— *Surprised by hope*, p. 256-7

Não haverá fim para a nova criação

É verdade que a fé e a esperança nos parecem, no momento, ansiar pela nova era, de modo que podemos supor que, quando essa nova era chegar, serão descartáveis. Mas Paulo vê muito mais profundo do que isso. A fé é a confiança firme e inabalável no único Deus verdadeiro que conhecemos em Jesus Cristo. Quando o virmos face a face, não abandonaremos essa confiança, mas a aprofundaremos. A esperança é a confiança firme e inabalável de que esse Deus não nos deixará ou nos abandonará, mas sempre terá mais reservado para nós do que poderíamos pedir ou pensar.

Não imagino nem por um minuto que na era vindoura chegaremos a um ponto em que teremos experimentado tudo o que o novo mundo tem a oferecer e, então, ficaremos entediados (como imaginam algumas visões contemporâneas desdenhosas do "céu"). Essa é uma caricatura grosseira, nascida das ideias erradas sobre o "céu" que caracterizaram boa parte da especulação acerca da "vida após a morte" no mundo ocidental ao longo do último século ou dois. Em contraste, porque acredito que o Deus que conhecemos em Jesus é o Deus de amor totalmente generoso e transbordante, acredito que não haverá fim para a nova criação desse Deus, e que dentro da nova era sempre haverá mais para esperar, mais sobre o que se trabalhar, mais para comemorar. Aprender a ter esperança no tempo presente é aprender não apenas a esperar por um lugar melhor do que aquele em que nos encontramos atualmente, mas aprender a confiar no Deus que é e continuará sendo o Deus do futuro. ■

— *After you believe*, p. 204-5

BIBLIOGRAFIA

Todas as leituras diárias são retiradas das publicações abaixo e são usadas com permissão do editor.

WRIGHT, N. T. *After you believe: why Christian character matters* (San Francisco: HarperOne, 2012).

_____. *Broken signposts: how Christianity makes sense of the world* (San Francisco: HarperOne, 2020).

_____. *Indicadores fragmentados: como o cristianismo compreende o mundo* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020). Tradução de: Broken signposts.

_____. *How God became king: the forgotten story of the gospels* (San Francisco: HarperOne, 2016).

_____. *Como Deus se tornou rei* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019). Tradução de: How God became king.

_____. *Paul: a biography* (San Francisco: HarperOne, 2018).

_____. *Paulo: uma biografia* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018). Tradução de: Paul.

_____. *Scripture and the authority of God: how to read the Bible today* (San Francisco: HarperOne, 2013). Publicado primeiramente como *The last Word*, 2005.

_____. *As Escrituras e a autoridade de Deus: como ler a Bíblia hoje* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021). Tradução de: Scripture and the authority of God.

_____. *Simply Christian: why Christianity makes sense* (San Francisco: HarperOne, 2010).

_____. *Simply good news: why the gospel is news and what makes it good* (San Francisco: HarperOne, 2015).

_____. *Simplesmente boas-novas: por que o evangelho é uma notícia e o que a torna boa* (São Paulo: Chara, 2016)]. Tradução de: Simply good news.

_____. *Simply Jesus: who he was, what he did, why it matters* (San Francisco: HarperOne, 2011).

_____. *Simplesmente Jesus* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020). Tradução de: Simply Jesus.

_____. *Surprised by hope: rethinking heaven, the resurrection, and the mission of the church* (San Francisco: HarperOne, 2014).

_____. *Surprised by Scripture: engaging contemporary issues* (San Francisco: HarperOne, 2014).

_____. *The case for the Psalms: why they are essential* (San Francisco: HarperOne, 2013).

_____. *Salmos: contextos históricos, literários e espirituais para resgatar o significado do hinário da antiga Israel* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020). Tradução de: The case for Psalms.

_____. *The day the revolution began: reconsidering the meaning of Jesus's crucifixion* (San Francisco: HarperOne, 2016).

_____. *The Kingdom New Testament: a contemporary translation* (Grand Rapids: Zondervan, 2011).